"Li de uma vez só! Divertidíssimo e envolvente, com um final que me deixou de queixo caído!" – **Freida McFadden, autora de *A empregada***

NO RASTRO DA MENTIRA

Será que eu matei minha melhor amiga?



AMY TINTERA

ARQUEIRO



A Editora Arqueiro agradece a sua escolha.
Agora, você tem em mãos um dos nossos livros
e pode ficar por dentro dos nossos lançamentos,
ofertas e dicas de leitura.

Saiba mais.

NO RASTRO DA MENTIRA



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

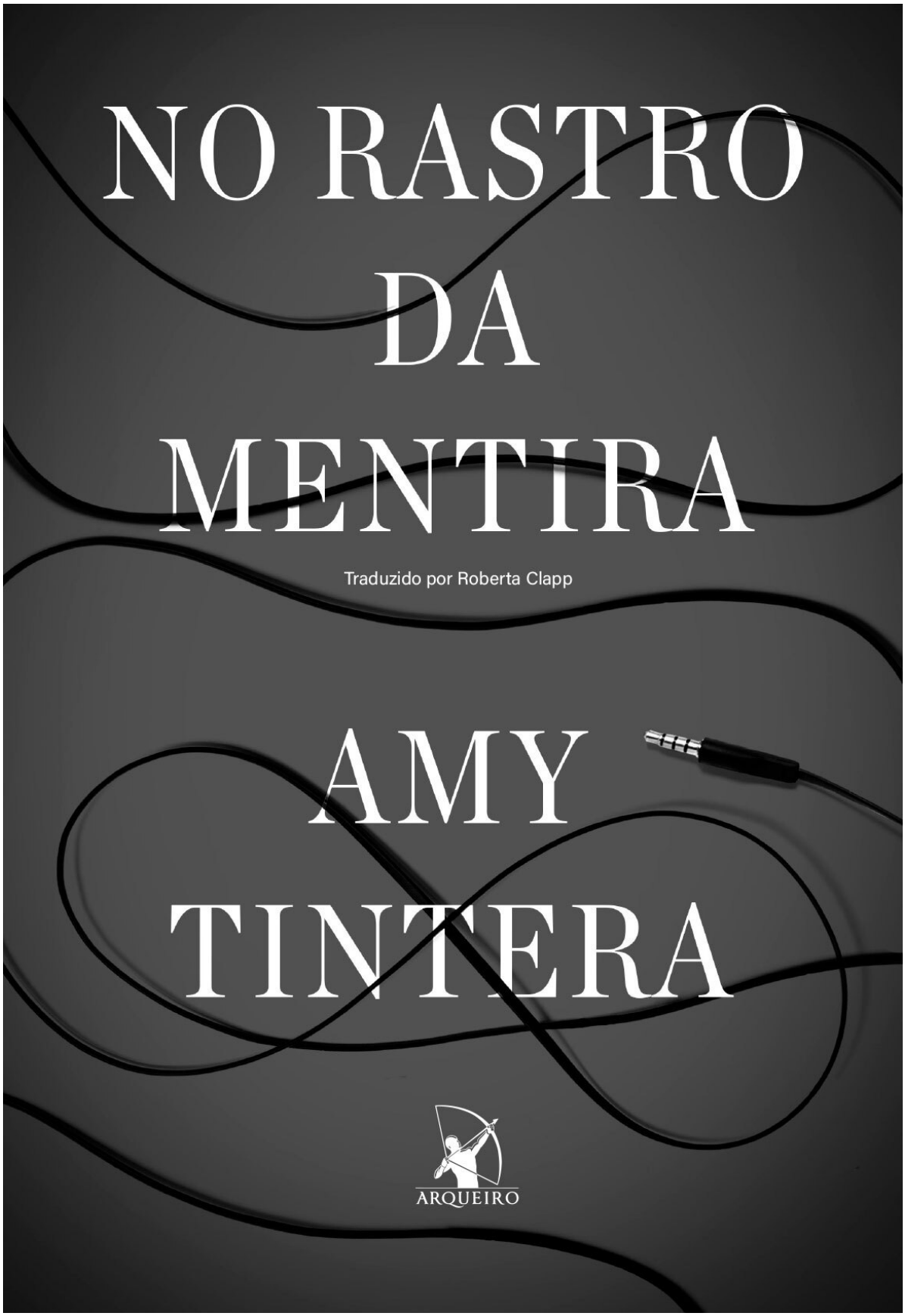
Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

NO RASTRO DA MENTIRA

Traduzido por Roberta Clapp



AMY TINTERA

ARQUEIRO

Título original: *Listen for the Lie*

Copyright © 2024 por Amy Tintera
Copyright da tradução © 2026 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

coordenação editorial: Taís Monteiro
produção editorial: Ana Sarah Maciel
preparo de originais: Karen Alvares
revisão: Mariana Bard e Pedro Staite
diagramação e adaptação de capa: Gustavo Cardozo
capa: Gregg Kulick
imagem de capa: © Adrii A | Shutterstock
foto da autora: © Stephanie Girard
e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

T497n
Tintera, Amy
No rastro da mentira [recurso eletrônico] / Amy Tintera ; tradução Roberta Clapp. - 1. ed. - São Paulo : Arqueiro, 2026.
recurso digital

Tradução de: Listen for the lie
Formato: ebook
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-65-5565-873-6 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Clapp, Roberta. II. Título.

25-102171.0

CDD: 813
CDU: 82-3(73)

Carla Rosa Martins Gonçalves - Bibliotecária - CRB-7/4782

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Artur de Azevedo, 1.767 – Conj. 177 – Pinheiros
05404-014 – São Paulo - SP
Tel.: (11) 2894-4987
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para Laura, Emma e Daniel.
Obrigada por terem tantas ideias.

SUMÁRIO

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22

23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50

51
52
53
54

Sobre a autora
Sobre a Arqueiro

1

LUCY

Um apresentador de podcast resolveu arruinar minha vida, então decidi comprar um frango.

Sentada em minha baia na Assessoria de Investimentos Walter J. Brown, enquanto espero ser demitida, faço planos para esse frango. Faz duas horas que parei de fingir que estava trabalhando. Agora estou apenas olhando receitas no celular, sonhando em enfiar limões na bunda de uma galinha.

O frango é um pedido de desculpa para meu namorado.

É tipo aquele frango que as mulheres preparam para convencer o namorado a pedi-las em casamento, sabe? Só que esse é um frango do tipo "me desculpa por não ter contado que sou a principal suspeita do assassinato da minha amiga".

Um pedido de perdão em forma de frango.

– Lucy?

Ergo o olhar e vejo meu chefe parado na porta da sala dele. Ele ajeita a gravata e dá um pigarro.

– Você poderia vir aqui um minuto? – pergunta.

Até que enfim. Está na cara que decidiram me demitir nessa manhã. Paredes de vidro em um escritório são sempre uma escolha estranha, especialmente quando se está em uma reunião com três outros gerentes e nenhum deles

consegue parar de olhar para a assistente, de quem claramente estão falando durante toda a conversa.

– É pra já – digo, colocando o celular no bolso e indo ao encontro dele na sala impecável.

Fico impressionada com a pureza do espaço, mesmo depois de quase um ano trabalhando para ele. Não há nada nas paredes bege. Nenhuma caixa empilhada em um canto. A mesa está completamente vazia, com exceção do monitor e do teclado. Todas as noites, quando Jerry Howell sai de seu escritório, não deixa absolutamente nenhuma evidência de sua presença. Provavelmente não faz ideia do próprio talento para ser um assassino em série.

Mas ele tem só 40 e poucos anos. Ainda tem muito tempo para começar um novo hobby.

Eu me sento na cadeira do outro lado da mesa e tento assumir uma expressão agradável. Uma que não revele que estou tranquilamente imaginando-o matar pessoas.

(Um efeito colateral de ser acusada de homicídio é que a gente passa muito tempo pensando no assunto. A gente se acostuma com isso.)

Jerry levanta o braço para tocar o cabelo e, em seguida, cruza rapidamente as mãos em cima da mesa. Ele faz muito isso. Acho que costumava mexer no cabelo com frequência, mas agora está ficando careca e o corte é bem rente ao couro cabeludo.

– Sinto muito, Lucy, mas vamos ter que te dispensar – diz ele, para surpresa de ninguém.

Assinto.

– Infelizmente, precisamos reduzir a equipe. – Ele encara um ponto bem atrás do meu ombro em vez de olhar para mim. – Os assistentes vão acumular funções. A Chelsea vai trabalhar comigo e com o Raymond. Sinto muito.

Chelsea está sendo muito prejudicada mesmo. O dobro de trabalho, tudo por causa de um podcast de true crime.

– Entendo.

Eu me levanto. Jerry parece aliviado por eu não fazer um escândalo.

Pela infeliz parede de vidro do escritório, já vejo um segurança parado ao lado da minha mesa. É o procedimento-padrão quando alguém é demitido, mas não deixo de notar que todas as três assistentes com quem divido a baia fugiram do local.

Acho que não vão rolar drinques do tipo “sinto muito que você tenha sido demitida por ser suspeita de homicídio”.

Minha mesa não é tão imaculada quanto a de Jerry, e preciso de um tempinho para recolher minha caneca, minha garrafa de água, minha bolsa e vários tubinhos de protetor labial. O segurança me encara durante todo o processo.

Ele me conduz pelo escritório, agora silencioso, até o elevador, enquanto todos observam ou fingem não ver. Chelsea parece irritada.

Entro no elevador. A porta se fecha.

O segurança se inclina na minha direção com um sorriso. Um de seus dentes da frente se sobrepõe ao outro.

– E aí, foi você? Foi você quem matou ela?

Suspiro.

– Não sei.

– Sério? Essa é a verdade?

A porta do elevador se abre novamente com um *plim*. Saio e olho para trás a fim de encará-lo.

– A verdade não importa.

2

LUCY

Talvez seja injusto dizer que um podcast arruinou minha vida.

Tecnicamente, minha vida foi destruída na noite em que Savvy foi assassinada.

E foi destruída de novo no dia seguinte, quando decidi dar um passeio bem cedo com o sangue dela secando no meu vestido.

E pela terceira vez quando todos na minha cidade natal concluíram que fui *eu* quem a matou.

Mas o fato de um apresentador de podcast levar o caso a público, cinco anos depois, não *melhora* muito minha vida.

Vou preparar o frango de pedido de desculpa porque meus ex-colegas de trabalho não são os únicos que estão ouvindo a mais nova temporada do podcast de true crime apresentado por Ben Owens. Meu namorado, Nathan, estava estranho quando chegou em casa do trabalho ontem à noite. Era tarde, ele cheirava a cerveja e estava me evitando. Claramente alguém deu um toque nele.

Para ser sincera, nunca tive a intenção de contar. Ele não tem interesse em quase nada além de si mesmo. Não imaginei que o assunto fosse vir à tona.

Já conheci muitos homens egocêntricos, mas Nathan é o campeão. É o que mais gosto nele. Não consigo nem me lembrar da última vez que ele me fez uma

pergunta pessoal. Quando lhe contei que tinha sido casada por dois anos, aos 20 e poucos, ele disse: "Tranquilo, quer ir ao cinema?"

Tenho certeza de que ele deve ter pesquisado meu nome no Google em algum momento no início do relacionamento, mas o caso não havia chamado a atenção da mídia nacional e eu nunca cheguei a ser presa pelo crime, então é preciso fuçar um pouco mais para encontrar algo sobre mim. É esforço demais para Nathan.

Mas agora, graças ao meu podcaster menos favorito, homicídio é a primeira coisa que aparece quando alguém pesquisa "Lucy Chase" no Google. Por isso estou fazendo esse bendito frango e me preparando para levar um pé na bunda. Logo depois de ser demitida.

Para ser justa com o merda do Ben Owens, Nathan e eu provavelmente não teríamos continuado juntos por mais do que um ou dois meses, mesmo sem um assassinato surpresa no caminho. Estávamos namorando havia apenas três meses quando ele sugeriu que eu fosse morar com ele. Meu contrato de aluguel ia vencer e ainda estávamos naquela fase em que se transa o tempo todo, então pareceu lógico. Eu já dormia lá toda noite mesmo.

Infelizmente, essa fase terminou cerca de duas semanas depois que me mudei. Não tenho dúvidas de que Nathan se arrependeu da decisão, mas ele é o tipo de pessoa que evita conflitos a todo custo. Portanto, estamos morando juntos há dois meses, embora eu tenha certeza de que nenhum de nós esteja muito empolgado com isso.

Que sirva de lição para todos os caras que não conseguem lidar com conflitos: cresçam e deem um pé na bunda da namorada, ou podem acabar morando com uma suspeita de homicídio por tempo indeterminado.

A porta da casa se abre e Brewster corre para receber Nathan, abanando o rabo.

Eu estaria mentindo se dissesse que essa carinha peluda e amarela de labrador não pesou na minha decisão de continuar morando com esse homem. Ele pode ser um cara totalmente medíocre, mas tem um ótimo gosto para cães.

Para apartamentos também. O estúdio recém-reformado de 85 metros quadrados com lava-louça *e* lavadora/secadora de roupas está além de tudo que já consegui pagar em Los Angeles. Embora tenha esses pisos de taco cinza e bancadas de mármore branco brilhante que saíram de moda, ainda são um nítido sinal de que você está pagando um aluguel capaz de horrorizar as pessoas na maior parte do país.

– E aí, carinha?

Nathan passa um bom tempo fazendo carinho no cachorro, evitando olhar para mim.

– Que cheiro bom.

– Eu fiz frango.

Ele se levanta e finalmente olha para mim. Sua atenção se volta para o frango que está esfriando no fogão.

– Ótimo.

Nathan afrouxa a gravata e a tira, desabotoando o colarinho. Eu adorava vê-lo fazer isso. Ele sempre estica o pescoço para um lado quando solta o botão superior, e acho isso bem sexy. Toda vez que ele chegava em casa, eu parava o que estava fazendo e pulava em seu colo para lhe dar um beijo. Passava as mãos em seu cabelo escuro, perfeitamente penteado para o lado por conta do trabalho, e o bagunçava um pouco, porque achava melhor desse jeito.

Ele percebe que o estou encarando e de repente parece alarmado.

– Eu... é... vou me trocar.

Então entra no quarto feito um furacão, como se eu fosse persegui-lo para ganhar um beijo.

Pego um garfo e uma faca de trinchar. O frango agora parece má ideia. Talvez eu não me importe o suficiente para pedir desculpa pelo que quer que seja.

No entanto, vou ter que encontrar um novo lugar para morar se Nathan me botar para fora daqui, e os proprietários tendem a fazer exigências irritantes, como comprovante de renda.

Espeto o frango no momento em que Nathan entra na sala. Ele engole em seco, o pomo de adão subindo e descendo, e me imagino enfiando o garfo diretamente em seu pescoço. As duas pontas deixariam dois buraquinhos sangrentos, como uma mordida de vampiro.

Com a faca na outra mão, eu o encaro, segurando minhas armas, esperando. Quero que ele fale primeiro. É ele que claramente acha que sou uma assassina, então ele que tome a iniciativa. Tenho certeza de que essas são as regras.

Eu o encaro. Ele me encara.

Por fim, ele pergunta:

– Como foi o trabalho?

– Fui demitida.

Ele se aproxima de mim enquanto vai em direção à bancada ao lado da geladeira.

– Legal. Quer vinho? Vou tomar um vinho.

Espero até que assimile o que eu disse, mas ele apenas pega a garrafa de

vinho, indiferente.

Cravo a faca no frango, bem entre o peito e a coxa. Talvez tenha feito um pouco mais de força que o necessário.

Nathan toma um susto. Sorrio.

Nesse ritmo, ele vai acabar casado com uma assassina.

Podcast *No Rastro da Mentira*, com Ben Owens

EPISÓDIO UM:
"A MENINA MAIS AMOROSA DO MUNDO"

> **Maya Harper:** Ela saiu ilesa, e todo mundo sabe disso. Todo mundo em Plumpton sabe que Lucy Chase matou a minha irmã. Só que ninguém tem como provar.

Maya Harper tinha 18 anos quando sua irmã mais velha, Savannah, foi assassinada. Ela descreve Savannah como uma mulher divertida e amorosa, o tipo de pessoa capaz de organizar uma festa em menos de uma hora e fazer com que parecesse ter levado o mês inteiro.

> **Maya:** Ela era muito simpática e acolhedora com todos. E era a melhor irmã do mundo. Quando ela estava no ensino médio, às vezes me levava junto quando saía com as amigas. E a gente nem tinha idades próximas. Ela era seis anos mais velha que eu. Eu não conhecia nenhuma irmã mais velha que deixasse uma garotinha de 10 anos ir aos jogos de futebol junto com ela.

Maya estava feliz em falar comigo, mas não acreditava que eu fosse descobrir algo novo.

> **Maya:** Você sabe que a minha família contratou três investigadores particulares diferentes, né? Tipo, meus pais não desistiram. Não sei se ainda há algo para descobrir.
> **Ben:** Estou ciente, sim.
> **Maya:** Mas acho que mal não faria. Quer dizer, já se passaram cinco anos e parece que ninguém mais se importa com a morte da Savvy. Todo mundo desistiu.

Uma observação rápida: você frequentemente vai ouvir as pessoas que conheciam Savannah se referirem a ela como "Savvy". Era assim que a maioria das pessoas a chamava.

> **Ben:** Quer dizer que vocês nunca receberam nenhum retorno da polícia, do promotor nem de ninguém?
> **Maya:** Não nos últimos anos. Todo mundo sabia que tinha sido a Lucy, só não conseguiam provar, acho.
> **Ben:** Nunca houve nenhum outro suspeito?
> **Maya:** Não. Quer dizer, a Lucy estava coberta com o sangue da Savvy quando foi encontrada. Tinha pele da Savvy sob as unhas da Lucy, e no braço da Savvy havia arranhões e hematomas que batiam com o formato dos dedos da Lucy. As pessoas viram as duas brigando no casamento. A Lucy matou ela. Matou minha irmã e saiu impune, porque aquele departamento de polícia inútil disse que não havia provas suficientes para justificar a prisão.
> **Ben:** Você teve algum contato com a Lucy recentemente?

Maya: Não, nenhum desde que ela foi embora de Plumpton. Ela nunca mais voltou, embora os pais ainda morem aqui.
Ben: Até onde você sabe, ela continua afirmando que não se lembra da noite em que a Savannah morreu?
Maya: Sim, essa foi a história dela.
Ben: Você acredita?
Maya: É claro que não. Ninguém acredita.

É verdade que ninguém acredita em Lucy Chase? Ela está escondendo algo ou o povo de Plumpton passou cinco anos acusando uma mulher inocente de assassinato?

É o que vamos descobrir.

Eu sou Ben Owens, e este é o podcast *No Rastro da Mentira*, no qual desvendamos todas as mentiras que as pessoas contam e chegamos à verdade.

3

LUCY

Nathan, como bem se vê, não tem colhões.

Comemos frango. Bebemos vinho. Brinquei com a faca gigantesca só para vê-lo suar. Ele falou de trabalho.

Não perguntou se eu era uma assassina.

A essa altura, estou curiosa para saber quanto tempo isso vai durar. Está na cara que ele já queria terminar o namoro havia algum tempo e agora tem medo de que eu o mate. Será que vai lembrar que tem bolas e realmente dizer em algum momento próximo "Por favor, saia da minha casa e nunca mais entre em contato comigo"?

O lado positivo é que tenho mais tempo para procurar outro lugar para morar enquanto aguardo o inevitável. Hoje de manhã encontrei um quarto e sala muito promissor, que não exigia comprovação de renda. Nas fotos parece uma pocilga, e o proprietário pediu uma foto dos meus pés quando enviei o e-mail, mas, bem, é barato.

Às vezes acho que minha versão de 22 anos ficaria absolutamente horrorizada com minha versão de quase 30. Aquela recém-casada reluzente e presunçosa, com uma casa de quatro quartos, estava tão certa de que tinha a vida planejada e de que tudo aconteceria do jeito que ela queria...

Adivinha só, babaca?

Sem muito entusiasmo, também me candidatei a algumas vagas de emprego ao longo do fim de semana e já recebi a negativa de uma delas. Ultimamente, minha sorte está de matar.

Mas, para ser sincera, não quero um novo emprego. Publiquei três romances usando um pseudônimo, e o terceiro está vendendo alguns exemplares. É uma reviravolta inesperada, considerando que poucas pessoas compraram meus dois primeiros livros, mas significa que tive que trabalhar dobrado no terceiro, para não perder o ritmo.

E talvez, com um pouco de sorte, ele comece a vender o suficiente para eu não ter que me preocupar em arrumar outro emprego monótono e entediante que pague as contas.

É claro que agora tenho que me preocupar com o fato de um podcaster lançar uma luz ofuscante sobre meu passado e com a possibilidade de alguém descobrir que sua nova comédia romântica favorita foi escrita por uma suspeita de homicídio. Ninguém além da minha agente, da minha editora e da minha avó sabe sobre minha carreira de escritora, mas sou o assunto favorito dos detetives amadores da internet.

Esse pensamento me atormenta durante todo o fim de semana. Na segunda-feira de manhã, corro alguns quilômetros a mais na esteira da academia do prédio de Nathan e depois vou ao mercado, porque preciso afogar as mágoas com chocolate. Muito chocolate.

Os mercados nunca estão vazios em Los Angeles, mesmo em dia de semana, porque ninguém aqui tem um emprego de verdade. Desvio de uma mulher ao telefone na entrada; ela usa uma calça legging que provavelmente custa mais do que o meu look completo, mas que deixa a bunda dela linda.

Viro o carrinho para a seção de hortifrúti. Talvez compre algo para cortar bem picadinho na frente de Nathan.

(Uma pessoa mais legal diria apenas "E aí, ouviu falar do podcast, não foi?" e acabaria com o sofrimento dele. Eu deveria tentar ser menos babaca. Amanhã, quem sabe.)

Uma mulher loira e magra dá batidinhas com o dedo em uma abóbora e faço um grande esforço para não me imaginar esmagando a cabeça dela com a abóbora.

Fracasso. Esmagar coisas, como bem se vê, é um ponto fraco meu.

Fico imaginando se a abóbora ficaria inteira mesmo depois de esmagar uma cabeça humana. Provavelmente explodiria, e a pessoa acabaria com dor de

cabeça e abóbora na cara toda.

A mulher ergue a cabeça e percebe que estou olhando para ela. Sorrio como se não estivesse imaginando espancá-la até a morte. Ela se afasta, lançando um olhar alarmado para trás na minha direção.

Eu realmente deveria tentar ser menos babaca.

Não quero pensar em homicídio, mas aparentemente não consigo parar. Não faço isso com todo mundo, mas já me imaginei matando bastante gente.

A mania começou pouco tempo depois da morte de Savvy. Todo mundo dizia que eu era uma assassina, e eu não podia refutar a acusação com certeza, então comecei a pensar em todas as maneiras diferentes por meio das quais eu *poderia* ter matado minha amiga. Achava que, se pensasse em opções suficientes, talvez encontrasse algo que despertasse alguma lembrança.

Até o momento, não deu certo. Mas talvez um dia eu descubra sem querer. Vou me imaginar matando uma garçonete com meu copo de milk-shake vazio e tudo vai vir à tona. *Ah, sim! Foi isso mesmo! Savvy e eu estávamos discutindo sobre qual milk-shake é melhor, morango ou chocolate, aí fiquei furiosa e matei ela com meu copo. Pode me algemar, senhor policial!*

Eu realmente gostaria que a polícia tivesse encontrado a arma do crime. Isso teria me poupado de muitos assassinatos imaginários.

Meu celular toca. Olho para a tela e vejo a palavra VOVÓ, o que não me surpreende. Além dos operadores de telemarketing, minha avó é a única pessoa que usa o telefone para a função que ele foi originalmente concebido.

Atendo a ligação e coloco o celular no ouvido.

– Oi, vovó.

O cara ao meu lado me dá um pequeno sorriso, como se aprovasse o fato de eu estar falando com minha avó. Empurro o carrinho até um canto, em frente aos repolhos.

– Lucy, meu amor! Oi. Você está ocupada? Estou atrapalhando?

Ela sempre pergunta se está atrapalhando, como se achasse que eu tenho uma agenda social lotada. Eu nem sequer tenho amigos próximos. Apenas alguns conhecidos do trabalho, que sem dúvida nunca mais vão falar comigo.

– Não, estou só fazendo compras – respondo.

– Como está o Nathan?

– Ele... Sabe como é. Nathan.

– Você sempre fala isso, mas não sei o que quer dizer. Nunca vi o sujeito.

– Ele está bem.

– Entendi. – Ela dá um pigarro. – Escuta. Quero te pedir um favor.

– O que é?

– É só um favorzinho, de verdade, e eu queria te lembrar que estou à beira da morte.

– Faz vinte anos que você diz que tá à beira da morte.

– Bem, então, pela lógica, estou mesmo chegando perto!

Ela dá uma gargalhada.

– Você tá bêbada?

– Lucy, são duas da tarde. É claro que não estou bêbada. – Ela faz uma pausa. – É só um pilequinho.

Engulo uma risada.

– Qual é o favor?

– Decidi fazer uma festa de aniversário. Das grandes. Estou fazendo oitenta anos, você sabe.

– Sei.

Sei mesmo. O aniversário da minha avó é o único do qual me lembro sem a ajuda do calendário.

– Você vem, né?

A voz dela é esperançosa. Merda.

– Não posso dar essa festa sem minha neta favorita presente.

Agora ela havia apelado.

– Sabia que não é de bom-tom me dizer que sou a favorita, quando você tem três netos?

– Nós duas sabemos que a Ashley e o Brian são dois paspalhos.

– Acho que mesmo assim a gente precisa fingir que gosta deles.

– Bem. Não posso dar uma festa de aniversário só com os paspalhos.

Eu daria risada se não fosse o pavor cada vez maior.

– Você acha que consegue tirar folga no trabalho? – pergunta ela.

– Fui demitida.

– Ah, perfeito! Quer dizer, sinto muito – acrescenta ela, apressada.

– Você sabe que eu não gostava daquele trabalho mesmo.

– Retiro as desculpas. Parabéns por ter sido demitida.

– Obrigada.

– Já que agora você está com tanto tempo livre, que tal uma visita mais longa? Uma semana? Já conversei com sua mãe, e ela falou que você pode ficar com eles o tempo que quiser.

– Uma semana? – pergunto, tão alto que uma mulher que estava passando toma um susto.

– Bem, está sendo tudo de última hora, e sua mãe quebrou a perna... Vamos precisar de ajuda pra organizar tudo. Eu diria para você ficar comigo, mas não tem espaço, é claro.

A perspectiva de passar um dia na minha cidade natal já é ruim, mas *uma semana inteira*?

Sete dias no lugar onde já tinha sido bem-sucedida, casada e com muitos amigos que invejavam minha (falsa) felicidade. Seria o oposto de um retorno triunfal: cinco anos depois, voltar para lá como uma mulher divorciada, desempregada e sem amigos. Não posso nem mesmo dizer às pessoas que publiquei três livros. Estremeço quando o spray de água é ligado e borrifa meu braço e também os repolhos. Eu me afasto um pouco.

– A menos que você prefira trazer o Nathan e ficar num hotel. Tenho certeza que sua mãe entenderia se você ficasse em um hotel se vier com ele.

Eu me imagino, por um breve momento, convidando Nathan para ir comigo a Plumpton, no Texas. Fico pensando se isso não seria o suficiente para que ele enfim me largasse. Visitar a cena do crime provavelmente é ir longe demais, até mesmo para ele.

– Você pode dizer não. – Ouço um tilintar do outro lado, como cubos de gelo contra vidro. – Sei que deve estar muito ocupada...

– Você sabe que eu nunca estou ocupada.

– É muito estranho você sempre dizer isso. As pessoas da sua idade geralmente têm muito orgulho de ser ocupadas. Uma das moças da igreja já me disse umas cem vezes que é muito ocupada. Estou começando a pensar que isso pode ser um pedido de ajuda.

– Você também conversou com o meu pai? Sobre eu ficar com eles?

– Claro que não. Eu evito conversar com seu pai sempre que possível. Mas a Kathleen falou com ele. Nós não iríamos simplesmente falar pra você aparecer do nada.

– Ele nunca gostou de surpresas.

– Nunca. Isso significa que você vem?

Fico olhando para a abóbora e penso em esmagar minha própria cabeça com ela.

– Lucy?

Pisco, aturdida.

– Desculpe. Abóbora.

– Não compre abóbora, você está vindo para o Texas!

– Ai, meu Deus.

– Né?

Ela está esperançosa de novo.

Dou um suspiro. Não posso dizer não ao único membro da família de quem gosto. Uma das únicas *pessoas* de quem gosto.

– Tá. Eu vou pro Texas.

Uma voz suave, uma voz que sempre tento ignorar, sussurra no meu ouvido: *Vamos matar...*

Agarro o celular com mais força e ignoro a voz.

– Ah, que maravilha! Você acha que o Nathan vai querer vir?

Respiro fundo. A voz parece ter desaparecido.

– Acho que ele não consegue escapar do trabalho.

– Ah, sim, claro. Bem, então vou comprar uma passagem de avião só pra você. Consegue vir neste fim de semana?

– Não precisa fazer isso.

– Que bobagem, eu faço questão. Além do mais, vou estar morta logo, logo.

É possível que todos nós estejamos mortos em breve, mas parece pouco provável.

– Claro, neste fim de semana. – Reconsidero a última afirmação que ela fez. – Peraí, você tá doente?

– Não que eu saiba, mas meus amigos estão morrendo feito moscas, então na verdade é só uma questão de tempo.

– É assim que se fala.

– Escuta, eu não tenho dirigido muito, mas provavelmente consigo ir até Austin pra te buscar. Se meu carro pegar, é claro. Nunca se sabe hoje em dia.

– Não se preocupa com isso. Vou alugar um carro. E vou me hospedar em um hotel.

– Bem, sua mãe não vai gostar disso.

Aperto a ponte do nariz.

– E... Lucy?

– Oi?

– Ouviu falar do podcast, né? Que fala sobre você?

4

LUCY

Preciso comprar uma mala, porque nunca viajo. Já tive um belo conjunto de malas, mas quando deixei meu ex-marido saí com as roupas enfiadas em sacos de lixo.

Brewster me cumprimenta na porta quando entro, cheirando com entusiasmo a nova mala roxa. Nathan está em casa, ainda com a calça preta e a camisa de botão branca que usou no trabalho. Seu rosto se ilumina quando vê a mala. Muito sutil, ele.

– Vai a algum lugar?

Largo a sacola no chão.

– Não, é pra um cadáver.

Os lábios dele se abrem. Ele olha de mim para a mala.

– O que foi? – Olho de relance para ela. – Acha que eu deveria ter comprado uma maior?

Ele me encara por vários segundos antes de soltar um suspiro longo e irritado.

– Meu Deus, Lucy.

Eu me inclino para fazer carinho em Brewster, que lambe minha mão, alheio à tensão na sala. Cães não ficam sabendo de podcasts sobre assassinatos.

Sortudos.

– Você não ia nem fingir, né? – pergunto.

– O quê?

A pequena fenda entre suas sobrancelhas aparece. Ele tem sobrancelhas perfeitas, típicas de Los Angeles. Esculpidas por um profissional. Eu gostava do fato de ele ser o tipo de homem que não achava que sua masculinidade estava ligada à sua rotina de beleza (ou à ausência dela).

Agora, no entanto, estou incomodada com essas duas sobrancelhas impecavelmente depiladas.

– Muitas pessoas fingem acreditar que não fui eu – explico. – Agem como se quisessem ouvir o meu lado, como se já não tivessem se decidido.

– Ah. Eu... é... quero ouvir o seu lado...

Reviro os olhos. Foi tão falso que nem me dou ao trabalho de responder.

Alguns homens, no fundo, gostam da história, gostam que eu seja suspeita de homicídio. Ao longo dos primeiros dois anos após o ocorrido, de vez em quando eu recebia e-mails com pedidos de namoro. Estavam atrás de emoção, imagino. Ou queriam me salvar. Sou um verdadeiro fracasso.

Pelo visto, não é o caso de Nathan.

– Você... tá indo pra algum lugar? – pergunta ele, depois de um longo silêncio.

– Texas. Minha avó vai dar uma festa de aniversário.

– Ah.

– Ela te convidou também.

Ele pisca, aturdido.

– Eu... é... não sei se consigo... Você sabe, por causa do trabalho.

– Claro.

– Quando você vai?

– Sexta. Vou passar mais ou menos uma semana fora.

Ele assente. Espero que sugira que eu leve todas as minhas coisas quando for. O único som são as fungadas altas de Brewster enquanto ele examina minuciosamente a barra da minha calça jeans.

– Você vai me contar? – pergunta ele, por fim.

– O quê?

– O seu lado.

Pelo amor de Deus. Homens são uns bebezões. São medrosos demais para de fato terminar, então se tornam maldosos ou se fecham até que a gente se irrite e se livre deles.

Uma jogada arriscada a de irritar uma suspeita de homicídio o suficiente a ponto de se livrar dele.

– Você acreditaria em mim se eu te contasse? – pergunto.

Meu celular toca. Eu o tiro da bolsa e vejo uma mensagem da minha mãe.

> Você não vai ficar em hotel nenhum. Estou preparando o quarto de hóspedes agora mesmo.

Digito rapidamente uma resposta.

> Vou ficar bem num hotel.

Olho para Nathan e percebo que a resposta à minha pergunta é claramente *não*.

– Acreditaria – mente ele.

– Ainda não consigo me lembrar daquela noite, mas jamais teria machucado a Savvy.

As palavras saem com facilidade da minha boca. Já as repeti centenas de vezes.

Nathan fica olhando como se esperasse mais. As pessoas sempre esperam.

Meu celular toca e o nome da minha mãe surge na tela. Suspiro e deslizo o dedo para atender.

– Você não vai ficar num hotel – diz ela, com um tom que não deixa espaço para discussão.

– Oi, mãe, como você tá? – pergunto, seca.

Nathan ainda está me encarando quando saio para a varanda.

– Estou bem. Você não vai ficar num hotel.

– Vovó contou que você quebrou a perna.

Olho para baixo, observando uma mulher na rua que empurra um carrinho de bebê pela calçada. Um pequeno pug coloca a cabeça para fora do carrinho, inclinando a cara na direção do sol.

– Para de mudar de assunto.

– Achei que você gostasse quando eu tento jogar conversa fora. Agir como uma pessoa normal e tudo o mais.

– *Lucy*.

Ela já está absolutamente cheia de mim, e ainda nem cheguei lá.

– Deixa um dos primos ficar com o quarto. Eles vão estar na cidade, né?

– Só por uma ou duas noites. Você vai ficar com a gente. Temos bastante espaço. Além disso, todo mundo vai comentar se você não ficar aqui.

Ah. Eis o único motivo que importa.

Eu me viro e me encosto na grade. Lá dentro, Nathan digita furiosamente no celular.

– Deus me livre das pessoas fazendo fofoca sobre mim. Não consigo nem imaginar como seria isso.

– Além do mais, o hotel mais barato da cidade custa 80 dólares por noite, e duvido que esteja à altura dos seus padrões.

– É ousado da sua parte supor que eu tenha padrões.

No entanto, ela tem razão. Considerando que acabei de perder meu emprego, não preciso gastar várias centenas de dólares em um quarto de hotel.

– Fica com a gente, Lucy. Não dificulta as coisas ainda mais.

Ela deixou de fora o "como você sempre faz". Acho que está implícito.

– Tá bem. Obrigada.

– Ah. – Ela parece surpresa, como se não acreditasse que teria sucesso. Acho que estou amolecendo. – Ótimo.

– Sério, como foi que você quebrou a perna?

– Caí do simulador de escada. Sabe aquele aparelho da academia, com os degraus que dão voltas e voltas sem chegar a lugar nenhum? Pois ele é bem alto, eu errei o degrau e... foi constrangedor, pra dizer o mínimo.

– Deve ter doído.

– Doeu mesmo. Enfim, não vou te incomodar. Ah, e sua avó te contou sobre o...

– Sim, eu sei do podcast.

Na verdade, provavelmente sei do podcast há mais tempo do que qualquer pessoa. Recebi o primeiro e-mail cinco meses atrás.

> *De: Ben Owens*
> *Assunto: Podcast No Rastro da Mentira*
>
> Oi, Lucy,
>
> Meu nome é Ben Owens. Sou jornalista e apresentador do podcast *No Rastro da Mentira*. Estou fazendo uma pesquisa sobre o assassinato de Savannah Harper e adoraria me encontrar com você e conversar. Na verdade, também moro em Los Angeles, portanto ficaria feliz em ir até você. Sinta-se à vontade para me enviar um e-mail ou ligar para 323-555-8393.

Abraços,
Ben

Não respondi.

Na minha pesquisa, acompanhei a primeira temporada do podcast e li algumas matérias que lhe faziam críticas definitivamente conflitantes.

"Ética questionável", dizia um artigo, "mas os resultados são incontestáveis!".

Outra matéria descrevia Ben como um sujeito com "carinha de menino", o que só me fez detestá-lo ainda mais. Nunca gostei de homens que podem ser descritos assim. São sempre presunçosos.

Mas nunca respondo a e-mails a respeito de Savvy, e não abriria uma exceção para esse desgraçado arrogante, então arquivei a mensagem e segui em frente.

É claro que a maioria dos e-mails sobre Savvy não requer resposta. Em geral, eles são alguma versão de "Como você vive em paz, sua vagabunda sem coração?" ou "Você vai pro inferno", só que quase sempre com algum erro ortográfico, o que acaba sendo uma distração enorme. Um insulto não tem o impacto desejado quando escrito incorretamente. Eu responderia para informá-los, mas, pela minha experiência, gente burra não gosta de ter sua ortografia corrigida.

Eu me sento na cama ao lado da mala aberta, rolando os e-mails que Ben me enviou meses atrás. Brewster cutuca o saco de jujubas na mesa de cabeceira com o focinho, e coloco uma na boca enquanto o afasto.

Um segundo e-mail chegou algumas semanas depois, solicitando novamente uma reunião. E em seguida um terceiro:

De: Ben Owens
Assunto: Podcast No Rastro da Mentira

Oi, Lucy,

Um último e-mail! Eu queria muito mesmo entrevistar você e conhecer o seu lado da história. Estou disposto a me encontrar de acordo com as suas condições. O podcast está realmente ganhando forma, e acho importante ouvir sua versão.

Abraços,
Ben

Ah, doce e ingênuo Ben. Ninguém dá a mínima para o meu lado da história.

Para ser sincera, minha versão da história é "Não me lembro de nada", então não é exatamente emocionante. Ou plausível, pelo visto. Olho para a porta e vejo Nathan, que está bebendo no sofá para esquecer os sentimentos incômodos em relação à namorada assassina, o brilho da televisão passando por seu rosto tenso.

Tentei evitar pensar no quanto essa temporada do podcast ganhou popularidade, mas agora não consigo mais me conter. Pesquiso "Ben Owens No Rastro da Mentira" no Google. Aparece uma foto dele. Parece um sujeito muito arrogante.

Há várias matérias sobre o podcast. Os sites habituais de true crime já publicaram a história, mas ela também está sendo divulgada na mídia nacional. A *Entertainment Weekly*, a *Vanity Fair* e uma dezena de outros veículos fizeram manchetes como "Este assassinato em uma cidade do interior vai ser tornar sua nova obsessão no mundo do true crime" e "O crime vai chamar sua atenção, mas o charme do interior vai te conquistar: o podcast *No Rastro da Mentira* investiga caso arquivado no Texas". O Twitter está repleto de teorias. Pelo visto, as pessoas têm times, já que a expressão "Time Savvy" não para de aparecer. A lógica dita que também deve haver um "Time Lucy", embora eu não veja evidências disso.

Dada a grande quantidade de atenção da mídia, todos em Plumpton estão definitivamente ouvindo essa palhaçada.

Olho para Brewster, desejando ter inventado uma desculpa para fugir dessa viagem. Deveria ter dito a vovó que minha presença no aniversário dela provavelmente estragaria tudo. Sou aquela pessoa de quem se fala nas festas, quando se está comparando famílias problemáticas. Sou uma boa história. Mas não sou a pessoa que alguém *convida* para uma festa.

Mas minha avó nunca me pede nada, e não a vejo desde que fui embora de Plumpton, há quase cinco anos. Ela jamais entrou em um avião e "nem que a vaca tussa vai começar a fazer algo assim agora", como disse. Ela também expressou preocupação, mais de uma vez, sobre ser forçada a comer couve se algum dia visitar a Califórnia.

Os texanos odeiam a Califórnia. Esse é um dos motivos pelos quais a transformei em meu lar.

Além disso, meus primos são mesmo uns paspalhos. Vovó tem razão: ela não pode fazer uma festa só com os paspalhos.

Se estou indo, é melhor ir munida de conhecimento. Abro meu aplicativo de podcast e pesquiso *No Rastro da Mentira*.

Coloco o primeiro episódio para tocar enquanto faço as malas.

Podcast *No Rastro da Mentira*, com Ben Owens

EPISÓDIO UM:
"A MENINA MAIS AMOROSA DO MUNDO"

Chego a Austin em uma terça-feira e, sinceramente, fico decepcionado com a escassez de chapéus de caubói.

É minha primeira vez no Texas, e imaginava as ruas repletas de churrascarias e lojas vendendo botas e tudo o mais que se precisa para montar a cavalo. Selas? Sei lá. Não sei nada sobre cavalos. Nunca fiz aquele passeio turístico nas colinas de Los Angeles, em que dá pra ir a cavalo até um restaurante mexicano, encher a cara de margaritas e depois voltar cavalgando. Sempre me pareceu uma má ideia.

O aeroporto de Austin é todinho Austin. Percebo isso na mesma hora, embora seja minha primeira vez na cidade. Há placas anunciando que o local é a capital mundial da música ao vivo e uma banda tocando em uma das praças de alimentação, caso alguém esteja em dúvida. Violões decorativos na retirada de bagagens. Não vejo uma única Starbucks ou um McDonald's em todo o aeroporto, porque sabe aquele ditado que diz pra mantermos Austin um lugar estranho? A segunda parte dessa frase, a parte da qual ninguém se lembra, é *apoie as empresas locais*. Portanto, só há empresas locais no aeroporto de Austin.

Penso em comer um churrasco antes de sair, mas jantar em um aeroporto logo depois de *chegar* parece triste. Então, pego meu carro alugado e sigo para Plumpton.

E é aqui que o Texas deixa de ser como o esperado. É muito verde. Acho que imaginava que fosse um deserto. E, para realmente provar que sou uma besta, começa a chover tão forte que tenho que parar no acostamento e esperar por vários minutos porque não consigo enxergar a estrada. Chove tanto que parece o apocalipse chegando, e começo a me perguntar se isso é um sinal de que esse caso foi uma má escolha.

Vou ser franco com vocês: enquanto estou sentado nesse carro, observando a chuva apocalíptica, penso seriamente em voltar para o aeroporto e pegar um avião direto para casa.

E, sinceramente, ainda estou pensando naquele churrasco.

Quando a chuva por fim diminui, sigo em frente, faminto e irritado. Cerca de duas horas depois, chego a Plumpton, no Texas.

[*música country*]

Plumpton é uma cidade pitoresca e charmosa na região de Texas Hill Country. É o lar de cerca de 15 mil pessoas, um número que cresce a cada ano. Embora seja uma cidade turística, devido à proximidade com várias vinícolas da região, também se tornou um local popular para jovens casais que querem fugir das grandes cidades. O ensino público é um dos melhores do Texas.

O centro da cidade está cheio de turistas quando chego, mas, ao dar uma volta no quarteirão, vários moradores me reconhecem. Um homem até grita que está esperando ansiosamente pelo podcast. Minha fama me precede.

A cidade é composta principalmente por comércio local, mas algumas cadeias de lojas chegaram a Plumpton à medida que a cidade cresceu ao longo da última década. A primeira Starbucks foi aberta aqui há alguns anos, e pelo menos cinco pessoas reclamaram disso comigo

em meus dois primeiros dias na cidade.

Mas o principal motivo da fama do local é Savannah Harper, para desgosto de quase todos os moradores. A maioria das pessoas não quer participar da vida da cidade grande; elas moram aqui há gerações, como a família de Lucy Chase, ou se mudaram para cá especificamente para fugir da cidade, como a família de Savannah Harper. Não gostam de ser conhecidos por um assassinato medonho.

É um sentimento comum em Plumpton: isso não deveria ter acontecido aqui. Esse tipo de coisa acontece em lugares ruins, não em uma cidade onde todos os habitantes se conhecem e frequentam a mesma igreja.

Norma me dá algumas dicas de Plumpton quando faço o check-in no hotel. Ela é uma mulher simpática na faixa dos 50 anos e trabalha na recepção até as seis da tarde todos os dias da semana.

> **Norma:** E não vá ao bar na Franklin, que é onde todos os turistas vão para perder a linha. Da última vez que estive lá, havia uma festa de despedida de solteira e estavam jogando confetes em formato de pênis, se é que dá pra acreditar nisso. Fiquei horas tirando pênis do meu cabelo.
> **Ben:** Isso é... lamentável.
> **Norma:** Vá ao bar que fica um pouco mais adiante, na Main Street. A Taverna do Lupino Texano.
> **Ben:** Vou me lembrar disso, obrigado.
> **Norma:** Você é da Califórnia?
> **Ben:** Sou, de Los Angeles. Bem, São Francisco, originalmente. Moro em Los Angeles agora.
> **Norma:** Esse estado inteiro vai se desintegrar no oceano depois de um grande terremoto, sabia?
> **Ben:** Fiquei sabendo.
> **Norma:** Sabia que Lucy Chase também mora lá? Que mulher abominável. A Savannah era uma querida. A menina mais amorosa do mundo. Espero que você consiga provar que aquela safada da Lucy é uma assassina.

Esse, devo mencionar, foi um tema comum nos meus primeiros dias na cidade de Plumpton.

5

LUCY

A casa na Clover Street é a mesma em que cresci. Dentro do meu carro alugado, estacionado na frente da casa, fico apenas olhando para ela por um bom tempo.

Eles a pintaram de uma nova cor, um tom sutil de pêssego (escolha esquisita para a fachada da casa), mas, fora isso, continua a mesma. Há um monte de flores roxas plantadas ao longo da varanda. Gramado bem aparado. Um balanço na varanda da frente no qual é impossível se sentar durante metade do ano porque faz calor demais.

Finalmente consigo reunir forças para sair do carro. São seis da tarde, ainda está claro e quente pra cacete. O calor é implacável nessa época do ano. Foi uma grande sacanagem da minha avó ter nascido em agosto.

Pego minha bolsa e atravesso o gramado até a porta da frente. Meu pai a abre antes que eu possa bater. O sorriso dele é largo e amigável.

Meu pai é ótimo naquele lance texano de agir com educação na frente das pessoas e depois falar mal delas pelas costas.

– Lucy!

Ele dá um passo adiante e me dá um abraço rápido.

– Oi, pai.

– Estou muito feliz por você estar em casa, finalmente. Entra!

Ele dá um passo para trás, estendendo o braço de um jeito teatral.

Entro na casa. Está frio e escuro do lado de dentro, como sempre. O térreo nunca teve uma boa iluminação.

Ele fecha a porta. O cabelo escuro está mais grisalho do que da última vez que o vi. Os olhos do meu pai são fundos, dão a ele um ar expressivo que é sempre mais pronunciado quando olha para mim. Há decepção em cada linha do rosto dele.

– Como foi a viagem? – Seu olhar está focado em minha mala.

– Tudo bem.

Mentira. Comi chocolate demais, passamos por uma turbulência e quase vomitei. Passei os últimos quinze minutos do voo agarrada a um saco de plástico.

Ele assente, olha brevemente para mim e depois desvia o olhar depressa.

Ao que parece, ainda não consegue me encarar.

Eu me viro e examino a sala de estar. A maioria dos móveis é nova. Ou nova para mim, pelo menos. Há um sofá marrom luxuoso e uma cadeira de aparência desconfortável com um estofamento feio de listras rosa e laranja. A estrutura da cadeira parece velha, mas o estofamento é novo, como se alguém tivesse feito aquilo na cadeira de propósito. Minha mãe sempre teve um gosto questionável para decoração.

Na mesa ao lado dessa cadeira horrorosa, há uma foto minha e de Savvy, com mais algumas mulheres. Foi tirada em um casamento, pouco tempo depois de eu ter me mudado de volta para a cidade. Parece uma daquelas sessões de fotos da revista *Southern Living*, um grupo de mulheres brancas com vestido em tons pastel e cabelo perfeitamente ondulado.

A foto me parece de péssimo gosto por dois motivos: primeiro, a maioria das pessoas acredita que matei Savvy, e talvez elas tenham motivo; segundo, ela morreu depois de uma festa de casamento. Não *desse* casamento, mas as visitas não sabem disso. Será que elas ficam horrorizadas e dizem "Meu Deus, isso foi tirado no dia em que ela morreu?". Então, minha mãe tem que contar a história toda.

Na verdade, acabei de perceber exatamente por que ela escolheu essa foto. A maioria das pessoas não iria gostar de falar sobre uma filha possivelmente assassina, mas não a minha mãe. Ela sabe conquistar uma plateia, e não há jeito melhor de ganhar atenção do que contar a pior história do mundo.

– Sua mãe está no quarto. Acho que ela estava tirando um cochilo, mas já deve ter levantado. – Meu pai sorri e dá um passo para trás, abrindo um espaço

grande entre nós. – Por que você não sobe pra dar um oi?

O abajur em cima da mesa ao lado do sofá não é novo. Nós o temos desde sempre. É um cilindro comprido, de cerâmica maciça, pesado. Mas não pesado *demais*. Eu poderia levantá-lo, sacudi-lo e acertá-lo bem na cabeça do meu pai. Talvez o abajur nem quebrasse. É bastante resistente. Minha mãe ficaria feliz. Ela deve gostar desse abajur, considerando há quanto tempo o tem.

No entanto, ela não ficaria feliz com a sujeira. O sangue jorraria da boca dele e se espalharia pelas paredes. Talvez pelo sofá também, e esse *não parece* ser o tipo de sofá do qual é fácil remover sangue.

Não que eu saiba de quais sofás seja fácil remover sangue.

Talvez a sujeira fosse menor se eu o acertasse na nuca. Isso também seria conveniente, porque ele está se afastando de mim nesse momento. Ele nem se daria conta do que estava acontecendo.

Não na hora, ao menos. Acho que ninguém (muito menos meu pai) ficaria surpreso se eu matasse alguém.

– Você está bem? – As palavras dele me assustam, porque ele se virou enquanto eu o matava e agora está me encarando. – Você está com uma cara estranha. Algum problema?

– Só estou cansada do voo.

Começo a afastar os pensamentos assassinos, mas todos os terapeutas com quem me consultei (e já me consultei com vários) queriam que eu lidasse com as fantasias violentas em vez de tentar suprimi-las.

Recentemente, admiti para a última terapeuta que tentar evitar assassinar pessoas dentro da minha cabeça só fez com que eu assassinasse ainda *mais* pessoas dentro da minha cabeça. Ela apoiou bastante a ideia de apenas deixar os pensamentos fluírem e ver o que acontece.

Então, imagino os miolos do meu pai espalhados pelo sofá mais uma vez e subo para falar com minha mãe.

Podcast *No Rastro da Mentira*, com Ben Owens

EPISÓDIO UM:
"A MENINA MAIS AMOROSA DO MUNDO"

O corpo de Savannah foi encontrado no início da manhã, apenas algumas horas após sua morte. Gil Bradford estava saindo para correr quando se deparou com o corpo.

Gil: Pois é, era domingo, que é quando eu fazia meus treinos longos de corrida. Naquela época, eu gostava muito de correr, mas agora meus joelhos estão bem ferrados. Enfim, eu costumava correr em uma trilha perto da Byrd Estate, que é onde acontecem todas as festas chiques de casamento e coisas assim. A Savannah tinha ido a um casamento lá na noite anterior.

Então, eu estava na trilha quando vi uma coisa cor-de-rosa em meio às árvores. O vestido dela, da Savannah, era de uma cor bem viva, por isso eu vi na mesma hora.

Ben: Você viu o corpo dela na mesma hora? Ou só o vestido?

Gil: Eu vi o corpo talvez meio segundo depois de notar o vestido. Ela não estava nem um pouco escondida. Era bem cedo, o sol mal tinha começado a nascer, mas mesmo assim dava para ver o corpo ali, claro como o dia. Então corri até lá e acho que comecei a gritar, perguntando se ela precisava de ajuda.

Só que, quando cheguei mais perto, percebi que ela já estava morta. Tinha os olhos abertos, e estava pálida e encharcada. E vi um corte enorme na cabeça, como se alguém tivesse batido nela com alguma coisa. Choveu muito naquela noite, tenho certeza que você ficou sabendo. Tinha acabado de parar quando saí para correr.

Mas já vi muitos programas policiais, então me afastei, não toquei em nada e chamei a polícia. É claro que não faria diferença, pois a chuva já havia lavado todas as provas de qualquer jeito.

(Apenas uma observação aqui, para aqueles que estão pensando nisso: tentei entrar em contato com a polícia de Plumpton várias vezes para ver se alguém falaria comigo sobre o caso. Eles foram... bem pouco amigáveis, para dizer o mínimo. O homicídio não solucionado de Savannah Harper é um assunto sensível para o departamento de polícia daqui, e ficou bem claro para mim que eles não colaborariam com o podcast de forma alguma. Estamos por nossa conta.)

Ben: Você já tinha visto a Savannah antes daquele dia?

Gil: Não, eu moro na periferia da cidade e sou mais reservado. Conhecia os Chases, é claro, mas não, nunca tinha visto a Savannah. Não fazia ideia de quem ela era quando liguei para a polícia.

Ben: O que aconteceu quando a polícia chegou?

Gil: Eles isolaram a área e me fizeram algumas perguntas. Encontraram o carro

dela na beira da estrada... Ninguém havia passado por lá naquela manhã, porque a estrada tinha sido destruída pela chuva. Os policiais tiveram que descer a trilha como eu fiz. Foram horas até conseguirem chegar ao carro.

Ben: Como os outros convidados do casamento chegaram em casa?

Gil: Há duas estradas que saem da Byrd Estate. Uma estradinha rural e a principal. A Savannah e a Lucy foram embora do casamento antes de começar a chover, pelo que fiquei sabendo mais tarde. Então, elas foram por essa estradinha. Mas quando os outros convidados saíram, cerca de uma hora depois, já estava chovendo muito e estava tudo alagado. O pessoal da Byrd Estate interditou a passagem. Todo mundo teve que pegar a estrada principal.

Ben: O que aconteceu depois que a polícia chegou?

Gil: Eles me chamaram para ir à delegacia alguns dias depois. Dei a eles uma amostra de DNA... Acho que não era necessário, mas falei: "Olha, se for ajudar, pode passar um cotonete na minha bochecha, ou o que vocês quiserem, não ligo. Sei que não matei ninguém."

Lucy foi encontrada uma hora depois, andando descalça pela estrada de duas pistas nos limites da cidade, ainda com seu vestido azul-bebê. Um homem chamado Billy Jack viu Lucy quando saía da cidade para visitar a família.

Billy Jack: Eu estava dirigindo e vi uma garota andando. Não tinha ouvido nada sobre uma pessoa desaparecida ou algo do gênero, mas ela parecia estar com problemas, sabe? Estava descalça e andando de um jeito estranho. Cambaleando como se estivesse bêbada. Usava um vestido, um vestido bonito. E estava imunda. Como se tivesse rolado na lama ou feito algo errado.

Então eu parei, porque não ia continuar dirigindo quando aquela garota estava claramente passando por algum problema. Abri a janela e gritei: "Moça, precisa de ajuda?"

Ela parou e olhou para mim. E vou dizer uma coisa, quase tive um infarto. Ela tinha um caroço enorme na testa. A roupa estava encharcada e a maquiagem, espalhada pelo rosto. Acho que ela tinha sangue no cabelo, mas era difícil dizer. Poderia ser lama. Ela estava acabada.

Sabe quando você olha para uma pessoa e percebe que ela não está totalmente ali? Cara, quando ela olhou para mim, não enxergou nada. Era só o corpo, porque a alma já tinha ido embora fazia tempo. Parecia um fantasma de algum filme de terror.

Enfim, ela simplesmente se virou e começou a andar outra vez. A cambalear, na verdade. Aí eu pensei: "Merda, não posso simplesmente ir embora, e com certeza não vou arrastar essa garota pra minha caminhonete comigo."

Então liguei pra polícia, contei onde ela estava e disse que iria seguir a garota bem devagar até que eles chegassem, porque estava muito preocupado. Não sabia disso na época, mas todos os policiais da cidade estavam procurando a Lucy, porque já haviam encontrado o corpo da Savannah e temiam o pior, sabe? Enfim, um policial chegou lá bem rápido. Eu vi pelo retrovisor ele vindo a toda.

O policial alcançou a Lucy, e eu fiquei esperando um pouco, porque eles

queriam que eu prestasse um depoimento. Chegou uma ambulância e pelo menos sete outras viaturas de polícia. Eu nunca tinha visto um tumulto tão grande em Plumpton. Um dos policiais me contou sobre a Savannah, e eu pensei: "Que merda, essa garota deve ter tido muita sorte." E o policial falou, tipo: "Pois é, sem brincadeira, espero que ela saiba nos dizer quem fez isso com elas."

Acho que nem um único agente no local imaginou que aquela garota tivesse sido a pessoa que matou a Savannah. Todo mundo ficou muito aliviado. Achavam que a Lucy também tinha morrido e estavam muito felizes por ela ter sido encontrada.

A gente não sabia. Não dava nem para ter sonhado com isso.

6

LUCY

As escadas de madeira rangem sob meus pés, muito mais do que quando eu era criança. Hoje em dia, seria muito difícil sair de fininho.

Olho de relance para meu pai ao subir. Ele está na cozinha, respirando tão fundo que consigo ver seus ombros se erguerem com o esforço. Minha presença deixa muita gente desconfortável, mas ninguém mais do que meu próprio pai. Penso em Nathan, parado no canto do quarto ontem, falando de trabalho enquanto me observava fazer as malas. Eu podia sentir o nervosismo dele.

Porra, ele me lembra meu pai. Que maravilha. Minha terapeuta vai adorar isso.

A porta do quarto principal está aberta e dá para ouvir o som de um umidificador vindo lá de dentro. Empurro-a para abrir.

Minha mãe está sentada na cama, com as costas apoiadas em travesseiros, as pernas esticadas à frente, uma delas com um gesso branco gigantesco. Seu cabelo loiro (pintado, ela tem o cabelo escuro como o meu) está preso em um rabo de cavalo e ela está toda maquiada. Raramente vi minha mãe sem maquiagem. Plumpton é o tipo de cidade onde as pessoas aparecem de surpresa.

Ela me vê me esgueirando pela porta e sorri.

– Lucy! Achei que tinha ouvido você lá embaixo. Vem cá, meu bem.

Entro. O quarto principal costumava ter um painel elaborado na parede acima da cama com fotos da minha infância (pelo menos uma dezena de fotos minhas fazendo coisas fofas ao longo dos anos), mas agora há uma grande manta azul e branca no lugar. Provavelmente foi feita à mão por minha mãe, mas mesmo assim fico um pouco chateada por ter sido substituída por um cobertor.

– Oi, mãe.

– Vem cá me dar um abraço. Sei que estou com uma cara péssima, mas não se preocupe, estou bem.

Ela não está com uma cara péssima. Mas parece mais velha. Talvez fosse isso que quisesse dizer com *cara péssima*. Minha mãe, assim como a mãe dela, foi abençoada com uma pele macia e bonita que sempre a fez parecer uns dez anos mais jovem do que realmente é. Agora, aos 55 anos, ela está começando a parecer uma mulher na faixa dos 50.

Herdei essa pele maravilhosa, mas pareço ter 29 anos. Em um dia ruim, talvez pareça ter uns 30 e poucos. Ser acusada de homicídio me envelheceu antes do tempo.

Vou até a cama e lhe dou um abraço rápido. Ela tem cheiro de perfume. Provavelmente caro, mas eu não saberia dizer. Todo perfume tem cheiro de lixo florido para mim.

– Estou muito feliz de você ter vindo – diz ela. – Sua avó está impossível com essa festa. Na maioria dos aniversários ela não quer nem que a gente vá jantar fora, e agora, de repente, quer uma festa gigantesca com a família toda? E me avisa *duas semanas* antes? Acho que ela está tentando me matar, só pra poder se gabar de ter vivido mais do que a filha.

Não discuto, porque isso parece mesmo coisa da vovó.

Eu me apoio na beirada da cama.

– Como está a perna? Te deram analgésicos?

– Não preciso de analgésicos.

Ela dá um tapinha no ar com desdém. Minha mãe tem um sotaque texano mais carregado que o do meu pai ou o meu, e isso faz com que tudo que ela diga pareça amigável. Ela cresceu aqui, em Plumpton, enquanto meu pai só se mudou para o Texas depois da faculdade. Já eu perdi o pouco sotaque que tinha depois de alguns anos fora. Não fico triste com isso.

– Como você chegou até aqui?

– Usei minhas muletas, só isso. – Ela flexiona os bíceps. – O médico disse que seria difícil, mas foi muito fácil. Todas aquelas sessões com o personal trainer estão valendo a pena.

– Quando foi que você se tornou rata de academia?

Ela torce o nariz.

– Acho que não gosto dessa expressão. Mas exercício é muito importante para mulheres mais velhas. Você ainda passa todas aquelas horas na esteira?

– Passo.

Correr até não conseguir pensar é a única maneira de me manter sã, na maior parte dos dias.

Quer dizer, relativamente sã.

– Talvez te deixem usar meu passe enquanto eu estiver machucada. Vou lembrar o pessoal de que não vou processar a academia.

– Muito nobre da sua parte.

Ela dá um tapinha na minha mão.

– Agora, quero que fique à vontade pra ir aonde quiser enquanto estiver aqui em Plumpton. Contei pra um monte de gente que você estava vindo, pra que ninguém fique surpreso. Tenho certeza de que a notícia já se espalhou pela cidade inteira.

– Tenho certeza também.

– Tô torcendo mesmo pra que você saia e veja as pessoas.

A mão dela ainda está na minha, e minha mãe me olha, ansiosa.

– Ninguém quer me ver, mãe.

– Claro que quer. E acho melhor você não se esconder. Você não tem nada do que se envergonhar, tem?

É uma pergunta genuína, que exige uma resposta. Minha mãe me pergunta várias vezes, de um milhão de maneiras diferentes, se matei Savvy. Talvez ela ache que, se perguntar o suficiente, vou acabar deixando escapar que, de fato, esmaguei os miolos da minha amiga. A persistência dela é admirável.

– Não, não tenho nada do que me envergonhar – minto.

– Isso mesmo, meu bem.

É o que ela sempre diz quando acha que estou mentindo.

E minha mãe *definitivamente* acha que estou mentindo quando digo que não me lembro da noite em que Savvy morreu. Ela tentou por anos fazer com que eu confessasse.

Ela pediu que eu voltasse para casa depois que fui para Los Angeles: “Se você voltar pra cá, talvez se lembre de alguma coisa. Ou talvez se sinta compelida a compartilhar algo novo. Viu o memorial que fizeram pra Savvy?”

Tentou uma abordagem religiosa: “Você precisa confessar e expiar seus pecados aqui se quiser ser perdoada na próxima vida.”

Recorreu à lógica: "Você era a única pessoa com a Savvy naquela noite, então acho que é hora de encarar a realidade."

Apelou para a culpa (de longe sua favorita): "Você tem ideia do que aquela família está passando? Eles precisam de uma explicação."

Não há nada que minha mãe deseje mais do que a confissão de que matei Savvy. Não apenas porque ela acha que é a coisa certa a ser feita, mas porque ficaria em evidência como a mãe de uma assassina.

Ela seria uma estrela na igreja. Faria longos discursos sobre perdão. Escreveria um livro sobre como superar a culpa que sentia por ter criado uma assassina. Às vezes, acho que ela fica mais irritada por eu privá-la disso do que por eu (talvez) ter assassinado alguém. Minha mãe gosta de ser a melhor em tudo, e eu lhe neguei a oportunidade de ser a melhor mãe de uma assassina. Não dá para ser a melhor mãe de uma *suspeita* de assassinato. Simplesmente não tem o mesmo peso.

Eu me levanto, e a mão dela escorrega da minha.

– Precisa de alguma coisa?

– Não, estou bem, filha. – Ela sorri para mim, e me dirijo à porta. – A propósito, não sei se alguém te falou, mas o apresentador do tal podcast está de volta à cidade. Talvez seja bom ficar de olho.

Podcast *No Rastro da Mentira*, com Ben Owens

EPISÓDIO UM:
"A MENINA MAIS AMOROSA DO MUNDO"

A mãe de Savannah, Ivy Harper, me convida para ir à sua casa pouco depois de minha chegada a Plumpton. Essa é a primeira de várias conversas entre nós.

> **Ben:** Olá, Sra. Harper.
> **Ivy:** Ben! É um prazer conhecer você, finalmente. Entre, entre. E, por favor, me chame de Ivy.

Ivy é uma mulher pequena, com pouco mais de 1,50 metro de altura e o cabelo loiro sempre perfeitamente trançado. Savannah puxou à mãe, o que menciono quando vejo as fotos dela penduradas na parede.

> **Ben:** Uau, quantos anos ela tem aqui? Igualzinha a você.
> **Ivy:** Isso foi no ensino médio, então mais ou menos 15 anos. Tiramos essas fotos depois do culto no domingo de Páscoa.

A casa dos Harpers é a mesma em que Savannah cresceu. É uma casa grande, com quatro quartos, mobiliada de forma esparsa, o que a faz parecer ainda maior. Há fotos de Savannah por toda parte: nas paredes, nos porta-retratos em cima das mesas, na apresentação de slides que passa na televisão.

Ivy e eu nos sentamos à mesa redonda na copa, um cômodo bem iluminado próximo à cozinha, e ela me conta sobre Savannah. Ou Savvy, como todos que faziam parte de sua vida a chamavam.

> **Ivy:** A Savvy era tão feliz. A vida toda. Mesmo na adolescência! Ela foi um bebê difícil, chorava o tempo todo, mas por volta dos 2 anos se tornou bastante alegre, e isso nunca mais mudou. Ela tinha seus dias, acho, mas na maior parte do tempo era uma moça muito alegre. Talvez alegre *demais*.
> **Ben:** O que quer dizer com isso?
> **Ivy:** Bem, eu costumava dizer a ela para se acalmar, para pensar bem nas coisas. Ela ficava muito entusiasmada com alguma coisa e queria fazer tudo imediatamente. Ficava tão animada para ter novas experiências que às vezes parecia querer fazer tudo de uma vez só. Eu queria que ela fosse mais devagar. Dizia que ela tinha a vida inteira pela frente. Mas acho que ela sabia que não viveria muito tempo.
> **Ben:** Pode me dar um exemplo?
> **Ivy:** Quando ela tinha 10 anos, talvez 11, e nós ainda morávamos em Nova Orleans, ela decidiu que queria fazer um teste para uma produção local de *Romeu e Julieta*.

Para o papel de Julieta. E eu disse a ela: "Savvy, esse papel não é pra uma criança. Só adultos podem fazer o teste pra esse papel. Talvez uma adolescente possa, mas não uma criança de 10 anos." Ela ficou *muito* brava comigo. Implorou e implorou pra fazer o teste, e eu falei que não, então um dia ela simplesmente entrou num ônibus depois da aula, foi até lá e fez o teste sozinha.

Ben: Ela conseguiu?

Ivy: Não, mas eles deram a ela um papel pequeno. Só que é claro que ela não queria esse papel, queria ser a Julieta. Então não participou. Acabou interpretando Julieta quando a Plumpton High fez a montagem. Na época, ela tinha 15 anos. Houve uma grande comoção quando o papel foi para uma aluna do segundo ano.

Ben: Quando vocês se mudaram para Plumpton? Você disse que moravam em Nova Orleans quando a Savvy tinha 10 anos.

Ivy: Quando ela tinha 12. O Keaton, meu filho mais velho, estava prestes a começar o ensino médio, e o Jerome e eu sempre planejamos voltar pro Texas. Eu cresci em San Antonio, e nós dois adoramos esse lugar. Naquela época, estavam construindo todas essas casas novas por um preço muito bom, então nos interessamos.

Ben: A Lucy e a Savannah se conheceram na escola?

Ivy: Isso, claro, com certeza. É uma cidade bem pequena. Todas as crianças se conheciam, principalmente se fossem da mesma idade.

Ben: Mas elas não eram amigas?

Ivy: Não. Elas não tinham nada em comum. A Savvy era líder de torcida, fazia parte do conselho estudantil, era a rainha do baile. A Lucy não era... nenhuma dessas coisas.

Ben: Quando elas se tornaram amigas?

Ivy: Depois que a Lucy voltou pra cidade. A Savvy já estava aqui... Bem, você sabe. Ela tinha voltado pra Plumpton alguns anos antes, depois que a faculdade não deu certo. Ela veio para o almoço de domingo e disse: "Mãe, você se lembra da Lucy Chase?" Na verdade, eu não me lembrava. Ela teve que refrescar minha memória: a garota que uma vez foi suspensa por dar um soco num garoto. Era assim que Lucy era conhecida na época.

Então, ela disse: "É, ela se casou com um cara que conheceu na UT", que é a Universidade do Texas, em Austin, meu bem, "e eles acabaram de se mudar pra cidade. Começamos a conversar num dia em que ela foi ao Charles". O Charles é um restaurante chique no centro da cidade, a Savvy trabalhava lá.

Ben: Então elas se davam bem?

Ivy: Sim. A Savvy disse que foi um pouco estranho no começo. A Lucy logo perguntou se ela tinha gostado de Tulane e, é claro, a Savvy teve que contar que saiu de lá no final do primeiro ano. Ela... [*longo suspiro*]. Naquela época, a Savvy agia como se fizesse pouco-caso da situação e meio que zombava de si mesma. Fazia a piada antes que outra pessoa pudesse fazer. Eu não gostava disso.

Ben: O que ela dizia?

Ivy: Falava coisas como "Eu tirei o diploma de arroz de festa" ou "Eu era péssima aluna, mas excelente em farra". Isso fazia minha filha parecer burra, coisa que não era. Ela tinha conseguido uma bolsa de estudos na Tulane. Foi a oradora da turma, a segunda melhor aluna do ensino médio, pelo amor de Deus! Ela só era muito

jovem. Sei que muitas pessoas de 18 anos se dão bem quando saem de casa, mas ela, não. Ela era uma garota amorosa que simplesmente não estava pronta para ficar sozinha. Estava finalmente começando a se recuperar quando a Lucy voltou para a cidade.

Ben: E você disse que foi estranho no começo? Por conta do lance da faculdade?

Ivy: A Savvy dizia que a Lucy parecia muito desconfortável no começo, e o Matt tinha que entrar em cena para ajudar. O Matt fazia isso sempre. Ele é muito encantador. Não faço ideia do que ele viu na Lucy. Mas acho que a Lucy e a Savvy começaram a conversar e combinaram de se encontrar para tomar um drinque no dia seguinte. Logo de cara nada disso me deixou muito entusiasmada, pra ser sincera.

Ben: Por quê?

Ivy: Parecia que a Lucy sentia pena da Savvy. A Lucy tinha voltado pra cidade com o marido rico e bonito, comprado uma casa antiga e linda e estava ajudando o marido a abrir uma cervejaria sofisticada. Aí se deparou com a ex-rainha do baile, que tinha abandonado a faculdade e virado bartender? Foi um prato cheio. Era muito óbvio que a Lucy adorava o fato de a situação ter se invertido.

Ben: A Savvy ficou com essa impressão da Lucy?

Ivy: Não. Não que ela tenha dito, pelo menos. Mas aquela garota ficava cega quando se tratava da Lucy. Não enxergava quem era a Lucy de verdade. Não até que fosse tarde demais.

7

LUCY

O quarto em que morei ao longo dos primeiros dezoito anos da minha vida não se parece em nada com o que era na minha juventude. Antes de ir para Los Angeles, limpei todo o espaço. Tirei tudo das paredes e encaixotei, esvaziei o armário e a cômoda, joguei fora todos os cadernos e trabalhos escolares antigos que estavam na minha escrivaninha.

Minha mãe substituiu os móveis em algum momento (a cama de solteiro virou uma cama queen e a cômoda e a escrivaninha são novas), e, portanto, o quarto está completamente diferente de quando era meu. É um alívio.

Tiro meu notebook da bolsa e me deito na cama, que é dura feito pedra. Minha mãe acha que camas macias são ruins para as costas e jamais vai ser convencida do contrário.

Recebi alguns e-mails: um relacionado aos livros, um com mensagem de ódio ("Pra quem você deu pra que as acusações fossem retiradas, sua piranha do mal?") e um da minha agente, Aubrey. Aubrey Vargas é uma mulher sempre otimista e me enviou um e-mail cheio de pontos de exclamação sobre como não está nem um pouco preocupada com o podcast. "Seu verdadeiro nome será mantido em segredo por aqui, como sempre! Espero que se divirta muito no Texas!"

Claro, Aubrey. Vou me divertir muito.

Também tenho uma montanha de notificações nas redes sociais, e passo por elas rapidamente. Só tenho conta ativa nas redes com o nome Eva Knightley. Já tive perfil no Instagram, no Facebook e no Twitter, mas encerrei os três há muito tempo. Parecia arriscado demais. Foi difícil passar despercebida pelo radar das redes sociais ao longo de todos esses anos anteriores ao podcast. Nunca quis dar chance para o azar.

Eva Knightley é apenas uma animada autora de romances com muitos amigos (estritamente virtuais). Ninguém acha que ela matou alguém, com exceção de um ou outro personagem fictício.

Dou uma olhada nos comentários na página do meu grupo de leitores no Facebook, em que algumas pessoas estão discutindo sobre Clayton, o ex-namorado malvado do meu último livro.

"Será que sou a única pessoa que achou que o Clayton iria morrer misteriosamente no final?", escreveu Amber Hutton.

"Pois é!", respondeu Erica Burton. "Quando a Poppy falou 'literalmente ninguém sentiria sua falta se você desaparecesse amanhã, Clayton', eu pensei: ela vai matar esse cara! E eu não vou ficar triste com isso!"

"Kkkkkk", replicou Amber, "total! Por um minuto, fiquei pensando se não tinha escolhido um romance muito estranho, porque a heroína não costuma matar pessoas".

"Eva, talvez você devesse escrever livros sobre assassinos em série também!"

Bufo enquanto digito uma resposta. "Não é má ideia. Atenção, mundo: estou entrando na minha era de homicídios!"

O comentário imediatamente começa a receber curtidas e risadas. Fico imaginando se eles achariam engraçado se soubessem quem eu sou de verdade.

– Lucy, jantar! – chama minha mãe do andar de baixo, e de repente tenho 16 anos outra vez.

Queria muito ter pegado aquele quarto de hotel ridículo.

• • •

Meu pai fez o jantar. Tanto ele quanto minha mãe cozinham, mas meu pai é quem faz isso com mais frequência. Ele cozinha melhor e gosta de bater as panelas no fogão bem alto quando está irritado.

Houve muita bateção de panelas essa noite.

Eu me ofereci para buscar vovó para que ela pudesse se juntar a nós, mas ela

alegou que estava exausta e me chamou para ir lá no dia seguinte de manhã.

– Exausta significa bêbada – explicou minha mãe, prestativa, quando desliguei.

Nesse momento, estou sentada à mesa diante dos meus pais. Eles estão do outro lado, unidos contra mim. Ou talvez sempre se sentem nessas posições. É estranho, mas vai ver não querem olhar um para o outro.

Pego um pedaço de frango assado. Meu pai não transfere sua decepção para a comida. As pessoas gostam de dizer que a comida fica mais gostosa se é feita com amor, como se a torta da avó não tivesse o gosto certo quando são elas mesmas que a preparam, então só pode ser o amor que a deixa tão gostosa.

Isso é bobagem. Provavelmente foi apenas a manteiga extra ou o açúcar de melhor qualidade que a deixou tão gostosa.

A comida do meu pai é prova disso. Não é feita com amor; é feita com ressentimento e decepção. E ainda assim é absolutamente deliciosa.

– Como anda o trabalho, Lucy?

Minha mãe está usando suas longas unhas cor de pêssego para tirar lentamente a pele do peito de frango. Ela a larga na borda do prato, o que me parece uma pena.

Olho para minha comida em vez de olhar para ela.

– Tudo bem. O mesmo de sempre.

Meus pais não precisam saber que fui demitida. A opinião deles a meu respeito já é ruim o suficiente.

– Que bom. Você ainda está trabalhando para aquela editora escolar, não é? Fazendo revisão e edição de textos e outras coisas do gênero?

– Aham.

Passei alguns meses nesse emprego, dois anos atrás. Chegou perto.

– Você *sempre* notou erros de ortografia e gramática. Don, você se lembra, né? Ela costumava marcar o programa da igreja e entregar ao pastor.

– Lembro – responde meu pai. – Acho que até hoje a Jan se ressente disso.

– Bem, a Jan deveria ter digitado os programas direito – digo.

Minha mãe ri, porque é verdade. Aqueles programas eram uma vergonha. Por um bom tempo, eu me divertia durante os sermões contando todos os erros, mas por volta dos 15 anos não aguentei mais e comecei a entregar as correções para o pastor depois do culto. Jan, a recepcionista cujo trabalho era digitá-los toda semana, devia me achar uma babaquinha.

Eles substituíram Jan depois que eu disse que ela havia usado pú*bi*co em vez de pú*bli*co no boletim informativo. Meu grupo de jovens foi à loucura. Os

eventos da Igreja Batista *Púbica* de Plumpton eram a coisa mais engraçada que já tínhamos visto.

Jan conseguiu outro emprego na igreja, mas sem dúvida passou a me odiar depois daquilo. Não é culpa minha que ela não tenha se dignado a revisar seu trabalho.

Fico pensando se alguém (além dos meus pais) se lembra disso hoje em dia. A revisão agressiva de documentos da igreja parece algo bastante brando, levando em consideração os acontecimentos dos anos seguintes.

Podcast *No Rastro da Mentira*, com Ben Owens

EPISÓDIO DOIS:
"ELA NÃO HESITARIA EM METER A FACA EM ALGUÉM"

Há uma grande quantidade de informações sobre Savannah. A maioria de seus amigos e familiares tem sido solícita, compartilhando histórias sobre a vida dela. Já Lucy é um mistério completo. Muitas pessoas com quem conversei disseram que queriam que o foco ficasse em Savannah, não em Lucy. Afinal, Savannah foi a assassinada.

Entretanto, não se pode falar de Savannah sem falar também de Lucy. Por isso, pressionei as pessoas em busca de detalhes a respeito dela, tentando descobrir do que se lembravam sobre ela antes do assassinato. Estamos aqui com Ross Ayers, que cresceu em Plumpton e estudou com Lucy na escola.

> **Ross:** Assim, a Lucy era... Ela era legal quando éramos pequenos. Tipo, ela era mais ou menos legal, acho. Mas depois ela... Sei lá. Ela...
> **Ben:** Ela o quê?
> **Ross:** Agora também tenho que ser politicamente correto em relação a assassinos? Meu Deus. Ela era uma desgraçada, entendeu? Uma piranha desgraçada dos infernos.

8

LUCY

Na manhã seguinte, resolvo visitar minha avó. Convido minha mãe, torcendo para que diga não, mas ela pega as muletas e sai mancando até meu carro.

– Ela te mandou uma foto da casa? – pergunta minha mãe enquanto dirijo pelas ruas de Plumpton.

Eu me lembro bem delas, para minha tristeza.

– Não.

– Meu Deus, isso é péssimo. Estou muito constrangida.

• • •

Não tem nada de péssimo. Mas, de fato, é bem estranho.

Paro em frente à casa e inclino a cabeça.

– Hum.

Minha mãe dá um grunhido enquanto enfia as muletas na terra e se posta ao meu lado.

– Ela vendeu a casa antiga... que já estava quitada, é bom lembrar... para comprar essa... coisa.

– É rosa.

– Pois é.

– Acho que ela deveria ter mencionado isso.

– Ela pediu que pintassem dessa cor porque quis. Era marrom.

– Hum.

– Tem 23 metros quadrados. Quem quer viver em 23 metros quadrados?

– Vovó, pelo visto.

– E por que a casa está sobre rodas? Pra onde ela vai levar isso? Ela nunca saiu do Texas.

Esse, devo admitir, é um bom argumento.

A casa, uma microcasa, é até fofa, na verdade. É basicamente uma caixa quadrada sobre rodas, mas tem um certo charme, e não apenas por causa do rosa alegre. Há um jardim do lado esquerdo e, na frente, duas cadeiras e uma mesinha. Fica em um terreno cercado por árvores, e há uma casa muito maior que mal se vê ao longe.

A porta se abre e vovó sai. Ela está usando um vestido azul folgado e desbotado, com estampa de margaridas brancas. O cabelo grisalho está preso em um coque e os lábios têm uma cor rosa brilhante que quase combina com a da casa. Acho que não vou estar tão bem quando tiver 80 anos.

– Lucy! – Ela abre bem os braços.

Atravesso o gramado para abraçá-la. Ela me mantém à distância de um braço quando me afasto.

– Você não só é minha neta favorita, mas também a mais linda, sem sombra de dúvida.

– *Mãe*. – Minha mãe para ao meu lado e solta um grunhido. – Eu queria que você parasse de dizer isso. É muita falta de educação.

– Só é falta de educação se você contar pros outros. – Vovó se afasta, acenando para que a gente a acompanhe. – Entrem! Fiz chá gelado.

Eu a sigo para dentro e sinto o ar frio soprando em meu rosto. Minha mãe fica arrepiada. Uma das vantagens de uma casa minúscula é que é fácil mantê-la fresca no verão. Ou gelada, no caso da vovó.

Para 23 metros quadrados, a casa tem um aproveitamento de espaço impressionante. Há uma cozinha compacta à direita e, à esquerda, um sofá encostado na parede em frente a uma televisão. Por um momento, fico pensando se ela dorme no sofá, até que vejo uma cama dobrável enfiada na parede. Há um banheiro no canto mais distante, com apenas uma cortina no lugar da porta.

– Senta aí, Kathleen, você está me deixando nervosa com essas muletas.

Vovó aponta para o sofá, e minha mãe se senta, obediente. Apoio as muletas

na parede.

– Tá vendo, eu posso simplesmente mudar a mesa de lugar quando recebo visitas!

Vovó desliza a mesinha quadrada para a frente do sofá.

Eu me sento em uma das banquetas que ela puxa de baixo da mesa.

– Muito legal.

Minha mãe me olha como se eu não devesse incentivar aquilo. Vovó despeja chá de uma jarra em três copos e depois coloca dois deles na mesa. São taças de vinho sem haste, do tipo que se deve usar para vinho tinto. Só sei disso porque Nathan é insuportavelmente pretensioso em relação a vinhos. Gosto de beber vinho direto da garrafa.

– Que bom que você gostou. Sua mãe é totalmente contra.

Tomo um longo gole de chá e sorrio para ela. Vovó não pergunta se a visita quer o chá adoçado ou não. Na opinião dela, só há uma maneira de preparar chá gelado: doce o suficiente para deixar uma boa camada de açúcar no fundo do copo. (Ela está certa.)

Minha mãe agita os braços de uma forma reprovadora.

– Você tinha uma casa de três quartos! E agora vive em um armário!

– Microcasas são muito modernas. Os *millennials* adoram.

– Você não é uma *millennial*.

Ela dá de ombros uma vez, um dar de ombros que deixaria Arya Stark orgulhosa.

Minha mãe olha para mim. Duas linhas verticais idênticas surgem entre suas sobrancelhas.

– A sua casa antiga era linda. Tinha aqueles janelões na cozinha e um jardim de inverno nos fundos.

Ela fala isso para mim como se eu não me lembrasse da casa. Como se eu não tivesse passado muitas noites lá quando era criança para evitar a gritaria e a tensão em casa. Vovó e eu nos sentávamos à mesa da cozinha, comendo doces que acabavam com meu apetite no jantar, enquanto olhávamos pelas imensas janelas para a vizinha que sempre tinha que correr pela rua atrás do cachorrinho dela.

– O jardim de inverno era muito quente na maior parte do tempo – digo.

Minha mãe suspira.

Vovó concorda com a cabeça e, em seguida, pega uma garrafa de vodca em um armário. Despeja um pouco no próprio chá.

Minha mãe franze os lábios.

– Mãe, ainda não é nem meio-dia.

– E daí? – Ela se serve de um pouco mais. – Lucy, quer?

– Não, obrigada. – Tento não rir.

– Eu realmente não entendo como alguém pode virar alcoólatra aos *70 anos* – diz minha mãe.

Vovó se senta à cabeceira da mesa.

– E por que não? Do meu ponto de vista, é o momento perfeito pra isso. Aqui é muito chato.

Comprimo os lábios com força para não rir. Minha mãe murmura algo que não consigo entender.

– Vamos dar um tempo por hoje, tá bem? – Vovó toma um longo gole. – Você pode voltar a julgar todas as escolhas que eu faço na vida depois que a Lucy voltar pra Los Angeles.

Minha mãe dá um suspiro pesado, mas não discute. Ela ajusta a parte da frente de sua blusa verde-clara, como se estar com o decote em ordem pudesse resolver essa situação também.

– Como andam as coisas em Los Angeles? – pergunta vovó. – Como está o Nathan?

– Hum... Acho que estamos prestes a terminar.

Ele ainda não encontrou os colhões para me dar um fora oficial, mas recebi um "Acho que a gente deveria conversar depois que você voltar" e ainda não respondi.

Minha mãe olha de mim para vovó, com uma leve careta. Ela não sabia sobre Nathan. Agora me ocorre que provavelmente não faz ideia da frequência com que falo com vovó, que é muito mais do que falo com ela.

Vovó também notou a expressão da minha mãe e agora parece muito satisfeita consigo mesma.

– E como está Plumpton? Diferente de quando você foi embora?

– Um pouco. Tem uma Starbucks.

Minha mãe toma o chá e faz outra careta. Ela o coloca na mesa, empurrando-o para o outro lado.

– Já sabe o que quer fazer pra festa? – pergunta ela.

– Ah, sim, fiz uma lista.

Vovó pula da cadeira (ela se movimenta como se tivesse muito menos de 80 anos) e pega um pedaço de papel na bancada da cozinha. Ela o entrega para mim. É uma lista de convidados, algumas sugestões de comida e uma lista de coquetéis. Na parte inferior, em letras maiúsculas, está escrito TORTA.

– Em vez de bolo? – pergunto, apontando para a palavra.

– Isso. Vários tipos de torta. Mas tem que ter de noz-pecã. E de maçã. E de pêssego.

Dou risada.

– Tá bem. Tenho certeza de que o meu pai pode cuidar disso.

Minha mãe assente.

– O Don faz uma torta de maçã excelente.

Vovó olha para mim.

– Sabia que o cara do rádio está na cidade?

– Podcast, mãe. Eles chamam de podcast agora.

Minha mãe me lança uma olhadela e em seguida desvia o olhar depressa.

Esfrego meus braços, arrepiados.

– Sim, minha mãe me contou.

A imensa garrafa de vodca ainda está na bancada. Eu me imagino esmagando-a na cabeça da minha mãe.

Uma voz suave sussurra no meu ouvido: *Vamos matar...*

– Ele já tentou entrar em contato com você? – pergunta vovó.

Vamos matar...

Agora não. Balanço a cabeça e a voz vai embora.

– Ele me mandou um e-mail.

Minha mãe fica aturdida.

– Falando o quê? – pergunta ela.

– Me pedindo uma entrevista.

– E o que você falou?

– Nada. Não respondi.

Ela estala a língua.

– Que falta de educação.

– Eu nunca respondo aos e-mails sobre a Savvy.

– Não te julgo – comenta vovó.

Minha mãe se inclina para trás na cadeira.

– Ele foi muito legal.

– Claro que foi. Ele queria algo de você. – Vovó volta a atenção para mim. – Você vai visitar alguém enquanto estiver aqui? Algum dos seus velhos amigos?

Bufo.

– Que amigos?

Podcast *No Rastro da Mentira*, com Ben Owens

EPISÓDIO DOIS:
"ELA NÃO HESITARIA EM METER A FACA EM ALGUÉM"

Quando voltou para Plumpton depois da faculdade, Lucy se mudou para um bairro conhecido como "Quarteirão". Na verdade, o Quarteirão é composto por vários quarteirões que formam um quadrado. A uma curta distância a pé da principal rua do centro da cidade, a área um dia havia sido bastante precária, um local que não acompanhou o crescimento do restante de Plumpton.

Cerca de vinte anos atrás, muitas das antigas casas foram demolidas e algumas foram reformadas. Logo, aquele se tornou um local popular para casais jovens e abastados comprarem casas, e agora é uma das áreas mais exclusivas da cidade.

Matt e Lucy compraram a Casa Hampton, o que causou um alvoroço na vizinhança. Conversei com Joanna Clarkson, que foi uma das primeiras pessoas a se mudar para o bairro com o marido.

Joanna parece um furacão, andando de um lado para outro em sua cozinha enorme e iluminada, tentando preparar um lanche para mim antes que eu finalmente consiga fazer com que ela se sente e converse comigo.

Joanna: A Casa Hampton era uma casa grande e bonita, construída no início do século XX. Foi transformada em museu nos anos 1970, que fechou nos anos 1990, e depois passou anos lacrada com tábuas, na época em que a região entrou em declínio. Quando começaram a reformar a área, não demoliram a construção. Eles quebraram tudo por dentro e a transformaram em uma casa linda e charmosa. Varandas panorâmicas e janelas imensas... Você já viu?
Ben: Na verdade, passei por lá mais cedo.
Joanna: É muito bonita. Acho que em algum momento falaram que seria transformada em uma pousada... Mas imagino que os planos tenham mudado, e ela foi vendida primeiro para Dale, o prefeito. Ele e a esposa moraram lá por alguns anos, depois colocaram o imóvel à venda bem quando o Matt e a Lucy estavam se mudando para cá. Houve várias ofertas, mas o Dale escolheu os dois por causa da Lucy.
Ben: Ele conhecia a Lucy?
Joanna: Conhecia os pais dela. Todo mundo conhecia. Parecia natural que a casa ficasse com ela, levando em consideração a história da família com a cidade. Eu me lembro de pensar que a Lucy tinha tido muita sorte de se casar com um homem que tinha dinheiro. De outra maneira, jamais teria conseguido comprar aquela casa. Na verdade, as pessoas achavam que a Lucy tinha dado sorte com o Matt de forma geral.
Ben: Ah, é? Ele era muito querido por aqui?
Joanna: Aham. Tá brincando? As pessoas *adoravam* ele. E dava... dava pra ver, né?
Ben: Dava pra ver o quê?
Joanna: Ah, homens. Desculpa, meu bem, não leve para o lado pessoal, mas o caso

do Matt e da Lucy realmente parece provar que homens só se importam com a aparência. Porque a Lucy, bem, ela é linda, mas...

Ben: Mas?

Joanna: Bem, acho que uma pessoa não precisa ser legal quando tem aquela aparência, não é?

Ben: Mas ela tinha muitos amigos? Pelo que consta, ela era bastante sociável.

Joanna: Acho que sim.

Também conversei com Nina Garcia, que foi uma das melhores amigas de Lucy no ensino médio. Nina é enfermeira em um hospital das redondezas e ainda está vestida em uniforme cor-de-rosa e com o cabelo escuro se soltando de uma presilha quando chego à casa dela.

Nina: Desculpa, turno de doze horas. Estou meio dispersa. O que você perguntou?

Ben: Você ficou surpresa quando a Lucy voltou pra cá depois da faculdade?

Nina: Não, de forma alguma. A família da Lucy, a materna, está aqui há tipo... desde sempre. Acho que eles foram uma das famílias que se estabeleceram originalmente aqui. E, mesmo que não fosse do tipo líder de torcida como a Savvy, ela ainda apreciava a vida de cidade pequena. Ela dizia que éramos uma cidadezinha descolada, tipo Stars Hollow.

Ben: Não conheço Stars Hollow. Onde fica?

Nina: De *Gilmore Girls*, Ben. Você precisa se inteirar da cultura televisiva do início dos anos 2000.

Ben: Vou tratar disso imediatamente.

Nina: Enfim... Só que com mais vinho. Somos como Stars Hollow, mas com mais vinho e botas de caubói. A Lucy e eu nos afastamos um pouco na época da faculdade, fomos para universidades diferentes, mas fiquei animada quando ela me mandou uma mensagem dizendo que voltaria para cá com o Matt depois do casamento. Ela disse que ele tinha se apaixonado pela cidade quando visitaram os pais dela e queria abrir uma cervejaria/restaurante. Achou que seria perfeito, já que temos muitos turistas. Imaginou que poderia conquistar os maridos que não gostavam de vinho. Acho que não deu certo. O local ficou aberto apenas por alguns anos.

Ben: Então vocês se reencontraram quando ela voltou?

Nina: É... Mais ou menos. Quer dizer, esse era o plano. Mas nós duas havíamos mudado e foi um pouco difícil. Eu estava prestes a ter meu primeiro filho, e ela ainda não estava pensando nisso, então não tínhamos muito em comum. E meu ex... Bem, ele preferia que eu ficasse em casa. Aí a Lucy começou a sair com a Savvy e algumas mulheres da vizinhança dela. A nossa amizade simplesmente esfriou. Amizades de escola nem sempre chegam à vida adulta, né?

Ben: Claro.

Nina: E a Lucy e a Savvy... Elas tinham uma daquelas amizades intensas, tipo uma obsessão, sabe?

Ben: Não sei.

Nina: Acho que costuma acontecer mais entre mulheres. Mas às vezes você conhece uma garota que é simplesmente sua alma gêmea. Não de uma forma

romântica, mas como amizade. O que pode ser até mais intenso. Dava pra perceber que a Savvy e a Lucy estavam num desses relacionamentos intensos de amigas almas gêmeas.

Ben: Um relacionamento intenso geralmente tem altos e baixos bem sérios. Elas brigavam?

Nina: Na verdade, não sei. Eu não saía muito com elas.

Ben: Ouvi dizer que a Lucy tem um temperamento difícil. Você concorda com isso?

Nina: Tipo... Sei lá. As pessoas diriam que ela tem um temperamento difícil se fosse um homem? Diriam que ela se defendeu quando foi necessário.

Então é desse ponto que eu parto. A Lucy não tinha medo de se defender.

9

LUCY

Só me dou conta de que é sábado quando entro no mercado. Sem trabalhar, perco a noção do tempo.

Mas, pelo visto, é sábado, então Plumpton inteira está fazendo compras. Há dois grandes mercados na cidade, mas o outro é uma porcaria e vende só os alimentos que sobram.

Mesmo assim, eu deveria ter ido lá.

Porque, desde o instante em que entro, percebo que as pessoas me reconhecem.

Ninguém em Los Angeles jamais me reconheceu. Antes do podcast, eu era famosa apenas em um pequeno recanto da internet em que as pessoas são obcecadas por assassinatos. Há gente muito mais interessante para se ver em Los Angeles. Um cara de uma série policial faz compras no supermercado perto da minha casa. Ninguém vai notar uma possível assassina quando o cara que parece levemente irritado com sua bela parceira há oito temporadas está apalpando abacates na seção de hortifrúti.

Mas não há atores apalpadores de abacates em Plumpton. *Eu* sou a maior celebridade da cidade.

Empurro meu carrinho e passo por um imenso cesto de papel higiênico,

tentando fingir que uma mulher com um capacete de cabelo grisalho não está me encarando sem o menor pudor. Fico me perguntando se deveria saber quem ela é. Fiz o melhor que pude para bloquear todas as minhas lembranças das pessoas dessa cidade, com exceção de Savvy. Ela é a única lembrança que quero ter, o que é um tanto irônico.

Minha mãe fez uma lista: algumas coisas básicas de que precisam, como ovos e pão, além de alguns itens para a festa. Empurro o carrinho pelos corredores o mais rápido possível. Ela não colocou leite na lista, mas pego mesmo assim, com a expectativa de que isso incentive meu pai a fazer biscoitos. E bolo de chocolate. Se tenho que ficar aqui, pelo menos vou aproveitar um pouco a comida dele.

Empilho as compras no carrinho, pego vários pacotes de doce (açúcar é minha maior fraqueza, a não ser que se leve em conta a incapacidade de parar de assassinar pessoas mentalmente) e me dirijo às longas filas do caixa.

– Lucy?

A voz familiar e perplexa soa alto o suficiente para que pelo menos metade do mercado ouça.

Tento não estremecer quando me viro para encontrar a fonte. Nina Garcia está na fila do caixa ao lado, literalmente boquiaberta.

– Uau. Oi.

Ela apoia as mãos nos quadris, que estão um pouco mais largos do que da última vez que a vi. Na verdade, está mais curvilínea no todo. É o tipo de mulher que fica bem com aqueles vestidos apertados na cintura. Já eu fico horrorosa com esses vestidos. Tipo uma vara vestindo um saco.

– Oi, Nina.

Tento sorrir. Não a vejo nem falo com ela desde antes da morte de Savvy. Se eu a tivesse encontrado dois dias atrás, talvez ainda estivesse amargurada com isso.

Depois de ouvir o podcast, estou achando mais difícil guardar rancor. E geralmente sou muito boa nisso. É um dos meus maiores talentos.

– Ora, vem cá, garota, me dá um abraço!

Ela dá um passo à frente e me abraça antes que eu tenha chance de reagir. Seu cabelo escuro longo e ondulado tem cheiro artificial de coco.

Não sei como lidar com a gentileza de Nina. Vai ver é uma coisa do Texas, sei lá. Essa falsa simpatia "vou fingir que está tudo bem, mesmo te odiando" dos texanos não se aplicou a mim da última vez que estive aqui. No entanto, talvez cinco anos seja tempo demais para manter esse nível de hostilidade. Texanos são muito educados (na frente dos outros).

Mas, no podcast, Nina não parecia me odiar. Ela não me defendeu com fervor, mas também não estava me atirando aos leões. Há muitas histórias que ela poderia ter contado da época do ensino médio que me fariam parecer péssima.

Não sei como lidar com isso. Eu me sentiria muito mais confortável se ela tivesse gritado para mim "Espero que você seja atropelada por um caminhão!" do outro lado do mercado.

Mas abraçar? Abraçar é estranho.

Dou um tapinha nas costas dela e tento não parecer desconfortável quando ela se afasta.

– Ouvi dizer que você estava vindo pra cá, mas, sinceramente, não acreditei. – Ela aponta um dedo para mim, de cima a baixo. – A propósito, você tá ótima. Como andam as coisas em Los Angeles?

– Estão indo... bem. É ensolarado, sabe como é.

– Ah, imagino. Fui lá uma vez. Fiz todo o passeio turístico, vi as marcas das mãos e tudo o mais.

Os olhos dela se voltam para algo atrás de mim e, ao me virar, vejo duas mulheres me encarando. Uma delas fica olhando fixamente quando nossos olhares se encontram.

Ela está ao lado de uma tesoura, e me imagino arrancando-a do plástico e enfiando-a no pescoço dela.

Se você cortar desse jeito, vai sangrar muito, vamos matar...

Merda. A voz voltou. Merda.

Estava torcendo para que ela desaparecesse de novo se eu fingisse que não está aqui. Tudo andava muito calmo desde que saí de Plumpton.

Vamos matar...

– Como vai sua mãe? – pergunta Nina. – Ouvi dizer que foi uma fratura feia.

Desvio o olhar das mulheres hostis, e a voz se acalma.

– Acho que ela tá bem. Sabe como ela é.

– Sei, sim. – Ela ri, e a mulher na frente dela avança. Nina empurra o carrinho e se volta para mim. – Você tá aqui só pro aniversário da sua avó ou...?

– Por que mais eu estaria aqui?

Ela parece confusa.

– Ah, bem, só pensei que com o Ben de volta à cidade... Sabe quem ele é, né?

Meu estômago dá uma cambalhota ao ouvir o nome do podcaster arrogante. Dou uma olhada rápida ao redor, como se ele pudesse estar à espreita.

– Pois é, minha mãe me contou que ele estava por aqui.

Nina morde o lábio e parece aliviada por poder avançar com seu carrinho novamente. Ela se inclina sobre os expositores de salgadinhos e protetores labiais.

– Vamos nos encontrar em breve, tá? Vou te ligar. Você tem que passar lá em casa, ver as crianças.

Não é possível que ela queira que eu veja os filhos dela. Não sou uma pessoa adequada para lidar com crianças. Ela com certeza está sendo educada dessa vez.

– Claro.

Ela sorri.

– A gente se fala em breve, Lucy.

Podcast *No Rastro da Mentira*, com Ben Owens

EPISÓDIO DOIS:
"ELA NÃO HESITARIA EM METER A FACA EM ALGUÉM"

Conversei com muitos dos antigos amigos de Lucy e pessoas com quem ela cresceu, e um tema surgiu em nossas conversas.

> **Jill:** A Lucy tinha um temperamento explosivo. Ela não hesitaria em meter a faca em alguém.

Essa é Jill Lopez. Na verdade, foi no casamento dela que Lucy e Savannah estavam na noite do homicídio, um fato que não gosta que eu mencione.

> **Jill:** Sim, era o meu casamento. E, sim, tenho ódio da Lucy por ela ter arruinado essa lembrança para sempre. Eu nem conhecia ela direito. Ela só foi convidada porque minha mãe queria chamar a cidade inteira.
> **Ben:** Mas você conhecia a Lucy bem o suficiente pra saber que "ela não hesitaria em meter a faca em alguém"?
> **Jill:** Todo mundo sabe disso.

Ross Ayers, um colega de turma do ensino médio, sentiu pessoalmente o peso do temperamento de Lucy.

> **Ross:** Tá vendo isso? Bem aqui?
> **Ben:** Seu nariz?
> **Ross:** Esse calombo. Foi a Lucy. Ela quebrou meu nariz no último ano.
> **Ben:** Ela quebrou seu nariz?
> **Ross:** Quebrou. Eu queria poder ter sido testemunha em algum julgamento, contado pra todo mundo como ela era doida. Eu não fui sequer o primeiro cara que ela agrediu! Ela tinha batido num cara numa farmácia uns meses antes.
> **Ben:** O que aconteceu? Quando a Lucy bateu em você, digo.
> **Ross:** Estávamos no estacionamento depois da aula, eu e uns amigos, só esperando nossas caronas, quando a Lucy apareceu. Ela olhou pra mim e ficou totalmente transtornada. Aquela garota tinha um olhar assassino. Alguns caras que estavam por perto tinham acabado de jogar basquete, então ela arrancou a bola da mão de um deles e jogou em mim. A apenas alguns metros de distância. Acertou bem no meu nariz. Depois ela gritou alguma coisa, nem me lembro o que foi, *me deu um soco* e foi embora. Quer dizer, não, ela não foi embora. Uma amiga arrastou ela pra longe.
> **Ben:** Por que ela fez isso? Vocês já haviam interagido antes?
> **Ross:** Muito pouco! Algumas vezes na aula e tal, mas acho que nunca tivemos uma

conversa de fato. Ela simplesmente surtou. Sei lá por quê.

Depois disso, falei com Emmett Chapman. Emmett era um dos amigos mais próximos de Lucy no ensino médio.

Emmett: Eu e a Lucy éramos amigos... desde sempre? Na verdade, não consigo me lembrar da escola sem a Lucy. Na época do ensino fundamental, os professores nos colocavam em fila em ordem alfabética, e a Lucy ficava sempre atrás de mim. Chapman e Chase, nossos sobrenomes. E ela começou a me defender sempre, então nos tornamos amigos.
Ben: A te defender?
Emmett: É, eu sofria muito bullying no fundamental. Eu era bem pequeno e, em geral, um alvo fácil, por isso passei por muita coisa. Mas a Lucy sempre foi legal comigo. Ela não tinha medo de falar alto. Eu era uma criança muito tímida. Ela gritava com as pessoas por mim.
Ben: Então, ela tinha um temperamento difícil? Tenho ouvido muito isso das pessoas.
Emmett: Hum, não sei se diria isso. Não, não diria.
Ben: Vocês mantiveram contato depois do ensino médio?
Emmett: Sim. Nós dois estudamos na UT, mas não nos vimos muito depois do primeiro ano. Simplesmente nos juntamos a grupos diferentes e vivemos nossa vida. Mas voltamos pra Plumpton depois da formatura e nos tornamos grandes amigos de novo. Na verdade, eu saía com o Matt e a Lucy o tempo todo, levava a mulher que eu estava namorando na época. Eles eram nosso casal de amigos.
Ben: Você também era amigo da Savannah?
Emmett: Era, sim, com certeza. Não no ensino médio, mas mais tarde, quando todos voltamos pra cá.
Ben: Vocês eram próximos?
Emmett: Não, eu era mais amigo do Matt e da Lucy. Mas a Savvy sempre foi muito legal comigo. Ela era legal com todo mundo.
Ben: Como você descreveria o relacionamento entre a Lucy e a Savannah?
Emmett: Elas eram chegadas. Não sei o que dizer além disso. As pessoas sempre parecem querer que eu traga alguma grande revelação ou que diga que elas se odiavam em segredo, mas eu não via nada disso.
Ben: O que você pensou quando soube que a Lucy era a principal suspeita do assassinato da Savannah?
Emmett: Fiquei em choque. Nem em um milhão de anos poderia imaginar que a Lucy machucaria a Savvy.

10

LUCY

Domingo à noite, vovó me pede para buscar nosso jantar na Lanchonete Plumpton. Quando estou saindo, minha mãe me informa que as saladas são nojentas e me diz para não pedir uma.

– Quem pede salada numa lanchonete? – pergunto, com um pé para fora da porta, a umidade pegajosa e o ar-condicionado gelado se misturando de um jeito estranho e desagradável.

Ela funga.

– Bem, todo o resto pinga gordura.

– Parece delicioso.

Fujo antes que ela possa se convidar para ir junto.

A lanchonete existe desde que eu era criança e parece exatamente a mesma do lado de fora. Do lado de dentro, mudaram os assentos, do plástico vermelho rachado para um tom de azul muito mais agradável. Está mais limpo do que eu me lembrava.

Vou até o balcão e pergunto sobre o pedido ao adolescente ruivo que está lá. A julgar pela expressão de tédio em seu rosto, ele parece não me reconhecer.

– Ainda não tá pronto. – Ele olha para o celular, coçando uma espinha na bochecha. – Pode se sentar enquanto espera.

Deslizo para um banco instável no balcão, olhando para os outros clientes ao redor. É cedo para jantar (são cinco horas), e o lugar está bem vazio. Há um casal no canto e uma mãe com os dois filhos a uma mesa próxima. E um homem de cabelo escuro sozinho a uma mesa perto da janela, olhando para mim.

Eu o reconheço na mesma hora. Ben Owens. O podcaster arrogante. Ele ergue uma das mãos. Está acenando para mim.

Quase dou risada.

Depois, eu me imagino enfiando o carro na lateral da lanchonete. Atravessando a janela. O corpo de Ben esparramado sobre o capô.

Atingir o sujeito com o carro é sem graça, a voz sussurra no meu ouvido. *Coloca as mãos em volta do pescoço dele até sentir a vida se esvair. Seria divertido, não? Ele provavelmente merece. Eles sempre merecem. Vamos matar...*

Cala a boca, digo à voz, calmamente.

Não pode ser um bom sinal o fato de eu ter começado a falar com ela outra vez.

Ben não se mexe, mas inclina um pouco a cabeça, com um olhar de expectativa no rosto. Talvez seja um convite.

Imagino que ele simplesmente vai se levantar e vir até aqui se eu recusar.

Desço do banco e cruzo a lanchonete.

Você tem um pescoço tão bonito, *moço*, diz a voz. *Seria uma pena se algo acontecesse com ele.*

Ele sorri, mostrando os dentes brancos e perfeitos. Aparelho ortodôntico e clareamento regular. Esses dentes não são assim por acaso.

Suspeito que nada em Ben Owens seja por acaso. Ele estende a mão.

– Olá. Ben Owens.

Ignoro a mão.

– Eu sei quem você é.

Ele indica o assento à frente. Há um sanduíche pela metade na mesa, ao lado de um notebook, que ele fecha e empurra para o lado. Ele também vira um caderninho para baixo, para que eu não possa ver o que está escrito.

– Senta aqui, por favor.

Ainda estou parada ao lado da mesa feito uma tonta e acho que não fui até ali só para dar oi.

Deslizo para o assento. Ele deixa a caneta cair no chão e tem que se levantar para pegá-la. Está apreensivo.

Eu o imaginava muito mais tranquilo. Confiante. No controle da situação.

Ele se acomoda de novo na mesa. Os olhos escuros encontram os meus por

um instante, e então seu olhar foca em qualquer lugar, menos em mim. Não sei se ele está nervoso, constrangido ou apenas muito tenso.

– Esta conversa é extraoficial – digo. – Não quero falar de nada que vá parar no podcast depois.

– Tem algo que queira me contar?

Ele fica mexendo nas bordas das folhas do caderno, como se estivesse ansioso para virá-lo e escrever algo. Os dedos são compridos, com unhas bem aparadas, e eu logo desvio o olhar.

– Não, nada específico. Só queria deixar claro que não vou te dar entrevista.

– Certo. Extraoficial, então.

– Certo.

– Fiquei sabendo que você estava na cidade. Como está a sua mãe?

– Bem, obrigada. Também fiquei sabendo que você estava na cidade. Por quê?

– Porque você está aqui.

Ergo uma sobrancelha. Pelo menos ele é honesto.

– Achou que eu poderia mudar de ideia sobre a entrevista quando visse pessoalmente seu rostinho encantador?

Os cantos dos lábios dele se contraem.

– Talvez.

– Você já conseguiu algumas entrevistas boas.

– Você está ouvindo?

– Estou.

– O que está achando?

– Fascinante.

– Obrigado.

Ele aparentemente não notou (ou preferiu ignorar) meu sarcasmo.

Eu me recosto no assento, apoiando a sola dos sapatos na mesa, perto dele.

– Então, qual é o veredito? Fui mesmo eu?

Ele esfrega as bordas do caderno com mais determinação, me lançando um olhar irreverente.

– Ouvi dizer que você é direta.

– É um dos meus muitos encantos.

– Estou coletando e apresentando evidências, não fazendo quaisquer julgamentos.

– Mentira sua, você vai acabar dando alguma opinião. Eu ouvi a primeira temporada.

– Obrigado por ter ouvido. E, em algum momento, sim, vou dar minha

opinião, mas não agora. – Ele se inclina para a frente, com os braços sobre a mesa. – Deixa eu te entrevistar. Ninguém nunca fica sabendo o seu lado da história.

– O meu lado da história só vai te decepcionar, Ben. Ainda não me lembro de nada.

– Não é disso que eu tô falando. Quer dizer, sim, se de repente você se lembrar do que aconteceu naquela noite, por favor, me liga na mesma hora...

– Você vai ser a primeira pessoa pra quem vou ligar, sem dúvida – digo, em um tom seco.

– ... mas você pode contar a sua versão em muitos outros pontos. Seu relacionamento com a Savannah, com o Matt, o que aconteceu na festa de casamento...

– Não vou expor meu relacionamento com a Savvy pra ser julgada mais uma vez por todo mundo. Odiei fazer isso da primeira vez e não vou fazer de novo.

Olho de relance para o balcão. O adolescente desapareceu.

– Gostei dos seus livros – disse Ben.

Meu olhar se volta para o rosto dele.

– Como é que é?

– Seus livros. Os livros de Eva Knightley.

Deixo os pés caírem da mesa e me endireito. Ele parece arrogante de novo.

– Como você descobriu?

Um buraco começa a se formar no fundo do meu estômago.

Vamos matar, vamos matar, vamos matar...

– Meu investigador é muito bom.

Arrogante, arrogante, arrogante.

– Escuta, esses livros... – Junto as mãos, estalando os dedos. – Não posso assinar com meu nome. Quer dizer, ninguém quer ler romances de uma mulher que supostamente deu uma porrada fatal na cabeça da melhor amiga.

Ele parece sobressaltado com isso.

– E consegui manter esse nome em segredo até agora, e gostaria muito que você...

– Relaxa, Lucy, não vou contar pra ninguém.

Ele abre um sorriso. Presunçoso. Hesito.

– Se eu te der uma entrevista.

– O quê? Não. Meu Deus, Lucy, não estou *chantageando* você. Eu gostei mesmo dos livros.

– Você lê romances?

– Bem, não, foram meus primeiros, mas talvez eu devesse ler mais, porque eram muito empolgantes. Gostei mais daquele com o casal que fingia ser casado.

– Por quê?

– Pelo visto, eu gosto de uma boa história sobre casamentos falsos. É algo que descobri a meu respeito recentemente.

É difícil conter o riso e meus lábios se contraem. Merda.

– Não, por que você leu meus livros?

– Fiquei interessado. E pensei em colocar isso no podcast, pra ser sincero. Ler alguns trechos. Mas não consigo ver a relevância. A Paige, minha assistente, disse que colocar isso no podcast seria escroto, e tenho que concordar.

– Gostei da sua assistente.

– Ela é mais inteligente do que eu.

– Senhora?

O adolescente do balcão reapareceu e está falando comigo, segurando uma imensa sacola plástica cheia de embalagens de comida para viagem. Sei que aqui todo mundo chama as mulheres de *senhora*, não importa a idade, mas mesmo assim meus olhos tremelicam. Moro em Los Angeles há tempo demais.

Começo a deslizar para fora da mesa.

– Só uma pergunta. – Ben estende a mão para a frente como se fosse me tocar. Mas não faz isso. Ele coloca a palma das mãos sobre a mesa. – Extraoficial.

– Você pode perguntar, mas talvez eu não responda.

– Até que ponto você conhecia Colin Dunn?

Dou um suspiro. Maldito Colin Dunn.

– Você acha que foi o namorado da Savvy que fez aquilo. Que original. Por que será que ninguém mais pensou nisso? – digo, sem rodeios.

Literalmente todo mundo já pensou nisso. É sempre o namorado ou o marido.

Só que, nesse caso, não era.

– Até que ponto você conhecia ele? – repete.

– Não muito bem.

O semblante de Colin atravessa minha mente. Ele tinha um rosto lindo. Um maxilar bem marcado e um sorriso ligeiramente torto. Savvy adorava o sorriso dele.

– Você acha mesmo que o Colin foi direto pra casa naquela noite? Por que vocês largaram ele e o Matt no casamento?

Deslizo para fora da mesa.

– Já são três perguntas, Ben.

– Nunca fui bom em seguir regras.
Meu Deus, ele não vale nada.
Ben pega minha mão e coloca um cartão nela.
– Me liga se quiser falar sobre o Colin depois do episódio de amanhã.

11

LUCY

–Porra, vovó, como assim?

Largo as embalagens de comida na mesa e me viro para encarar minha avó, que está esparramada no sofá no meio de sua microcasa, assistindo a um dos filmes dos *Vingadores*.

Ela pisca para mim com os olhos arregalados e inocentes.

– Como assim o quê?

– Você me mandou na lanchonete porque sabia que aquele podcaster desgraçado estava lá.

– Bem... Foi mesmo.

– Por favor... – Faço uma pausa, fechando os olhos brevemente enquanto me recomponho. – Por favor, não me diga que você planejou essa festa só pra me trazer aqui e falar com aquele cara.

– Não sei por que você está perguntando. É bastante óbvio que foi exatamente isso que eu fiz.

– Ah, meu Deus. – Caio em uma cadeira e coloco a mão na testa. – Por que você... O quê... *Por quê?*

Ela se levanta, ajeitando o coque que sacode no topo da cabeça. Vai até a mesa e tira a comida da sacola.

– Você já *viu* ele?

– Você me entregou pra um apresentador de podcast porque ele é *bonito*?

– Ele não é só bonito. Meu Deus. Ele chega a ser mais bonito do que... aquele cara ali, qual o nome dele?

Tiro a mão da testa e vejo que ela está apontando para a televisão.

– Chris Evans. – Reviro os olhos. – Ele não é mais bonito do que o Chris Evans.

– Bem, vamos concordar em discordar. – Ela coloca o hambúrguer e as batatas fritas na minha frente. – Mas, não. Eu não te entreguei por ele ser bonito. Só estou dizendo que isso pode ter ajudado quando ele apareceu na minha porta com aquele sorriso.

– Sorrisinho presunçoso – murmuro.

– Ah, sim, muito. Esse garoto está extremamente orgulhoso de si mesmo. – Ela ri e vai até o minifrigobar. O vestido verde largo esvoaça ao redor das panturrilhas. – Quer uma cerveja?

– Não, obrigada.

Ela abre uma e depois se senta à mesa. Coloca uma batata frita na boca.

– Acho que ele é sua melhor chance.

– Melhor chance de quê?

– De descobrir quem matou a Savannah. Nós conversamos por um bom tempo, e ele foi muito direto comigo. Ele quer descobrir a verdade, não só te colocar na berlinda feito todo mundo.

Dou uma mordida no meu hambúrguer para não ter que responder a isso. Não quero dizer a ela que a ideia de Ben descobrir a verdade me apavora.

Ela aponta para mim. As unhas são de um rosa vivo, o esmalte lascado nas pontas, como se ela tivesse cutucado.

– Não faz essa cara.

– Que cara?

– Como se você fosse culpada e tivesse alguma coisa a esconder.

Vamos matar...

Dou outra mordida no hambúrguer.

– Eu falei pra ele que te convenceria a dar a entrevista – diz ela.

– É bem ousado da sua parte achar que poderia realmente fazer isso.

– Lucy, não vamos fingir que você não vai fazer isso por mim. – Ela dá um tapinha na minha mão.

Droga.

– Você precisa dele – prossegue ela.

– Eu não preciso desse babaca.

– Ah, precisa, sim. As pessoas acreditam nos homens. Principalmente em homens com aquela aparência. Se ele disser que não foi você, se trouxer dúvidas suficientes, as pessoas vão acreditar nele. Olha só o caso daquele tal de Ronan Farrow. Ninguém acreditava que o cara do cinema tinha atacado todas aquelas meninas até ele dizer que era verdade.

Dou um suspiro, porque ela tem razão.

É claro que isso também significa que, se Ben concluir que fui eu, estarei ferrada em dobro.

– Ele resolveu um caso arquivado na primeira temporada do podcast – diz vovó. – Vai descobrir o que aconteceu, e você vai ajudar.

– Os Harpers contrataram três investigadores particulares e não encontraram nada. Como o Ben vai resolver isso do nada?

– Ele disse que encontraria informações que ninguém mais tinha.

Pego uma batata frita.

– Como exatamente ele vai fazer isso?

– Bem, pra começar, você vai ajudar o rapaz. E, além do mais, ele já encontrou.

Paro com a boca entreaberta, pronta para dar uma mordida.

– Como é?

– O Colin não foi direto pra casa depois do casamento.

Podcast *No Rastro da Mentira*, com Ben Owens

EPISÓDIO TRÊS:
"O MATT ERA MUITA AREIA PARA O CAMINHÃOZINHO DELA"

Colin Dunn estava namorando Savannah havia alguns meses quando ela foi morta. Vou deixar que ele mesmo se apresente.

Colin: Eu era um grande babaca. [*risos*] Pois é, cara, eu simplesmente não gostava daquela vida de cidade pequena. Odiava cada segundo daquilo e me odiava por não ter coragem suficiente pra simplesmente pegar um ônibus e ir embora. Eu meio que descontava muito disso na Savvy.
Ben: Descontava nela? Como?
Colin: Eu não era tão legal com ela. Sei que provavelmente não deveria admitir isso, ou que deveria tentar passar uma boa imagem, mas sei lá, cara. Só sinto que preciso ser sincero.
Ben: Vamos voltar um pouco. Como vocês se conheceram?
Colin: No bar onde ela trabalhava. Eu não tinha idade pra beber, mas andava com uma identidade falsa... Cara, será que posso falar isso? Estou admitindo um crime?
Ben: Tá tudo bem.
Colin: Bem, então, eu tinha 19, 20 anos, sei lá, e usava uma identidade falsa. Acho que a Savvy não sabia que era falsa. Não, ela com certeza não sabia. Sempre achei que eu era uma má influência pra ela. A Savvy era uma garota muito legal, amorosa, e eu *não* era um cara muito legal. Acho que se a gente tivesse se conhecido uns anos depois, talvez eu tivesse sido um cara melhor pra ela, mas... bem, ela foi assassinada. O que é uma pena.
Ben: É mesmo uma pena.
Colin: Enfim, a gente se conheceu no bar e se deu bem logo de cara.
Ben: Isso foi quando?
Colin: Início do ano, tipo janeiro. Ou seja, uns quatro meses antes de ela morrer.
Ben: E vocês namoraram até a morte dela?
Colin: Tipo... Não sei se *namorar* é a palavra certa. Nós não... É, quer saber, vamos considerar que namoramos. Isso. A Savvy era uma garota legal. Mais legal do que eu, sem dúvida.
Ben: Você conhecia os amigos dela?
Colin: Hum, mais ou menos. Alguns deles.
Ben: Você conhecia a Lucy? Já tinha estado com ela antes do casamento?
Colin: Conhecia, encontrei com ela duas vezes. Uma no bar e outra num dia em que apareci na casa da Savvy e a Lucy estava por lá. Então, eu sabia quem ela era, mas, tipo... não éramos amigos.
Ben: Você teve alguma impressão específica em relação a ela?
Colin: É... Ela era gata.

Ben: Mais alguma coisa?
Colin: Na verdade, não.
Ben: Você conhecia o Matt?
Colin: Conheci no casamento.
Ben: E vocês passaram o casamento com ele e a Lucy?
Colin: Passamos. Estávamos na mesma mesa.
Ben: O que achou deles?
Colin: A Lucy, na verdade, não falou comigo. Não foi algo grosseiro, só uma coisa meio "não temos nada em comum". Eu e o Matt conversamos um pouco sobre basquete... A festa foi durante as finais da NBA. O Matt era divertido. Ele foi àquele casamento pra se divertir. Bem, você já sabe disso.
Ben: E você viu isso acontecer?
Colin: Ah, vi, sim. Ele estava completamente bêbado.
Ben: Como ele estava agindo? Um bêbado feliz, um bêbado irritado...?
Colin: Bêbado bem feliz, pelo que me lembro. Ele dançou muito, riu... Ignorou totalmente a Lucy, que parecia puta com alguma coisa.
Ben: Com ele?
Colin: Não sei, cara. Perguntei pra Savvy, e ela disse que a Lucy estava bem. "Não se preocupe", foi o que ela falou. Como se não fosse da minha conta. E não era. Eu não me importava, na verdade.
Ben: A Savvy levou você de carro pro casamento, mas foi embora sem você. O que aconteceu?
Colin: A Lucy e o Matt brigaram, acho. Não sei o motivo. Mas a Savvy parecia chateada com isso e pediu pro irmão dela, Keaton, me levar pra casa. Mas não fui com ele. Eu não morava longe, então fui a pé.
Ben: Você foi direto pra casa?
Colin: Aham.
Ben: Sozinho?
Colin: Eu... Aham.
Ben: Uma convidada do casamento disse que viu você entrando num carro com uma mulher.
Colin: Que convidada?
Ben: Alguém que gostaria de ter se manifestado antes. Você entrou no carro de alguém naquela noite?
Colin: Eu... é... olha. Eu meio que... comecei a conversar com alguém depois que a Savvy foi embora, e uma coisa levou a outra...
Ben: E você foi embora com ela?
Colin: Aham.
Ben: Então a sua história, a que você contou pra polícia, de que você foi pra casa e passou a noite toda lá, não era verdade?
Colin: Assim... Eu estava em casa por volta das três da manhã.
Ben: O legista calculou que a morte da Savvy ocorreu entre meia-noite e três da manhã. Então você estava por aí na hora em que ela foi morta.
Colin: Parece grave quando você fala desse jeito. Eu não estava *por aí*. Estava com essa mulher e depois fui pra casa.

Ben: Ela confirmaria a história?
Colin: Não... Tipo, ela não pode.
Ben: Por que não?
Colin: Ela não era exatamente... solteira.
Ben: Ela estava em um relacionamento.
Colin: Pois é.
Ben: Você foi pra casa dela?
Colin: Não...
Ben: Pra onde vocês foram?
Colin: Pro carro dela. Ela dirigiu um pouco pela estrada, e a gente simplesmente... Acho que ninguém no casamento percebeu nossa ausência. Com certeza, ninguém notou que *eu* tinha ido embora. Se o marido dela ficou desconfiado, eu não sei.
Ben: E depois ela te levou pra casa?
Colin: Não, eu fui a pé. Ela tinha que ir pra casa.
Ben: Você voltou pra casa, sozinho, sei lá... À uma da manhã? Às duas? Na chuva?
Colin: A cidade é segura, cara.
Ben: Só estou tentando esclarecer a ordem dos acontecimentos. Você estava por aí, sozinho, quando a Savvy foi morta. Mas você mentiu pra polícia e disse que voltou pra casa logo depois que ela foi embora.
Colin: Eu não matei ela.
Ben: Mas essa é a ordem correta dos acontecimentos?
Colin: Eu não matei ela. Ei, a gente pode começar de novo? Tô sentindo que falei merda.

12

LUCY

Ligou pro Ben?

Olho para a mensagem que vovó acabou de me enviar.

– Não quer mesmo rosas? Sua mãe disse rosas cor-de-rosa.

A florista olha para mim desconfiada, como se eu tivesse entrado na loja dela com a intenção de arruinar a festa de aniversário da minha avó.

Ligo para vovó e coloco no viva-voz. Ela atende de imediato.

– Alô?

– Vovó. Qual a sua opinião sobre rosas cor-de-rosa?

– Fala pra sua mãe que vou vomitar nas rosas cor-de-rosa dela.

Ergo as sobrancelhas diante da florista. Ela franze os lábios finos e vermelhos, como se estivesse extremamente insultada em nome de todas as rosas cor-de-rosa.

Tiro do viva-voz e coloco o celular no ouvido.

– O planejamento da festa está indo muito mal e seu aniversário vai ser um desastre.

– Mal posso esperar. Já ouviu a entrevista de hoje com o Colin? Ligou pro Ben?

– Ainda estou pensando, traidora. Ligo pra você mais tarde, tá? Tenho que

impedir esse desastre das rosas.

– Ah, sim, por favor.

Encerro a chamada e volto minha atenção para a florista de rosto vermelho.

– Gérberas. Nada de rosas de cor nenhuma.

• • •

Volto para a casa dos meus pais e vejo minha mãe tentando varrer o chão com uma mão enquanto se apoia em uma única muleta com a outra. Deixo a bolsa na mesa da cozinha e pego a vassoura da mão dela.

– Obrigada, meu bem, as meninas vão chegar daqui a dez minutos e a casa não pode estar parecendo um chiqueiro.

Ela afofa o cabelo, que já é fofo o bastante para deixar a maioria das mulheres do sul orgulhosa.

– Quem são *as meninas*?

Varro umas migalhas de um canto e as junto à pilha. Minha mãe vai cambaleando até o sofá.

– Umas amigas. Elas vêm aqui a cada duas semanas pra tomar chá. Às vezes, fazemos um clube do livro, mas hoje, não. Terminamos um na semana passada.

– Qual?

– Ah, nem sei. Eu nunca leio. Quem ainda tem paciência pra ler?

Bufo enquanto varro a sujeira para a pá de lixo. Ela se vira para me encarar.

– Você passou no restaurante pra dar uma olhada no espaço?

– Passei. É muito bonito.

– E aprovou o cardápio?

– Eles me deram uma degustação das almôndegas. Recomendo muito.

Jogo fora o conteúdo da pá e guardo a vassoura no armário.

– Soube hoje pela Janice que ela e seu tio Keith fizeram uma reserva na pousada, então não precisa se preocupar com isso. A Ashley e o Brian também.

– Eu não estava nem um pouco preocupada com isso.

– Sua tia Karen também – diz ela, me ignorando. – Tudo certo. Ninguém precisa de carona. Eles vêm de carro de Houston.

Eu jamais ofereceria carona para familiares com quem não falo há anos.

– Conversou com a florista sobre as flores? – pergunta minha mãe.

– Conversei.

– Ela vai fazer arranjos de mesa com rosas cor-de-rosa?

– Com certeza. – Vou em direção à escada. – Melhor eu não ficar por aqui,

né?

– Imagina! Eu falei pra elas que você ficaria com a gente. Não me envergonhe.

– Tarde demais pra isso, não acha?

– Quis dizer que você não vá se esconder no quarto quando eu disse que você ficaria com a gente.

– Tá bem. Esse abacaxi é seu.

– Nunca entendi essa expressão e prefiro que você não me explique.

A campainha toca. Minha mãe afofa o cabelo mais uma vez e faz um gesto indicando que eu atenda.

Vou até a porta e a abro. Percebo imediatamente que *chá* significa *vinho*.

Quatro mulheres estão na varanda da frente, cada uma munida de uma garrafa de vinho. Dois brancos, dois tintos.

Eu me esforço muito para não me imaginar matando todas elas com cada garrafa daquelas, destroçando seus crânios, mas fica difícil quando elas mesmas trazem a arma do crime.

Em vez disso, sorrio e as convido a entrar.

Três delas eu conheço: Marian, uma mulher agradável com cabelo ruivo vivo (pintado) e um sorriso que congela no lugar toda vez que nossos olhares se encontram; Betsy, que tem um capacete de cabelo grisalho encaracolado e me diz exatamente quantas calorias têm os brownies que ela trouxe (285 por fatia – "Não são diet!"); e Peggy, uma mulher muito baixinha que me segue até a cozinha, me diz quais taças de vinho devo pegar no armário e depois as lava, embora pareçam perfeitamente limpas para mim.

Janet é nova. Ela se mudou para a cidade há cinco anos, então nunca tivemos o prazer de nos conhecer. Parece nervosa ao apertar minha mão. Não a julgo.

Marian de fato prepara um chá (muito bom), mas é óbvio que o vinho é a atração principal. Ela dá a todas nós uma caneca, em seguida Peggy serve o vinho nas taças, que agora estão extremamente limpas.

Pego uma taça de vinho quando me oferecem, mas dou apenas uns golinhos, porque sou fraca para bebida. Não preciso ficar bêbada com essas senhoras em plena luz do dia.

Minha mãe está no sofá com a perna quebrada esticada à frente, e Peggy se acomoda na outra ponta. Janet e Betsy ocupam a namoradeira, e eu me sento à mesa da cozinha com Marian.

Peggy franze a testa enquanto toma o vinho.

– Não estou lembrada... Lucy é diminutivo de Lucille?

Faço que não com a cabeça.

– É só Lucy, então?

– É.

Peggy ergue as sobrancelhas como se discordasse da escolha do nome feita por meus pais. Olho de relance para minha mãe, mas ela está sorrindo de um jeito simpático. Pego um brownie de 285 calorias da mesa de centro e dou uma mordida. É muito gostoso.

– Está uma delícia – digo.

Betsy abre um sorriso enorme. Marian olha para a minha mãe.

– Como estão os planos para a festa de aniversário?

Minha mãe dá um suspiro dramático.

– Ah, acho que tudo bem. Mas minha mãe não ajuda em nada. Só fica perguntando quais coquetéis vão ser servidos.

– Entendo perfeitamente – diz Janet, dando um gole no vinho.

Betsy reabastece para ela.

– Tem sido uma provação e tanto ligar para a família inteira e trazer todo mundo até aqui em tão pouco tempo – prossegue minha mãe. – Fico pensando se essa festa não foi uma má ideia.

– Claro que não foi! – exclama Janet. – Vai ser ótimo ter toda a sua família reunida no mesmo lugar mais uma vez.

– Você está ajudando sua mãe, não está? – pergunta Peggy com um tom acusatório.

– A Lucy tem sido muito prestativa – responde minha mãe de pronto. – Mas ela não pode ajudar com as ligações. Algumas pessoas da minha família ficariam muito assustadas se a Lucy ligasse pra elas de repente.

– Não consigo nem imaginar o motivo – comento secamente.

Janet parece horrorizada. Betsy se remexe no assento, claramente desconfortável. Peggy parece encantada.

– Ah, para com isso. – Minha mãe toma um longo gole de vinho. – Todas nós estamos pensando nisso, então é melhor falar logo.

– Por que não? – Pego outro brownie.

– São 285 calorias – repete Betsy.

– Eu sei.

– Achei que você poderia ter esquecido.

Dou uma mordida.

– Não esqueci, não.

– Você é uma dessas mulheres que podem comer tudo que quiser e não

ganham peso? – pergunta Marian.

Ela parece extremamente ofendida com isso. Mais ofendida do que quando minha mãe, não tão sutilmente, mencionou o fato de eu ser uma suspeita de homicídio.

– Ela tem predisposição genética pra ser magra – diz Janet, apontando para minha mãe.

– Ela corre uns 15 quilômetros toda manhã – informa minha mãe.

– Não são *15* quilômetros. Pelo menos, não todo dia. Mas, pois é, posso comer o que quiser e não ganho peso.

Não é verdade, mas me divirto com a cara azeda de Marian quando digo isso. Dou outra mordida no brownie.

– Enfim, acho que a Lucy poderia assumir parte do planejamento, mesmo que a família fique surpresa ao receber uma ligação dela – sugere Peggy.

Dou de ombros.

– Por mim, tudo bem.

– Viu só? Por ela não tem problema.

Minha mãe revira os olhos.

– A Lucy não se importa de assustar as pessoas.

– Ela tem razão – digo, terminando meu brownie.

Betsy tira as mãos das coxas e as sacode alegremente.

– Vamos mudar de assunto! Lucy, você mora em...

– Você já se encontrou com aquele rapaz? – interrompe Peggy. – O que está fazendo o podcast? Qual é o nome dele?

– Ben – diz Janet.

– Isso, Ben. Ele é muito bonito, né? Não sei o que ele está fazendo no rádio. Deveria ter sido ator.

– Achei que ele tem cara de bebê. – Marian coloca uma mecha de cabelo ruivo atrás da orelha. – Mais novo que meu filho. Ele por acaso já terminou a faculdade?

Minha mãe pega um brownie, claramente influenciada por minhas boas decisões.

– Ele tem uns 25 anos, acho.

– Ele tem 28 – corrijo.

Todas se viram para me olhar.

– Você ouviu o programa? – pergunta Peggy.

– Ouvi.

– Saiu um episódio novo hoje – comenta Janet. – É muito bem-feito, né?

– Quem vocês acham que traiu o marido com o Colin? – sussurra Peggy e depois dá uma gargalhada.

Só ouvi metade do episódio de hoje, mas sempre achei Colin burro e preguiçoso demais para matar alguém. Decido não dividir isso com ninguém, já que sou a única outra suspeita até o momento.

– Estou fascinada. Mal posso esperar pra descobrir se fui eu mesmo.

A boca de Janet fica escancarada.

– Lucy, pare de tentar chocar as pessoas – diz minha mãe em um tom amigável.

– Na verdade, eu não preciso tentar, mãe.

– *Enfim*. – Peggy dá um pigarro. – Kathleen, como está sua perna?

13

LUCY

Tento evitar passar pela Casa Hampton. Digo a mim mesma que não preciso vê-la e que *com certeza* não preciso correr o risco de encontrar Matt, que está morando lá com sua nova esposa.

No entanto, acabo atravessando a cidade de carro mesmo assim. Ninguém nunca me acusou de tomar boas decisões.

O sol tinha acabado de se pôr quando cheguei, os postes de iluminação já estavam acesos. Os gramados ainda estão perfeitamente aparados e não há um único carro estacionado na rua. A associação de moradores proprietários está sempre de olho.

Encosto no meio-fio em frente à casa e desligo o motor. Está igualzinha a antes. As flores que escolhi para acompanharem a fachada da casa ainda estão no mesmo lugar. Assim como os vaporizadores no alto da varanda, meu maior esforço para deixá-la confortável nos meses de verão (não deu certo).

Pelas janelas da frente, dá para ver as persianas de madeira branca que escolhi, totalmente fechadas. Acho que não faz sentido se livrar de persianas personalizadas, mas mesmo assim fico surpresa de ela não as ter jogado fora. Eu teria ficado preocupada com a possibilidade de estarem amaldiçoadas. Talvez tivesse queimado tudo na casa em que a ex-mulher assassina do meu novo

marido morava.

Gostei de decorar a casa, mesmo sem querer de fato. Matt era o único encantado com ela, com o que ela diria sobre nós.

"Essa casa vai fazer com que a gente vire as estrelas da cidade", disse ele. "Todo mundo vai falar disso."

Ele estava certo, é claro. A cidade inteira estava falando disso.

Mas Matt sempre está certo. Basta perguntar a ele.

Eu vinha relutando em aceitar dinheiro dos pais de Matt, a única maneira de comprarmos a casa. Ele disse que eu não me preocupasse. Os pais haviam reservado dinheiro para a primeira casa dele anos antes. Matt falou isso mais ou menos assim: "É óbvio que eles fizeram isso. *Quem não separa quase um milhão de dólares pra primeira casa do filho?* É óbvio!"

Nunca consegui me acostumar com o estilo de vida de gente rica. Havia sempre tanta *culpa* envolvida. Toda vez que os pais dele vinham nos visitar, pequenos insultos eram lançados por toda parte. Comentários sobre manutenção e valor de revenda. Uma fala sarcástica sobre a cervejaria (pela qual eles também pagaram). Eu preferia ser quebrada em um apartamento cujo dono tem fetiche em pés do que lidar com aquilo.

Um carro entra na rua, e logo giro a chave na ignição, virando a cabeça para que o motorista não veja meu rosto. Observo o carro ficar cada vez menor no retrovisor e, aos poucos, solto o ar.

Uma batida na janela me faz dar um pulo.

Eu me viro para olhar pela janela do lado do passageiro. É Matt.

Podcast *No Rastro da Mentira*, com Ben Owens

EPISÓDIO TRÊS:
"O MATT ERA MUITA AREIA PARA O CAMINHÃOZINHO DELA"

Stephanie: Desculpa, mas o Matt era muita areia para o caminhãozinho dela.
Ben: Por que você acha isso?
Stephanie: Não era só *eu* que pensava assim. Era uma percepção bastante comum.

Conversei com muitas pessoas sobre Matt, inclusive com Stephanie Gantz, que era amiga dele e de Lucy e morava no mesmo bairro. Ela conseguiu me dar uma entrevista enquanto levava os filhos adolescentes para o treino de futebol.

Stephanie: O Matt era muito simpático. Muito fácil de conviver. Ele foi na minha casa e tomou uma cerveja com meu marido no dia em que se mudou pra cá. Só conheci a Lucy alguns dias depois... Sou daqui, mas sou uns dez anos mais velha, então não conheci a Lucy quando ela era mais jovem. E foi tipo... beleza. Não era a mulher mais calorosa do mundo. É estranho que ela e a Savvy tenham se tornado tão amigas, na verdade.
Ben: E por quê?
Stephanie: Porque a Savvy era um amor. Animada, encantadora, o pacote completo. Ela combinava mais com o Matt, se quer saber.
Ben: Mas você e a Lucy acabaram se tornando amigas?
Stephanie: Conhecidas, acho. Eu morava no fim da rua, e somos um grupo muito unido aqui. Mas a Lucy nunca se encaixou muito bem. Ela era muito nova. Eu e as outras mulheres... Eu provavelmente não deveria dizer isso, mas tudo bem. Todas nós costumávamos fazer piada dizendo que a Lucy era a primeira esposa do Matt. A gente sempre soube que uma segunda estaria por vir.
Ben: Porque eles eram jovens ou por algum outro motivo?
Stephanie: Porque eles eram jovens, sem dúvida. Naquela idade, parece divertido ter alguém que é o seu oposto. Mais tarde, você percebe que é exaustivo. Quer alguém que traga paz à sua vida, não alguém com quem você esteja sempre em conflito. O Matt e a Lucy viviam em conflito.
Ben: Você está querendo dizer que eles brigavam muito?
Stephanie: Ah, eles definitivamente brigavam muito. Dava pra perceber quando víamos os dois juntos. Eles tinham aquela coisa de tentar disfarçar a briga, torcendo pra que ninguém percebesse. Mas dava pra ouvir a gritaria que vinha da casa deles. Era alto nesse nível.
Ben: Quem gritava? O Matt ou a Lucy? Ou os dois?
Stephanie: Os dois.
Ben: Isso chegou a ser motivo de preocupação? Alguém chegou a chamar a

polícia?
Stephanie: Meu Deus, não. É claro que, sabendo o que sei agora, talvez eu tivesse temido um pouco mais pela segurança do Matt naquela época. E, claro, me sinto muito mal pelo Matt agora, depois de tudo.
Ben: Você está falando do assassinato da Savannah?
Stephanie: Bem, não, estou falando do Kyle. Kyle Porter. Você sabe sobre ele, é claro.
Ben: Ouvi algumas coisas por aí.
Stephanie: Você deveria falar com o Kyle.

14

LUCY

Abro o vidro, feito uma burra.

Matt se inclina para dentro do carro, apoiando casualmente os antebraços na base da janela, com as mãos pendendo sobre o banco do passageiro.

Ele tem mãos incríveis. Dedos compridos e unhas que mantém perfeitamente aparadas. Tenho uma queda por mãos. Uma vez, rejeitei um rapaz depois de um encontro porque ele tinha as unhas compridas. Fim de papo. Ele era muito legal, bonito e nos divertimos bastante, mas eu tinha vontade de vomitar toda vez que pensava naquelas unhas.

Atualmente, Matt usa o cabelo escuro bem mais curto. Fico me perguntando se ele está começando a ficar calvo. Meu lado mesquinho torce para que sim.

Os olhos foram a primeira coisa nele que notei (azuis e brilhantes), e mesmo agora é difícil desviar o olhar deles.

– Oi, Luce – diz ele.

Essa é uma situação de merda na qual eu mesma me meti, por isso não digo nada.

Eu me imagino fechando a janela, prendendo o pescoço dele, pisando no acelerador e arrastando-o pela rua.

Vamos matar...

– Você pretendia bater na porta ou passar a noite toda aqui fora? – pergunta ele.

Dou um suspiro.

– Eu tava só de passagem.

– Você estacionou.

– Estava curiosa pra ver como andava a casa.

Ele dá uma olhada para trás e depois para mim.

– Já que você tá aqui, quer entrar?

Lanço um olhar genuinamente perplexo para ele.

– Acho que a sua esposa não iria gostar disso.

– Nós estamos nos divorciando. Ela voltou pra Houston.

Tento não sorrir. Juro por Deus, tento não ser a babaca que sou, mas fracasso miseravelmente.

Se ele vê a contração em meus lábios, finge não notar.

– Entra – diz ele. – Vamos tomar alguma coisa.

Ele tem aquele brilho nos olhos que significa que já está refletindo se quer transar na cama ou na mesa da cozinha. Ele adorava transar na mesa da cozinha. Escolhemos uma mesa muito resistente especificamente para esse fim. Fico pensando se ele ainda a tem.

Não. Merda. Não. Não vou fazer isso de novo.

Olho pelo vidro da frente.

– Tem certeza de que quer ficar sozinho comigo?

– Lucy. – Ele suspira pesadamente.

É seu suspiro de "A Lucy está sendo ridícula outra vez".

"Lucy, só vai pra casa dos seus pais. Por favor. Só por alguns dias. Preciso pensar." Ele estava parado ao lado da porta de entrada quando disse essas palavras para mim, estalando os dedos, nervoso. Eu me lembro de concluir que ele estava pronto para fugir correndo dali.

Ele parecia apavorado. Com medo de mim. Eu havia chegado do hospital havia menos de 24 horas. A polícia ainda não tinha começado a me interrogar de verdade. A mídia ainda não havia se voltado contra mim.

Mas Matt? Matt tinha certeza de que eu era culpada. Meu marido estava com muito medo de ficar na mesma casa que eu.

– Talvez outra hora.

Engato a primeira marcha, e ele volta para a calçada.

Não olho pelo retrovisor ao ir embora.

15

LUCY

Vejo Ben assim que entro na lanchonete, sentado diante da mesma mesa da última vez, digitando em um notebook.

Ele ergue o olhar e sorri para mim. Vovó tinha razão em uma coisa: ele tem o sorriso de um super-herói. Não precisa entrar em pânico, senhora, este belíssimo cavalheiro está aqui para ajudar. Essa é a energia de Ben.

A simpatia deve ser atuação, o jeito dele de tentar me convencer a dar uma entrevista, mas é uma boa atuação. Preciso reconhecer. Ele parece mesmo satisfeito em me ver.

Vou até a mesa e deslizo para o lado oposto ao dele. O plástico pegajoso range contra minhas pernas nuas.

– Na verdade, não achei que você fosse entrar em contato – diz ele.

Dou de ombros. Havia lhe enviado um e-mail na noite anterior pedindo a ele que nos encontrássemos nessa manhã.

– Este é o nosso ponto de encontro oficial agora?

– Bem, estou aqui na maior parte dos dias, então é o meu ponto de encontro oficial, sim.

– Você vem aqui pra trabalhar? Não tem um quarto de hotel ou algo do tipo?

– Tenho. Mas gosto de trabalhar em cafeterias ou lanchonetes. E o Vince

disse que não se importava, porque eu não venho nos horários de pico. Além disso, peço muita comida. – Ele pega o cardápio e o estende para mim. – Quer alguma coisa? O hambúrguer é bom. O sanduíche de frango ao pesto é muito bom. Não recomendo o sanduíche de atum.

– Não, tudo bem.

– Tem certeza? É por minha conta. Eles também servem café da manhã o dia todo, e a *french toast* é ótima.

Hesito. Na verdade, praticamente não comi ainda, a não ser por uma banana depois de correr. E aqui dentro tem cheiro de gordura e caramelo. Meu estômago ronca.

– Você quer muito uma *french toast*, né? Boa escolha. – Ele se endireita, olhando na direção da cozinha, onde posso ver o topo de uma cabeça. – Ei, Vince! Bota mais uma *french toast* no meu pedido!

– *Bacon?* – pergunta uma voz.

Ben olha para mim, e assinto.

– Aham!

– *Deixa comigo.*

– Obrigada.

– Tranquilo. – Ben fecha o notebook. – Como estão os preparativos da festa?

– Minha mãe te falou sobre isso?

– Sua avó me contou.

– Tudo bem, acho.

– Acha?

– Você quer mesmo falar sobre a festa de aniversário da minha avó?

Uma mecha de cabelo escuro cai sobre sua testa, e ele a joga para trás.

– Não. Estava sendo educado. Jogando conversa fora.

– Não sou boa nisso.

– Notei.

– Algumas pessoas acham que isso significa que sou só uma babaca.

– Não ser boa em jogar conversa fora faz de você uma babaca?

– Pelo visto, sim. É o que algumas pessoas dizem.

Minha mãe, entretanto, é sempre sutil em relação a isso. "Pessoas educadas conversam umas com as outras, Lucy! Elas perguntam como vai o seu dia."

– Você é babaca? – pergunta ele.

– Mais ou menos.

– Bem, você é sincera.

– Eu tento.

Ele tamborila os dedos na parte superior do computador, e tento não prestar atenção. Ele está se divertindo. Comigo, acho.

– Vejo que estamos caminhando para a seção "piranha traidora" do podcast – digo.

Ele apenas pisca, claramente surpreso.

– Eu...

– Tudo bem. Tô acostumada. Mas não é exatamente uma informação nova e, ao contrário da crença popular, eu quero muito que você desvende isso, Ben.

Carne derretida tem cheiro de churrasco, e, no fim, não há *cadáver. Só vitórias!*

Cerro o maxilar, afastando a voz.

Vamos matar...

– Por que não trabalhamos juntos? – pergunta Ben.

– Eu realmente não estou interessada em me envolver nesse lance do podcast.

– Não tô falando do podcast. Não diretamente, pelo menos. Não vou te pagar.

– A proposta já parece irrecusável.

– Me ajuda a descobrir quem matou a Savannah.

– Além de mim, você quer dizer.

– Que seja, você. Se foi você, eu vou contar pra todo mundo.

Aí está o maldito sorriso de super-herói de novo. Ele é dos irritantes. Do tipo que reclama que não consegue ter uma namorada porque se preocupa demais com ela. Sofrido demais para namorar. Esse tipo de super-herói.

– Justo – respondo.

– Deixa eu te entrevistar. E trabalha comigo nos bastidores.

– O que você acha que eu posso te contar?

– Você conhecia a Savannah melhor do que ninguém. E, no meio de todas essas informações, quase não tenho nada vindo diretamente de você. Me conta a sua versão. As suas teorias. Tenho teorias pra dar e vender aqui e preciso saber se algumas delas estão erradas. Me ajuda.

Vince aparece com minha *french toast* e o sanduíche de Ben. Ele franze a testa para mim e depois olha para Ben.

– Você sabe quem é essa? – pergunta ele.

Reviro os olhos.

– Por que eu estaria sentada aqui se ele não soubesse quem eu sou?

A carranca de Vince se intensifica. Ele segura o prato fumegante com a *french toast* junto ao peito, como se não soubesse ao certo se quer que eu a coma.

– Obrigado – diz Ben, com sinceridade. – Parece tudo ótimo.

Vince cede, colocando o prato na minha frente e fazendo com que a bolota de manteiga que estava em cima deslize pela lateral do pão.

Fico observando enquanto ele se afasta.

– Acho que ele não gosta mais de você. – Pego a calda de caramelo na ponta da mesa. – Aliás, é isso que acontece quando se anda comigo. Pode ir se acostumando.

– Isso significa que você vai me ajudar?

Dou uma mordida na *french toast*. Ben tinha razão, é muito boa.

– Tá.

Ele fica animado.

– Sério?

– Sério.

– Isso inclui uma entrevista? Oficial?

– Inclui.

Agora ele está claramente encantado.

– Sério mesmo?

Ele pega o celular e começa a digitar.

– Por que você parece tão surpreso? Minha avó planejou uma festa de aniversário todinha só pra me fazer vir até aqui pra esse fim. Você achou que ela não iria me convencer?

– Pra falar a verdade, não.

– Vou contar pra ela sobre sua falta de fé. Ela não vai ficar nada contente.

– Tarde demais, já estou mandando mensagem pra ela.

Ele olha por um instante para o celular com um sorrisinho sarcástico.

– Você tá mandando mensagem pra minha avó?

– A gente se fala sempre.

– Meu Deus do céu.

– A Beverly me adora – comenta ele, presunçoso.

– Estou bem ciente disso.

– O sentimento é mútuo. – Ele olha de relance para mim. – A propósito, você tá enganada.

– Em relação a quê?

– Novas informações. O Kyle botou algumas pra fora.

Podcast *No Rastro da Mentira*, com Ben Owens

EPISÓDIO TRÊS:
"O MATT ERA MUITA AREIA PARA O CAMINHÃOZINHO DELA"

Kyle Porter mora em Austin, e eu o encontro no centro da cidade, no salão de conferências de um hotel badalado. Ele está indo tomar um drinque com um colega e parece o personagem principal de uma série jurídica sexy. Elegante, descolado sem fazer esforço.

Kyle: Acho que fazia mais ou menos um ano que a Lucy estava morando em Plumpton quando a gente se conheceu. Depois que ela voltou pra lá já adulta, quero dizer. Eu ia muito a Plumpton a trabalho e, num fim de semana, encontrei ela e a Savvy no bar. A Lucy ficava por lá às vezes durante o dia, quando não tinha movimento, e escrevia.
Ben: Escrevia?
Kyle: Ela estava escrevendo um livro. Ela levava o notebook pro bar, o que era um pouco engraçado. Eu vi que ela estava sentada lá, digitando, então me aproximei e perguntei: "Você está bebendo ou trabalhando?" E ela me disse que estava escrevendo um livro, o que achei legal. Começamos a conversar.
Ben: E o que aconteceu depois?
Kyle: Acho que foi no terceiro fim de semana em que fui à cidade. Naquela terceira vez, percebi que ela estava me esperando e que estava mais... solta. Tem um hotel ao lado desse restaurante, e, depois de umas taças de vinho, arrisquei e perguntei se ela queria pegar um quarto.
Ben: Você sabia que ela era casada?
Kyle: Vi a aliança. Mas eu era solteiro e, sinceramente, não estava atrás de um relacionamento. Uma mulher casada parecia ser o ideal, na verdade.
Ben: Qual foi sua impressão em relação à Lucy? Ela parecia feliz?
Kyle: *Feliz* não é bem a palavra, não. A Lucy era complexa. Tinha muitas camadas. Ela não estava interessada em deixar as outras pessoas confortáveis, o que eu de fato gostava nela. Não é uma característica comum em uma mulher.

Ela parecia ter mais do que os 20 e poucos anos que de fato tinha. Uma alma velha de verdade. Uma pensadora, bastante contemplativa. Ela estava escrevendo aquele livro, mas ficava tão presa dentro da própria cabeça... Não me surpreende que nunca tenha conseguido publicar nada.
Ben: A Lucy conversou com você sobre o casamento dela?
Kyle: No começo, não. Mas o nosso... rolo continuou por meses, quase um ano, e ela acabou falando um pouco sobre o marido.
Ben: Você tinha a impressão de que era um casamento feliz?
Kyle: Eu tinha a impressão de que era complicado. Mas a maioria dos casamentos é. Não é? Nunca fui casado. Mas é o que sempre achei. Parecia conturbado, pra ser sincero. Ela era tão jovem. Sou uns quinze anos mais velho do que ela, e me lembro

de ter a impressão de que nenhum dos dois deveria ter se casado.

16

LUCY

Dei meu número de celular para Ben antes de sair da lanchonete ontem, empanturrada de *french toast* e arrependimento. Nunca dei meu número a um jornalista (embora alguns tenham descoberto o antigo) e não consigo me livrar da sensação de que cometi um erro grave.

Na verdade, ando refletindo se tenho cometido uma série de erros graves ultimamente. Toda a droga da minha vida ao longo dos últimos dias foi um erro grave, a começar pela decisão de cruzar o país de avião para visitar minha avó traidora. Minha avó traidora, que passa cerca de oitenta por cento (estimativa baixa) do dia bêbada. O julgamento dela claramente não é confiável.

Meu celular toca quando estou sentada no escritório da minha mãe, olhando para o pôster em cima da mesa dela que diz FAÇA DO HOJE UM DIA INCRÍVEL A PONTO DE DEIXAR ONTEM COM INVEJA. Olho para baixo e vejo uma mensagem de Ben.

Tá livre hoje à tarde?

Ultimamente tenho passado os dias olhando para uma citação motivacional que beira a positividade tóxica enquanto penso em maneiras de escrever cenas de

beijo sem repetir a palavra *lábios* quinze vezes na mesma página. É claro que estou livre.

Digito uma resposta bem sucinta:

Por quê?

Quer conhecer minha assistente?
Ela está na cidade.

Eu me viro na cadeira da escrivaninha da minha mãe. Na verdade, quero conhecer a assistente dele, sim, o que é surpreendente. Ela pareceu inteligente na última temporada do podcast. Deu uma chamada em Ben.

Tá bem. Onde?

Estamos no
Hotel Plumpton. Quarto 226.

Agora?

Quando você puder. Vamos ficar
trabalhando.

Em seguida, deixo meu notebook no quarto e continuo tomando minhas péssimas decisões: dirijo pela cidade até o melhor hotel de Plumpton.

Ben atende a porta, vestido de um jeito despojado, com calça jeans e uma camiseta cinza desbotada.

– Oi.

Ele se afasta para que eu possa entrar. O quarto é uma suíte básica com uma cozinha e uma pequena sala de estar, e há dois notebooks na mesa de centro. Uma mulher bonita, negra, de cachos longos e grossos, com um sorriso simpático, está sentada no sofá.

– Obrigado por ter vindo – diz Ben. – A Paige não acreditou que eu realmente consegui que você concordasse em dar uma entrevista.

Paige se levanta.

– Seu merdinha arrogante. Isso não ajuda em nada o seu ego.

– Paige, esta é a Lucy. Lucy, esta é minha assistente, Paige. Ela me odeia.

– Desculpa. – Ela está se dirigindo a mim agora, com a mão estendida. – É um prazer te conhecer.

– O prazer é meu.

– Por favor, senta e me conta como ele fez com que você concordasse em

falar pro podcast.

Eu me acomodo na cadeira no canto da sala enquanto Paige volta a se sentar no sofá. Ben permanece de pé na cozinha, encostado na bancada.

– Quer alguma coisa? – pergunta ele. – Água? Ou café? É tudo que eu tenho. Ah, e uísque.

– Estou bem, obrigada.

Paige me analisa com tanta intensidade que me pergunto se ela está tentando memorizar meu rosto para poder pintá-lo mais tarde.

– Paige – diz Ben.

– O quê?

– Você tá fazendo aquilo de novo.

Ela pisca.

– Claro. Desculpa. É grosseiro da minha parte dizer que você é diferente das fotos que vi?

– Não. – Eu me recosto na cadeira. – As únicas fotos que espalharam por aí foram aquelas em que eu parecia desonesta.

– É isso mesmo. – Ben estala os dedos. – Eu ficava pensando que havia alguma coisa em você que era surpreendente.

– A ausência de desonestidade?

– Ou a expressão, pelo menos. Seu nível de desonestidade ainda vai ser revelado.

– Acho que sim.

Paige está me encarando novamente.

– Paige – diz Ben.

Dessa vez, ela não desvia o olhar.

– Não *acredito* que você está aqui sentada conversando com a gente. Você ouve o podcast?

– Ouço.

– Tá. Tá bem. – Paige se inclina para a frente no sofá, pressionando as palmas das mãos uma contra a outra em uma pose de oração. Posso sentir a empolgação dela. – Não sei por onde começar.

– Paige, ela não veio dar entrevista – diz Ben. – Eu só pedi pra ela passar aqui pra dar um oi.

Ele está me preparando para a entrevista. Se me sentir à vontade com ele e com Paige, é mais provável que eu me abra. Que dê informações valiosas aos dois.

Não tenho ideia de quais seriam essas informações valiosas, mas acho que ele

pode ter esperança.

– Eu sei. – Paige abaixa as mãos. – Mas só uma pergunta. Eu preciso saber, porque tenho uma teoria.

– Claro.

Por que não? Manda ver, Paige.

Nunca matei uma mulher, mas estou disposta a experimentar qualquer coisa ao menos uma vez.

Eu me remexo no assento, tentando ignorar a voz. Ela vem ficando mais alta ultimamente. Não pode ser um bom sinal.

– Por que você deu um soco em Ross Ayers na época do ensino médio?

Pisco diante dela, surpresa. Não sei qual pergunta estava esperando, mas com certeza não era essa.

Deveria ter matado ele. Porra, teria sido muito mais satisfatório.

– Ninguém sabe. A gente perguntou pra todo mundo – continua Paige.

Não, só Emmett sabia, e ele sempre foi bom em guardar segredos.

– Ele estava tirando fotos por debaixo da saia de uma garota da nossa sala – respondo.

– Eu sabia. – Paige faz dois punhos como se tivesse vencido ou estivesse se preparando para dar um soco em alguém. – Sabia que era algo do tipo.

Ben parece assustado, como se essa não fosse uma teoria que ela tivesse compartilhado com ele.

– Acho que ele me viu contando pra professora, porque as fotos tinham sumido quando olharam o celular dele – explico. – Não contei pra ninguém porque a garota com quem ele fez isso me pediu. Ela estava com vergonha. Então, achei que, como ele não estava sendo punido, eu deveria resolver isso com minhas próprias mãos.

– Paige...

– Eu sei, ligar pro Ross e ver se ele pode dar outra entrevista. – Ela está digitando no celular dela.

– Ele vai simplesmente negar.

– O Emmett sabia, né? – pergunta Paige. – Ele hesitou quando perguntei sobre isso.

Meu Deus. Agora dá para ver por que esses dois realmente resolveram um caso na última temporada. Eles são mesmo muito bons.

Não sei se fico aliviada ou apavorada.

Tive uma ideia...

– Eu não contei quem era a menina, mas, sim, ele sabia – admito, silenciando

a voz.

– Tenho a impressão de que o Emmett guarda muitos segredos seus, é isso mesmo?

Paige inclina a cabeça. É mais um desafio do que uma pergunta.

– Faz cinco anos que não falo com ele.

– Por que não? – pergunta Ben.

– Pode parecer chocante, mas as pessoas param de ligar quando você é acusada de matar uma amiga em comum.

Penso nas chamadas perdidas no meu celular, nas mensagens de Emmett que ignorei.

Paige está me encarando como se soubesse que estou mentindo. Desvio o olhar.

– Você tem contato com o Matt? – pergunta Ben.

– Não tinha, mas vi ele recentemente.

– E vai ver outra vez?

Dou de ombros.

– Ele falou pra gente se encontrar, mas não respondi. Por quê?

– Ele não quer dar entrevista. Achei que talvez você pudesse dar uma ajudinha pra gente.

Levanto uma sobrancelha.

– Sério? Você quer que *eu* tente convencer o Matt a dar uma entrevista?

– Por que não?

– Ele acha que fui eu.

– Ele tem razão? – pergunta Paige.

Lanço um olhar irreverente para tentar disfarçar a onda de pânico que sinto.

– Quer saber? Tudo bem. Não prometo nada, mas vou tentar.

Podcast *No Rastro da Mentira*, com Ben Owens

EPISÓDIO QUATRO:
"A ALEGAÇÃO DE AMNÉSIA"

> **Repórter (telejornal):** Últimas notícias desta noite: um casamento teve um fim trágico quando uma das convidadas, Savannah Harper, de 24 anos, foi encontrada morta na floresta não muito longe do local da festa. Uma segunda jovem foi encontrada vagando pelas proximidades, também ferida no aparente ataque, e no momento está internada no hospital com um quadro de saúde estável. A polícia pede que qualquer pessoa que tenha informações...

Savannah foi declarada morta no local depois que Gil, o corredor, a encontrou. Mais tarde, o legista determinou que ela morreu por conta de um golpe na cabeça. Dois golpes, na verdade. Alguém a atingiu com um objeto desconhecido duas vezes e a deixou lá para morrer.

De início, acreditava-se que Lucy era uma segunda vítima e não a autora do crime. Ela também havia sofrido ferimentos consideráveis.

No entanto, a polícia não encontrou nenhuma evidência de uma terceira pessoa na cena do crime. A perícia demonstrou que os arranhões nos braços de Savannah tinham sido causados pelas unhas de Lucy e que os hematomas pareciam ter o formato da mão dela também. Quando as testemunhas começaram a contar o que tinham visto no casamento, a narrativa em torno de Lucy mudou.

Conversei com Nina Garcia sobre o que ela viu entre Lucy e Savannah naquela noite.

> **Nina:** Várias pessoas viram a Lucy e a Savvy brigando no casamento, sim.
> **Ben:** O que você quer dizer com brigando? Pode descrever o que viu?
> **Nina:** Eu saí do banheiro, e a Lucy e o Matt estavam se pegando no corredor. A Savvy parecia *fula da vida*.
> **Ben:** A Savvy parecia fula da vida com o fato de a Lucy estar beijando o próprio marido?
> **Nina:** Aham. A Savvy, tipo, deu um pigarro, e eles pararam. Aí a Lucy tentou dizer alguma coisa pra Savvy, e a Savvy interrompeu ela. Não consegui ouvir o que ela disse, mas foi bem tenso.
> **Ben:** Você não ouviu nada mesmo?
> **Nina:** Não. E não vi, mas ouvi falar que mais tarde, quando as duas saíram juntas da festa, a Savvy ainda estava brava. As pessoas viram ela gritando com a Lucy e batendo a porta do carro. Claramente, tinha alguma coisa acontecendo ali.

Lucy insiste, desde o início, em que não se lembra do assassinato de Savannah. Na verdade, ela afirma não se recordar de nada daquela noite.

Este é Colin Dunn de novo, o acompanhante de Savannah no casamento.

Colin: Pois é, a Lucy diz que não se lembra de nada depois de sair de casa naquele dia. Ela não se lembra nem de ter chegado à festa, acho.
Ben: Então, do que ela se lembra? Pelo que você ficou sabendo.
Colin: Ela se lembra de ter entrado no carro com o Matt pra ir até a Byrd Estate. Mas nada além disso. Eu nem sabia que amnésia era um troço real. Achava que tinham inventado isso na TV.
Ben: É real.
Colin: Doideira, cara. Enfim, pois é, eles me pediram pra falar com a Lucy alguns dias depois que ela saiu do hospital.
Ben: Por quê?
Colin: Estavam tentando fazer com que a Lucy se lembrasse do que aconteceu naquela noite. O Matt tinha contado umas coisas pra ela, mas ele estava muito bêbado na festa. Eu consigo controlar a bebedeira. Minha memória estava boa.
Ben: Você não se importou com isso? De ir falar com ela?
Colin: Não, indiferente. Eu me senti mal de... Bem, você sabe. Todo o lance com aquela mulher no carro. Isso não foi legal.

Enfim, fui até a casa dos Chases, porque a Lucy estava hospedada nos pais dela. Pedi a ela que me contasse do que se lembrava *mesmo*, e ela falou: "A gente se encontrou no estacionamento, entramos todos juntos e achamos nossa mesa." Aí eu respondi: "Não, não foi assim." Então ela começou a chorar, o que foi muito estranho.
Ben: A chorar?
Colin: Aham, pelo visto outra pessoa tinha visto o Matt e a Lucy conversando com outro casal no estacionamento, e acharam que éramos eu e a Savvy. Eles tinham dito isso à polícia, porque, na época, estavam tentando juntar as peças, então tudo era importante, sabe? Mas essa pessoa se confundiu ou também estava bêbada, ou algo do tipo, porque na verdade a gente chegou lá só mais tarde. A Lucy e o Matt já estavam na mesa quando entramos.
Ben: Isso chateou a Lucy?
Colin: Cara, chateou muito. Eu fiquei totalmente apavorado. Achei que ela fosse desmaiar ou algo do tipo. A Kathleen e o Don depois me contaram que a Lucy tinha dito que se lembrava de ter entrado na recepção com o Matt, comigo e com a Savvy. Como se ela tivesse criado uma memória totalmente nova em torno de uma informação errada. Acho que tudo foi por água abaixo depois disso. A Lucy não sabia dizer o que era real e o que ela estava criando numa tentativa de se lembrar.
Ben: Você acreditou quando ela disse que não se lembrava de nada?
Colin: Não sei, cara. Ela estaria dando um show e tanto se estivesse mentindo. Eu meio que acreditei nela depois que as pessoas me disseram que amnésia não era só coisa da TV.

O que eu realmente não entendo é: ela não se lembraria de *alguma coisa* em algum momento? Tipo, depois que o ferimento na cabeça sarasse? Isso é suspeito pra mim, cara.

Algo me chamou a atenção durante a conversa com Colin: ele disse que foi ver Lucy apenas dois dias depois que ela saiu do hospital. Ele foi lá especificamente para tentar ajudá-la a recriar a noite

em que a amiga foi assassinada, o que parece ser um grande estresse para alguém que acabou de sofrer um ferimento na cabeça.

De fato, poucas pessoas falam sobre a lesão que Lucy sofreu na cabeça. Foi relatado que ela sofreu um "traumatismo cranioencefálico moderado", que na verdade é uma lesão muito grave. Conversei com um médico que preferiu não se identificar, pois nunca tratou de Lucy Chase, mas ele confirmou que amnésia é, sim, uma coisa real que acontece em casos de lesões cerebrais. A rigor, não é que as pessoas que sofreram uma lesão cerebral *se esqueçam* do que aconteceu, mas o cérebro para de criar memórias. A memória não existe.

Portanto, para responder à pergunta que muitos de vocês têm feito, sim, a possibilidade de amnésia é real. Dada a extensão dos ferimentos de Lucy, é possível que ela, de fato, não se lembre do que aconteceu naquela noite.

Mas será que essa é a verdade? E por que todos em Plumpton estão tão convencidos de que Lucy está mentindo?

17

LUCY

Acho que a gente deveria terminar.

Vejo a mensagem de Nathan assim que acordo. Foi enviada às duas da manhã, horário do Texas. Meia-noite na Califórnia. Fico me perguntando se ele estava bêbado.

Pq?????

Dou risada quando clico em ENVIAR.

O que será que finalmente o levou ao limite? Talvez ele tenha chegado ao episódio sobre a traição envolvendo Kyle. Ele poderia perdoar um homicídio, mas trair meu marido era demais.

São apenas seis da manhã em Los Angeles, portanto não espero uma resposta imediata. Talvez nunca chegue.

A academia da minha mãe aceitou que eu use o passe dela enquanto estiver na cidade, então subo na esteira até que *correr, correr, correr* seja o único pensamento girando no meu cérebro.

Quando volto para casa e tomo banho, Nathan ainda não me enviou nenhuma mensagem, mas Matt, sim.

Cada parte do meu corpo fica tensa quando vejo o nome dele na tela.

Oi. Almoça comigo? Por favor.

Quero ignorar, como ignorei todas as outras mensagens que ele me enviou ao longo dos anos.

Mas penso no pedido de Ben. No pedido de vovó. Em Savvy.

Nunca fui boa em convencer Matt a fazer nada, mas talvez as coisas sejam diferentes agora. Talvez eu seja diferente agora.

Talvez eu seja só ainda mais babaca.

Respondo apenas com:

Claro.

• • •

Matt está esperando à mesa do restaurante mexicano quando chego, mexendo no celular. Ele ergue o olhar e sorri ao me ver caminhando em sua direção.

Uma garçonete passa por mim, segurando uma bandeja de fajitas fumegantes. Ai, ai. Aquelas chapas quentes fariam um belo estrago se fossem usadas para esmurrar um crânio humano. Mas eu teria que tomar cuidado para não me queimar.

Vamos matar...

Não. Não. Não tenho energia para a voz nesse momento. Vamos nos concentrar, cérebro.

Matt se levanta quando me aproximo e me abraça antes que eu possa ter qualquer reação. Ele tem um cheiro familiar: um toque de cedro da loção pós-barba e de menta por causa do hábito de chupar Tic Tac.

Evito olhar para ele quando nos afastamos, porque estou batendo repetidamente um prato de fajitas na sua cara.

Deslizo pelo plástico vermelho, notando que Matt tem uma margarita à sua frente e pediu uma para mim também. Não sou muito fã de beber durante o dia nem de sal na borda do copo, e ele já sabia dessas duas coisas. Também não tenho certeza se ele se importava naquela época.

Meu celular toca, e eu o tiro da bolsa e vejo que Nathan respondeu à minha última mensagem.

Só estamos tomando um caminho diferente um do outro.

Acho que é justo. Possivelmente estou indo para a prisão e ele para os aplicativos de namoro a fim de encontrar uma nova namorada.

Outra mensagem aparece.

Sinto muito. Vou arrumar suas coisas. Me avisa quando quiser vir buscar.

Coloco o celular de volta na bolsa e olho para Matt. O ex-marido na minha frente, o ex-namorado me mandando mensagem para que eu vá buscar minhas tralhas. Estou arrasando mesmo.

– Obrigado por ter vindo.

Matt entrelaça os dedos, deslizando-os até o meio da mesa. Ele claramente se lembra de que gosto das mãos dele.

– Imagina.

Tomo um golinho da margarita, para aliviar a tensão desse dia e porque ele vai comentar se eu não beber. Sempre evito que Matt se irrite.

Na maior parte do tempo.

Com cuidado, pouso o copo. É uma mesa de azulejos mexicanos coloridos, do tipo que pode derrubar a bebida se a pessoa a colocar na borda de um dos azulejos. Matt odeia quando derramo as coisas.

– Como você está? – A sobrancelha dele está franzida de preocupação. – Deve ser difícil estar de volta.

– Tranquilo.

– Tá ouvindo o podcast? – pergunta ele.

– Aham. Estou em contato com ele, na verdade. O Ben.

Ele para com a margarita perto da boca.

– Como é que é?

– Encontrei com ele na lanchonete. Ele pediu minha ajuda.

– A sua... ajuda? – Ele diz *ajuda* como se fosse a coisa mais estranha que já ouviu na vida.

– É, ele quer uma entrevista. Eu pensei: *como assim?*

– Tá falando sério? – pergunta ele, colocando a margarita na mesa. Ela balança nos azulejos irregulares.

– Tô.

– Lucy, isso não é uma boa ideia.

– Por que não?

Ele arregala um pouco os olhos, como se eu já devesse saber a resposta para essa pergunta.

Porque você matou ela, Lucy.

– Ele não tá do seu lado – diz Matt, por fim.

– Não. Não está.

– Então...?

Ele está exasperado. Estou muito familiarizada com essa reação de Matt.

– Não tem ninguém do meu lado. Mas ele não parece estar do lado de ninguém, então é o melhor que eu posso receber.

Ele solta um longo suspiro e toma outro gole de margarita. Ainda estou me acostumando com o cabelo mais curto de Matt. Está tão curto que consigo ver seu couro cabeludo. Há algo nisso que o faz parecer hostil. Seu couro cabeludo está com raiva.

– Ele disse que você não deu entrevista.

– Claro que não.

– Eu não me importo se der. Só no caso de você ter dito não por minha causa.

– Meu Deus, Lucy, é claro que eu disse não por sua causa.

A exasperação está aumentando. "Você poderia demonstrar um pouco de gratidão, caramba!", gritou ele comigo enquanto eu enfiava minhas roupas em sacos de lixo. Ainda não sei pelo que deveria ser grata. Por ele querer continuar casado, mesmo achando que eu havia assassinado minha melhor amiga?

Mesmo agora, não consigo sentir nem um pingo de gratidão por isso.

Tive uma ideia!, grita a voz.

– Acho que você deveria dar uma entrevista.

Mergulho uma batata frita no molho e a coloco na boca.

– Eu literalmente não consigo pensar numa ideia pior.

– Eu vou dar. O Kyle já contou pro mundo inteiro que você tava me traindo. Não quer compartilhar a sua versão?

– Eu não estava te traindo.

TIVE UMA IDEIA!

Consigo não soltar uma gargalhada, o que é um verdadeiro feito.

– Então você *realmente* deveria dar uma entrevista e dizer isso ao Ben.

Ele se inclina para trás na mesa, cerrando o maxilar de uma forma que costumava me deixar nervosa. Tiro o guardanapo do talher e me imagino cravando a faca no olho dele.

– Quer saber? Beleza.

Agora ele me pegou. Esse é seu tom de *vou te dar uma lição*.

– Fala pro Ben me ligar de novo. Eu dou a entrevista.

Podcast *No Rastro da Mentira*, com Ben Owens

EPISÓDIO QUATRO:
"A ALEGAÇÃO DE AMNÉSIA"

Quando a notícia sobre a morte de Savannah foi divulgada, acreditava-se na existência de uma terceira pessoa, a qual teria matado Savannah e ferido Lucy. Mas como a polícia não conseguiu encontrar evidências de que houvesse mais alguém na cena do crime e como Lucy continuou insistindo em que não se lembrava de nada daquela noite, a narrativa começou a mudar.

Vocês se lembram de Joanna Clarkson? Uma das vizinhas de Matt e Lucy do Quarteirão? Ela falou mais uma vez sobre como as suspeitas começaram a se voltar para Lucy.

Joanna: Bem, os arranhões e os hematomas nos braços da Savvy eram preocupantes, com certeza. Mas continuei cética, até ouvir que elas tinham brigado no casamento. E, logo depois disso, o Matt expulsou a Lucy de casa, e não existe nada mais suspeito do que isso.
Ben: Ele expulsou ela de casa? Tem certeza disso?
Joanna: Tenho certeza de que ele pediu que ela fosse embora.
Ben: E isso foi logo depois que ela recebeu alta do hospital, certo?
Joanna: Isso mesmo. E o timing foi bem estranho. Ninguém expulsa a esposa ferida de casa depois de ela passar por um trauma como esse, a menos que ache que foi ela quem cometeu o crime. Desculpa, eu conheço o Matt, e esse é o único motivo pelo qual ele pode ter feito isso. O único motivo.
Ben: A essa altura, a maioria das pessoas que você conhecia achava que a Lucy tinha matado a Savannah?
Joanna: Todo mundo que eu conhecia pensava assim.
Ben: Mas a polícia nunca prendeu a Lucy pelo homicídio, correto?
Joanna: Nunca. Teve a ver com o sumiço da arma do crime e com a falta da elaboração de um caso sólido. Sei lá. Acho que eles estavam numa situação complicada. Sem querer ofender a polícia de Plumpton, mas eles estão acostumados a dar dura em turistas bêbados, não a investigar homicídios.
Ben: Mas o fato de não haver provas suficientes para prender a Lucy não deixou as pessoas preocupadas?
Joanna: Claro, eu pensei nisso. Mas o nosso sistema judiciário precisa de provas, testemunhas. O fato de alguém deixar de ir pra cadeia por algo não significa que não tenha feito aquilo.
Ben: E a hipótese de legítima defesa? A Lucy estava gravemente ferida. Alguém falou sobre a Lucy ter precisado se defender?
Joanna: Da Savannah? Isso é totalmente absurdo. Aquela garota era um amor. No fim das contas, acho que só uma coisa importa nisso tudo: uma dessas garotas está morta e a outra logo se mandou pra Califórnia, alegando amnésia, o que era bem conveniente. Eu estou do lado da que acabou morta, entende? Estou do lado

dela.

Mas qual seria o motivo? Por que Lucy de repente mataria a melhor amiga? Por que Lucy e Savannah estavam brigando no casamento?

Nina pareceu insinuar que talvez estivesse acontecendo algo entre Savannah e Matt. Teria sido ciúme o que levou Lucy a cometer um homicídio?

Conversei com Kyle Porter a respeito dessa teoria.

Kyle: A Lucy me contou que tinha certeza de que o Matt também estava traindo ela. Eu hesitei em falar sobre isso antes, porque pensei que talvez ela estivesse apenas justificando nosso caso para si mesma. Mas ela me disse uma vez que achava que o Matt provavelmente zanzava pela vizinhança.
Ben: Tipo, dormia com mulheres da vizinhança?
Kyle: Aham. Eu realmente não sei se ela tava só tentando se sentir melhor... Talvez fosse isso. Mas também ouvi algumas coisas sobre o segundo casamento do Matt ter acabado depressa, e comecei a me sentir mal por não ter acreditado na Lucy.

Na verdade, a Lucy disse algumas coisas sobre o Matt que venho reavaliando ultimamente. Por exemplo, uma vez a gente tava junto e o Matt mandou uma mensagem pra ela, e ela fez uma cara bem estranha. Perguntei o que estava acontecendo e ela respondeu: "*É só meu marido me dizendo que eu sou uma idiota.*" Em outra ocasião, ela disse algo do tipo: "*O Matt prefere que eu não fale quando saímos com nossos amigos.*" Eu meio que ignorava essas coisas, achando que ela estava exagerando, mas acho que o cara era meio escroto. A Savvy, na verdade, me disse uma coisa uma vez.
Ben: Sobre o Matt?
Kyle: Aham. Ela sabia sobre mim e a Lucy, e falou: "*Você deve conseguir fazer com que ela largue o Matt se quiser. Seria a melhor coisa pra ela.*"
Ben: Você fez isso? Tentou fazer com que ela largasse o Matt?
Kyle: Não. Eu realmente não estava em busca de um relacionamento, em especial com uma mulher de 22 anos, ou sei lá quantos anos ela tinha na época. Na verdade, terminei tudo pouco depois disso. As coisas pareciam estar ficando complicadas.
Ben: Como a Lucy reagiu?
Kyle: Ela não pareceu nem um pouco chateada. Eu fiquei quase... [*risos*] quase ofendido por ela não parecer se importar. Ela apenas deu de ombros e disse: "*Se é isso que você quer.*" Mas a Lucy nunca demonstrou muitos sentimentos. Acho que foi por isso que não dei bola pros assuntos relacionados ao Matt. Porque ela nunca pareceu tão chateada com isso.
Ben: Você chegou a ver a Lucy ou a Savannah de novo?
Kyle: A Lucy, nunca, mas vi a Savvy uma vez, mais ou menos um mês depois. Ela estava na rua, conversando com o Matt.
Ben: Você sabe do que eles estavam falando?
Kyle: Não, mas me lembro de ter achado que parecia algo íntimo. Ele estava com a mão no braço dela, próximos um do outro. E eu pensei: "Ah, faz sentido. A Savvy falou pra eu convencer a Lucy a largar o Matt porque ela está dormindo com ele."

Mas foi só uma especulação.

Mas juro por Deus, cara, parecia que tinha alguma coisa. E a Lucy disse que o Matt andava zanzando pela vizinhança... Ela devia ter ficado sabendo que estava rolando alguma coisa entre o Matt e a Savvy.

A maioria das pessoas com quem conversei era cética em relação à teoria do ciúme, mas ninguém mais do que Emmett Chapman.

Emmett: Ciúme? De quê?
Ben: Algumas pessoas especularam que a Savannah e o Matt estavam tendo um caso.
Emmett: Cara, isso é ridículo.
Ben: Por quê?
Emmett: Nunca vi nenhuma evidência disso. Mas, mesmo que estivessem, por que a Lucy *mataria* a Savvy por isso? Acho que a Lucy nem gostava tanto assim do Matt.
Ben: Você acha que a Lucy não gostava tanto assim do próprio marido?
Emmett: É... Merda, talvez eu não devesse ter dito isso desse jeito. Só quis dizer que o relacionamento deles andava um pouco instável.
Ben: Você não acha que a Lucy pode ter se irritado com o fato de uma amiga próxima estar dormindo com o Matt?
Emmett: Sei lá. Talvez? Mas ela também teria ficado brava com o Matt, certo? E ele ainda está vivo.

18

LUCY

Emmett Chapman é um daqueles caras do tipo "ele estava bem ali, sua besta".

O tipo de cara que a gente não nota até que esteja velha e fodida demais para lhe dar valor. Até que esteja assassinando pessoas mentalmente (e talvez na vida real, quem sabe?) e decida que, para a segurança e a saúde mental dele, ele provavelmente deveria ficar muito, muito longe.

Essa foi minha justificativa para não ligar nem enviar mensagens para ele depois que Savvy morreu.

Essa também foi minha justificativa para não dormir com ele quando percebi que talvez estivesse interessado. Quer dizer, naquela época, a justificativa era tecnicamente o fato de eu ser casada e ter *acabado* de parar de trair o Matt com Kyle, mas é por aí. Usar meu melhor amigo da época do ensino médio como desculpa para deixar meu marido, provavelmente transando com Emmett durante todo o processo, seria ir longe demais, até mesmo para mim.

Dirijo até o centro da cidade, estaciono na rua e fico olhando para a frente da loja de artes por vários minutos. As palavras CRIATIVIDADE É BOM PARA A ALMA! estão escritas em letras grandes e alegres na fachada de vidro do estabelecimento, com pequenas flores e corações pintados ao redor.

Provavelmente a arte é de Emmett. Ele vivia rabiscando quando éramos

pequenos (nos cadernos durante as aulas, nas calçadas com giz, na própria pele quando estava entediado). Ele costumava ficar comigo no bar onde Savvy trabalhava e desenhava em guardanapos enquanto eu escrevia.

Ele fazia um desenho para cada uma de nós, deslizando um guardanapo pelo balcão para Savvy e outro para mim. Às vezes, era um esboço de mim, debruçada sobre o notebook, ou uma versão alegre do meu rosto em forma de desenho animado, ou simplesmente qualquer coisa aleatória que estivesse na mente dele naquele dia.

– Você realmente deveria tentar se tornar um artista – eu lhe disse um dia, depois que ele me presenteou com um guardanapo com o desenho de um dragão levantando um carro.

– Pois é, meu trabalho é alto nível – respondeu ele, soltando uma risada pelo nariz.

– É, sim! O que aconteceu com a ideia de se mudar pra Nova York e tentar trabalhar com graphic novels?

– Bem, acontece que dá pra fracassar nisso em qualquer lugar.

– Parece que seria mais divertido fracassar em Nova York.

Ele soltou uma gargalhada e bateu com o ombro no meu.

– Nós deveríamos ter ido juntos, depois da faculdade. Como costumávamos falar que faríamos.

Desviei o olhar, porque não queria pensar em como seria minha vida se eu tivesse ido para Nova York com Emmett depois da faculdade em vez de me casar com Matt. Voltei minha atenção para o dragão.

Acho que ainda tenho aqueles guardanapos, empilhados ordenadamente em uma caixa no canto do apartamento de Nathan.

Fico olhando para a fachada da loja.

Nem sei se Emmett está trabalhando hoje. Vou ter que sair do carro para conferir.

A qualquer momento.

Preciso respirar fundo mais algumas vezes, mas finalmente saio do carro para o ar grudento.

E me arrependo da minha decisão no mesmo instante.

Estava tão concentrada na loja que não olhei ao redor, algumas portas adiante.

Há um grupo de homens sob um toldo verde e branco do lado de fora de um restaurante, as risadas ecoando pela rua. Um deles está olhando na minha direção, com o sorriso desaparecendo lentamente do rosto.

Keaton Harper. Irmão mais velho de Savvy.

Ele tem barba e está barrigudo, mas eu reconheceria aquele olhar letal em qualquer lugar. Um dos homens percebe o olhar de Keaton e solta um sonoro "puta merda" quando me vê.

Eu me viro depressa. Emmett está parado na vitrine da loja e levanta a mão em um aceno hesitante.

Fico tentada a voltar para o carro, mas fui vista por todos os lados.

Emmett aponta para a porta, que percebo agora estar com uma placa de FECHADO. Faço que sim com a cabeça e vou até ela. Atrás de mim, ouço murmúrios irritados.

Emmett sorri ao abrir a porta. Às vezes, me pego imaginando o garoto que conheci quando era criança: magro e desajeitado, com um capacete de cabelo loiro cacheado.

Mas ele não tem essa aparência desde que éramos adolescentes. Agora é alto e encorpado. O cabelo loiro é ondulado em vez de cacheado, cortado e penteado de forma a transmitir tranquilidade, mas isso provavelmente exigiu um pouco de trabalho. Ele tem a sombra de uma barba no maxilar.

Como eu disse. *Ele estava bem ali, sua besta*.

Eu entro. A loja de artes tem um bom tamanho, mas está tão abarrotada de coisas que parece claustrofóbica. Cada centímetro de parede está coberto por um pôster de cores vivas ou por placas de madeira cheias de detalhes e feitas à mão. Olho para a parede gigantesca de placas de BOAS-VINDAS de madeira à minha esquerda e penso que provavelmente seria possível causar um grande estrago ao esmagar uma delas na cara de alguém.

Pisco e volto a atenção para Emmett.

– Oi.

– Oi.

Ele parece intrigado, mas não exatamente feliz em me ver. Ninguém pode culpá-lo por isso.

Ele dá um pigarro e, de repente, um sorriso maior surge em seu rosto.

– Foi mal. Eu sabia que você tava na cidade, mas ainda estou meio atordoado de te ver.

– Desculpa por aparecer desse jeito.

– Tô feliz de você ter vindo.

Ele sorri de novo, e fico mais aliviada do que quero admitir. Faço um grande esforço para não me importar com o fato de que todo mundo na cidade pensa que sou uma bruxa assassina, mas estaria mentindo se dissesse que não fiquei

aliviada ao ouvir Emmett pelo menos demonstrar estar um pouco do meu lado.

– Você veio pra algum evento familiar? – pergunta ele.

– Isso, só apareci pra estragar a festa de aniversário da minha avó.

Ele inclina a cabeça de uma forma que faz meu peito doer um pouco. É sua expressão "Lucy está sendo ridícula outra vez, mas isso me diverte".

Ele faz um gesto na direção dos corredores de tinta.

– É... Você precisa de algum material de arte pra festa?

– Não. Na verdade, eu vim pra te ver.

Ele parece surpreso, mas também um pouco encantado.

– Desculpa por nunca ter atendido às suas ligações e tudo o mais naquela época. Eu estava só...

– Traumatizada? – supõe ele.

Solto uma gargalhada.

– Pois é.

– Tudo bem. Eu...

Uma batida na janela me dá um susto. Eu me viro e vejo Keaton com as mãos no vidro, o rosto contorcido de raiva.

– Emmett, que porra é essa?

Keaton bate as mãos no vidro outra vez. Ele está bem embaixo de um conjunto de coraçõezinhos pintados na vitrine, como se estivessem nascendo de sua cabeça, o que deveria ser engraçado, mas não consigo achar graça em nada disso nesse momento.

– Desculpa. Eu deveria só ter ligado.

Dou um passo em direção à porta, em direção a Keaton, e fico me perguntando se alguém vai ajudar se ele me atacar. Talvez Emmett chame a polícia, pelo menos.

Tenho certeza de que os policiais demorariam a chegar. E não ficariam do meu lado.

– Não. – Emmett estica a mão, como se fosse me impedir, mas seus dedos apenas tocam meu braço de leve. – Tá tudo bem. Você pode ficar.

Keaton se afasta, e eu solto um suspiro lento.

– Acho melhor eu ir, antes que ele volte.

– Tá, tudo bem. – Emmett parece decepcionado, mas vai até o vidro e observa a rua. – Ele está indo pro restaurante com os amigos.

Abro a porta e dou um passo para fora. Emmett me acompanha, olhando de soslaio para a rua, na direção de onde Keaton estava. Barra limpa.

– A Nina está querendo ligar pra você e te convidar pra jantar – diz ele. – Por

que não fazemos isso em breve? Eu adoraria colocar a conversa em dia.

Eu me viro, confusa.

– Você e a Nina...?

– Ah! Sim. – Ele sorri. – Estamos namorando. Faz uns meses.

Mas é claro.

Forço uma expressão simpática.

– Claro. Jantar seria ótimo.

Se ele percebe que estou decepcionada, não deixa transparecer.

– Foi ótimo ver você, Lucy.

Eu me afasto antes de passar ainda mais vergonha.

– Você também, Emmett.

Podcast *No Rastro da Mentira*, com Ben Owens

EPISÓDIO QUATRO:
"A ALEGAÇÃO DE AMNÉSIA"

Lucy foi morar com os pais depois que saiu (ou foi expulsa) da casa que dividia com Matt. Joanna conta como foram os dias após o assassinato, pois ainda não ficou claro por que todos se convenceram de que Lucy tinha matado a amiga.

> **Ben:** Então foi o fato de o Matt ter expulsado a Lucy que fez as pessoas acharem que foi ela quem matou a Savannah?
> **Joanna:** Foi o primeiro indício, sim. Mas foi o lance envolvendo os pais dela que realmente encerrou o caso pra maioria das pessoas.
> **Ben:** Que lance?
> **Joanna:** Não quero falar muito, porque adoro a Kathleen e o Don. Eles são boas pessoas. Mas, olha... Logo após o ocorrido, a Kathleen ficou dizendo pra cidade inteira que a Lucy jamais machucaria ninguém e, alguns dias depois, mudou completamente de opinião.
> **Ben:** Como assim?
> **Joanna:** Ela começou a ficar estranha e desconfiada. Parou completamente de defender a Lucy. Pelo visto, disse coisas *muito* estranhas pra família da Savannah. E o Don se recusou a falar com qualquer um. Se recusa até hoje.
> **Ben:** Ele não fala sobre a Lucy?
> **Joanna:** Não.

Ouvi isso de várias pessoas, então comecei a fazer perguntas sobre a família Chase.

> **William:** Aham, faz um ano que tem uma Starbucks na cidade, o que é bom, acho. Mas só vá pelo café. Não compre nenhum daqueles muffins ou pães velhos, ou o que quer que eles vendam. Vá até a Padaria da Daisy pra isso.

Esse é William, um dos bartenders do bar que Norma me recomendou. É uma noite tranquila, e William, que mora em Plumpton há 53 anos, está feliz em conversar comigo. Ele é um homem alto e largo, com uma barba grisalha que se estende por vários centímetros além do queixo. Seria intimidador se não fosse pelo sorriso amigável.

Ele me conta tudo sobre a família de Lucy. A avó dela, Beverly Moore, nasceu e foi criada em Plumpton. Ela teve três filhos: Keith, Kathleen e Karen. Keith e Karen moram em Houston atualmente, mas Kathleen voltou para Plumpton depois de terminar a faculdade. Ela trouxe junto o noivo, Don Chase. Eles se casaram, tiveram Lucy e abriram uma padaria juntos, a Padaria da Daisy, que vários moradores mencionaram para mim.

> **William:** Já conversou com eles? Com a Kathleen e o Don?

Ben: Não, ainda não.
William: Pois deveria. O Don não fala com ninguém sobre a Lucy, mas a Kathleen com certeza vai falar com você. Vai adorar, inclusive.
Ben: Você acha?
William: Ah, sim. A Kathleen é tagarela. Não tem nada a esconder.
Ben: E o Don?
William: O que tem ele?
Ben: Ele tem algo a esconder?
William: Beeeem... Olha, isso é só fofoca que circula pela cidade, mas você tá tentando desvendar o caso, e eu respeito isso.

Muita gente acha que o Don sabia mais do que estava dizendo. Ele foi bem evasivo na época, pra te falar a verdade. E não julgo nem um pouco. Se fosse minha filha, eu teria protegido ela independentemente de qualquer coisa.
Ben: Você acha que a Lucy se lembrou de algo e contou pra ele?
William: Antes de mais nada, eu não acredito nem por um minuto nesse papo de amnésia. Mas, sim. Ela contou pro papai, e ele fez o que tinha que fazer. É isso que eu acho. É isso que muitas pessoas acham. E, bem, teve o lance da Kathleen e da Ivy, a mãe da Savvy.
Ben: Que lance?
William: Eu provavelmente não deveria falar nada, mas alguém tem que te contar. Ao que parece, a Kathleen basicamente disse pra Ivy que sabia que a Lucy tinha matado a Savvy.

19

LUCY

O clima na casa essa noite só pode ser descrito como *descontroladamente hostil*.

Percebo o momento exato em que minha mãe começa a ouvir o quarto episódio, porque de repente ela começa a ligar para a cidade inteira. Só consigo entender algumas palavras quando passo pela porta do quarto dela a caminho da escada, estremecendo a cada chiado – "irresponsável" e "ultrajante" –, mas o bate-papo constante nunca cessa.

– Sei lá! – A voz da minha mãe está muito alta agora. – Ele foi tão simpático quando falei com ele, e agora está agindo como se eu e o Don soubéssemos de tudo. Dei uma entrevista imensa pra ele meses atrás, contei tudo que ele queria saber, e ele não publicou uma palavra sequer!

Pego minha bolsa na bancada e saio pela porta. Preciso estar em outro lugar, caso ela se dê conta de quem é a verdadeira culpada de tudo isso (eu).

Meu pai está subindo a entrada da casa, o suor encharcando a gola de sua camisa branca, e quase dou de cara com ele.

– Você está com pressa.

Ele parece... achar graça, o que é inesperado, dado o humor da minha mãe. Mesmo que ele não esteja ouvindo o podcast, é impossível que ela não tenha lhe enviado uma mensagem logo após o início do episódio de hoje.

– Desculpa. – Eu o contorno. – Estou indo pra casa da vovó – digo, embora não tivesse de fato tomado essa decisão.

Mas era o que eu sempre fazia quando era criança: fugia antes que os gritos ficassem altos demais para ser ignorados.

– Lucy.

Paro e olho de novo para ele.

– Se você se lembrar de algo e quiser conversar com alguém, ainda pode falar comigo.

Abro a boca, mas não sai nada. Não tenho certeza do que esperava, mas não era isso.

– Eu...

Ele suspira e enfia as mãos nos bolsos. Parece triste, o que é uma emoção que não vejo nele há muito tempo. Tinha me esquecido de como ele é quando não está assustado.

– Talvez eu não tenha lidado bem com as coisas – prossegue. – Não sei. Mas fui sincero quando disse aquilo naquela época. Tá tudo bem.

"Tá tudo bem." Ainda podia ver meu pai, cinco anos antes, com lágrimas nos olhos enquanto segurava meus ombros. "Se você se lembrar de alguma coisa, é só me contar, tá? Seja o que for, tá tudo bem. Prometo. Mas você só pode contar pra mim. Entendeu?"

Eu me lembro de olhar para ele, seus lábios contraídos, o desespero desvairado em seus olhos, e me dar conta de que ele achava que eu tinha matado Savvy. Na verdade, ele tinha *certeza* de que eu havia matado Savvy.

Acho que cinco anos não restauraram a fé dele em mim. E, sinceramente, quem pode culpá-lo?

Você já se imaginou esmagando o cérebro dos seus pais? Já pensei nisso uma vez ou duas. É normal, né?

– Com certeza, você vai ser o primeiro a saber – digo, e me viro para ir até o carro.

Podcast *No Rastro da Mentira*, com Ben Owens

EPISÓDIO QUATRO:
"A ALEGAÇÃO DE AMNÉSIA"

Em nossa primeira entrevista, Ivy Harper, a mãe de Savannah, não havia mencionado nada sobre Kathleen Chase ter lhe confessado que Lucy havia matado Savannah, então marquei de conversar com ela outra vez. Perguntei sobre os dias logo após o assassinato.

Ben: Obrigado por vir até aqui novamente.
Ivy: Imagina.
Ben: Estou tentando entender como a Lucy se tornou suspeita da morte da Savannah. Você pode me explicar?
Ivy: Posso tentar.
Ben: Você esteve com a Lucy depois que a Savannah morreu?
Ivy: Estive, claro.
Ben: Quando?
Ivy: Nós chegamos no hospital dez minutos depois dela. Queríamos saber o que havia acontecido com a Savvy. Mas não nos deixaram entrar. Não naquele dia. Tivemos que esperar até o dia seguinte.
Ben: O que aconteceu quando vocês duas se encontraram?
Ivy: Eu implorei a ela que me contasse o que tinha acontecido, mas ela só dizia que não se lembrava. Ela chorava, chorava... Eu me senti mal por ela na ocasião, mas também fiquei incrivelmente frustrada. Ela era a única pessoa no mundo que poderia me dizer o que aconteceu com a minha filha, e ela só chorava.
Ben: Eu... Certo. Então, vocês se viram de novo depois disso?
Ivy: Muitas vezes.
Ben: Muitas vezes?
Ivy: Achei que era melhor continuar indo até lá, continuar pressionando e deixar que ela visse o quanto eu estava mal.
Ben: A essa altura, você já achava que tinha sido ela?
Ivy: Eu tinha minhas suspeitas. Havia os arranhões no braço da Savvy e os hematomas que a Lucy não conseguia explicar. Depois, começaram a aparecer pessoas dizendo que as duas tinham brigado no casamento. E toda vez que eu ia falar com a Lucy, ela estava... estranha.
Ben: Estranha?
Ivy: Descontrolada. Só chorava e tremia. Era curioso, porque ela é uma garota bastante apática na maior parte do tempo.
Ben: Você teve a impressão de que ela estava tendo algum problema por conta do ferimento na cabeça?
Ivy: Que tipo de problema?
Ben: Em lesões cerebrais traumáticas, as pessoas geralmente têm dificuldade pra

criar memórias. Principalmente memórias de curto prazo. Isso pode se estender por muito tempo após a lesão.
Ivy: Eu realmente não sei.
Ben: A Lucy parecia confusa? Esquecia as coisas? Além do incidente, quero dizer.
Ivy: Hum... Na verdade, sim. Eu ia até lá, e ela começava a me contar todas as coisas que havia me dito da última vez. Eu achava que ela só queria muito que eu soubesse.
Ben: Mas, na época, você não achava que a lesão poderia explicar o comportamento estranho da Lucy?
Ivy: Talvez. Não me lembro bem. Mas, pra ser sincera, no fim não importa. Foi depois que vi como o Don e a Kathleen estavam agindo que tive certeza de que tinha sido a Lucy.
Ben: Como eles estavam agindo?
Ivy: De um jeito suspeito. O Don ficava por perto enquanto eu fazia perguntas à Lucy. A Kathleen nos deixava em paz, mas o Don agia de um jeito muito estranho toda vez que eu ia lá. No início, ele era totalmente hostil.
Ben: Hostil?
Ivy: Ele dizia que eu estava perturbando a Lucy, que ela também havia sido ferida e que eu precisava esperar pra falar com ela. A Kathleen convenceu o Don, mas ele ficava na porta e ouvia tudo. Nunca nos deixava sozinhas. Na verdade, contei isso à polícia.
Ben: Sobre o fato de ele ficar sempre por perto?
Ivy: Isso. Pra mim era... como se ele estivesse tentando se certificar de que a filha não diria nada de errado. Ele tratava a Lucy como se ela tivesse voltado a ser criança. Comecei a achar que ela tinha contado alguma coisa pro pai e ele estava tentando proteger a filha, garantindo que não contasse a mais ninguém. Aí, acho que a Kathleen se sentiu culpada e falou comigo.
Ben: Falou o quê?
Ivy: [*longo suspiro*] Sabe, eu guardei isso pra mim, porque não culpo a Kathleen nem o Don. Não culpo mesmo. Mas, uma vez, quando fui à casa deles, a Kathleen me acompanhou até o lado de fora depois que terminei de falar com a Lucy. Ela me deu um abraço muito, muito demorado e, quando nos afastamos, estava chorando e falou: "Espera só mais um pouco, tá? Vou resolver isso."

20

LUCY

– Tá tentando insinuar que eu sou maluca?

Ben está sentado em seu lugar habitual na lanchonete, casualmente recostado no assento. O notebook está fechado à frente dele, os cadernos empilhados ordenadamente em cima. Ele já encerrou o dia, ou está fazendo uma pausa, ou me viu chegando e guardou tudo.

Ele me encara com os olhos semicerrados.

– Como assim?

Deslizo para o assento na frente dele. O garoto ruivo atrás do balcão está me encarando. Alguém deve ter lhe contado quem eu sou.

– Aquelas perguntas que você fez à Ivy. Aonde você queria chegar?

– Aonde você acha que eu queria chegar? – Um lado da boca dele se ergue em um sorriso malicioso e irritante.

– À conclusão de que eu sou maluca. Que uma pancada na cabeça e o estresse de ser acusada de homicídio me afetaram e me deixaram doida.

– Não era aí que eu estava querendo chegar.

– Aonde, então?

– Estou apenas tentando obter uma imagem clara do que aconteceu logo após o crime. A atenção parecia estar bastante concentrada em descobrir quem matou

a Savvy. Quantos dias você teve pra se recuperar até que a mãe da Savvy viesse te encher de perguntas?

Nenhum. Ainda podia ver a Sra. Harper parada na porta do meu quarto de hospital, com lágrimas escorrendo pelo rosto. Ela segurava as minhas mãos e me implorava.

"Por favor, Lucy, por favor. A gente precisa saber alguma coisa. Qualquer coisa."

– Só acho estranho que sua mãe estivesse tão disposta a dar à Sra. Harper acesso imediato e irrestrito a você. – Ben ergue uma sobrancelha.

– Falei que não tinha problema. Na época. Eu era capaz de tomar minhas próprias decisões.

– Eu não disse que você não era.

Faço uma pausa e depois deixo escapar as palavras seguintes:

– Eu também estava empenhada em descobrir quem tinha matado a Savvy. E nunca disse pros meus pais que tinha sido eu.

Não que me lembre, pelo menos. Os dias após o assassinato são muito confusos.

Presta atenção, quando a vontade de matar alguém surge, às vezes é preciso ir em frente.

A voz é alta e clara. Eu me sobressalto e olho ao redor, como se alguém estivesse ao meu lado.

Ele inclina a cabeça.

– Sei.

– Só tô dizendo que não tive nenhum problema com o fato de a Ivy ir até lá e me fazer perguntas. Eu queria ajudar.

– Tenho certeza disso.

– O que você está querendo dizer?

– Meu Deus, Lucy, quero dizer "tenho certeza disso".

Ele está achando graça, e fico surpresa ao me dar conta de que realmente me importo com o que ele acha sobre eu ter matado Savvy ou não. Que irritante.

– Você sempre acha que as pessoas têm intenções nefastas, ou é só comigo? – pergunta ele.

– Só com você – minto.

– Só estou dizendo que, se fosse *minha* filha e ela tivesse acabado de sofrer um grande trauma e uma lesão grave, com risco de morte, eu não deixaria ninguém chegar perto dela. Construiria um forte de travesseiros pra ela e vigiaria a porta de entrada. Mesmo que ela fosse uma mulher de 24 anos e dissesse que

não tinha problema. – Ele arqueia uma sobrancelha. – Mas isso sou eu.

Não sei o que responder, então olho para o adolescente que agora está digitando furiosamente em seu celular, com a língua para fora em um canto da boca.

– Sabia que a Beverly me convidou pra festa de aniversário dela?

Minha atenção se volta para Ben e meus lábios se erguem, de forma irreverente.

– Ela esqueceu de mencionar.

– Tudo bem pra você se eu for?

– A festa é dela. Você não precisa da minha permissão.

– Sinto que preciso, sim.

Ele se recosta no assento, afastando o cabelo dos olhos com uma espécie de sensualidade despretensiosa que me deixa desconfortável.

– Por quê? É contra as regras ir à festa de aniversário de alguém da família da mulher suspeita de ter assassinado a protagonista do seu podcast? Existe um código de ética pra apresentadores de podcast?

– Eu não... – Ele inclina a cabeça, como se estivesse refletindo. – Não é contra as regras. Sempre considerei que a ética do podcaster é a mesma do jornalista.

– Claro.

– Não vou se isso te deixar desconfortável.

– É você quem vai se sentir desconfortável.

– Você acha?

– Minha mãe não gostou do quarto episódio, já que você deu a entender que ela era uma péssima mãe por deixar a Ivy falar comigo e que ela talvez esteja envolvida de alguma forma.

– Tenho uma tolerância alta pra desconforto.

Aquele maldito cabelo está nos olhos dele de novo.

Meu sorriso aumenta.

– Acredito.

– Isso significa que eu deveria ir?

– Com certeza, você deveria ir. Suspeito que a vovó vai ficar muito decepcionada se você não for.

– Você acha? – Ele parece lisonjeado.

– Sem dúvida.

– Tá bem, então. Estarei lá amanhã.

– Mal posso esperar.

– E vamos fazer nossa primeira entrevista na segunda-feira?

– Nossa *primeira* entrevista? Já conversamos várias vezes.

– Primeira entrevista em que realmente entramos no assunto. Sua avó disse que você fica aqui até semana que vem, é isso mesmo?

Solto um longo suspiro.

– Ela disse isso, foi?

– É mentira?

– Não. Ela tem razão.

Ela tinha comprado minha passagem só de ida, o que deveria ter sido um sinal de que planejava que eu ficasse mais tempo do que deixou transparecer. Poderia comprar uma passagem eu mesma e ir embora daqui, mas agora estou motivada. Não consigo parar de pensar no que vovó disse: Ben vai desvendar tudo isso.

Sinto que devo isso a Savvy, ficar aqui até que ele consiga.

Sem falar que não tenho nem para onde voltar. Continuo desempregada, meu namorado agora é ex e ainda não assinei o contrato de aluguel de um novo apartamento. Posso muito bem ficar aqui, mesmo que *aqui* eu tenha vontade de socar minha própria cara.

– Ótimo – responde ele. – Vou trazer uma novidade na semana que vem, mudando o formato do podcast. Vou lançar uma série de miniepisódios em vez de apenas dois por semana, pra que a gente possa lançar em tempo real. Acho que as pessoas vão gostar muito.

– Maravilha – comento em um tom seco.

Ele ergue uma sobrancelha.

– Tá bem – digo. – Beleza. Segunda-feira. Primeira entrevista. Estarei pronta.

Estou sempre pronta, canta a voz. *Vamos foder com a vida de alguém!*

Podcast *No Rastro da Mentira*, com Ben Owens

EPISÓDIO BÔNUS 1

Olá, pessoal. Sei que vocês estavam esperando um novo episódio só amanhã, mas preciso atualizá-los sobre o que está acontecendo com o programa. Em primeiro lugar, estou de volta a Plumpton, Texas. Em segundo, estou em contato com Lucy Chase.

Sei que muitos de vocês já sabem disso, porque viram uma foto de nós dois juntos na lanchonete. Para responder à pergunta que aproximadamente dez mil de vocês fizeram no Twitter: sim, Lucy concordou em dar uma entrevista.

Pelo bem de uma cobertura completa, quero que saibam que sempre contei com a possibilidade de conseguir uma entrevista com Lucy. A avó dela me garantiu que conseguiria convencer a neta a fazer isso, e ela não estava errada. De acordo com Beverly, nem foi preciso tanto para conseguir. Até agora, Lucy tem sido direta comigo.

E, para ser totalmente franco com vocês, tive que descartar ou reformular totalmente alguns dos episódios que planejei para o restante da temporada. O fato de Lucy estar de volta à cidade mudou completamente as coisas, e obtivemos muitas informações novas nos últimos dias.

Quer saber quais são algumas dessas novas informações? Fiquem ligados amanhã para ouvir uma entrevista com Matt Gardner.

Sim, *ele mesmo.* Matt Gardner. O ex-marido de Lucy, em sua primeira entrevista.

E fiquem de olho no seu tocador de podcast, porque vou lançar alguns episódios bônus, como este, para manter vocês cem por cento atualizados a respeito de tudo o que está acontecendo por aqui.

Por enquanto, deixo vocês com esta entrevista com Nina Garcia.

Nina: Sim, claro que conheço a Sra. Chase. A... Kathleen. Eu sempre chamei ela de Sra. Chase na época da escola, quando ia à casa da Lucy. É um hábito difícil de abandonar.
Ben: Vocês duas são próximas?
Nina: Tipo, eu dou um oi quando esbarro com ela por aí, mas não somos amigas nem nada.
Ben: Você se lembra de ter visto a Kathleen no casamento?
Nina: Claro, vagamente.
Ben: O tempo todo? No fim da noite?
Nina: Não sei dizer. Já faz muito tempo.
Ben: E quanto a Colin Dunn? Você conhece ele?
Nina: Um pouco, sim, quando ele morava aqui. Por quê?
Ben: Você ouviu um episódio recente em que o Colin conta que transou com uma mulher casada dentro de um carro depois do casamento?
Nina: Ouvi.
Ben: Tenho várias fontes que afirmam que a Kathleen e o Colin tiveram um caso.
Nina: [*silêncio*] Quê?

Ben: Você sabia disso?
Nina: Quê? Quem disse isso?
Ben: As pessoas pediram anonimato. Embora eu tenha conseguido verificar a informação.
Nina: Colin? Colin Dunn?
Ben: Isso.
Nina: Ela é uns trinta anos mais velha que ele.
Ben: Trinta e dois anos, sim.
Nina: Eu...
Ben: Fiquei sabendo que era um segredo um tanto quanto conhecido aqui em Plumpton.
Nina: Sério? Ninguém me contou. Mas acho que...
Ben: O quê?
Nina: Bem, agora que você mencionou, eu me lembro de ele ter dito uma vez que gostava de mulheres mais velhas. Achei que ele estava se referindo à Savvy, porque ela era uns quatro ou cinco anos mais velha do que ele. Acho que ele quis dizer... *mais velha*.
Ben: É um pouco estranho, né?
Nina: Dormir com uma mulher trinta anos mais velha? Sei lá, acho que cada um sabe o que é melhor pra si.
Ben: Não, o fato de todo mundo saber que a Kathleen tinha um caso com o namorado da Savannah e ninguém achar importante mencionar isso.
Nina: Bem, isso não rolou enquanto ele estava com a Savvy, rolou?
Ben: Na verdade, de acordo com as minhas pesquisas, foi ao mesmo tempo. E, como eu disse, uma mulher casada misteriosa no carro...
Nina: [*silêncio*] Ah, é. É um pouco estranho.

21

LUCY

Estou certa de que minha mãe vai cancelar a festa.

Na primeira vez que ouvi o miniepisódio de Ben, fiquei incrédula. Na segunda, achei um tanto divertido.

Não sabia que minha mãe era dessas.

Talvez eu devesse estar um pouco contrariada por Savvy, mas ela nunca levou Colin tão a sério e, sinceramente, acho que também acharia divertido.

Espero, tensa, que minha mãe exploda.

Mas isso não acontece. Na manhã seguinte, desço as escadas e a encontro costurando alegremente rendas em uma mantinha de bebê que fez para uma das meninas da igreja.

A negação sempre funcionou muito bem para ela.

Então, não digo nada. Mando uma mensagem para Ben dizendo apenas "Caramba, cara" e finjo que nada aconteceu.

• • •

Minha mãe insiste em que a gente chegue ao restaurante uma hora mais cedo para que possamos microgerenciar os funcionários encarregados de preparar a

festa. Eles não parecem particularmente incomodados com isso, como se estivessem acostumados com mulheres em vestidos com estampas florais berrantes que se preocupam com o posicionamento exato de velas em potes de vidro.

Ela deixou sua vocação como cerimonialista passar. Minha mãe teria sido muito boa em projetar imagens felizes por um dia.

Estamos em um imenso salão para eventos especiais nos fundos do restaurante. Eles montaram uma longa mesa estilo piquenique, com as tais velas em potes de vidro e arranjos de flores no meio.

Minha mãe não menciona as gérberas. Provavelmente porque são muito bonitas. Ou então se esqueceu completamente de que deveriam ser rosas cor-de-rosa.

Vovó chega bem na hora, acompanhada por Ashley e Brian (meus primos, os netos paspalhos). Ambos são mais novos do que eu (20 e poucos anos) e nenhum dos dois parece particularmente feliz por estar ali. Brian mal tira os olhos do celular para dar oi.

Os pais deles, Keith e Janice, os acompanham, entrando logo em seguida. Minha tia Karen, a mais nova dos irmãos da minha mãe, vem depois deles, de cara feia, a expressão azeda de sempre no rosto. Ela está com um homem desconhecido em um terno mal ajustado a tiracolo.

Não sei quando todos eles chegaram à cidade. Minha mãe desapareceu misteriosamente algumas vezes nos últimos dias, então presumo que já estejam aqui há algum tempo. Ninguém teve interesse em me ver antes, ao que parece.

Todos olham para mim e se afastam depressa. Com exceção de Ashley, que me olha de cima a baixo e depois semicerra os olhos, como se estivesse desaprovando algo.

Olho para o meu vestido. É preto, o que destoa do resto dos convidados em trajes coloridos. Também tem um decote profundo, que seria mais provocante em alguém com seios maiores. Ainda assim, o garçom que circula pelo salão, oferecendo aperitivos, parece gostar deles. Faço o que posso.

Vovó vem correndo até mim, com suas lantejoulas roxas. O vestido de aniversário é bem estilo melindrosa, com um toque de *showgirl* de Las Vegas.

Ela aperta meu braço.

– Tá tudo lindo.

– Você sabe que a minha mãe fez a maior parte.

Tio Keith e tia Janice surgem atrás dela e me cumprimentam com abraços frouxos e sorrisos tensos.

– Bom te ver, Lucy – diz tio Keith, passando a mão na barba.

– Estou surpresa por você não ter se casado outra vez – comenta tia Janice, com a testa franzida.

– Bem, não foi tão bom da primeira vez.

Dou risada. Ela, não.

– Uau! – exclama Ashley.

O cabelo dela, que era castanho-claro da última vez que a vi, está tingido com um belo tom de ruivo, e eu poderia ter elogiado se ela não estivesse me olhando como se eu fosse uma alienígena.

– Oi, Lucy. – Brian tira os olhos do celular por tempo suficiente para olhar os meus seios.

– Brian, você tá tão lindo!

Acho que minha mãe está mentindo na caradura agora. Ela afasta o cabelo castanho desgrenhado do olho dele, e ele se retrai como se isso fosse a pior coisa que já aconteceu em seus 21 anos de vida.

O sorriso dela se transforma em uma boca aberta de horror quando vê algo atrás de mim.

Eu me viro. É Ben, segurando um presente com um laço rosa imenso e um embrulho bem-feito demais para que tenha sido obra sua. Ele está usando uma camisa azul de botão, com as mangas enroladas até os cotovelos, e percebo que Ashley não desaprova nada do que vê ali.

Não a julgo, sinceramente.

– Ben! – exclama vovó.

Ao mesmo tempo, minha mãe diz:

– O que você tá fazendo aqui?

Ben levanta uma das mãos em um aceno. Se está surpreso com o fato de minha mãe não saber que ele viria, não demonstra.

Não posso deixar de pensar que ele poderia ter guardado o miniepisódio para amanhã. Ele o postou antes da festa, sabendo que a veria depois que fosse ao ar.

Estou impressionada e um pouco assustada, na verdade.

– Kathleen, não seja mal-educada – diz vovó, dando um tapinha no ar na direção da filha. – Eu convidei ele.

– Você convidou ele? – grita ela, praticamente, e depois olha para mim, como se eu também devesse estar horrorizada com isso.

Sorrio para ela e vou até ele. Pego o presente de seus braços.

– Ben. Você está com a cara presunçosa de sempre.

Ele solta uma risada curta e surpresa.

– Obrigado?

Minha mãe fica boquiaberta quando coloco o presente na mesa com os outros. Keith, Janice e seus filhos parecem confusos.

– Pessoal, este é Ben Owens – anuncia vovó bem alto. – Ele é o apresentador do podcast. Vocês sabem qual.

Ashley fica boquiaberta. Brian começa a enviar mensagens furiosamente. Keith e Janice ainda parecem estar esperando o desfecho da piada.

Dou uma olhada para meu pai. Ele está de cara feia em um canto. Karen corre até minha mãe e cochicha algo no ouvido dela.

Um grupo de mulheres mais velhas, todas com seus permanentes arredondados, aparece na porta, e vovó vai até lá para cumprimentá-las. Minha mãe se junta a ela, evitando olhar para Ben.

Todos os outros convidados estão olhando para ele, então me aproximo para ficar ao seu lado. Normalmente, todos olham para *mim*. O fato de estarmos um ao lado do outro facilita as coisas para as pessoas.

Nós dois ficamos em silêncio por um momento.

Aponto para o pequeno bar instalado na parede oposta.

– Vamos beber?

– Meu Deus, vamos.

• • •

Uma hora depois, estou sentada a uma mesa, bem no meio, com vovó de um lado e Ben do outro, um arranjo no qual ela insistiu. ("É meu aniversário, eu é que decido onde vamos nos sentar!", declarou ela, toda alegre, ignorando os protestos da minha mãe.) É minha segunda taça de vinho, e o salão está agradavelmente embaçado nos cantinhos.

Eles espremeram todas as cadeiras possíveis na mesa, e meu braço fica roçando no de Ben. Ele não está embaçado. Na verdade, está com um foco muito nítido, e faço o possível para não olhar para ele.

De repente, eu me lembro de que faz pelo menos um mês que não transo, já que Nathan e eu já vínhamos num período de seca antes da revelação do homicídio. E faz ainda mais tempo que não faço sexo realmente *de qualidade* (obrigada por nada, Nathan).

O garçom para atrás de mim e enche minha taça de vinho quase vazia.

Bem, isso não vai me ajudar a parar de pensar em sexo.

Pego a taça e depois mudo de ideia. Em vez disso, uso dois dedos para afastá-

la alguns centímetros.

Ben me observa, e nossos olhares se encontram quando me recosto na cadeira. Desvio o olhar depressa.

À nossa frente, está Betsy (a amiga da minha mãe que trouxe os excelentes brownies de 285 calorias para o chá/vinho), olhando descaradamente para Ben. Ele finge não perceber.

– Bruce – diz Betsy.

– Ben – corrijo, e pego minha água.

– Ben. Conhece aquele ditado "você tem a cara perfeita pro rádio"?

Dou uma risada no meio do gole, quase engasgando com a água.

– Betsy! – exclama minha mãe.

– O que foi? Estávamos falando sobre isso outro dia!

– Já ouvi, sim. – Ben parece estar se divertindo.

– Não é o seu caso. Na verdade, eu diria que é uma pena que tenha decidido trabalhar com rádio.

A mesa toda ri. Até meu pai.

– Obrigado.

Ben fica vermelho como se não fosse elogiado com frequência por sua aparência. Como se não tivesse visitado o r/Podcasts no Reddit e visto os tópicos que falam sobre como ele é bonito.

– Como você se meteu nisso? – pergunta Keith. – Podcasts.

– Sempre gostei de podcasts. Na verdade, era obcecado por eles. Especialmente pelos de true crime. Então, decidi tentar fazer um eu mesmo.

– Simples assim? – pergunta Karen. – Você nem era repórter investigativo antes, era?

Percebo que ela não precisa que ele responda a essa pergunta, pois já havia pesquisado bastante sobre ele no Google. Provavelmente chegou até a página cinco da busca.

– Não, eu cobria principalmente estilo de vida e entretenimento como jornalista. True crime era mais um... passatempo meu. Na verdade, tinha vários casos em que havia me aventurado ao longo dos anos, participando daqueles sites em que detetives amadores tentam desvendar o que aconteceu. Quando decidi ir atrás do meu primeiro caso, escolhi aquele sobre o qual já tinha mais informações, só pra tentar facilitar as coisas pra mim mesmo.

– E você desvendou o caso? – pergunta Keith.

– Claro que sim. – Janice dá um tapinha no braço dele. – Eu te contei tudo a respeito disso.

Keith franze a testa como se não se lembrasse da tal conversa, quem sabe da maioria das coisas que a esposa lhe diz.

– Desvendei, sim – responde Ben.

– Lembra? – diz Janice ao marido. – A adolescente que foi morta na noite do baile de formatura na Carolina do Sul. Encontraram o corpo dela no porta-malas do carro de um professor, mas o cara *jurou* de pés juntos que não tinha sido ele. Além disso, ele tinha um álibi e não tinha motivo pra cometer o crime.

Keith balança a cabeça, ainda perdido.

– E foi ele?

– Não – responde Ben. – Foi o namorado dela. Ele colocou a garota no porta-malas porque achou que ela estava flertando com o professor e que talvez estivesse rolando alguma coisa. Pelo que investiguei, não estava rolando nada.

– Mas esse caso era fácil – rebate Ashley, com uma sobrancelha arqueada de uma forma sedutora. – É sempre o namorado ou o marido.

Os olhos dela se voltam para mim e depois se afastam rapidamente.

Sempre o namorado, a não ser no caso de ser a melhor amiga.

Tive uma ideia!

Agora, não.

– Eu tinha mesmo um pressentimento no começo – admite Ben.

– Tem algum pressentimento dessa vez, Ben? – pergunto. – Você acha que vai resolver o caso de novo?

– Ah, que bom, o jantar chegou – comenta minha mãe em voz alta.

Dois garçons entram no salão, com pratos nos braços.

Cruzo o olhar com o de Ben. Seus lábios se contraem, mas ele não diz nada.

Como depressa, porque o vinho está começando a subir de verdade. Há um garçom por perto, pronto para encher minha taça de novo a qualquer instante. O vinho está rolando solto, na verdade. Seguro minha taça, mas não bebo enquanto dou uma olhada na mesa. As bochechas de Keith estão vermelhas. Ashley está rindo alto.

Acho que é para ser um momento divertido. Ou, talvez, *seja* divertido. Para todos os outros. Eles poderiam tirar uma foto e postar no Instagram com as hashtags #jantarcomemorativo #divertidodemais #amominhavida e não seria mentira.

– Você vai escrever um livro, Ben? – pergunta vovó, aparentemente continuando uma conversa na qual eu não estava prestando atenção.

– Um livro? Não. – Ele olha para mim. – Um dia, talvez, mas não tenho planos no momento.

– As pessoas estão dizendo que você vai escrever um livro.

– Que pessoas?

– Você sabe. – Ela dá um tapinha no ar. – No Twitter.

– Vovó, você tá no Twitter?

Brian parece tão surpreso que de repente fico imaginando que tipo de merda ele posta lá. Algo que não quer que a avó veja, claramente.

– Você escreve bem – comenta Janice. – Li algumas das suas matérias na *Atlantic* e na *Vanity Fair*.

– Obrigado – responde Ben.

– Lucy, não teve uma época em que você queria ser escritora? – Keith olha para mim como se eu o tivesse decepcionado, esse parente que mal conheço. – Que fim isso levou?

"Acho que eu não era tão boa assim", é o que eu deveria ter respondido. As pessoas adoram esse tipo de coisa, humildade e honestidade, unidas para fazer com que todos se sintam mais confortáveis depois de uma pergunta grosseira.

Dou um sorriso.

– Bem, você sabe. Ninguém quer ler um livro escrito por uma assassina.

Keith fica vermelho. Meu pai revira os olhos.

– Lucy! – exclama minha mãe, cansada.

– Por que você nunca escreveu um livro de memórias? – Ashley claramente estava esperando a noite toda para fazer essa pergunta.

– É um pouco difícil escrever um livro de memórias sobre algo de que você não se lembra.

– Você poderia escrever sobre todo o resto.

Dou de ombros.

Vamos matar...

– Você nunca conta a sua versão da história – pressiona Ashley.

Já compartilhei minha versão mais vezes do que sou capaz de contar. Ninguém acreditou em mim.

– Eu vou contar pro Ben – digo, tomando um gole de vinho.

Meu pai levanta a cabeça. Seus olhos brilham com raiva e perguntas.

– Você vai contar pro Ben? – Minha mãe pronuncia as palavras muito lentamente, tanto que talvez o restante da mesa tenha achado que foi *calmamente*.

Talvez eles *de fato* estejam calmos. Dou uma rápida olhada ao redor e ninguém mais parece nervoso.

Eu não deveria estar nervosa. Sou uma mulher adulta, livre para dar

entrevistas a qualquer podcaster presunçoso que eu escolher.

Tive uma ideia. Vamos matar...

Cerro a mão e afasto a voz.

– Aham. Vou dar uma entrevista pro Ben logo, logo.

– Nós já conversamos sobre algumas coisas – acrescenta Ben.

– É uma decisão curiosa, Lucy – comenta meu pai.

Ashley solta uma risada nasalada e tampa a boca com a mão. Outros também dão risadinhas nervosas.

– Todo mundo tem expectativas extremamente altas em relação ao Ben. – Tento soar casual. – Só estou tentando ajudar no que posso.

– Eu agradeço. – Ben também está tentando soar casual.

Sou melhor nisso do que ele.

Meu pai abre a boca como se tivesse mais perguntas a fazer, mas então parece pensar melhor.

– Acho que a Lucy deveria contar a própria história em vez de eu contar por ela, concordam? – pergunta Ben.

– É verdade – diz Ashley, com os olhos arregalados de sinceridade.

Quanta merda.

A voz na minha cabeça é tão alta que mal consigo me segurar para não dar um pulo.

Vamos matar ela.

Olho para minha faca, mas estou bêbada demais para matar Ashley. De verdade ou não.

Ou ele?

Eu me remexo na cadeira. A conversa continuou sem mim, e minha mãe está me encarando.

– Né? – diz ela.

– Quê?

Tive uma ideia!

– A verdade – diz minha mãe. – É tudo que todos nós sempre quisemos. Apenas descobrir a verdade.

– É. – Assinto. – A verdade.

Tomo um longo gole de vinho, o que eu *não* deveria fazer, mas quero acalmar a voz. Funciona.

– E a verdade envolve investigar a vida pessoal de todo mundo?

O rosto de Keith está ainda mais corado. A raiva e o álcool se uniram e o deixaram muito vermelho.

– Keith – diz Janice em voz baixa, colocando a mão no braço dele.

Ele a afasta.

– Desculpa, mas por que estamos todos agindo como se esse cara fosse bem-vindo aqui? Ele...

– Você é muito bem-vindo, Ben – interrompe vovó, dando um tapinha no braço dele.

Ele olha para ela, sorrindo.

– Mãe! – Keith levanta as mãos. – Pelo amor de Deus. Ele foi lá naquele podcast e disse que...

– Keith – avisa minha mãe.

– ... a Kathleen dormiu com um garoto de 20 anos dentro de um carro!

– Uau! – exclama Ashley.

– Eita. – Brian larga o celular.

– Porra, Keith – reclama meu pai.

– Que foi? Nem sequer é verdade! – Keith aponta um dedo furioso para Ben. – Você aparece com esse seu podcastzinho cheio de fake news e divulga essas acusações de "fontes anônimas" – diz ele, fazendo aspas no ar.

– Talvez seja a hora da torta? – pergunta minha mãe.

Keith a ignora, sua atenção voltada para Ben.

– Quem são essas fontes?

– Sinto muito, não posso revelar.

– Ou dos presentes? – sugere minha mãe.

– É claro que não pode! Porque elas não existem!

– Ou mais vinho? – sugere vovó, erguendo a taça.

Um garçom se apressa para enchê-la de novo. Betsy se inclina sobre a mesa.

– Acho melhor eu ir – sussurra ela.

– Tá brincando? Agora que tá ficando bom! – exclama vovó, toda alegrinha.

Keith está com as duas mãos na mesa, pronto para brigar.

– E você insinuou que ela e esse garoto...

– Colin – forneço.

– Uau – diz Ashley.

– ... esse tal de *Colin* mataram a Savannah! Todos nós sabemos quem foi...

Levanto a mão. A boca de Betsy se abre. Vovó puxa minha mão para baixo.

– Não é o público certo pra esse tipo de piada, meu bem.

– Sem querer ofender, Lucy – diz Keith.

– Sério, pai? – pergunta Brian.

– Mas todos nós sabemos quem foi, e você está mentindo e dizendo às

pessoas que a Kathleen matou ela!

– Só estou tentando descobrir os álibis de todo mundo. – Ben parece extraordinariamente imperturbável.

Na verdade, seus lábios estão se contraindo. O desgraçado presunçoso talvez esteja gostando disso tudo.

– Isso não é...

– Ah, pelo amor de Deus! – grita minha mãe. Todos ficam paralisados. – Foi isso mesmo, eu transei com o Colin no meu carro na noite do casamento! Pronto, tá feliz, Ben? Você me pegou! Transei com um garoto de 20 anos e, pra ser sincera, foi muito bom.

– Uau.

– Então era lá que eu estava quando a Savvy foi assassinada – encerra minha mãe, com calma. Ela passa a mão no cabelo perfeitamente penteado, que mal se mexe. – Ele é meu álibi.

Tio Keith olha para a irmã como se tivesse acabado de perceber que ela faz sexo. Meu pai solta um suspiro de sofrimento.

– Ah, dá um tempo, Don – diz minha mãe. – Como se você tivesse moral pra falar.

Faço um grande esforço para não rir, mas um bufo-risada escapa dos meus lábios.

Meus pais nunca foram muito discretos em relação a seus casos. Meu pai costumava deixar o notebook aberto na mesa da cozinha e simplesmente saía enquanto o computador apitava com mensagens, até que minha mãe gritava, dizendo a ele que respondesse à namorada. Tenho certeza de que minha mãe só começou a dormir com outras pessoas para se vingar dele, mas parece que ela está se divertindo muito nesse momento. Bom para ela, acho.

Jamais vou entender por que eles continuam casados. Pensava que estavam apenas esperando que eu saísse de casa para se separar, mas já faz mais de uma década que fui para a faculdade. Acho que eles concluíram que passar o resto da vida atormentando um ao outro é preferível ao divórcio.

Vovó pousa a taça de vinho e estende a mão para minha mãe do outro lado da mesa.

– Kathleen, só quero que você saiba que estou sendo sincera... Estou muito orgulhosa.

• • •

Comemos a torta praticamente em silêncio. Os amigos de vovó tentam melhorar o clima enquanto ela abre os presentes, mas estamos todos ainda presos em "Transei com o Colin no meu carro".

Os convidados vão embora o mais rápido possível, e eu ajudo vovó a entrar em um carro preto elegante que apareceu para levá-la. É outro homem misterioso, este pelo menos dez anos mais jovem do que ela. O carro de luxo tem um cheiro muito forte de perfume, mas o sorriso dele é amigável quando acena para mim.

Vovó dá tapinhas nas minhas bochechas enquanto se acomoda no banco da frente.

– Falei que iria estragar seu aniversário – digo.

– Minha querida, você fez deste o melhor aniversário de todos.

Balanço a cabeça, achando graça, e fecho a porta. Ela acena enquanto se afastam.

Volto para o restaurante. O local está praticamente vazio, com a equipe de garçons reunida ao redor do balcão de atendimento. Eles param de falar abruptamente quando passo.

Eu me dirijo aos fundos para pegar os potes de vidro da minha mãe e o que sobrou da torta. Ouço cochichos ao me aproximar e diminuo a velocidade quando chego à porta.

Meu pai está numa ponta da mesa com Ben, os braços cruzados. A fumaça de uma vela recém-apagada se espalha perto deles. Eu me afasto, fora do campo de visão dos dois, sem absolutamente nenhum constrangimento de escutar escondida.

– Sei que você não se importa com isso, mas eu imploro que pense no que é melhor pra Lucy – diz meu pai.

– O que quer dizer com isso? – pergunta Ben.

Ele bebeu bem menos vinho do que o resto de nós. A voz é muito mais clara do que a do meu pai.

– Ela já contou a versão dela várias vezes. Não precisa repetir. – Meu pai já está frustrado.

– Ela nunca contou a versão dela.

– Claro que contou.

– Não diretamente. Sempre filtrada pela polícia, por você e pela mãe dela, pelo advogado ou pela mídia. Ninguém nunca ouviu a Lucy contar diretamente.

– Mas por que você acha que isso aconteceu?

– Porque vocês estavam protegendo ela?

– Exatamente!

– E é isso que está fazendo agora? – pergunta Ben.

Fico imaginando se meu pai percebe o ceticismo na voz de Ben.

– É claro.

– Eu adoraria te entrevistar, se quiser entrar em mais detalhes – diz Ben.

– Não vou te dar entrevista – responde meu pai.

Ele começa a se virar, e recuo rapidamente alguns passos. Espero até que ele esteja saindo do salão para só então começar a seguir pelo corredor outra vez. Meu pai franze a testa quando passa por mim.

Ben está digitando algo no celular enquanto pego uma caixa e vou até a mesa juntar os potes de conserva.

Ele olha para cima e se aproxima para pegar alguns frascos. Nossos olhares se cruzam quando ele os coloca na caixa.

Minha história ainda está sendo filtrada por Ben. Fico pensando se ele percebe isso. A história de Savvy está sendo filtrada por ele. Por todos que ele entrevistou e que apararam as arestas da garota real para apresentar ao mundo uma vítima perfeita.

– Vejo você na segunda-feira – diz ele suavemente e se dirige à porta, mas faz uma pausa, olhando para mim por cima do ombro. – Você sabe que só estou interessado em descobrir a verdade, né? Pela Savannah.

– Sei.

Ele assente e começa a se afastar.

– Ben, peraí.

Ele volta a olhar para mim.

– É o que eu também quero – digo. – A verdade.

Na minha cabeça, a voz bufa.

– Descobrir o que aconteceu com ela – acrescento. – Vou te ajudar a descobrir, não importa o que esses babacas digam.

Faço um gesto vago para a mesa, onde os babacas (minha família) estavam sentados alguns minutos antes.

Ben sorri.

– Fico feliz em ouvir isso. Vamos descobrir a verdade juntos, Lucy.

Engulo em seco quando ele acena, depois se vira e vai embora. Ouço seus passos sumirem.

A verdade.

A verdade não importa. A voz – a voz de Savvy – é claríssima agora, mais clara do que nunca antes em todos esses anos.

Sempre foi Savvy falando comigo. Desde os primeiros dias após a morte dela, quando seus gritos eram tão altos que eu achava que minha cabeça iria explodir, até tempos depois, quando ela se acalmou e se tornou uma companheira constante e assassina.

Até agora, quando aparentemente já se cansou de ser ignorada por mim.

Vamos matar...

Fecho os olhos, desejando que a lembrança desapareça, mas ela não vai embora. Está ali há dias, no cantinho de cada pensamento que tenho, gritando para que eu a note.

A memória se forma, brilhante e nítida, como se tivesse se aprimorado com o passar dos anos em vez de desaparecer.

LUCY

CINCO ANOS ATRÁS

– Eu sei que a verdade não importa – falei.

Estava sentada no balcão vazio do bar, os sons de risadas da equipe vindo da cozinha. O restaurante tinha acabado de abrir e o salão estava deserto. Éramos apenas eu e Savvy.

Ela estava na minha frente, do outro lado do bar, antebraços apoiados no balcão. Usava uma regata que mostrava suas tatuagens (flores em um braço e a Arlequina no outro). Ela tinha uma queda por supervilões. Ninguém nunca menciona isso. Talvez achem que não seja importante.

Ela estava linda, os olhos grandes e voltados para baixo e o cabelo louro-escuro preso em um coque bagunçado. A maquiagem dos olhos vivia borrada. Eu tinha certeza de que ela raramente se lembrava de tirá-la à noite. Apenas retocava a maquiagem no dia seguinte e achava que estava tudo bem.

Certa vez, um rapaz disse a ela: "Você parece ser uma espécie de caos divertido." Grosseiro, mas não estava errado.

Eu, por minha vez, era um caos e nem um pouco divertida.

Eu estava com um hematoma na bochecha. Pequeno. Poderia facilmente cobri-lo com maquiagem, mas queria que Matt visse e se sentisse mal. Ele não viu. Em vez disso, levantou a mão para mostrar onde eu o havia arranhado.

Savvy tinha razão. Não importaria se eu dissesse que o havia arranhado porque estava me defendendo. Que foi ele quem tinha começado.

Bem, não, ele contestaria isso. Matt diria que fui eu quem tinha começado, ao gritar com ele de novo. "Não comece nada que não seja capaz de terminar", ele sempre dizia.

– Ele falou que contaria pros meus pais que eu empurrei ele da escada se eu

fosse pra casa deles – contei.

– Você não empurrou ele da escada – rebateu Savvy.

Não havia empurrado, mas tinha quase certeza de que Matt achava que sim. Ele já havia repetido aquela mentira tantas vezes que começou a acreditar nela.

Caramba, eu estava começando a acreditar nela. A lembrança (falsa?) de que eu o empurrei violentamente agora é reproduzida ao lado da lembrança (verdadeira?) de que eu estava sacudindo os braços irritada e ele tropeçou porque estava bêbado outra vez.

– Mas a verdade não importa – repetiu ela.

– Eu deveria ter me controlado – falei suavemente.

Deveria ter apenas chorado. Ter recebido os golpes e me arrastado para longe a fim de demonstrar minha vulnerabilidade. Deveria ter sido uma vítima melhor. A verdade não importa se você revidar.

– Tive uma ideia. – Savvy se inclinou para perto de mim. Os olhos dela buscaram os meus. A boca estava firme, o olhar sério e lancinante. – Vamos matar seu marido.

22

LUCY

Nina me liga no dia seguinte à festa de vovó.

– Você convidou mesmo o Ben pra festa de aniversário da sua avó? – pergunta ela, sem nem me cumprimentar.

Eu me espreguiço na cama. O sol atravessa as cortinas, já bem alto no céu. Estou no meu quarto, me escondendo dos meus pais feito uma adolescente.

– Minha avó convidou ele. Peraí, como você sabe disso?

– Três pessoas diferentes me ligaram e disseram que ele apareceu na festa e causou.

– Ele não *causou*, só ficou lá sentado e curtiu o caos que a presença dele gerou.

– Meu Deus do céu.

– Sinceramente, fiquei triste por não ter filmado.

Adoraria dar replay naquele sorrisinho presunçoso de Ben. Aquele não era um sorriso de super-herói. Era o sorriso de um homem que gostava de ver o circo pegar fogo.

– Você vai mesmo dar uma entrevista pra ele?

– Aham. Estou ajudando o Ben a preencher algumas lacunas.

– Não sei bem se essa é uma ideia brilhante ou burra, Lucy.

– Nem eu.

Ela ri.

– Quer vir jantar hoje à noite? O Emmett quer vir também, e ele não trabalha aos domingos.

– Claro.

Preciso de uma desculpa para sair de casa.

– Ótimo. Vou te mandar o endereço por mensagem.

• • •

Nina Garcia mora naquela que sempre considerei a parte mais sem graça de Plumpton. Uma construtora havia erguido às pressas um aglomerado de casas na zona noroeste da cidade, todas com aparência vagamente semelhante. Seguir de carro pela rua parece o comecinho de um filme de terror. É perfeito demais para ser real.

Estaciono o carro na rua e saio.

Acho que me enganei em relação a Nina: ela realmente estava falando sério quando disse que eu deveria ir lá conhecer os filhos dela. Nina sempre foi simpática até demais.

Uma criança pequena, de cabelo escuro, com uma mancha azul na boca, abre a porta depois que bato.

– Olá – digo.

O garotinho não fala nada, só fica me encarando. Sempre admirei a maneira como as crianças olham para os outros sem vergonha nenhuma. Elas não se importam se a pessoa está desconfortável. Crianças não estão nem aí para os sentimentos alheios.

– *Mi hijo*, vai procurar seu irmão. – Nina aparece e manda embora a criança risonha. – Desculpa. Ele adora atender à porta. Anda obcecado por isso ultimamente. – Ela dá um passo para trás, estendendo o braço. – Entra, entra.

Ela está usando um vestido verde despojado, os cachos macios soltos ao redor do rosto. Nunca havia notado que Nina e Emmett tinham muito interesse um pelo outro quando éramos mais jovens, mas agora consigo ver por que eles estão juntos. Os dois são muito bonitos.

Não consigo não pensar que Nina está aqui para me torturar. Ela é a prova viva do que eu poderia ter sido se tivesse um corpo curvilíneo e um pouco mais de bom senso.

Entro na casa e vejo uma sala de estar surpreendentemente limpa. Todos os

brinquedos estão empilhados em caixas no canto.

Do fundo da casa, uma criança solta um grito. Tomo um susto, mas Nina parece não se preocupar.

Emmett entra na sala, com uma criança pendurada em cada braço. A criança de boca azul que abriu a porta está de cabeça para baixo, rindo. Emmett sorri para mim. Seu cabelo louro-escuro está bagunçado, como se ele estivesse lá nos fundos brincando de lutinha com as crianças. O tipo de cabelo que está implorando para ser tocado novamente. Talvez puxado.

Meu Deus. Como eu sou besta.

É impressão minha ou ele virou um gato?

A voz de Savvy surge de repente na minha cabeça. Eu a deixei entrar de novo e agora ela não quer mais sair.

A lembrança de um dia aleatório com ela no restaurante toma forma, quase contra a minha vontade.

– Sempre achei o Emmett bonito – falei, olhando para a porta do restaurante, onde ele estava parado.

– É, mas agora ele tá tipo "me atira na parede e me come" – retrucou ela, e depois riu da expressão no meu rosto. – Você é ridícula, sabia?

– Não falei nada.

– Você fica vermelha feito uma adolescente toda vez que eu falo de sexo. Queria que a gente tivesse saído juntas na época da escola. Eu teria me divertido muito corrompendo você. – Ela esticou o braço até o outro lado do balcão para dar um tapinha na minha mão. – Mas estou feliz por ter essa oportunidade agora. Antes tarde do que nunca.

– O que vai ser antes tarde do que nunca? – perguntou Emmett enquanto deslizava para o banco ao meu lado.

– Eu. Corrompendo esse anjo – respondeu Savvy com doçura.

Emmett soltou uma gargalhada enquanto Savvy dava a volta no balcão para atender um grupo de rapazes.

– Você e Savvy Harper são amigas agora, é? – Emmett me lançou um olhar muito bem-humorado.

– Aham, também não esperava por essa.

– Isso é o que acontece quando você volta pra sua cidade natal. Em algum momento, acaba virando amiga da ex-líder de torcida rainha do baile de formatura.

– Eu ouvi, hein! – exclamou Savvy enquanto pegava um copo. – E fui a rainha do baile de boas-vindas, não do baile de formatura. Não teve rei e rainha nesse.

– Como é que pode você saber disso? – comentou Emmett, incrédulo.

– Alguns de nós não fingiam ser descolados demais pra tudo. – Ela nos dirigiu um olhar profundo.

– Ei. – Passei um braço ao redor dos ombros de Emmett. – A gente não tava fingindo. Éramos mesmo descolados.

– Não, não éramos – sussurrou Emmett.

Eu lhe lancei um sorriso.

– Não, não éramos.

Savvy deu uma piscadela para mim.

– Ainda bem que somos amigas agora.

Emmett está me encarando. Tento parecer uma pessoa sã que não está sendo bombardeada por lembranças do passado. Acho que não estou sendo bem-sucedida.

Nina pega a criança de ponta-cabeça e a coloca no chão. Emmett coloca o outro menino, mais alto, no chão também.

– Estes são o John e o Chris – apresenta Nina, apontando para o menor e depois para o maior.

Eu já havia visto o mais velho antes, mas ela supõe corretamente que não nos lembramos muito bem um do outro.

– Essa aqui é a Lucy – prossegue ela.

Aceno sem jeito. Não convivo com crianças. Não sei como agir com elas.

– A Lucy é uma velha amiga – explica Nina.

Nenhum dos dois parece se importar com isso. O menor (já esqueci o nome dele) está me encarando outra vez.

A campainha toca de novo, e o mais velho grita.

– *Abuela!*

– Vamos – diz Emmett, lançando um olhar brincalhão para mim.

Ele leva os meninos para fora.

– Pedi à minha mãe que cuidasse deles hoje à noite pra podermos ter conversas de adultos – comenta Nina.

– Eles são muito fofos – minto (para mim, todas as crianças são iguais).

– Ah, obrigada. – Ela sorri. – Eles são difíceis de lidar.

Emmett volta, sem as crianças. Ele vai até Nina e passa um braço em volta da cintura dela, que se encosta nele com uma familiaridade natural. O tipo de casal que já está junto há algum tempo, mas que ainda troca afeto.

Quando estávamos no ensino médio, Emmett costumava falar sobre sair de Plumpton. De nós três, era o que parecia mais inquieto, o mais ansioso para

explorar o mundo.

Fico imaginando se ele se arrepende de nunca ter saído. Ou se tem inveja de mim, por ter me mudado para Los Angeles.

Mas, no fundo, eu não saí. Não estava presente fisicamente, mas, de certa maneira, passei todos os dias dos últimos cinco anos aqui. Outras pessoas seguiram em frente com a vida. Nina e Emmett, por exemplo.

Ainda sou definida por tudo que aconteceu comigo na cidade onde nasci. Pelo meu primeiro marido e pela vida que tinha aos 20 e poucos anos. Sou tipo um atleta que teve seu auge no ensino médio, só que sou a versão trágica e assassina.

Merda, que deprimente.

Emmett me lança um olhar preocupado, como se pudesse ler essa emoção em meu semblante, e rapidamente desvio o rosto e finjo estar fascinada com as fotos de família penduradas na parede.

– Quer beber alguma coisa? – Nina se dirige à geladeira, coberta de papéis com rabiscos que em tese são arte e cartões de Natal de crianças sorridentes, embora estejamos em agosto. – Eu e o Emmett não bebemos muito álcool, mas posso te oferecer uma água saborizada.

– Claro, obrigada.

Não preciso de álcool depois do exagero de ontem. Minha cabeça ainda dói um pouco.

Ela abre a garrafa de vidro com água mineral e a entrega para mim.

– Estou muito feliz por você ter vindo.

– Bem, não é como se eu estivesse recebendo milhares de convites, se você quer saber a verdade.

Emmett se apoia na bancada, cruzando os braços.

– As pessoas estão sendo mais simpáticas do que quando você foi embora?

– Talvez. Menos hostis, pelo menos.

Ele abre um meio sorriso.

– O pessoal teve um tempo pra pensar no assunto.

– E qual foi a conclusão?

Emmett e Nina se entreolham, e sei exatamente a que conclusão as pessoas chegaram. A mesma a que sempre chegam.

– Acho que algumas pessoas estão percebendo que se apressaram em julgar – responde Nina. – Você teria sido julgada se houvesse provas suficientes.

Reprimo um sorriso tomando um gole d'água. Nina fala como se estivesse tentando se convencer disso. Ela passa a noite acordada, olhando para o teto,

inventando desculpas lógicas que justifiquem que eu não seja a culpada.

– Sempre tivemos nossas dúvidas – diz Emmett calmamente.

– Obrigada por dizer isso.

Os dois ficam em silêncio por um momento, trocando outro olhar que não consigo interpretar. Nina pega um pano na bancada e o torce com nervosismo.

– Ainda não me lembro de nada, se é isso que você quer perguntar – adianto.

Nina torce o pano com tanta força que parece que vai rasgá-lo ao meio, depois se afasta para abrir um pouco o forno.

– Espero que você goste de lasanha!

E então Savvy está ao lado de Nina, sorrindo com seu delineador borrado, o cabelo louro-escuro em um coque bagunçado no topo da cabeça.

Fico paralisada. É uma alucinação perfeita e assustadora. Tudo que tenho atochado nas profundezas da minha mente por cinco anos voltou à vida para me assombrar.

Quero forçá-la a desaparecer de novo. Ela não deveria estar sussurrando no meu ouvido, e com certeza não deveria estar aqui com esse sorriso malicioso tão familiar no rosto. Nada de bom vai vir disso.

É claro que afastá-la desesperadamente ao longo de cinco anos não me levou a lugar nenhum. Minha primeira terapeuta, a que consultei logo depois de me mudar para Los Angeles, não teria dificuldade em segurar uma plaquinha de "Eu te avisei" se estivesse aqui. Ela me disse que ignorar a voz de Savvy não era a solução. "Ela vai voltar", declarou ela. "Não dá para ignorar o passado para sempre."

A terapeuta estava certa e eu, errada. Grande novidade.

A Lucy não gosta de lasanha, adianta Savvy, tentando ajudar. *Essa mulher continua sendo uma chata, Luce. Não é nenhuma surpresa.*

Eu me encolho. Emmett parece preocupado novamente. Savvy se aproxima dele.

Mas ele continua um gostoso.

– Você tá bem? – pergunta Emmett baixinho.

Ao lado dele, Savvy empurra a língua contra a bochecha, como se estivesse lhe fazendo um boquete. Ela não tem a aparência que as pessoas sempre descrevem. No podcast, falam sempre como se ela fosse um anjo louro e angelical, planando pela vida com uma auréola brilhando ao redor da cabeça.

A Savvy à minha frente é a versão real. Raízes sem pintura, maquiagem malfeita, a alça desgastada do sutiã vermelho escapando da regata.

Dou um pigarro e forço um sorriso para Emmett.

– Aham. Tô bem. Ótima.

Não estou nada bem. O fato de me permitir pensar novamente em Savvy a trouxe de volta à vida, e acho que ela não vai embora até que eu descubra o que aconteceu. Vou ser assombrada pela minha amiga e pelos pensamentos assassinos dela pelo resto da minha vida, a menos que eu dê um jeito nisso.

Savvy solta um suspiro longo e decepcionado.

Vamos matar esse cara ou não?

– Por que você não se senta? – Emmett aponta para a mesa.

– Isso, por favor, senta! – exclama Nina. – O jantar tá quase pronto.

Forço um sorriso ao me acomodar em uma cadeira e me preparo quando a lembrança daquele dia com Savvy se forma de novo, nítida como nunca.

LUCY

CINCO ANOS ATRÁS

– Aham, claro, vamos matar o meu marido – falei em meio a uma risada. – Como vamos fazer isso? Enfiar a faca nele enquanto estiver dormindo? Jogar ele na frente de um carro? Peraí, já sei. Veneno na garrafa de bebida. O Matt acaba com essas garrafas tão rápido que vai morrer antes de perceber que o gosto tá estranho.

Comecei a rir outra vez, mas Savvy, não. Ela arqueou uma sobrancelha. Meu sorriso sumiu aos poucos.

– Savvy. – Fiquei inquieta no banquinho do bar ao perceber que era a única pessoa que estava brincando. – Eu não posso matar ele. Não sou capaz de matar ninguém.

– Por que não? Ele merece.

Abri a boca para argumentar.

– Não se atreva a dizer que ele não merece. – Ela colocou a mão quente no meu braço. – Já vi você com hematomas várias vezes, e sei que nem me conta os piores detalhes.

Não contava mesmo. Os detalhes eram ruins demais para serem revelados. Não era nem por ser humilhante; eu simplesmente não conseguia reunir palavras para explicar que ele havia me estrangulado até eu desmaiar. Ou quando "as coisas saíram do controle" (como ele sempre gostava de dizer), e ele me arrastou pelo cabelo da cozinha à sala de estar e depois bateu minha cabeça várias vezes no piso de madeira até que eu visse estrelas.

– Ele merece – confirmei baixinho. – Mas mesmo que eu quisesse matar ele...

– A gente – interrompeu Savvy. – Mesmo que *a gente* quisesse matar ele. Eu jamais te obrigaria a fazer isso sozinha.

Soltei uma risada pelo nariz.

– Caramba, Savvy, eu sabia que você era do tipo "ou vai ou racha", mas isso é outro nível.

Ela jogou o cabelo por cima do ombro e sorriu.

– Eu sou a melhor amiga do mundo, digamos assim. E como melhor amiga do mundo, ficaria muito feliz em te ajudar a se livrar do babaca do seu marido.

Fiquei olhando para ela, ainda convencida de que era brincadeira. Ela arqueou uma sobrancelha.

– E aí? Vamos matar esse cara ou não?

Podcast *No Rastro da Mentira*, com Ben Owens

EPISÓDIO CINCO:
"A MULHER MISTERIOSA"

Hoje, pela primeira vez, você vai ouvir Matt Gardner, o ex-marido de Lucy. Matt havia se recusado a falar com a imprensa desde a morte de Savannah e só concordou em conversar comigo agora porque Lucy lhe pediu.

Ele chega ao meu quarto de hotel em Plumpton logo pela manhã. Parece mais velho do que as fotos que vi dele, e mais cansado também. Pergunto se ele concordou com a entrevista por causa de Lucy.

Matt: Aham, ela comentou que eu deveria falar com você.
Ben: Por quê?
Matt: Não sei, acho que ela gosta de você. Ou... ela quer saber quem matou a Savvy.
Ben: Vamos falar sobre o seu relacionamento com a Lucy. Vocês mantiveram contato depois do divórcio?
Matt: Não. Eu não falava com ela desde que ela foi embora da cidade, cinco anos atrás. Mas ela foi lá em casa há alguns dias e também almoçamos recentemente.
Ben: Ela entrou em contato com você, então?
Matt: Isso. Ela simplesmente apareceu um dia.
Ben: Como você descreveria o relacionamento de vocês quando eram casados?
Matt: Hum... Apaixonado. Estávamos mesmo apaixonados, mas também brigávamos muito. Provavelmente nos casamos jovens demais. Mas eu era louco por ela. No momento em que conheci a Lucy, fiquei apaixonado.
Ben: Por que vocês brigavam?
Matt: Coisas normais de casamento. Dinheiro, sogros, trabalho. Provavelmente deveríamos ter feito terapia. Agora percebo que não éramos muito bons em nos comunicar um com o outro. Assumo parte da responsabilidade por isso. Gostaria que tivéssemos investido na relação em vez de desistir.
Ben: Você gostaria de ter continuado casado?
Matt: Acho que não foi exatamente isso que eu quis dizer... É difícil ter certeza do que teria acontecido. Mas, diante da oportunidade de olhar em retrospecto, consigo ver uma realidade em que demos um passo para trás e tentamos enxergar o que cada um tinha de bom.
Ben: Depois de receber alta do hospital, Lucy foi imediatamente para a casa dos pais em vez de ir para casa. Várias pessoas com quem conversei disseram que você pediu pra ela sair. Isso é verdade?
Matt: É verdade.
Ben: Por quê?
Matt: Na época, era muita coisa para lidar. A Savvy, que era *nossa* amiga, não

apenas dela, estava morta, e a polícia já estava fazendo perguntas que... Era muita coisa.
Ben: A polícia estava fazendo perguntas que te fizeram suspeitar que sua esposa havia matado a amiga?
Matt: Bem... Sei lá. Eles estavam fazendo perguntas que me deixavam desconfortável. Eu não deveria ter falado pra ela ir embora. Me sinto mal por isso agora.
Ben: Você visitou a Lucy na casa dos pais?
Matt: Uma vez, sim.
Ben: Como ela estava naquela época?
Matt: Eu... acho que mais ou menos a mesma coisa. Triste. Confusa.
Ben: O que você fazia enquanto a Lucy estava na casa dos pais dela?
Matt: Como assim?
Ben: De modo geral. Deve ter sido estranho não ter sua esposa em casa, certo? O que você fazia?
Matt: As coisas de sempre. Ia trabalhar. Na verdade, trabalhei mais. A imprensa local às vezes aparecia na minha casa, então passei muito tempo no trabalho.
Ben: Você ficou com algum amigo?
Matt: Devo ter dormido no sofá de um amigo uma ou duas vezes, sim.
Ben: E quanto a alguma mulher? Você se hospedou na casa de alguma mulher? Ou recebeu alguma mulher em casa?
Matt: Tipo... Já se passaram cinco anos. Como eu disse, dormi em alguns sofás. Talvez alguns tenham sido de mulheres.
Ben: Tenho duas pessoas que dizem que viram você entrar e sair regularmente da casa de uma mulher cujo nome prefiro não citar, para preservar a identidade dela.
Matt: Como eu disse, fiquei na casa de alguns amigos em alguns momentos. Pra fugir da imprensa.
Ben: Dizem que vocês dois já estavam dormindo juntos desde antes da morte da Savannah.
Matt: Não sei quem são essas pessoas anônimas e não sei por que elas acham que sabem o que faço a portas fechadas.
Ben: Elas também disseram que a mulher começou a passar algumas noites na sua casa logo depois que a Lucy saiu.
Matt: Mais uma vez, não sei por que essas pessoas acham que sabem da minha vida.
Ben: Então elas estão erradas? Ou estão mentindo?
Matt: Sim, elas estão erradas. E qual é a importância disso? Qual é a relevância disso?
Ben: Boa pergunta. Vamos seguir. Como você chegou em casa depois do casamento?
Matt: De carro.
Ben: Apesar de você estar, segundo suas próprias palavras, muito bêbado?
Matt: Olha, não foi uma decisão muito boa. Mas, sim, foi isso. E já estava um pouco mais sóbrio quando saí de lá.
Ben: Quando foi isso?

Matt: Não muito tempo depois que a Lucy e a Savvy foram embora.
Ben: Mas você não viu as duas?
Matt: Não, elas pegaram a estrada secundária. Eu peguei a principal, como pediram.
Ben: E você foi direto para casa?
Matt: Aham.
Ben: E passou o resto da noite sozinho? Ninguém foi lá te buscar mais tarde naquela noite?
Matt: Sabe de uma coisa, na verdade, acho que vou embora. Isso foi uma má ideia.
Ben: Um vizinho confirmou à polícia que viu você chegar em casa.
Matt: [*ruídos abafados*] Pra mim chega.
Ben: Esse vizinho entrou em contato para expressar arrependimento por ter mentido. Ele viu você chegar e outro carro aparecer logo em seguida. Disseram que era uma mulher e que vocês dois discutiram na entrada da garagem.
Matt: [*ruídos abafados, batidas*]
Ben: Eles não sabiam quem era a mulher misteriosa, mas aparentemente você estava gritando com ela, e depois ela foi embora. Em seguida, você entrou de novo no seu carro e saiu. Quer dizer, você falou pra polícia que passou a noite toda em casa, mas na verdade estava fora no momento em que a Savvy foi assassinada.

E esse é o fim da entrevista, pessoal. Matt foi embora e, desde então, não consegui mais entrar em contato com ele.

23

LUCY

Concordo em acompanhar Ben à floresta, até o local onde Savvy foi encontrada. Não era o que eu esperava para nossa primeira entrevista, mas não tenho um bom motivo para recusar.

E me esforcei muito para encontrar um bom motivo para recusar.

Portanto, nesse momento, estou marchando até a porta do quarto de hotel de Ben, prestes a ir de carro à cena do crime com esse podcaster presunçoso e mentiroso.

– Oi. – Ben me recebe na porta do quarto com um sorriso.

– Oi, palhaço.

Atrás de Ben, Paige solta uma gargalhada. Ela está sentada no sofá, com os pés descalços apoiados casualmente na mesa de centro. Fico me perguntando se os dois estão dormindo juntos.

Torço para que não, e em seguida me odeio por isso.

O sorriso de Ben se alarga, como se ele gostasse de ser chamado de palhaço.

– É muito bom te ver também, Lucy.

– Quando você ia me contar que o Matt saiu com uma pessoa misteriosa na noite em que a Savvy morreu?

Liguei e mandei mensagens para Matt várias vezes desde que ouvi o episódio

de ontem à noite. Surpreendentemente, ele parece estar me evitando.

Vamos matar ele antes que ele te mate, diz Savvy no meu ouvido. *Já não falei que sou muito boa nisso? Posso fazer um homem desejar nunca ter posto os olhos em mim, ainda mais as mãos*.

Não era o plano, matá-lo na noite do casamento. Ainda estávamos apenas discutindo o assunto.

Será que o plano tinha mudado? Encontramos Matt naquela noite?

Penso nele parado perto da porta da frente, com medo de verdade nos olhos. O homem que uma vez zombou de mim: "Você chama isso de soco? Bate de novo. BATE DE NOVO!"

– Você acabou descobrindo, não foi? – diz Ben, me trazendo de volta ao presente.

– Achei que estávamos trabalhando juntos aqui. Eu não recebo nem um alerta?

– Não – responde Ben.

– Não – repete Paige atrás dele.

– Não estou sentindo muita confiança aqui, Ben.

Ele ri.

– Você confia em *mim*?

Nem um pouco.

– Justo.

Ele pega a bolsa dele e sai do quarto, fechando a porta atrás de si.

– Vou ligar o microfone quando estivermos no carro, tá bem?

– Tá.

Viro o rosto, caso minha expressão revele meu nervosismo. Acompanho Ben até o carro dele.

– Tem mais entrevistas bombásticas a caminho?

– Claro. – Ele abre a porta e sorri para mim por cima do capô. – Pronta?

• • •

– Você esteve lá desde que tudo aconteceu?

Quinze minutos depois, Ben está preocupado. Ele franze a testa ao pronunciar as palavras, desviando o olhar da estrada por tanto tempo que aponto para o para-brisa a fim de lembrá-lo de que ele está dirigindo. Ele olha para a frente.

Estamos na estradinha que leva à Byrd Estate. Há duas estradas que levam ao

local do evento: uma principal, bem pavimentada e menos perigosa, e essa, estreita e esburacada, com árvores grossas em ambos os lados. É muito mais rápido chegar à rodovia por ela, além de ser a via onde encontraram o carro de Savvy estacionado, abandonado.

– Estive.

Eu me recosto no banco. Meu coração está batendo muito rápido, e tento fingir que é apenas um pico de açúcar por causa dos biscoitos que comi antes de sair de casa. O ar frio da ventilação está finalmente começando a gelar o carro, e eu me concentro na sensação que ele causa em meu rosto.

Não vi Savvy de novo, mas a voz dela agora está o tempo todo na minha cabeça. Apenas um fluxo interminável de *Vamos matar seu marido!*.

– Quando?

Ele olha para mim de novo, mas só por um instante dessa vez.

– Minha mãe me trouxe aqui depois que a polícia reabriu a área. Andamos pelo lugar, na esperança de que isso despertasse alguma lembrança – falo um pouco devagar, refletindo sobre minhas palavras antes de dizê-las.

Agora sou a Lucy do Podcast. Não sou a Lucy que "estava planejando matar o marido com a amiga". Essa precisa ficar enterrada bem no fundo.

– Não funcionou. – Não é uma pergunta.

"Acorda, Lucy. ACORDA."

A lembrança da minha mãe gritando comigo quando desmaiei, com os dedos agarrados à terra, volta com força. Tento afastá-la.

"Não é assim que pessoas inocentes se comportam. Você sabe disso, não sabe?", disse ela no caminho de volta enquanto eu chorava no banco do passageiro.

Eu não sabia. Como uma pessoa inocente teria agido? Sempre quis perguntar.

– Lucy.

Ben está preocupado outra vez.

– Não, não funcionou – confirmo.

Ele estaciona no chão de terra, na beira da estrada. O cricrilar dos grilos fica mais alto quando abro a porta.

Ben segura seu gravador digital conforme começamos a caminhar em direção às árvores. Elas são espessas, fazem bastante sombra, mas isso não ajuda muito. Já passa das seis, o sol ainda está forte e o ar, muito úmido. O suor já está escorrendo pelas minhas costas, e olha que saímos do carro há apenas dois minutos.

Achava que o microfone me incomodaria mais. Achava que visitar a cena do

crime depois de todos esses anos fosse me incomodar menos. Tudo ainda está de cabeça para baixo e me sinto tonta. Gostaria de ter dito não a esse momento. Não, Ben, vamos fazer essa entrevista em um local fechado, com ar-condicionado, feito pessoas normais.

Estamos descendo um caminho de terra fina, e me concentro nele. Tento respirar.

– A polícia isolou a área por quanto tempo? Uma semana? – pergunta Ben.

– Isso, acho que foi isso, sim.

– E quanto tempo depois disso você veio?

– Não me lembro bem. Alguns dias, talvez.

– Como foi pra você? Visitar a cena de novo, quero dizer.

Eu contenho a primeira resposta (*Foi legal pra caralho, Ben, o que você acha?*). Sou a Lucy do Podcast agora. Pessoas inocentes não fazem comentários sarcásticos.

Pessoas inocentes não conspiram para matar o marido.

Não era Savvy. Ela nunca disse isso. Mas ouço as palavras na voz dela de qualquer maneira.

– Foi difícil – respondo.

Ele assente e fica em silêncio por um tempo.

– E antes? Você gosta de correr, né? Já tinha vindo aqui correr? A trilha fica perto.

Não faço ideia de como ele sabe que costumo correr, mas é bem possível que Ben saiba mais sobre mim do que eu mesma a essa altura.

– Só comecei a correr alguns anos atrás. E odeio correr ao ar livre, então, não. Jamais viria aqui pra correr. Principalmente com esse calor.

Um inseto me atinge em cheio no rosto, e mal consigo me conter para não gritar um palavrão. Dou um tapa no rosto com um pouco de vigor demais. Pareço tão louca quanto estou me sentindo.

– Mas você conhecia essa trilha, certo?

– Conhecia, claro. Não é uma cidade grande, e a placa para a trilha fica bem na saída da estrada. Passei por ela um milhão de vezes.

Ainda estamos caminhando, e percebo que não sei exatamente onde o corpo de Savvy foi encontrado. Tudo aqui parece igual. Apenas um caminho de terra que passa por árvores idênticas.

Será que uma pessoa inocente teria se lembrado? Talvez alguém inocente teria vindo aqui todos os dias, em uma busca desesperada da lembrança. Visitei o local duas vezes e entrei em pânico em ambas.

Pensando nisso agora, consigo entender o ponto de vista da minha mãe.

Vejo Ben me encarando outra vez, com as sobrancelhas unidas. Ele deve saber onde o corpo de Savvy foi encontrado. Deve ter planejado tudo isso com antecedência (a rota, as perguntas). Talvez até tenha ensaiado o olhar de preocupação que não para de lançar para mim.

Ele aponta.

– É bem aqui.

Fico pensando se ele leu a expressão em meu rosto. Essa ideia me deixa desconfortável. Eu me afasto dele.

Meu coração está batendo muito alto nos ouvidos e o suor escorre pelas minhas costas. Hoje nem está tão quente assim, para os padrões do Texas. Fico um pouco tonta.

Vejo flores em um vasinho cor-de-rosa em frente a uma árvore e paro.

Rosas amarelas. As favoritas de Savvy.

– A mãe dela vem aqui regularmente – explica Ben, acompanhando meu olhar.

Assinto em silêncio.

Não há indícios de onde Savvy foi encontrada, é claro (já faz muito tempo), mas agora me lembro. A polícia me mostrou fotos do corpo, parcialmente coberto de terra, com o vestido rasgado em vários lugares.

Fiquei olhando para a alça rasgada do vestido dela, presa por um fio. Eu sabia como aquilo tinha acontecido. Sabia, mas não conseguia me lembrar.

Ou só queria tanto me lembrar que tentei criar uma memória. É difícil dizer agora.

– Você tá bem? – pergunta Ben.

– Tô.

– Estar aqui faz você sentir alguma coisa específica?

Eu o encaro. Estupefata diante daquela pergunta ridícula.

– Você parece indisposta desde que saímos do carro. É difícil pra você estar aqui, no local onde ela morreu?

– Claro... Claro que é difícil.

Respiro fundo, mas não adianta.

Savvy aparece atrás dele. Ela está com um vestido preto curto que usava com frequência (de algodão, informal, que se agarrava ao corpo de um jeito que fazia com que todo mundo lhe desse uma segunda olhada). Ela abre um sorriso enquanto faz uma mímica como se estivesse estrangulando Ben. Pisco, e ela desaparece.

Preciso sair daqui. Minha cabeça está girando, e não dá para ser a Lucy do Podcast sem conseguir pensar direito. Posso acabar dizendo algo horrível ou ridículo ou...

Não é assim que pessoas inocentes se comportam.

– Você consegue falar sobre por que é tão perturbador estar aqui? É só porque é o local onde a Savvy morreu ou isso também te traz outras lembranças?

Uma gota de suor escorre pela lateral do meu rosto. Está quente demais para respirar. O ar é pesado e horrível.

Os cantos da minha visão ficam pretos. Minhas pernas ficam dormentes. Há um zumbido alto no meu ouvido, e não sei se são os malditos insetos ou se meu cérebro desistiu. Não culparia meus neurônios por terem desistido. Estou surpresa por terem aguentado tanto tempo.

– Ah, merda. – A voz de Ben soa ao longe, mas, quando cambaleio, caio em cima dele em vez de no chão.

Ben retarda a minha queda, mas mesmo assim acabamos os dois na terra. Acho que ele não tem muita experiência em socorrer donzelas desmaiadas. Não é muito bom nisso.

Não quero estar aqui, tão perto de onde Savvy estava, mas tudo que consigo fazer é me sentar, com a bunda na terra.

– Ei, Lucy. Olha pra mim.

Ben está de joelhos ao meu lado, com uma das mãos nas minhas costas e a outra em meu braço, como se estivesse com medo de que eu tombe.

Quer dizer, acho que faz sentido.

– Você tá bem?

Ele está cheio de perguntas ridículas hoje.

– Você consegue... Não sei o que fazer. Quer que eu chame uma ambulância?

Ele já está com o celular na mão. Vejo o microfone no chão, não muito longe. Balanço a cabeça.

– Quer um pouco d'água?

Balanço a cabeça outra vez.

– Meu Deus. Me desculpa. – Ele fala baixinho, e sua mão fica um pouco mais firme no meu braço. – Me desculpa mesmo.

Pisco duas vezes. Uma brisa bagunça o cabelo dele, o que proporciona um pequeno momento de alívio do calor.

– Pelo quê? – pergunto.

Ele parece assustado.

– Por ter te trazido aqui. Por ter te pressionado.

A expressão no rosto dele é suave, como se tivesse encontrado um cachorrinho ferido para cuidar, e não gosto disso. Afasto o braço e me levanto devagar. Ele estende a mão para se certificar de que estou firme, mas não me toca de novo.

Eu me afasto.

– Vou voltar pro carro.

24

LUCY

Ben não me leva de volta ao hotel.

Só me dou conta de onde estamos quando ele entra na rua e consigo ver a microcasa. Vovó sai e aguarda com as mãos nos quadris enquanto ele diminui a velocidade até parar.

– O que a gente tá fazendo aqui? – pergunto.

Ele solta o cinto de segurança.

– Eu não queria te deixar sozinha depois disso, e seus pais são uns babacas.

– Uau, é isso que você acha, Ben?

Ele me olha com um ar de "você sabe que é verdade", e quase dou risada. Odeio o quanto estou feliz por ele achar meus pais uns babacas.

Preciso de um drinque. Pelo menos viemos ao lugar certo para isso.

– Eu mandei uma mensagem pra Beverly, e ela mandou virmos pra cá.

Ele sai do carro. Eu o acompanho, imaginando com que frequência ele troca mensagens com minha avó e quantas vezes já esteve aqui. Ele sabe que meus pais são babacas e é amigo da minha avó. Já sabe muito mais do que eu queria que soubesse.

Matar seu marido pode ser nosso segredo, sussurra Savvy. *Mas aí você vai ficar presa a mim pra sempre. Não dá pra abandonar uma amiga depois de cometer um*

crime com ela.

Vovó balança um dedo para Ben.

– Eu te falei.

Ele levanta as mãos em sinal de rendição.

– Eu sei.

Eu me arrasto na direção dela. Minhas pernas estão pesadas.

– O que você falou pra ele?

– Que você não é tão durona quanto parece.

O vestido dela de hoje é branco com margaridas amarelas e há uma pequena mancha marrom-avermelhada em um dos seios que provavelmente é de vinho tinto, mas meu primeiro pensamento é *sangue*. Savvy dá risadinhas em minha cabeça.

– Oi. – Minha intenção é parecer ofendida, mas minha voz sai cansada.

– Você comeu alguma coisa além de açúcar hoje? – pergunta vovó, como se eu ainda tivesse 10 anos de idade.

Reflito.

– Na verdade, não.

– Vamos. Você gosta de pizza de quê, Ben?

• • •

Uma hora depois, entupida de pizza de calabresa e cogumelo, o mundo parece estável outra vez. Vovó preparou uma vodca com tônica para mim, e acho que a embriaguez agradável é a única coisa que me impede de sentir todo o constrangimento de ter desmaiado em cima de Ben mais cedo.

Estamos sentados na varanda da casa dela, em cadeiras de plástico barulhentas, com um ventilador soprando ar quente ao nosso redor enquanto o sol se põe. Vovó sai da casa com dois drinques. Entrega um para Ben.

– Você tem conseguido escrever alguma coisa no meio disso tudo? – pergunta ela.

Então se senta, apoiando os pés no pufe de vime encardido enquanto toma seu drinque.

– Na verdade, não. Não tenho tido muita vontade de escrever sobre pessoas felizes e apaixonadas.

– Mas você é tão boa nisso! – Ela se aproxima e bate no ombro de Ben. – É ou não é?

– É, sim.

Ele olha para mim com um meio sorriso. Está em seu segundo drinque (e os da vovó são bem fortes), com as pernas esticadas à frente, o microfone caro esquecido no carro. Nunca o vi tão relaxado, e me pego pensando de novo em quantas vezes ele esteve aqui.

– A propósito, eu me fiz de boba quando Ben me perguntou dos seus livros – comenta vovó. – Mas ele me contou que vocês já conversaram sobre isso.

– Eu sei. – Suspiro. – É só uma questão de tempo até que isso venha a público.

– O Ben falou que não vai contar pra ninguém!

– Não vou, não – diz ele, de pronto.

– É, mas se ele descobriu, outras pessoas também vão descobrir. E agora tá todo mundo prestando atenção em mim outra vez.

Lanço um olhar irritado na direção de Ben, que ele ignora.

– De repente, não. – Ela faz uma pausa. – Espero que as pessoas estejam mesmo transando daquele jeito aos 20 e poucos anos, como fazem nos seus livros.

Ben ri no meio do gole e, em seguida, pressiona as costas da mão na boca enquanto tosse.

– A gente era tudo tão reprimido aos 20 anos – prossegue vovó. – Estávamos concentrados em casar com o primeiro paspalho que aparecesse.

– O vovô foi o primeiro paspalho que apareceu?

– Foi.

– Ah.

Eu mal me lembro do sujeito (ele morreu quando eu era criança), mas, como ela nunca fala dele, imaginava que não fazia muita falta.

– O mundo parecia tão perigoso pras mulheres naquela época – comenta ela.

– Estamos aqui sentadas com um cara que investiga o assassinato de mulheres, então eu não diria que é seguro agora.

– Ah, claro. – Vovó dá um tapinha no ar, com desdém. – Mas você entendeu o que quero dizer. Nunca que eu poderia largar meu marido e me mudar pra Los Angeles sozinha, como você fez. O que se esperava era que eu me casasse e continuasse casada, pra que meu marido pudesse me proteger. Precisava ser transferida direto do meu pai pra um marido, ou alguma coisa terrível poderia acontecer comigo.

Ela toma um longo gole da bebida.

– Minha vida melhorou muito depois que esses dois se foram. Homens não protegem a gente, não de fato. Eles só protegem a si mesmos ou uns aos outros.

A única coisa da qual os homens me protegeram foi da felicidade.

– Que merda – murmura Ben, baixinho.

– Um pouquinho de honestidade demais pra você, Ben? – pergunto.

– Não esperava nada menos de você, Beverly. – Ele sorri para vovó com afeto genuíno.

– Eu não iria tão longe a ponto de dizer que você é um dos bons, mas também não é dos piores – diz ela.

Ben começa a rir, e o som ecoa na varanda silenciosa.

– Vou aceitar como um elogio, obrigado.

Inclino a cabeça para trás e suspiro. Ela tem razão. Sempre tem. Vovó tinha razão sobre meu retorno, sobre a festa, sobre Ben. Eu estava com raiva dele por ter trazido à tona o passado, mas esse passado precisava ser trazido à tona.

Ninguém protegeu Savvy naquela época. O mínimo que posso fazer é encontrar respostas para ela agora.

– Você não é dos piores – repito baixinho.

Um canto da boca de Ben se ergue e, quando nossos olhares se encontram, tenho que desviar o rosto.

Vovó semicerra os olhos, e sigo seu olhar até um homem de cabelo grisalho que caminha pela rua na nossa direção, balançando uma bengala como se fosse um cavalheiro elegante da década de 1920.

– Ah, um minutinho. – Ela se levanta e se dirige a ele, com o copo na mão.

Eu a vejo cumprimentar o homem com um beijo. O pilequinho de vodca está ficando mais forte e, na verdade, fico com um pouco de inveja. Eu me lembro de novo de há quanto tempo não faço sexo de qualidade.

– Esse é um cara diferente do que apareceu aqui quando entrevistei ela – comenta Ben, com uma risada suave. Ele faz uma pausa. – Você concorda com ela em relação ao Matt?

Olho para ele com surpresa.

– O que tem o Matt?

– Você terminou o quinto episódio?

– Não, parei na metade porque tive que te encontrar.

– Ah. – Ele observa vovó e seu pretendente. Ela ri de algo que ele diz. – Você deveria terminar o quinto episódio.

– Por quê? O que ela disse?

Ele toma um longo gole da bebida.

– Ela acha que o Matt matou a Savvy.

Podcast *No Rastro da Mentira*, com Ben Owens

EPISÓDIO CINCO:
"A MULHER MISTERIOSA"

Para ser sincero, Beverly Moore é o motivo pelo qual você está ouvindo a segunda temporada deste podcast.

Entrei em contato com ela no ano passado. Eu nem esperava uma resposta ao meu e-mail, mas ela me ligou poucas horas depois. Disse que ficaria feliz em conversar comigo sobre Lucy.

Ben: Sra. Moore, muito, muito obrigado por conversar comigo hoje.
Beverly: Ah, meu bem, pode me chamar de Beverly.
Ben: Muito bem. Beverly. Pode me contar sobre a sua neta? Como era a Lucy quando era mais nova?
Beverly: Ela era uma moça muito sensata. Não tinha tempo pra bobagem, sabe? Sempre admirei isso nela. Naquela idade, eu dava muita importância ao fato de as pessoas gostarem de mim ou não.

E as pessoas odeiam essa qualidade em uma jovem, não é mesmo? Não sabem o que fazer com uma moça que não está buscando a aprovação delas. Sentem que precisam diminuir alguém assim.
Ben: Você conhecia a Savannah, certo?
Beverly: Claro. Uma menina adorável, e não estou dizendo isso só porque ela morreu. Alguns jovens não falam conosco, idosos, mas a Savvy era muito querida por todos. Eu costumava ajudar na padaria, e ela ia lá algumas vezes por semana. Muitas vezes, ela ficava e conversava por um tempo.
Ben: Me conta sobre quando você conheceu o Matt.
Beverly: A Lucy trouxe ele aqui... Acho que foi no verão anterior ao último ano da faculdade. Eles já estavam namorando fazia algum tempo.
Ben: O que você achou dele?
Beverly: Bem, dava pra ver que a Lucy estava muito apaixonada. E eu queria gostar dele, por ela, mas... Não consegui, na verdade. Ele era encantador demais, de um jeito que sempre me pareceu suspeito.
Ben: Pode falar mais sobre isso?
Beverly: Alguns homens precisam dar um show quando estão perto de mulheres. É como se no fundo não soubessem como falar conosco, então optam por um cavalheirismo exagerado. "Se eu puxar a cadeira pra ela e fizer uma grande cena falando sobre como mães são heroínas e mulheres são, na verdade, mais fortes, não vão perceber que não tenho nenhum interesse em ouvir uma única palavra que saia da boca delas." O Matt era assim.
Ben: Você conversou com a Lucy sobre suas preocupações?
Beverly: Naquela época, não. Ela tinha 20 anos. Ninguém quer a opinião da avó sobre o namorado nessa idade. Em qualquer idade, pra ser sincera. Então, fiquei de

boca calada até eles noivarem.
Ben: Aí você falou alguma coisa?
Beverly: Falei. A Lucy me ligou toda animada, me contando que o Matt tinha pedido ela em casamento, e eu disse: "Filha, por que você não espera um pouco? Você é tão jovem. Vai pra Europa. Compra uma van velha e viaja pelo país. Não se case. Você tem a vida inteira pra se casar."

Ela não gostou, é claro. E quando ela perguntou se eu não gostava do Matt, falei que não, que não gostava. Disse que tinha uma impressão ruim dele e que, se ele realmente amasse ela, entenderia o fato de ela querer esperar alguns anos pra se casar. Afinal, que rapaz de 22 anos quer se casar hoje em dia? Não somos mórmons, pelo amor de Deus.
Ben: Qual foi a resposta dela?
Beverly: Ela foi educada, mas era óbvio que não ia seguir meu conselho. Eu não julgo. Era igualzinha quando tinha a idade dela. Os olhinhos brilhando. Pensando no meu vestido branco lindo e nos bebês gordinhos que me encarariam com adoração.

No fim das contas, a vida se resume a ir na rua de pijama com crianças que se ressentem de você e de todas as suas escolhas. Mas ninguém quer ouvir isso.
Ben: E depois que eles se casaram? Você se afeiçoou ao Matt?
Beverly: Nossa, não. Eu odiei ele ainda mais e não me dava ao trabalho de esconder isso.

A atuação começou a diminuir um pouco, e comecei a pegar ele criticando a Lucy. Revirando os olhos diante de algo que ela falava. E, depois de alguns anos, ele começou a escorregar, a dizer aquilo que queria mesmo dizer. Homens não conseguem esconder por muito tempo, sabe?
Ben: Esconder o quê?
Beverly: Quem eles realmente são. A versão verdadeira e terrível do Matt estava transparecendo depois de alguns anos.
Ben: Que tipo de coisas ele dizia?
Beverly: Olha, deixa eu te contar o evento que realmente importa. Posso ser velha, mas me lembro de cada palavra. Estávamos indo comer no restaurante em que a Savvy trabalhava. Nós vimos ela no bar quando entramos, e o Don se aproximou do Matt e disse alguma coisa pra ele. Não sei o que foi. Mas o Matt falou: "*Aquela piranhazinha me detesta.*"
Ben: [*silêncio*] Ele disse "piranhazinha" na sua frente?
Beverly: Claro que disse. Ele falou baixinho e pareceu meio sem jeito depois, como se não tivesse tido a intenção de dizer aquilo. O Don só riu um pouco, como se também estivesse sem graça, e acho que nenhum dos dois se deu conta de que eu tinha ouvido.
Ben: Você contou pra Lucy?
Beverly: Não. Pensei em contar, mas não sabia qual seria a serventia disso. Naquele momento, comecei ficar preocupada de verdade. Se aquilo era algo que ele dizia pro *pai* da esposa, que tipo de coisas ele estava pensando? Ou dizendo pra Lucy?

25

LUCY

– Mãe, você deveria pelo menos ter falado comigo antes.

À porta, minha mãe cumprimenta vovó desse jeito. Do meu lugar, encostada na bancada da cozinha, consigo ver vovó tirando os óculos escuros para revelar uma expressão de desdém. Enfio outra rosquinha na boca.

Vovó entra, acenando para a filha.

– Não preciso da sua autorização pra dar minha opinião pra todo mundo.

– O Ben não é todo mundo, ele é... – Minha mãe usa a ponta da muleta para abrir a porta meio fechada. – De quem é essa caminhonete?

– De um amigo.

Vovó se senta à mesa da cozinha.

– Que amigo?

Minha mãe fecha a porta e se aproxima, mancando.

– Um amigo.

– Quantos *amigos* você tem ultimamente?

– Sei lá, Kathleen, alguns – diz vovó, exasperada. – Sou uma pessoa adorável.

– Não sei como é ser assim – brinco.

Ela coloca a mão suave sobre a minha.

– Na minha opinião, é melhor ser interessante do que adorável.

Minha mãe franze o nariz como se discordasse.

– Quer café? – pergunto a vovó. – Acabei de passar.

– Quero, sim, meu amor. Obrigada.

Sirvo uma xícara para ela e deixo a caixa de rosquinhas no meio da mesa. Vovó pega uma coberta com açúcar de confeiteiro.

– O Ben não é todo mundo! – exclama minha mãe, retomando a reclamação anterior. – Ele transmitiu aquela entrevista pra milhões de pessoas.

– Acho que são *milhares* de pessoas – digo. – Não vamos inflar ainda mais o ego do Ben.

– Você pode falar sério por um minuto, Lucy? Sua avó corre o risco de ser processada.

– Por quê? Por dizer que o Matt é um babaca? Ele é. Não dá pra processar as pessoas por dizerem a verdade.

Para ser sincera, acho que não tenho razão, mas tudo bem.

– Ela deu a entender que ele matou a Savvy. Ele pode processar sua avó por isso.

Minha mãe começa a mexer no porta-guardanapos no meio da mesa, alinhando todos os guardanapos roxos para que fiquem perfeitamente retos.

– Não, não pode. – Vovó dá um tapinha no ar com desdém. – Eu não acusei ele de nada. Só falei pra todo mundo sobre as coisas horrorosas que ele dizia. Se não queria que ficassem sabendo, não deveria ter falado.

– Homens falam merda – diz minha mãe, e me surpreendo com o palavrão. Somos uma péssima influência para ela. – Eles falam demais, e às vezes é horrível, mas eles são assim mesmo. Isso não quer dizer nada.

– É claro que quer dizer alguma coisa – insiste vovó. – Eles não iam falar essas coisas se não quisessem dizer algo. E tô cansada de ver a cidade inteira agindo como se a luz do sol emanasse do rabo do Matt. Eu sabia que todo mundo iria participar do podcast e dizer que ele era maravilhoso, e foi exatamente isso que aconteceu. Alguém precisava dizer a verdade.

A verdade não importa, sussurra Savvy em meu ouvido.

– Desconfio que a Lucy também vai dizer a verdade sobre ele quando for entrevistada. – Vovó olha para mim com expectativa.

Não, não com expectativa. É um desafio.

– Vou, sim – minto. – Com certeza.

Vovó sorri como se a mentira a satisfizesse.

– Acho que você deveria ser... seletiva na sua verdade – recomenda minha mãe, devagar.

Ergo as sobrancelhas.

– Sério? Depois de todos esses anos me pressionando pra contar a verdade sobre o que aconteceu naquela noite, agora você...

– Eu não te *pressionei*. E é claro que você deve ser honesta sobre tudo em relação à Savvy. Só estou dizendo que esse podcast saiu um pouco dos trilhos e, francamente, ficou um pouco obcecado por sexo.

– Obcecado por sexo! – Vovó dá uma gargalhada.

– A gente precisava saber sobre o caso da Lucy? Sobre o do Matt? Ou sobre o meu? Por que ele está sempre tocando nesse assunto? – Minha mãe funga.

– Você tem razão, ele deveria ter mencionado todos os casos do Don já que ia falar do seu – comenta vovó.

– Isso é exatamente o oposto do que estou falando, mãe. Lucy, por favor, não mencione o rodízio constante de namoradas do seu pai.

– Ai, meu Deus. – Jogo a cabeça para trás e solto um gemido. – Estou tendo flashbacks da adolescência.

Vovó dá um tapinha na minha mão outra vez.

– Você realmente se importa se eu falar sobre os casos do meu pai? – pergunto à minha mãe, embora não fosse a intenção fazer isso.

– Isso é irrelevante.

Cruzo os braços enquanto ela evita meu olhar com determinação. Ela não quer que eu mencione os casos do meu pai e não quer que vovó fale sobre Matt ser um babaca. Como sempre, está dedicada a proteger os homens da vida dela acima de qualquer coisa. Não sei se ela sequer percebe que faz isso. A essa altura, é um hábito.

– Já que estamos falando a verdade – começo, incapaz de resistir a deixar minha mãe ainda mais desconfortável. Ela e vovó ficam paralisadas, como se eu estivesse prestes a revelar algo importante. – Podemos falar sobre Colin Dunn por um minuto?

Minha mãe solta um suspiro de sofrimento e pega um guardanapo com uma orelhinha da pilha.

– Não muda de assunto.

– Ah, vamos mudar de assunto, *sim* – insiste vovó, limpando o açúcar de confeiteiro da blusa.

– Eu não vou falar do Colin – declara minha mãe, e depois faz uma pausa. – Porque não há nada a dizer.

– Pelo menos conta como foi que isso aconteceu – pressiono. – O Ben falou que vocês realmente tinham um caso.

– Não sei por que o Ben acha que sabe da minha vida.

– Mas ele tem razão? – Vovó está com um sorriso debochado no rosto.

Minha mãe pega uma rosquinha e a parte em dois pedaços. Coloca um pedacinho na boca e depois deixa o resto cair no guardanapo.

– Não. Foi só naquela noite.

– Que pena – comenta vovó, com um tom melancólico. – Ele é muito bonito pra um rapaz de 20 e poucos anos.

Minha mãe revira os olhos, mas os cantinhos de seus lábios se contraem.

– O casamento foi a primeira vez? – pergunto.

– Foi. – Os vincos entre suas sobrancelhas reaparecem quando ela olha para mim. – O Colin disse que ele e a Savvy saíam com outras pessoas.

– Saíam, sim.

– Então por que você tá me olhando desse jeito?

– Não estou olhando de jeito nenhum! Essa é a minha cara.

Ela franze a testa e parte outro pedaço da rosquinha.

– Foi anos atrás, uma vez só, e...

– Foi bom? – interrompe vovó.

– *Mãe*.

– Que foi? Os rapazes *não* transavam bem quando eu era...

– Por favor, não termina essa frase – diz minha mãe, com o rosto franzido como se estivesse sentindo dor.

– Só digo isso. Algumas coisas melhoram com a idade.

Dou uma risadinha abafada. Minha mãe cruza os braços e balança a cabeça. Eu me inclino para perto de vovó.

– A Savvy não reclamava – sussurro.

Ela dá uma gargalhada. As bochechas da minha mãe ficam rosadas quando ela enfia o resto da rosquinha na boca.

26

LUCY

Nessa tarde, estou sentada na cama com o notebook apoiado no colo e mando uma mensagem para Ben perguntando quando vai ser a próxima entrevista. A mais importante. Aquela em que eu deveria contar tudo sobre Matt.

Ainda preciso resolver o que vai ser esse "tudo".

Na verdade, não estou interessada em dividir minha história triste com o universo dos podcasts. Nunca tive muito interesse em contar para ninguém, a não ser para Savvy.

Ela entendeu. Não pegou minha mão e sugeriu gentilmente que fôssemos até a delegacia. Não perguntou: "Por que você simplesmente não vai embora?"

Ela falou:

– Costuma ser nessa hora que os homens matam a mulher. Quando elas tentam ir embora.

E eu respondi:

– Não acho que o Matt faria isso.

– Esse é mesmo um risco que você quer correr? – perguntou ela.

Não, não era.

E ela entendeu. Na mesma hora, ela entendeu que eu não queria simplesmente ir embora.

Eu queria me vingar.

– Vamos fazer tipo Thelma e Louise – disse ela, e eu ri.

Não posso contar minha história triste de esposa maltratada para todo mundo, quando já dei risada sobre matar meu marido. Não é legal.

Meu notebook apita com uma mensagem de Ben.

Quer sair pra beber hoje à noite?

E fazer a entrevista?

Não. Entrevista amanhã, quem sabe?

Dou um suspiro e começo a digitar: Será que dá pra gente acabar logo com isso? Apago a mensagem depressa. Não é algo que uma pessoa inocente diria.

No andar de baixo, ouço a gargalhada da minha mãe, como se ela estivesse dentro da minha cabeça.

Ben evita que eu tenha que digitar qualquer coisa.

Nos vemos daqui a uma hora na Taverna
do Lupino Texano?

Tenho a sensação de que é uma má ideia pela maneira como olho para meu armário em busca de qual vestido usar. Fico aliviada por dispor de uma hora, então tenho tempo para arrumar o cabelo e fazer a maquiagem. Há riscos, e eu deveria dizer não. "Não, Ben, vejo você na entrevista. Me manda mensagem depois." É isso que eu *deveria* falar.

Claro, te vejo em uma hora, é o que eu realmente envio.

• • •

Uma hora depois, chego ao bar. Escolhi o vestido roxo, dizendo a mim mesma que o motivo racional era o fato de ele já ter me visto usando essa roupa antes. Estava com ele no dia em que nos conhecemos, na lanchonete. É de algodão, despojado. Não é um vestido de encontro. É um vestido "está quente demais para usar calça".

O local é grande e iluminado, e as imensas janelas na frente permitem que entre bastante luz do entardecer. O piso e as paredes são de madeira, revestida com uma decoração texana para que a gente não esqueça onde está. Há uma bandeira do Texas, uma placa NÃO SE META COM O TEXAS e um quadro de

avisos que anuncia várias excursões a vinícolas em Hill Country. Uma placa iluminada da cerveja Real Ale pisca quando passo por ela.

Ben já está sentado ao balcão, vestindo uma camisa azul de botão com mangas puxadas até os cotovelos. Noto que é uma camisa de encontro. Quente demais para esse clima. Tento não dar muita importância a isso.

Ele sorri ao me ver. Eu me acomodo na banqueta ao lado dele.

– Oi. Obrigado por ter vindo.

Olho para a bebida dele, que é cor-de-rosa.

– Que isso? Cosmo?

– Por que você fala desse jeito? Cosmopolitan é uma delícia. E é o especial do happy hour.

– Eu não falei de jeito nenhum.

A bartender, uma mulher bonita com cabelo escuro em um corte angular, se aproxima e olha para mim com expectativa.

– Também quero um – digo, apontando para o copo dele.

Não tomo bebidas alcoólicas com frequência e ignoro a voz no fundo da minha cabeça que diz que eu deveria levar esse vestido roxo para casa.

– É pra já – diz ela, e se afasta para preparar o drinque.

De repente, Savvy está do outro lado do balcão, no lugar que era dela. Quero desviar os olhos, mas ela parece muito real. Tenho que me lembrar de que ela é um produto do meu cérebro distorcido e danificado.

Ela se inclina para mais perto de mim. Mesmo na minha alucinação, ela tem um leve cheiro de cigarro. Savvy só fumava quando bebia, mas, bem, ela bebia muito.

Você sabe o que eu faria, diz ela, com um sorriso.

Eu me remexo na banqueta.

Eu deixaria ele me comer no banheiro. Ela tem um olhar melancólico. *E, provavelmente, nos fundos do bar também. Lembra aquela vez que você me encontrou no estacionamento do Charles? Quando aquele cara me jogou em cima do capô do carro, minha bunda de fora, empinada, e você correu até lá porque achou que ele estava me estuprando? E tive que dizer: Não, amiga, a ideia foi minha.*

Ben toma um gole do drinque.

– Por que as pessoas julgam os homens por pedirem bebidas cor-de-rosa? É estranho dar gênero a bebidas.

– Eu não falei nada.

Você não tá usando sutiã, tá?, pergunta Savvy. *Ótima ideia.*

Ela dá uma piscadela para mim e desaparece. Solto um longo suspiro.

– Os homens mentem quando dizem que não gostam de drinques frutados. Aquele cara ali com uma cerveja adoraria um cosmo igual ao meu.

Dou risada, o que faz o rosto dele se iluminar. A bartender volta com minha bebida, e tomo um gole. É forte, graças a Deus.

Uma explosão de risos vem de trás de mim e, ao me virar, vejo um grupo de mulheres em uma mesa de canto, com muitos copos de margarita vazios à frente delas. Um garçom está servindo novos drinques.

Uma mulher de cabelo escuro na ponta da mesa está matando o último gole de sua margarita e mal respira antes de pegar uma nova e tomar um longo gole. É Nina.

Ela toma metade da margarita em dois goles, e as outras mulheres explodem em risadas novamente.

– É melhor você se adiantar e trazer outra – diz ela ao garçom.

Ele ri e faz que sim com a cabeça.

Para alguém que disse que não bebe muito, ela com certeza está enchendo a cara direitinho.

Nossos olhares se encontram quando Nina pousa o copo, mas ela desvia rapidamente o rosto, como se torcesse para que eu não a tivesse notado. Então parece mudar de ideia, virando-se na mesa e acenando para mim.

Ela se levanta e vem até nós. Está usando uma calça jeans *skinny* que abraça suas curvas, e nada menos que três homens olham para a bunda dela quando Nina passa por eles. Lanço olhares de desaprovação que nenhum deles percebe.

– Oi, Lucy.

Ben se vira, e Nina dá um passo para trás, surpresa. Ela pisca duas vezes, e juro que quase dá meia-volta e sai correndo. Consigo realmente ver o pensamento no rosto dela.

Se Ben vê, finge não ver. Ele sorri e diz:

– Oi, Nina.

– Oi? – Saiu como uma pergunta, dirigida a mim. – É... Tá tudo bem?

– Tudo. E você?

Ela semicerra os olhos.

– É... – As bochechas dela estão rosadas, e quase posso ver o enorme gole de margarita que ela tomou lhe subindo à cabeça. – Bem. Aham. Bem. – Nina balança a cabeça. – Desculpa. Você anda mesmo com esse cara?

Ben ri.

– Fala pra gente o que você pensa de verdade, Nina.

Nina lança um olhar irritado para ele. Ela pareceu amigável no podcast, mas a expressão em seus olhos é tudo menos isso. Algo aconteceu entre o momento das entrevistas e o presente.

– Se eu não for simpática com o cara que apresenta o podcast que está tentando provar que eu matei minha melhor amiga, com quem vou ser? – pergunto.

Faço isso em um esforço para aliviar o clima, mas tanto Ben quanto Nina me olham como se tivesse brotado uma segunda cabeça em mim. *Merda*. Isso não é algo que uma pessoa inocente diria.

– Vou voltar pra minha mesa. – Nina não olha para mim quando se vira. – Foi bom ver vocês.

Não acho que ela esteja sendo sincera. Observo quando se dirige à mesa das mulheres que agora estão nos observando. Aceno. Ninguém parece gostar. Eu me viro para o bar de novo.

– Não estou tentando provar que você matou a Savannah – diz Ben. – Estou tentando descobrir quem matou ela.

– Pra muitas pessoas, é a mesma coisa.

– Não pra mim. – Ele olha para trás, e, ao seguir o olhar dele, vejo Nina franzindo a testa para nós.

– Vocês tiveram algum desentendimento ou algo assim? – pergunto.

– Que eu saiba, não. Mas eu ofendo muita gente, então vai saber.

Dou risada, e a carranca de Nina se aprofunda. Coloco a mão no braço dele. (Sim, é desnecessário tocá-lo. Sim, faço isso mesmo assim.)

– Vira pra cá. Ela vai achar que estamos falando dela.

Ele sorri quando se vira para olhar de novo para mim e, quando tiro a mão de seu braço, toca meus dedos, apenas por um segundo.

– Estamos falando dela.

– A gente tem que ser sutil em relação a isso. É o jeito texano de lidar com as coisas.

– Se você quer saber a verdade, eu até gosto dela e do Emmett.

Ele se inclina para mais perto de mim, tão perto que nossos ombros se tocam.

– Detesto dizer isso, mas não acho que o sentimento seja mútuo.

Eu deveria me afastar. Não faço isso.

– Tudo bem. Não me importo com meu amor unilateral por eles.

– E o que eles têm que você acha tão adorável?

– Eles estão do seu lado.

Ergo uma sobrancelha.

– Quer dizer, o podcast logo teria ficado entediante se cada pessoa que eu entrevistasse dissesse a mesma coisa. Foi legal da parte deles bagunçar um pouco a situação.

Dou um sorriso. O olhar de Ben desce até meus lábios.

Eu me afasto um pouco, de modo que nossos ombros não se toquem mais, e tomo um gole da minha bebida.

– Você falou com o Matt depois que o último episódio foi ao ar? – pergunta Ben.

Eu me pergunto se ele estava esperando para fazer essa pergunta desde que entrei.

– Não. Ele tem ignorado minhas mensagens. Eu posso dar uma passada na casa dele outra vez.

Ele olha para mim. Desvia o olhar. Toma um gole de sua bebida cor-de-rosa.

– Você acha... seguro?

Que merda. Quem será que contou para ele? Fico me perguntando quem mais sabe disso. Sempre achei que algumas vizinhas suspeitavam, mas estou surpresa que tenham contado a ele.

– É seguro confrontar um homem por ser um babaca?

– Não. – Ele diz isso como se tivesse experiência, o que não é surpreendente. – Não é.

• • •

Passo duas horas no bar com Ben. Ele me conta sobre a família dele e os amigos e como o leste de Los Angeles é a melhor zona da cidade. Concordo. Descobrimos que moramos a apenas quinze minutos um do outro, o que na verdade me deixa um pouco desconfortável. Há um lado positivo em ter sido expulsa da casa de Nathan.

Não termino meu segundo cosmo para não ficar bêbada. Talvez já esteja ficando. Talvez já esteja, na verdade.

Tiro o celular do bolso quando saímos do bar e nos encostamos na parede do lado de fora. Ele olha para mim com curiosidade.

– Vou chamar um Uber.

Ele aponta.

– Esse não é o seu carro?

– Estou bêbada demais pra dirigir.

– Sério? Com dois drinques?

– Sou fraca pra bebida.

– Tô vendo.

– Provavelmente seria tranquilo, mas acho que não vale o risco. Não quero ser a mulher que matou a amiga *e* ainda por cima foi presa por dirigir bêbada. É simplesmente constrangedor.

Ele ri e tira a chave do carro do bolso.

– Vamos. Eu te levo pra casa.

Guardo o celular na bolsa.

– Obrigada.

– Por acaso existe Uber nesta cidade?

– Tem um cara. Pelo visto, ele leva uma eternidade pra aparecer.

– Não há muito incentivo pra ser rápido quando se é o único motorista da cidade.

– *Ei, babaca!*

A voz que grita é familiar, e minhas mãos instintivamente se fecham. Eu me viro.

É Matt, cruzando o estacionamento feito um louco. Seu rosto está contorcido de fúria, o corpo inteiro tão tenso que consigo ver os músculos tremendo em seus braços.

Mas a raiva dele não é dirigida a mim, o que é uma experiência nova.

Ele está indo direto até Ben.

Ben entra no carro e fico achando que ele vai fugir. No entanto, sai um segundo depois e joga algo pequeno e preto no capô do carro. Seu gravador digital.

– Oi, Matt – diz o bobalhão presunçoso.

– Seu merda, eu deveria torcer o seu pescoço.

Matt para na frente de Ben e não torce seu pescoço.

Mas dá um soco na cara dele.

Ben cambaleia, mas não cai, batendo com as costas no carro. Matt o agarra pela gola da camisa. Ele é um ou dois centímetros mais baixo que Ben, mas a raiva compensa a diferença.

– Eu vou te processar até arrancar cada centavo que você tem – ameaça Matt com os dentes cerrados.

Ben tenta se desvencilhar dele.

– Vou te dar o número do meu advogado. Pode me soltar, por favor?

Matt responde agarrando a camisa com mais força e batendo Ben contra o carro.

– Matt! – Pareço surpresa, embora não esteja.

Ele vira a cabeça para me olhar e depois para algo atrás de mim. Dou uma olhada para trás. Metade do bar está do lado de fora, assistindo.

– A Beverly é uma bêbada de merda e esta aqui é uma mentirosa de merda.

Matt solta a camisa de Ben e aponta para mim, só para que não haja dúvida sobre quem é a mentirosa de merda. A respiração de Matt está pesada, os olhos ainda desvairados, como sempre acontece quando ele perde a cabeça.

A camisa de Ben está esgarçada na gola e frouxa ao redor do pescoço, mas, fora isso, ele parece bem.

– Vou ficar feliz em acrescentar sua resposta ao podcast, se quiser dar uma. – A voz de Ben oscila, só um pouquinho.

– Vai pro inferno, seu merda. Essa é a minha resposta.

Matt se vira e vai embora. Ben fica de pé e mexe os ombros, como se estivesse se certificando de que está tudo bem com eles. Em seguida, vai até o capô do carro e pega o gravador.

Ele olha para mim com um sorriso satisfeito consigo mesmo que deveria ser mais irritante do que de fato é.

– Quer ir comigo pro hotel e tomar um drinque?

27

LUCY

Tenho certeza de que ninguém vai ficar surpreso ao descobrir que tomei a decisão burra e aceitei a proposta de Ben de ir para o hotel dele.

A suíte está gelada quando entro, com o ar-condicionado no talo. Eu me arrepio, e ele faz uma pausa diante do termostato a caminho da cozinha.

– Senta aí – diz ele, apontando para o sofá.

O notebook e os cadernos dele estão empilhados ordenadamente na mesa de centro. Não há nada para eu ver ali. Além do mais, não sei se gostaria de ver.

– Uísque? – pergunta ele.

Parece uma péssima ideia.

– Sim.

Ele serve dois copos, tocando a bochecha com cuidado ao terminar.

– O Matt é bom de porrada.

Pois é. Bem, ele tem uma certa prática.

Ben se aproxima de mim, com o uísque na mão, e me oferece um. Eu imediatamente tomo um gole. A bebida queima ao descer, mas eu a levo aos lábios uma segunda vez porque, na verdade, quero muito ficar bêbada de novo.

Olho de relance para o gravador digital que ele deixou na bancada da cozinha. A luz está apagada. Não está gravando. Ele percebe que estou olhando

para o gravador.

– Você gravou aquilo? O Matt gritando com você? – pergunto quando ele se senta na outra ponta do sofá.

– Gravei. Eu liguei bem na hora.

– Isso é legal?

– No Texas, você pode gravar o áudio de pessoas sem o conhecimento delas se não houver expectativa razoável de privacidade. Ou seja, num restaurante, num bar, ou...

– Se elas estiverem berrando num estacionamento.

– Exato.

– Você estava gravando no bar?

– Não.

Não sei se acredito nele, mas de qualquer maneira não faz diferença. Não disse nada que me importaria que fosse transmitido para milhares de fãs de true crime.

– Você podia simplesmente ter ido embora – digo. – Tinha tempo suficiente pra fugir.

Ele contrai os lábios.

– Que graça teria?

Apoio os pés descalços na mesa de centro, segurando o uísque contra a barriga.

– Vai colocar isso no podcast, então?

– Vou. Não tenta me convencer do contrário.

– Eu não pretendia fazer isso. – Observo enquanto ele toma um longo gole da bebida. – Sabe que todo mundo acha que você tá insinuando que foi ele quem matou a Savvy.

– Eu não fui muito sutil, né?

– Você acredita mesmo nisso?

Ele olha para mim com as sobrancelhas erguidas.

– Nunca passou pela sua cabeça que o Matt poderia ter matado ela?

– Meu Deus, Ben, eu não sou burra. É claro que isso passou pela minha cabeça.

As bochechas dele ficam levemente rosadas.

– Claro. Desculpa.

– Eu só... – Não tenho nada a dizer.

Como não tive nada a dizer à polícia. O que eu poderia falar? "Não, senhor policial, eu definitivamente jamais teria matado a Savvy, porque, na verdade,

estávamos planejando matar meu marido juntas." Não é uma boa defesa.

Eu poderia ter confessado esse plano e minhas suspeitas de que, talvez, por qualquer motivo, tenhamos decidido ir atrás de Matt naquela noite, e Matt tenha matado Savvy em legítima defesa. Depois ele deixou todo mundo acreditar que no fundo eu fiz isso, como um grande "foda-se" para mim.

Sinceramente, eu não o culparia.

Mas o medo... A expressão nos olhos de Matt quando ele pediu que eu fosse para a casa dos meus pais. Se aquele medo fosse porque ele acreditava que eu tentaria matá-lo (de novo?), ele teria contado a verdade à polícia. Não consigo pensar em nenhum motivo para Matt não ir à polícia se tivéssemos tentado matá-lo naquela noite. A verdade teria sido importante, pelo menos para ele.

Ben está olhando para mim, ansioso.

– Eu não me concentraria muito no Matt – digo, por fim.

– Sério?

– Não acho que ele tenha feito isso.

– *Sério?* – É a reação desconcertante de alguém que acha que eu deveria ser mais esperta.

Sério, Lucy? Ele batia em você!

Ele aponta para sua bochecha, que está vermelha.

– O podcast é seu, cara, só estou dizendo o que eu acho.

Ele solta um longo suspiro.

– Se quer saber a verdade, não consigo encontrar um motivo. Acho que o que o Kyle falou sobre o Matt e a Savvy talvez terem transado é mentira.

– *Com certeza* é mentira.

Ele toca a bochecha e estremece.

– Mas o Matt é um babaca mesmo assim.

– Você deveria colocar gelo nisso.

– Nhé.

Vou até a geladeira e pego um punhado de gelo do freezer. Envolvo em uma toalha de papel e vou até ele.

– Acho que tá tudo bem – diz ele.

Eu me sento ao lado dele e coloco o gelo em seu rosto.

– Ai.

– Só por alguns minutos. Ou você tá torcendo pra que sua cara inche pra poder tirar uma foto e postar no Twitter?

Um sorriso se insinua em seu rosto, e não posso evitar o sorriso que também cruza o meu.

Ele pega o gelo da minha mão e o pressiona na bochecha. Ficamos sentados em silêncio por vários segundos que não são muito confortáveis.

Em seguida, ele atira o gelo na mesa de centro, inclina o corpo na minha direção e me beija.

Quase imediatamente vou para o colo de Ben, que está com as mãos debaixo do meu vestido, nas minhas coxas. Não consigo lembrar por que achei que isso era uma má ideia. É uma ótima ideia. É a melhor ideia que tive desde que cheguei a essa cidade amaldiçoada.

Ele baixa meu vestido até a cintura e leva as mãos aos meus seios. Desabotoo a calça dele. Gostaria de culpar a vodca por essa decisão.

E gostaria de culpar o uísque por permitir que ele arrancasse minha roupa íntima para que pudéssemos transar ali mesmo no sofá.

Mas seria mentira.

28

LUCY

Acordo cedo, antes de o sol nascer. Ben está dormindo ao meu lado, de bruços, com o cabelo desgrenhado cobrindo os olhos. Minha cabeça dói.

Eu me sento devagar. Estou na cama dele, nua, porque, depois de transarmos no sofá, ele me levou para o quarto e transamos ali também.

Uma imagem de mim sufocando-o com um travesseiro passa diante dos meus olhos. É algo bastante comum quando acordo ao lado de um homem. Seria tão fácil matar um cara enquanto ele dorme.

Ainda voto em estrangulamento para esse daí, sussurra Savvy.

Afasto a voz.

Encontro meu vestido no chão e minha calcinha na sala. Está rasgada, então a jogo no lixo ao sair.

Já estou do lado de fora quando lembro que meu carro ainda está no bar. Penso em chamar o único motorista de Uber, mas ele provavelmente está dormindo, e o bar fica a pouco mais de um quilômetro. Começo a seguir pela calçada, torcendo para que uma brisa forte não levante meu vestido e exponha minha bunda ao mundo.

Está quente, mesmo antes do nascer do sol, e o suor escorre pelas minhas costas enquanto caminho.

Não estava bêbada o suficiente ontem à noite a ponto de poder culpar o álcool pelas minhas decisões, o que, sinceramente, foi um péssimo planejamento da minha parte. Deveria ter ficado bêbada. Assim, pelo menos, teria uma desculpa.

Mas sem desculpas. Nem mesmo usamos preservativo, o que na verdade é apenas a cereja do bolo da minha má decisão. Tenho DIU há anos, portanto, nada de bebês presunçosos em meu futuro imediato, mas sabe-se lá onde Ben anda enfiando aquela coisa. Ele parece transar bastante.

Uma lembrancinha do podcast. Deveria mandar fazer uma camiseta: FUI TEMA DE UM PODCAST DE TRUE CRIME E TUDO QUE GANHEI EM TROCA FOI ESSA CAMISETA E GONORREIA.

Meu carro ainda está, felizmente, no estacionamento, e dirijo até a casa dos meus pais, escura e silenciosa.

Subo as escadas e fecho a porta suavemente, troco de roupa e vou para a cama. O sol matinal está entrando pelas cortinas e há uma mensagem de Ben no meu celular. Eu a ignoro e fecho os olhos.

• • •

Acordo pela segunda vez, já sem dor de cabeça, e agora estou faminta. Desço as escadas. Não há sinal da minha mãe, o que é um alívio. Não preciso acrescentar isso à minha ressaca. Passo um pouco de cream cheese em um bagel e volto às pressas para o andar de cima.

Há mais mensagens de Ben no meu celular.

> Oi. Chegou bem em casa?
>
> Você podia ter me acordado.
>
> Sério, me manda mensagem pra eu saber que você não morreu.

Encosto na beirada da cama, dou uma mordida no pãozinho e respondo à mensagem.

> Não morri. Cheguei bem em casa.

Meu celular toca no mesmo instante. Nada ansioso, hein, Ben? Deslizo o dedo para atender.

– Oi.

– É falta de educação abandonar um cara na cama, sabia?

– Ah, é?

– Eu acho, sim.

– Você costuma dormir com os suspeitos de homicídio do seu podcast?

– O suspeito na primeira temporada era homem.

– Isso é um não?

– É um não. – Ele parece estar se divertindo.

– Você costuma se esquecer de usar camisinha?

– Não. É... Desculpa por isso, eu não...

– Tudo bem, também foi culpa minha. Não vou engravidar, só torci pra você não trepar sem camisinha com Los Angeles inteira.

Ele solta uma risada curta e surpresa.

– Eu não trepo sem camisinha com Los Angeles inteira. Nem em nenhum outro lugar. Normalmente.

Só comigo, então. Não sei se me sinto especial ou ofendida.

– Acho que sua ética de podcaster realmente foi por água abaixo agora, Ben – digo em tom de crítica, mas ele ri.

– Tanto faz. Ninguém nunca me acusou de tomar boas decisões.

Ética questionável, *mas os resultados são incontestáveis.* As palavras na matéria que li sobre Ben há algumas semanas atravessam minha mente e tenho que me esforçar para não rir. Não dá para dizer que não fui avisada.

Na verdade, ninguém nunca me acusou de tomar boas decisões também.

– Quer tomar café da manhã? – pergunta ele. – Preciso conversar com você sobre uma coisa.

– Preciso escrever. Conversa agora.

Ele faz uma pausa e depois dá um pigarro.

– Hum, tá. Tudo bem. Então, vou fazer um episódio bônus pra amanhã com a gravação que fiz do Matt ontem. Quero te mandar primeiro, e você pode vetar.

Vetar? Transei com esse cara duas vezes e agora, pelo visto, sou responsável pelo podcast. Estou orgulhosa de mim mesma ou horrorizada. Difícil dizer.

– E por que eu tenho o direito de fazer isso?

– Porque inclui uma entrevista que me deixa desconfortável. Se você me pedir, eu vou cortar.

– Com quem é a entrevista?

– Maya Harper.

Meu estômago revira como sempre acontece quando alguém menciona Maya. A irmã mais nova de Savvy.

– Me manda a entrevista.

Podcast *No Rastro da Mentira*, com Ben Owens

TRECHO SEM EDIÇÃO DA ENTREVISTA DE MAYA

Olá, amigos. Estou de volta, mais cedo do que o esperado, porque algo aconteceu ontem à noite. Fui me encontrar com a Lucy em um bar local, o que todos vocês já sabem, pois viram as fotos no Twitter. Sim, estávamos tomando um drinque, e, não, não é nem de longe tão escandaloso quanto todos vocês aparentemente pensam.

Quando estávamos saindo do bar, o Matt entrou no estacionamento e saiu do carro. Eis o que aconteceu.

[*ruídos de luta*]

Oi, Matt.

Seu merda, eu deveria torcer o seu pescoço.

[*ruídos de luta, grunhido*]

Ouviram esse barulho? Foi o Matt dando um soco na minha cara.

Eu vou te processar até arrancar cada centavo que você tem.

Vou te dar o número do meu advogado. Pode me soltar, por favor?

[*ruído de uma batida*]

Nessa hora, o Matt me atirou contra o carro.

Matt!

Essa é a Lucy. Ela está o tempo todo perto de nós dois.

A Beverly é uma [*inaudível*]*, e esta aqui é uma mentirosa de merda.*

"Esta aqui" se refere a Lucy, porque ele aponta para ela.

É o consenso, certo? A Lucy está mentindo. A Lucy está escondendo alguma coisa.

Bem, já ficou claro que o Matt também está mentindo: ele não estava em casa na noite em que a Savannah morreu, apesar de ter dito isso à polícia. E Kyle Porter sugeriu neste podcast que poderia estar havendo algo entre a Savannah e o Matt. A irmã mais nova da Savannah, Maya Harper, me deu sua opinião sobre isso.

> **Maya:** A Savvy nunca dormiu com o Matt. É um absurdo o Kyle ter dito isso, e é um absurdo você ter colocado isso no podcast.
> **Ben:** Certo. Você pode me contar mais sobre isso?
> **Maya:** Sobre como você é babaca?
> **Ben:** Sobre por que você acha que é um absurdo a Savvy ter dormido com o Matt.
> **Maya:** Ela odiava o Matt. A primeira vez que ela me falou da Lucy, ela contou várias coisas boas sobre ela e depois disse: "E ela é casada com um merda que não parava de olhar pros meus peitos enquanto eu falava."
> **Ben:** E a opinião dela sobre o Matt não mudou nos dois anos seguintes?
> **Maya:** Não. Mas, mesmo que isso tivesse acontecido, ela nunca teria dormido com o marido da amiga. Ela não era assim. A Savvy amava a Lucy e jamais magoaria ela.
> **Ben:** O que faz você pensar que a Savvy nunca se interessou pelo Matt? Ela falava

com você sobre ele?
Maya: Ela dizia algumas coisas. De vez em quando, mencionava ele do nada, tipo: "Ela não conseguiu se livrar do Matt, então tive que jantar com ele também." Coisas assim. E ela... Bem, é só a minha interpretação, mas acho que a Savvy achava que tinha alguma coisa acontecendo entre a Lucy e o Matt.
Ben: Acontecendo?
Maya: Tipo... algum abuso. Sei lá. Talvez eu tenha entendido errado. Mas, pouco antes de ela morrer, estávamos assistindo a um programa juntas e apareceu uma história sobre um marido abusivo. Teve uma hora que eu olhei para ela, e ela estava revirando os olhos, aí fiquei, tipo: "O que foi?" Aí a Savvy disse que estavam retratando o cara como se ele fosse um completo monstro, e não é assim que esses caras costumam ser.

Fiquei um pouco preocupada e perguntei: "Como você sabe como são esses caras?" Aí ela falou: "Não, eu não, eu não. Mas conheço uma pessoa. E o cara... Muitas pessoas gostam dele."

Não perguntei se era a Lucy. Mas só podia ser. A Savvy não era amiga próxima de mais ninguém naquela época. E ela disse *conheço*, não *conheci*. "*Conheço* uma pessoa." Sempre fiquei imaginando por que a Savvy tinha esse ódio inflamado pelo Matt quando todo mundo parecia adorar ele. De repente, fez sentido.

29

LUCY

Mando uma mensagem para Ben quando termino de ouvir.

Tem como cortar tudo que ela diz depois de "A Savvy amava a Lucy e jamais magoaria ela"?

Desço as escadas e jogo o resto do bagel no lixo enquanto espero, nervosa, pela resposta dele. Chega quando estou subindo as escadas.

Sim. Sem problema.

Solto um suspiro. Minhas mãos estão tremendo um pouco.

Só por curiosidade, você quer que eu corte isso porque não é verdade ou porque é?

Fico olhando para a pergunta por um bom tempo antes de digitar uma resposta:

A verdade não importa.

Maya Harper não mora em Plumpton, e eu adoraria ter coisas melhores para

fazer do que enfrentar cinco horas de viagem indo a Austin para ver a irmã de Savvy, mas não tenho. Então eu vou.

Não aviso que estou indo, porque ela me odeia e provavelmente vai chamar a polícia. A melhor opção parece ser uma emboscada para que eu tenha pelo menos quinze minutos antes de os policiais chegarem.

Não faço ideia de onde ela mora e, mesmo que Ben tenha o endereço, não posso perguntar para ele. Não quero que ele saiba que estou indo vê-la. Ele já sabe demais.

Mas sei onde Maya trabalha. Ela é assistente em uma empresa de contabilidade, cujo horário de funcionamento está no site. Eles ficam em um shopping meio vazio, entre uma agência de empregos e uma loja desocupada com uma placa de ALUGA-SE na vitrine suja. Paro meu carro nos fundos do pequeno estacionamento às quatro e meia e espero.

Ele mereceu, *porra*, canta Savvy em meu ouvido.

Fecho os olhos, e meu coração dispara. Não quero pensar nisso, mas estou sentada aqui esperando a única outra pessoa no mundo que conhece o segredo mais obscuro de Savvy.

Eu matei...

Savvy aparece ao meu lado, com os pés apoiados no painel, o esmalte azul das unhas dos pés lascado. Ela abre um sorriso. *Quer saber um segredo?*

Faço que sim com a cabeça.

Eu matei um cara e não me arrependo. Ele mereceu, porra.

LUCY

CINCO ANOS ATRÁS

Savvy ainda estava olhando para mim com expectativa, esperando que eu aceitasse sua oferta de matar meu marido.

– Mesmo que *a gente* quisesse matar ele – falei lentamente –, acho que estaríamos em uma situação muito difícil. Visto que nenhuma de nós nunca matou alguém antes.

– Fale por você.

Soltei outra gargalhada, mas ela não abriu um sorriso. Sua atitude mudou, algo sombrio e sério brilhando nos olhos.

– Peraí, você... – sussurrei, com a respiração presa na garganta.

Ela desviou o olhar e fez que sim com a cabeça, uma única vez. Fiquei olhando para ela, com o coração na garganta.

– Sério?

– Sério.

A palavra foi um sussurro, mas então ela se endireitou, sacudindo a cabeça como se quisesse se livrar dos pensamentos ruins.

– Sim, é sério – disse ela, com um tom mais firme. – Eu matei um cara e não me arrependo. Ele mereceu, porra.

– Savvy.

Peguei a mão dela. Acho que não acreditei no fato de ela não se arrepender.

Ou talvez eu estivesse errada. Pelo visto, eu não sabia de tudo sobre Savvy.

– Tudo bem. Não tenho nenhum trauma em relação a isso.

Ela deu de ombros de um jeito que deveria transmitir o quanto não se importava, mas me pareceu forçado.

– Quem era ele? O que ele fez com você?

– Troy. Um babaca que conheci num bar e que achou que podia colocar as mãos em mim. Ele estava errado.

Ela me lançou um sorriso sombrio.

– Meu Deus, Savvy...

– Tudo bem.

– Você procurou a polícia? Foi legítima defesa, né?

– Polícia. – Ela bufou. – Não. Acho que alegar legítima defesa seria um pouco demais, considerando o número de vezes que enfiei a faca nele.

– Quantas vezes você esfaqueou ele? – Minha voz era um sussurro.

– Talvez algumas a mais do que o estritamente necessário. E mais algumas pra garantir.

Não sabia se ficava horrorizada ou impressionada.

– Achei que o sangue me incomodaria mais, pra ser sincera. – Savvy deu de ombros. – Fez muita sujeira, o que foi chato. Um cara me viu saindo do banheiro com as mãos cheias de sangue, aí entrei em pânico por um minuto, mas depois falei: "Meu Deus, minha menstruação tá muito forte hoje!" Você devia ter visto a cara dele.

Meu queixo caiu.

– Depois, coloquei o corpo no meu carro, levei até o pântano e joguei lá. Imaginava que com certeza ele seria encontrado, mas nunca ouvi nada. Talvez os jacarés tenham comido ele.

Impressionada. Fiquei impressionada.

– Você colocou ele no seu carro? Um cadáver? Como você conseguiu colocar ele lá dentro?

– Ei. – Ela flexionou os bíceps. – Eu sou forte.

– Forte pra carregar um defunto?

– Ele não era um cara grande.

Lancei a ela um olhar cético.

– Demorou pra caralho – murmurou ela. – Ainda bem que o porta-malas era grande. Dava pra simplesmente arrastar o corpo até lá e cobrir com uma manta.

Soltei uma gargalhada. Mas logo cobri a boca com a mão para contê-la.

– Desculpa. Não é engraçado.

– É *hilário*.

Ela serviu uma dose de tequila em um copo e o empurrou na minha direção. Serviu uma para si mesma e imediatamente a virou.

Levantei meu copo, mas hesitei ao vê-la encher o dela outra vez.

– Foi por isso que você saiu da faculdade – falei baixinho. – Sua mãe vive

falando pra todo mundo que você sentia falta de casa, mas não foi por isso.

Ela revirou os olhos e entornou a segunda dose.

– Quem no mundo *sente falta* de Plumpton? Não. Eu não gostava da faculdade. Eu lá ia fazer uma dívida de dezenas de milhares de dólares em empréstimos estudantis só pra poder me sentar numa sala de aula enquanto um professor entediado recitava tudo que eu tinha acabado de ler num livro didático superfaturado? Não, obrigada.

Observei enquanto ela tomava outra dose. Ela baixou o copo no balcão, e eu peguei a mão dela, entrelaçando nossos dedos.

– Sinto muito que isso tenha acontecido com você.

Ela deu de ombros.

– Sério, Savvy – falei de mansinho. – Comigo você não precisa fingir que não foi nada de mais.

Ela cutucou o copo com o dedo, olhando para mim brevemente. Levantou um ombro, do tipo "não foi nada de mais", mas seus olhos contavam uma história diferente. Ela apertou minha mão com força.

– Ele mereceu – sussurrou ela. – E o Matt também merece.

30

LUCY

Maya sai do escritório depois das cinco. Há apenas dois outros carros no estacionamento, e acho que o dela é o *hatch* roxo. Eu me escondo ao lado do veículo.

Ela para de repente quando me vê. Segura a chave do carro entre dois dedos, como sempre dizem para fazer para afastar possíveis estupradores.

– Lucy. – O som sai como um suspiro, como se ela estivesse assustada.

Provavelmente está, se pensarmos bem. Levanto as mãos em sinal de rendição.

– Só quero conversar.

Ela semicerra os olhos. Da última vez que a vi, ela era uma adolescente: 18 anos, concluindo o ensino médio e se preparando para a faculdade.

– Eu não deveria ter contado pra ela. – Ainda consigo ver Savvy sentada na cama em seu pequeno apartamento com tetos inclinados. – Merda. Ela ainda é uma adolescente, mas...

– Você não era uma adolescente quando matou ele? – perguntei, e ela assentiu, claramente aliviada por eu ter entendido.

Maya me olha fixamente. Ela e Savvy nunca foram muito parecidas. O cabelo de Maya é mais claro, o tipo de louro que as pessoas geralmente têm que

comprar. Suas feições são mais marcantes do que as da irmã mais velha: o nariz comprido e o queixo pontudo são diferentes. Ela está usando uma saia longa coral e uma blusa branca de botão com gola arredondada. Roupas delicadas. Savvy não era delicada.

Mas os olhos são os mesmos. Azuis, furiosos. O suor escorre pelas minhas costas.

– Podemos ir pra algum lugar? – pergunto. – Está quente aqui fora.

– Eu não tenho nada pra te dizer.

Ela aperta o botão para destravar o carro.

– Por favor, Maya...

Dou um passo à frente, mas depois me afasto, porque não sei como iniciar uma conversa sobre isso.

Ela me encara.

– Olha, eu sei que todo mundo agora decidiu que você é inocente, mas ainda não quero conversar.

Todo mundo decidiu que eu sou inocente? Isso é novidade para mim.

– Não é isso – digo. Ela abre a porta do carro e joga a bolsa dentro. Solto minhas próximas palavras com pressa: – Eu sei sobre o Troy.

Ela desliza para o assento do carro, levantando a saia para que não fique presa na porta.

– Não sei quem é.

Agarro a porta antes que ela possa fechá-la.

– O homem que a Savvy matou.

A cabeça dela se volta para mim e seu rosto perde a cor. Ela me encara por um minuto.

– Entra no carro.

Maya começa a dirigir e depois parece mudar de ideia quanto a me levar para onde estava pensando originalmente. Ela entra no estacionamento de um restaurante há muito tempo fechado e para embaixo de algumas árvores.

– Esse era o nome dele? – pergunta ela. – Troy?

– Era. Ela não te contou?

Solto o cinto de segurança de modo a ficar de frente para ela. Não consigo parar de pensar em como a camisa branca ainda está impecável, apesar de ser o fim do dia de trabalho. Eu já teria derramado o café e o almoço nela.

Maya morde o lábio inferior e balança a cabeça.

– E eu não perguntei. Acho que não queria saber.

Eu quis saber. Quis saber o nome dele, como ele era e qual é o cheiro de

sangue quando há muito sangue.

Maya olha para mim de relance.

– Você sabe o sobrenome dele? Eu sempre fiquei me perguntando se alguém sabia que tinha sido a Savvy e se foi essa pessoa que... – Ela para quando balanço a cabeça.

– Troy Henderson. Eu dei uma fuçada anos atrás. Contratei um detetive particular, na verdade.

Naquela época, eu não tinha dinheiro para isso, mas era minha única pista concreta, e me recusei a contar à polícia. Eu não trairia Savvy dessa maneira.

– Nada? – Ela já parece abatida.

– Não, sinto muito. O corpo dele ainda não foi encontrado. Pelo que o detetive apurou, ele era conhecido por ficar bêbado e arrumar briga com as pessoas. O caso ainda está aberto, mas não acho que alguém esteja procurando por ele com tanto afinco. Quando o detetive conversou com a irmã dele, ela nem tinha se dado conta de que o Troy estava desaparecido. Achou que ele tinha se mudado e nunca mais tinha ligado.

– Ah.

– Sinto muito. Eu deveria ter te contado antes, mas...

Mas ela era jovem e estava começando o primeiro ano da faculdade depois de perder a irmã. Eu não queria aparecer do nada, tipo: "Oi! Lembra que a sua falecida irmã mais velha matou um cara?"

– Além do mais, eu não ia querer conversar com você naquela época.

– Você quer conversar comigo *agora*?

Ela levanta uma sobrancelha loura, quase se divertindo.

– Bem colocado.

– Posso te enviar o material que o detetive encontrou, se você quiser.

Ela se recosta no assento, soltando um longo suspiro.

– Você realmente não se lembra daquela noite, né?

– Não.

– Minha mãe nunca acreditou em você, mas não faz muito sentido contratar um detetive particular pra investigar uma pista se você tivesse matado a Savvy. – Ela se vira para me olhar. – E depois nem sequer nos contar a respeito disso. Essa era a melhor defesa que você tinha, sabe. O fato de ela ter matado o Troy.

– Eu sei.

– Você teria contado pra alguém se tivessem realmente te prendido e te acusado do assassinato dela?

Olho pela janela.

– Talvez.

Gostava de pensar que não, mas é possível que a perspectiva de algumas décadas atrás das grades tivesse rachado minha lealdade a Savvy. Dou um pigarro e olho para Maya.

– Até onde eu sei, a Savvy nunca contou pra ninguém, a não ser pra nós duas. Certo?

– Ela disse depois que, na época em que me contou, só você sabia.

– Eu não vou contar pro Ben – digo. – Só pra você saber. Não importa o que aconteça, não vou contar pra ele.

– Você tá mesmo em contato com aquele podcaster? Tipo, dando entrevista pra ele?

– Estou. Já começamos.

– Uau. – Ela olha para o para-brisa. – Eu contei pra ele algumas coisas sobre o Matt, mas ele disse que tinha cortado tudo.

– Eu sei.

– Sabe?

– Ele me consultou a respeito disso. Eu não quis confirmar, então ele cortou. Motivos legais, acho. – Não faço ideia se isso é verdade, mas parece. – O Matt já ameaçou processar ele.

– Desculpa. Eu não deveria ter dito aquilo. Eu me arrependi depois que desligamos.

Dou de ombros. Gostaria que ela não tivesse dito, mas não consigo me irritar com isso.

– Fico feliz que você tenha dito algo sobre a Savvy e o Matt. Você tem razão quando diz que ela nunca teria dormido com ele.

Maya estremece, como se só de pensar nisso já ficasse enojada.

– Eu só queria ter certeza de que estávamos de acordo – digo. – Sobre nunca contar a ninguém sobre o Troy. Jamais.

– Estamos de acordo.

Ela estica a mão na direção da marcha e depois para, recolhe a mão e olha para mim novamente.

– Eu gostaria que ela tivesse me dito que você também sabia.

– Por quê?

– Porque eu achava que você não conhecia ela de verdade. A maioria das pessoas não conhecia a Savvy de verdade.

– Não, não conheciam.

– Mas eu deveria ter adivinhado. Você era diferente das outras amigas dela. A

Savvy parou de odiar tanto Plumpton depois que você voltou. Ela estava mais feliz.

Engulo o nó na garganta. Eu sabia disso, mas parece diferente vindo de Maya. Como se fosse de fato verdade, e não apenas uma esperança. Tenho que fechar os olhos e respirar fundo, porque, por um momento, sinto tanta saudade de Savvy que chega a doer.

– Eu também estava mais feliz – digo baixinho.

Olho para Maya e a vejo enxugando as lágrimas. Compartilhamos um sorriso triste.

Ela dá um pigarro e coloca o carro em marcha à ré.

– Promete que vai fazer tudo que puder pra pegar o desgraçado que fez isso? A Savvy merece.

– Prometo.

31

LUCY

Mando uma mensagem para Ben na manhã seguinte enquanto entro no carro. Giro a chave na ignição e o ar quente sopra no meu rosto quando o carro dá partida.

Estou indo à casa do Matt. Se eu morrer, faça um podcast sobre o meu assassinato.

Ele ainda não me respondeu quando paro em frente à minha antiga casa.

Eu me dirijo à entrada antes que possa ter a chance de mudar de ideia. Provavelmente é uma ideia muito burra, mas Matt não atende às minhas ligações e, se eu não confrontá-lo logo, vou explodir.

Vamos matar seu marido.

Silêncio, Savvy. Não vamos matar ninguém hoje.

A porta se abre antes que eu possa alcançá-la, e eu paro.

Uma mulher sai, arrastando duas malas grandes. Ela é pequena (1,50 metro de altura, talvez) e tem dificuldade com as malas, que provavelmente pesam mais do que ela. Uma tomba de lado, e ela pragueja.

– Quer ajuda? – pergunto.

Ela ergue a cabeça com um tranco. Seus olhos azuis estão injetados de

sangue. Os cachos ruivos que ela amarrou em um coque estão se soltando e pendem por cima de um dos ombros. Ela está com uma cara péssima, mas ainda assim é deslumbrante.

A mulher me encara.

– Esposa número dois? – arrisco.

– Julia – responde ela.

– Lucy.

– Eu sei.

Ela não disse nada sobre a ajuda, mas pego a mala que tombou mesmo assim. Nós as arrastamos até o Lexus na entrada da garagem, e eu a ajudo a colocá-las no porta-malas. Julia o bate com força para fechar e se vira para mim.

– O que você tá fazendo aqui? – pergunta ela.

– Preciso falar com o Matt.

– Sobre o quê?

Parece invasivo, considerando que acabamos de nos conhecer, mas acho que ela ainda é tecnicamente casada com o sujeito.

– Assassinato.

Ela começa a chorar.

Meu celular toca, e não sei o que fazer com a esposa substituta chorosa, então abro a bolsa e olho para a tela. Há duas mensagens de Ben.

> ISSO NÃO TEM GRAÇA.
>
> Você está mesmo na casa do Matt neste momento?

Julia funga, atraindo minha atenção de volta. Ela agarra minhas mãos. As dela estão muito frias, o que é estranho nesse clima.

– Não vá até lá – diz ela. – Ele está de mau humor.

Aposto que está. Meu celular toca outra vez.

– Deixa eu te ajudar – continua ela.

Eu inclino a cabeça, confusa.

– Me ajudar?

– Você conhece o tal apresentador do podcast, certo? Quero falar com ele.

• • •

Ben e Paige nos encontram no quarto de hotel dele. Quero ir embora, mas Julia continua olhando para mim com lágrimas nos olhos, como se estivéssemos

juntas nisso.

Evito o olhar de Ben quando entramos e Paige os apresenta. Talvez eu esteja preocupada com o fato de que tanto Paige quanto Julia vão saber na mesma hora que estamos transando se eu olhar para ele.

Talvez eu esteja muito, muito irritada com o fato de que o homem com quem estou dormindo tenha tantas informações sobre minha vida e de que agora vai ter mais tantas outras sobre meu casamento. Sinto falta de Nathan e daquele olhar vago e distante que ele tinha quando eu estava falando.

Ben pega um café para Julia, e eu me sento ao lado dela no sofá enquanto ela segura a xícara com as mãos geladas. O microfone de Ben está sobre a mesa à nossa frente, mas ele ainda não o ligou.

– Quero dar uma entrevista – diz ela. – Sobre o Matt.

– Está bem. – Ben sorri de uma maneira suave e gentil que me parece ser uma tentativa de não a intimidar. Ele nunca sorriu para mim desse jeito, graças a Deus. – Sobre o que em relação ao Matt?

– Sobre... o nosso casamento. E algumas coisas que ele disse a respeito da Lucy. – Ela me olha com uma expressão de arrependimento.

– Você conhecia a Savannah? – pergunta Ben, embora eu tenha quase certeza de que ele sabe a resposta para essa pergunta.

Julia faz que não com a cabeça. Ela ajeitou o cabelo e está muito mais composta agora. É uma daquelas mulheres que conseguem fazer um coque bagunçado sem esforço, e odeio isso nela.

– Não. Nunca estive com ela. Não sei nada sobre ela nem... – Julia olha para mim novamente.

– Quer que eu saia? – pergunto, esperançosa. – Provavelmente vai ser mais fácil falar sobre isso se eu não estiver aqui.

– Não. – Ela agarra minha mão, envolvendo seus dedos gelados nos meus.

– A Lucy pode sair quando você começar a entrevista – diz Paige.

Tento não parecer muito aliviada. Com cuidado, solto minha mão da de Julia.

– Quero falar sobre como o Matt é de verdade. Como é o nosso casamento. Porque todas as coisas que as mulheres do nosso bairro disseram sobre ele... – Ela pega seu café e toma um gole lento. – Não posso deixar que elas façam isso. Achei que conseguiria deixar pra lá, mas, se eu não disser nada, jamais vou conseguir viver em paz.

Os olhos de Paige se voltam para os meus, e percebo, por aquele rápido olhar, que Ben não compartilhou com ela o final da entrevista de Maya. Ela foi pega desprevenida.

Dizer a verdade não vai ajudar em porra nenhuma, amiga, sussurra Savvy.

Eu me levanto, porque não aguento mais um segundo. Julia olha para mim, assustada.

– Tenho que ir. – Contorno a mesa de centro e me dirijo à porta. – Se alguém ficar sabendo que eu estava aqui quando ela te contou... – Agarro a maçaneta da porta. – Vocês não me querem aqui.

Julia parece que vai protestar, mas Paige faz que sim com a cabeça.

– Ela tem razão. Nos vemos mais tarde, Lucy.

Abro a porta e praticamente saio correndo.

Podcast *No Rastro da Mentira*, com Ben Owens

EPISÓDIO BÔNUS 2

Um dia, Julia Gardner apareceu inesperadamente na minha porta. Fui informado de que ela queria falar comigo, e eu disse que sim, embora estivesse confuso sobre o que ela teria a dizer sobre esse caso. A esposa de Matt Gardner nunca conheceu Savannah e, pelo que ouvi dos vizinhos, Julia e Matt eram um casal absolutamente feliz. Matt tirou a sorte grande com a segunda esposa, como me disse uma pessoa.

No entanto, faz alguns meses que Matt e Julia estão separados.

Ben: Você saiu de casa hoje?
Julia: Sim. Bem, eu saí parcialmente dois meses atrás. Voltei pra buscar mais coisas hoje porque ele disse que estaria viajando. Era mentira, mas eu deveria ter esperado isso.
Ben: Vamos voltar um pouco. Você e o Matt estão casados há...?
Julia: Três anos.
Ben: Como vocês se conheceram?
Julia: Eu estava participando de uma conferência em Houston e ele estava lá visitando alguns amigos. A gente se conheceu no bar do hotel e se deu bem de cara. Namoramos à distância por um tempo, e depois eu me mudei para Plumpton para ficar com ele. A gente se casou pouco tempo depois.
Ben: Me fala sobre o Matt.
Julia: Ele era muito... Não, eu ia dizer que ele era charmoso, mas essa não é a palavra certa. Ele não é exatamente charmoso. Ele é agradável. É daquelas pessoas que, quando a gente conhece, parece que é amigo dela há muito tempo. Ele tem um jeito de deixar as pessoas à vontade. Não sou muito boa em falar com estranhos, então percebi isso nele de cara. Não parecia que ele estava dando em cima de mim no bar do hotel, parecia mesmo que estava só sendo simpático. Isso não é muito comum em homens.

No começo, era tudo ótimo. Ele foi muito aberto comigo sobre o passado, sobre a Lucy, e isso me fez sentir que ele era um homem honesto. Era isso que eu buscava em um relacionamento. Mas as coisas aconteceram muito rápido, e ele insistiu muito em que eu viesse para Plumpton. Achei que ele não tinha medo de compromisso.

Assim que cheguei aqui e fui morar na casa dele, as coisas mudaram um pouco. Na maior parte do tempo, eu não dava importância. Ele estava mais mal-humorado, mais propenso a se irritar comigo, mas é assim, né? As pessoas se sentem confortáveis num relacionamento e deixam de ser educadas como antes.

Depois, o Matt começou a gritar mais, e eu me dei conta de que ele andava bebendo muito. Ele escondia as garrafas no fundo da lata de lixo do lado de fora pra que eu não visse. Ele me evitava à noite, sozinho no escritório, e entendi que

era porque estava lá bebendo.

Tentei tocar no assunto, gentilmente, e ele ficou muito irritado e me mandou parar de ser tão puritana. Disse que gostava de relaxar com um drinque à noite e que eu não deveria estar reclamando por ele levar o lixo pra fora. Eu queria que ele deixasse tudo pra eu fazer, era isso?

Meio que percebi essas desculpas, mas também não queria importunar ele sobre a bebida se não estivesse pronto pra falar sobre o assunto. Não dá pra obrigar as pessoas a aceitarem que têm um problema, sabe? Elas precisam chegar a essa conclusão sozinhas.

Mas, infelizmente, acho que ele entendeu isso como uma autorização pra beber na minha frente. E ele *não* era legal quando bebia. A gente tinha acabado de se casar quando ele realmente começou a se soltar... Provavelmente foi *por isso* que ele se soltou, pensando bem... E eu estava um pouco confusa sobre como lidar com toda essa situação. E ficava com a impressão de que tinha sido um pouco burra. Eu sabia que ele tinha um problema quando nos casamos. Tinha entrado nesse relacionamento totalmente ciente disso.

Mas aí a violência começou.

No início, ele atirava copos nas paredes e descarregava a raiva nas coisas da casa. Depois, passou a ser em mim. Me dava tapas, puxava meu cabelo e me jogava contra as paredes. E sempre gritava comigo dizendo que eu também havia agredido ele, que a culpa também era minha, e eu dizia: "Do que você tá falando? Eu nem toquei em você."

Ben: Só pra ficar claro, ele estava batendo em você*,* sendo *abusivo* com você, mas dizia que *você* estava batendo *nele*?

Julia: Isso. O tempo todo. Na manhã seguinte, eu falava: "Se você me der um tapa desses de novo, eu vou embora", e ele respondia: "Você me deu um tapa de volta, não tem direito de reclamar." O que *nunca* aconteceu.

Ben: Qual era a reação dele quando você dizia isso?

Julia: Às vezes, ele parecia confuso de verdade. Como se realmente achasse que a gente caía na porrada, em vez de ele... de ser só ele. Eu ficava me perguntando se ele estava tão bêbado que não se lembrava do que tinha acontecido e por isso falava aquilo.

Ben: Você em algum momento se sentiu segura pra contar isso a alguém?

Julia: Sim, contei para minha mãe. Eu cortava uns pedaços, tentava fazer com que não parecesse tão ruim, porque não queria que ela ficasse preocupada. Mas eu definitivamente não queria contar a ninguém em Plumpton. Era todo mundo louco pelo Matt. E eu tinha medo de que ele falasse pra todo mundo que eu também havia agredido ele, mesmo que isso não fosse verdade.

O fato é que... provavelmente isso é muito estranho, mas a pessoa com quem eu mais queria falar era Lucy Chase.

Ben: Mesmo sem nunca ter visto ela antes?

Julia: Sim. E é estranho, né? Nenhuma segunda esposa *quer* falar com a primeira. Principalmente uma que foi acusada de homicídio. Mas eu queria saber se o casamento deles tinha sido assim também, porque o Matt falava dela de forma tão... gentil.

Ben: Desculpa, *gentil*?
Julia: É. Na verdade, essa foi uma das coisas de que gostei nele no início. Nunca gostei de homens que ficam falando mal das ex-namoradas. Isso geralmente me parece um pouco misógino.

Na verdade, o Matt parecia um pouco triste quando falava da Lucy. Ele dizia que ela era amorosa e gentil e que se sentia mal por ela ter sido obrigada a deixar a cidade que amava. Ele me contou abertamente que ainda amava a Lucy, mas que eles simplesmente não podiam mais ficar juntos. Ele disse que esperava que ela estivesse feliz.
Ben: Você perguntou por que eles se divorciaram, então? Se ele ainda amava a Lucy?
Julia: Eu perguntei, e ele falou que foi largado, o que é verdade, acho. Ele disse que foi demais pra ela, ficar em Plumpton depois da morte da Savvy. Mas, é claro, mais tarde fiquei imaginando se era porque ele também batia nela.

E ficava imaginando se era só comigo. Talvez ele tivesse ficado tão arrasado com o divórcio que começou a beber e se transformou. Por isso que eu queria falar com ela. Mas não entrei em contato, é claro. Teria sido muito estranho.
Ben: Mas você conheceu ela hoje mesmo, não foi?
Julia: Foi. Eu encontrei ela hoje, por acaso. Mas não perguntei. Queria, mas não cabe a mim. Percebi que ela não queria... Bem, ela já tem problemas suficientes. Não precisa dos meus também.
Ben: Por quanto tempo o Matt te agrediu antes de você ir embora?
Julia: Uns seis meses só. Isso avançou muito devagar e, por isso, foi só há uns seis meses que me perguntei: "Eu estou mesmo vivendo desse jeito? Essa é a minha vida? Como foi que entrei nessa narrativa da esposa agredida?" Parecia quase irreal. Acho que poderia ter caído fora antes, se não estivesse tão confusa sobre como fui parar naquela situação.
Ben: E correu tudo bem? A sua saída?
Julia: Minha mãe veio e ficou em casa comigo enquanto eu fazia as malas, então ele foi obrigado a se comportar. Ele gritou muito quando fui lá hoje... eu estava sozinha... mas ficou tudo bem. Falei pra ele que minha mãe e meus amigos sabiam que eu tinha vindo pra Plumpton, por precaução.
Ben: Só para o caso de algo acontecer com você? É isso? Só quero ter certeza de que entendi direito... Você sentiu a necessidade de avisar alguém que estava vindo ver o Matt porque estava preocupada de que algo pudesse acontecer com você enquanto estivesse lá?
Julia: Bem, parece bastante dramático quando você fala desse jeito. Mas... sim.

Começo a encerrar a entrevista nesse momento, e Julia quase deixa, mas volta a falar, parecendo aflita.

Julia: Não, eu só... Posso dizer mais uma coisa? Preciso te contar uma coisa.
Ben: Claro.
Julia: É algo que o Matt disse sobre a Lucy uma vez. Quando ele estava bêbado. *Muito* bêbado, na verdade. Ele às vezes puxava esse assunto. Acho que era pra

fazer com que eu me sentisse mal. Falava sobre como a Lucy era maravilhosa. Mas isso nunca fez com que eu me sentisse mal de verdade. Ou, provavelmente, não da maneira que ele achava que faria... Eu ficava irritada com ele, mas ainda mais intrigada com a Lucy.

Enfim. Ele estava falando e falando, e disse: "Eu deveria ter protegido melhor a Lucy." E eu falei: "Você quer dizer depois do assassinato?", porque eu sabia que ele havia mandado ela pra casa dos pais depois e se sentia culpado por isso.

E ele disse: "Não, naquela noite. Eu deveria ter protegido melhor a Lucy."

Eu perguntei: "O que você quer dizer com isso? Você não estava lá, certo? Quer dizer que deveria ter ido embora do casamento com ela?" Eu estava tentando tirar qualquer informação dele, porque o Matt *nunca* falava daquela noite.

E vi que ele teve um momento de clareza, em que se deu conta do que tinha dito, e o rosto dele ficou vermelho. Aí ele murmurou algo, tipo, sim, era isso que ele queria dizer, mas... Acho que não era verdade.

Acho que ele estava lá, com a Lucy, quando a Savvy morreu.

32

LUCY

Ben lança o episódio de Julia bem cedo na segunda-feira de manhã. Eu o ouço enquanto corro na esteira e, aparentemente, não sou a única a fazer isso logo cedo, porque há um monte de mensagens e ligações perdidas no meu celular quando termino a corrida. Leio tudo conforme atravesso o estacionamento em direção ao carro, o suor escorrendo pelas costas.

> Vovó: Filha, pode me ligar? Ou passar aqui. A qualquer hora.
>
> Meu pai: Já saiu? Sua mãe e eu queremos falar com você.
>
> Nathan: Ei, tudo bem por aí? O fato de termos terminado não significa que não podemos continuar sendo amigos. Se você quiser conversar sobre qualquer coisa.
>
> Emmett: Quer almoçar?

Meu Deus, de repente me tornei tão popular... As pessoas descobrem que seu primeiro marido andou dando uns tapas na segunda esposa e logo fazem suposições.

Fico sentada no carro por um bom tempo, com o ar condicionado batendo no rosto, enquanto penso no que fazer em relação a essas suposições.

Por um lado, eles estão certos.

Por outro, podem ir todos se foder.

Não gosto que me transformem na vítima dessa história. Savvy é a vítima. Após sua morte, ela foi lustrada e polida, transformada na vítima perfeita que eu jamais poderia ser. Vamos deixar as coisas assim.

Outra mensagem aparece no meu celular.

> Oi, é a Julia. O Ben me deu seu número.

Eu falei para ele que não havia problema. Agora gostaria de não ter feito isso.

> Espero que você esteja bem. Adoraria conversar,
> quando você estiver pronta.

Eu me pergunto se ela de fato nunca revidou. Será que o Matt simplesmente confundiu a gente, ou será que ela teve um surto como eu e decidiu tirar vantagem da situação?

Meu Deus, espero que seja a segunda opção. Ela é tão pequena e bonita que ninguém acreditaria que bateu em Matt. Espero que ela tenha dado uma surra nele.

Fico olhando para as mensagens dela. Nunca vou dar o que ela precisa. Não sou um ombro amigo.

Digito depressa uma resposta.

> Obrigada. Boa sorte com tudo.

Se você enfiar uma faca no pescoço dele, vai ser rápido, sussurra Savvy no meu ouvido. *Você quer que seja rápido?*

Definitivamente, Julia está melhor sem mim.

Meu celular toca (vovó), mas ignoro. Tenho que fazer uma escolha. Se eu contar a verdade e admitir que Matt me bateu, ele *certamente* vai contar para todo mundo que eu revidei. Não importa que tenha sido meses antes de eu ter surtado. Não importa que eu tenha sido submetida a incontáveis noites de gritos, insultos e tapas dolorosos e que tenha sido atirada contra paredes com tanta força que é um milagre que minha cabeça não esteja amassada.

Em determinado momento, sim, eu surtei, e isso vai ser apenas mais uma prova do meu coração maligno e violento.

"É claro que ela matou a Savvy! Em vez de largar o marido abusivo, agrediu ele de volta! Quem faz isso?"

Se eu mentir, deixo Julia na berlinda. Deveria me preocupar com isso. Solidariedade feminina e tudo o mais.

Mas não há motivo para não acreditarem nela. Eu e Julia não somos a mesma pessoa. Ela ainda é uma pessoa agradável. Ainda é uma boa vítima.

Minhas opções são péssimas, mas sei o que vou fazer. Além do mais, ninguém espera a verdade de mim.

• • •

– Ele tinha um temperamento explosivo quando bebia, mas minha experiência com o Matt não foi exatamente a mesma que a da Julia.

Digo as palavras como se as tivesse ensaiado. Já falei a mesma coisa para Ben, em uma longa entrevista essa tarde. Ele e Paige olharam para mim como se eu estivesse mentindo. Minha mãe, no entanto, parece aliviada. Está de pé na cozinha, apoiada em uma muleta. Meu pai está logo atrás, com uma espátula na mão como se fosse ameaçar alguém com ela. Vovó está sentada à mesa.

Estava todo mundo esperando que eu chegasse em casa. Passei o dia inteiro evitando todos eles.

– O que isso significa, "não exatamente a mesma"? – pergunta vovó, com os olhos semicerrados.

– Como eu disse, ele tinha um temperamento difícil. Jogava uns copos na parede, batia pé pela casa.

– Mas ele não bateu em você? – pergunta meu pai, nervoso.

– É claro que ele não bateu nela! – exclama minha mãe. – Ela morava a menos de dez quilômetros daqui naquela época. Nós teríamos ficado sabendo.

Levantei uma sobrancelha. Planejava ser um pouco mais direta em minha negação, mas minha mãe está dificultando as coisas. Meu senso de autopreservação está realmente lutando contra meu desejo de provar que ela está errada.

– Acho que ninguém sabe o que acontece no casamento de outras pessoas – declaro. – Não importa quão perto morem.

Todos ficam paralisados.

Meu pai ainda está segurando a espátula à frente do corpo como uma arma. O olhar dele é familiar, um olhar que eu costumava ver com frequência quando era criança. Como se temesse que eu estivesse prestes a dizer algo com o que ele teria que lidar, e essa é a última coisa que meu pai quer fazer no momento.

– Mas não vou fazer nenhuma confissão dramática no podcast, se é isso que

preocupa vocês – acrescento prontamente.

Minha mãe solta um suspiro, como se fosse exatamente isso que a preocupasse. Meu pai coloca a espátula na bancada, feliz por estar livre de ter que lutar por mim hoje.

– Estamos preocupados com *você*! – exclama vovó.

– Bem, agora estou solteira e feliz, então não faz mesmo muita diferença. – Abro um sorriso. – O que tem pro jantar?

– Nhoque! – responde minha mãe, excessivamente animada, e aponta para meu pai, que agora está se esforçando para abrir o pacote.

Vovó ergue as mãos para o céu.

– Que porra é essa? Não vamos falar sobre o fato de que provavelmente foi o *Matt* quem matou a Savvy?

Meu pai deixa cair o nhoque no chão.

33

LUCY

Matt: Estou aqui fora. Você pode descer?

A mensagem surge no meu celular depois das dez. A casa está em silêncio, meus pais já foram dormir.

Saio da cama, ando de fininho pelo quarto até a janela e vejo o carro de Matt estacionado em frente à casa. Uma silhueta escura está encostada no veículo.

Provavelmente deveria ignorar a mensagem e fingir que estou dormindo. Mas ainda quero desesperadamente confrontá-lo, e não tive a chance de fazer isso em meio ao drama da esposa substituta.

Respondo com uma mensagem dizendo que vou descer em um minuto, visto um short, prendo o cabelo e desço as escadas. Calço um chinelo e saio para o ar úmido.

Ele se endireita quando me vê chegando, tira as mãos dos bolsos. Atrás dele, o poste ilumina a calçada, fornecendo luz suficiente para que eu o veja de forma clara. Os nós dos dedos de sua mão direita estão machucados, e fico pensando se foi por causa de um rosto ou de uma parede.

– Conheci sua esposa – digo.

– Eu sei, ela me contou.

– Ela parece legal. – Levanto uma sobrancelha. – Mais do que eu.

Ele cerra o maxilar e seu olhar me atravessa em direção ao nada. Fico torcendo para que ela tenha falado com ele por telefone, e não pessoalmente, porque posso sentir a fúria emanando de Matt em ondas.

– Você ignorou minhas mensagens – digo.

Ele aperta a ponte do nariz com dois dedos.

– Que merda tudo isso.

– Você só notou agora?

Ele ri, de leve no início, e depois de novo, uma risada maior que faz com que um sorriso permaneça em seu rosto.

– Meu Deus, como eu sinto a sua falta.

Veneno faria menos sujeira, mas também seria menos satisfatório, na minha opinião, sussurra Savvy.

– Pois é, a sua esposa deu a entender isso no podcast.

Eu me encosto no carro ao lado dele.

– Ela sempre foi legal demais pra mim.

Que palhaçada.

– Eu deveria saber que faria mal a ela. Só achei que uma garota legal como ela...

– Poderia te salvar?

– É.

– Você não merece ser salvo, Matt.

Ele franze a testa, mas não discute.

– Ouvi dizer que você não falou a mesma coisa. Sobre mim. Sobre... – Ele dá um pigarro. – Você disse que com você foi diferente.

– *Ouviu dizer?*

– Aham.

Fico imaginando se ele ouviu diretamente da minha mãe ou se ela simplesmente contou a tantas pessoas que acabou chegando até ele.

– Eu disse que a minha experiência foi diferente da que a Julia teve, o que é verdade. Não estou realmente muito a fim de relembrar o passado.

Ele se vira para mim, com uma gratidão genuína no rosto.

– Obrigado.

– Acredite, não foi nem um pouco por sua causa.

"Você não pode contar às pessoas sobre nós dois, Lucy." O rosto de Matt de cinco anos atrás surge na minha frente. O dia em que ele me expulsou de casa e me mandou ir para a casa dos meus pais.

– A Savvy está *morta*, Matt – falei no dia, com a voz embargada. – Nossos

problemas não importam agora.

– Vão importar pra polícia. Não me obrigue a contar pra eles o que fizemos um ao outro, tá bem? Não me obrigue a contar pra eles.

Eu havia entendido o que ele estava dizendo: que se a polícia estivesse em busca de evidências de que eu havia sido violenta antes, Matt certamente poderia dar isso a eles. Eu poderia tentar refutar, tentar explicar que *ele* era o abusador, mas a situação já havia ficado confusa.

As pessoas não acreditam nas mulheres que revidam. Quando um homem estoura, as pessoas dizem que ele perdeu a cabeça ou cometeu um erro terrível. Quando uma mulher faz isso, ela é uma psicopata.

Matt dá um passo adiante de repente, me trazendo de volta ao momento. Ele me empurra contra o carro. O comprimento de seu corpo faz força contra o meu e, em seguida, sua boca também está colada na minha.

Ele tem gosto de hortelã, não de álcool, e isso me faz lembrar dos nossos primeiros anos. No final, ele sempre tinha gosto de bebida. Ou cheirava a bebida. Em determinado momento, o álcool começou a sair de seus poros.

Mas era desse Matt que eu gostava, no início.

"Acho que vou sentir falta dele", falei para Savvy. "Isso é uma merda, né? Que eu vá sentir falta dele?"

Fico tensa e quero recuar, mas, em vez disso, retribuo o beijo. Em parte, é um hábito. Em parte, instinto. É sempre mais fácil embarcar em vez de irritá-lo.

Ele não te merece.

Mordo o lábio dele com força.

Ele se afasta, com satisfação nos olhos, como se achasse que aquilo era para ser sexy em vez de uma tentativa fracassada de lhe tirar sangue.

– Desculpa. É difícil não te beijar às vezes, sabe?

– Tenta.

– Vem pra casa comigo.

– Não.

Tenho um pouquinho de bom senso e me orgulho disso. Ele suspira, mas não discute.

– A Julia tem razão? – pergunto. – Você estava lá quando a Savvy morreu?

Ele balança a cabeça.

– Não.

– Depois?

– Não. – Ele se vira para mim. – Sinto muito por ter te abandonado depois. Foi o que eu quis dizer quando falei aquilo pra Julia. Eu deveria ter ficado com

você. Não ter te mandado pra porra da casa dos seus pais, que simplesmente deixaram a Ivy te interrogar.

Não sei se ele está mentindo. Matt mente muito bem.

– Quem era a mulher com quem você estava discutindo na entrada da nossa garagem naquela noite?

– Eu realmente não acho que seja justo arrastar ela pra isso.

– Por que não?

– Escuta. – Ele mostra a palma das mãos, como se precisasse que eu me acalmasse.

Penso em entrar no meu carro e atropelá-lo. Depois, dar ré por cima do corpo só para ter certeza de que ele está morto.

– Ela não está envolvida na morte da Savvy, tá? Eu juro que ela nunca fez mal pra Savvy.

– Que legal da sua parte ter tanta fé nela – digo, em um tom seco.

– Eu merecia essa.

O suor está começando a escorrer pelas minhas costas. Deixo o silêncio se estender por um bom tempo antes de falar novamente:

– Você sabe que todo mundo tá começando a achar que foi você.

Ele assente, com o olhar baixo.

– Talvez eles tenham razão – acrescento.

Matt ergue a cabeça, com uma perplexidade genuína no rosto.

– Você acha que *eu* matei a Savvy?

– Como você tá se sentindo, babaca?

– É... – Ele fecha os olhos por um momento. – Justo. Mas eu... – Ele fecha os olhos de novo, brevemente. – Lucy, por favor, deixa disso.

– *Deixa disso?* Você mentiu e...

– Por favor. – Ele agarra minhas mãos. Tento soltá-las, mas ele segura firme, com os olhos suplicantes. – Volta pra Los Angeles, Lucy. Para de ajudar aquele cara do podcast. Confia em mim, tá?

– Confiar em você? – repito, incrédula.

– Sei que não parece, mas tudo que eu sempre quis foi te proteger. Ainda estou te protegendo.

Ele aperta minhas mãos. Seus olhos ficaram brilhantes.

Meu coração afunda. Solto minhas mãos e tropeço ao dar um passo para trás. O mundo está girando.

– Matt, a gente se viu depois que a Savvy te deixou em casa naquela noite?

– Não – replica ele de pronto, como se fosse uma resposta automática que

ensaiou.

Não acredito nele. Reprimo o pânico que cresce no meu peito.

– Só me diz quem foi, por favor? Quem foi te encontrar naquela noite? À uma da manhã?

– Lucy, só... não faz isso, por favor.

– Me fala, Matt. Você me deve isso.

Ele suspira e passa a mão pelo rosto.

– Foi a Nina. Nina Garcia.

34

LUCY

Era a Nina, mandei a mensagem para Ben no dia seguinte, quando me sentei no escritório da minha mãe com meu notebook. Vou ignorar o conselho de Matt sobre parar de ajudar Ben. Que se dane Matt. Se fui mesmo eu, que Ben descubra, então. O desgraçado presunçoso merece, depois de todo o esforço.

A pessoa com quem o Matt estava brigando na entrada da nossa garagem, depois do casamento, acrescento.

Vou precisar que você me conte essa história com o microfone ligado, responde ele imediatamente. Quer vir pra cá? Gravar uma entrevista? E ficar?

Fico tentada a correr para lá no mesmo instante.

Gravar uma entrevista e ficar? É tipo a versão em podcast de "dar uma esticadinha lá em casa"?

Talvez.

Tenho que escrever por algumas horas. Posso ir mais tarde.

Tá bem. A Nina sabe que você sabe?

Não, a menos que o Matt tenha contado.

Me faz um favor, não fala mais nada ainda.

Eu deveria zelar mais pela minha melhor amiga da época do ensino médio, mas sei exatamente por que Nina apareceu lá para ver Matt no meio da noite, mesmo que ele não tenha admitido.

Pode deixar.

• • •

Ben me recebe na porta do quarto de hotel com um sorriso. Ele está descalço, vestindo calça jeans e uma camiseta desbotada. É bonito de um jeito que odeio e amo ao mesmo tempo.

– Vamos lá – diz ele, indo até a pequena mesa no canto onde os microfones estão instalados. – Depois, pensei em pedirmos alguma coisa pra comer, que tal?

Assinto. Ele liga os microfones.

– Você esteve com o Matt recentemente? – pergunta.

– Estive, ele apareceu na minha casa ontem à noite. Ele queria conversar sobre... – Paro de falar, de propósito. – Ele só queria conversar. E eu queria saber com quem ele tinha brigado naquela noite, depois de chegar em casa, então desci pra falar com ele. Fazia dias que eu estava tentando entrar em contato com o Matt, mas ele vinha me ignorando.

– Ele te contou?

– Contou. Disse que era a Nina Garcia.

Eu te falei que ela era uma vagabunda, diz Savvy.

Eu me esforço ao máximo para ignorá-la.

– Ele falou por que ela apareceu lá no meio da noite? E por que ele mentiu sobre isso?

– Não mesmo. Mas... Bem, você ouviu o que as pessoas vêm dizendo sobre o nosso casamento. Duvido que ela estivesse indo lá pra jogar damas com ele.

A boca de Ben se contorce como se ele estivesse tentando não rir. Ele me obriga a contar toda a conversa, o que significa que tenho que contornar com cuidado a conversa sobre Julia e o momento em que deixei que Matt me beijasse.

Não é assim que pessoas inocentes se comportam.

– Muito bem, está desligado – diz Ben, desligando o microfone quando terminamos. – Acho que agora sabemos por que a Nina não gosta de mim.

– Ou é só o seu jeitinho.

Ele dá uma piscadela para mim.

• • •

Acordo na cama dele, sozinha. O relógio na mesinha de cabeceira marca 3h38, e, ao me virar, vejo a porta do banheiro aberta, o quarto escuro. A luz entra por baixo da porta da sala de estar.

Saio da cama, encontro minhas roupas íntimas e a regata no chão e as visto. Abro a porta e dou uma olhada para fora.

Ben está sentado no chão, ao lado da porta de vidro de correr, só de camiseta e cueca boxer. A porta está aberta e ele fuma um baseado, soltando a fumaça. Vejo uma bebida pela metade no chão ao lado dele.

Ele se vira quando saio do quarto.

– Oi.

– Não tá conseguindo dormir?

Ele balança a cabeça e depois estende o baseado, oferecendo-o para mim.

– Não, obrigada.

Atravesso a sala e me sento diante dele.

– O Matt mandou uma mensagem pra você.

Ele aponta para o meu celular, que está em cima da mesa de centro. Eu me aproximo e pego o aparelho.

– Você não vai nem fingir que não olhou meu celular?

– Não. – Um canto da boca dele se ergue. – Em minha defesa, a mensagem apareceu na tela faz meia hora, e eu vi o nome dele por acaso.

Desbloqueio o celular e leio a mensagem. Enviada às três da manhã. Ele deve estar bêbado.

Me desculpa. Podemos conversar?

– Ele quer conversar.

Coloco o telefone de novo na mesa.

– Você vai falar com ele?

– Não. Ele só tá bêbado.

Ben dá um trago no baseado e olha para mim.

– Quer conversar sobre isso?

– Meu ex-marido bêbado?

– Tudo... envolvendo seu ex-marido bêbado.

– Não.

– Tem algum motivo pra você nunca querer falar dele?

– Eu falo dele... Peraí, isso é extraoficial?

– É. Estamos só com roupas de baixo.

– Estar só com roupas de baixo significa que isso aqui é extraoficial?

– Sei lá, acho que deveria.

Estico as pernas, cruzando um tornozelo sobre o outro. Ben coloca a mão na minha panturrilha.

– Eu falo dele. Mas não estou interessada em contar a triste história do meu casamento pros ouvintes do seu podcast.

– A triste história do seu casamento provavelmente é relevante.

Ele não faz ideia do *quanto*.

Dou de ombros. Ben solta a fumaça lentamente.

– Ele era um cara tão babaca assim quando vocês se casaram?

Olho para ele, achando graça.

– Não. Ou sim. Sei lá. Ele era um babaca mais agradável. Ou eu era mais tolerante com babacas na época. Provavelmente uma combinação das duas coisas.

– Eu não reconheço essa versão sua de que as pessoas falam, na verdade. – Ben termina o baseado e estende a mão para jogar a ponta em um copo vazio em cima da mesinha. – A Lucy de 22 anos que se casou com ele parece uma pessoa completamente diferente, do jeito que falam de você.

– Eu era, de certa forma. Eu era a Lucy de Plumpton. A mesma garota que eu era no ensino médio. – Pego a bebida dele e tomo um gole. É uísque puro e queima quando desce. – Sempre admirei isso na Savvy. Ela era totalmente diferente do que era no ensino médio. Ela não tinha medo de...

Achei que seria mais perturbador estar coberta de sangue, sussurra ela no meu ouvido.

Ben olha para mim com expectativa.

– ... mudar – concluo.

– Você não me parece ter sido uma má pessoa no ensino médio – diz ele. – Você era o tipo de garota que saía por aí enfiando a porrada em babacas. Acho que teríamos nos dado bem.

– Ou eu teria te enfiado a porrada.

Ele ri. Seus olhos estão ligeiramente injetados de sangue e ele está alto, chapado.

– Eu era muito nerd no ensino médio.

– Quero ver você nerd adolescente. Me mostra uma foto.

– Não – responde ele, com pouca ou nenhuma convicção.

– Ah, fala sério. Você passa os dias obcecado com cada detalhe do meu

passado. Provavelmente já viu todas as fotos tiradas de mim quando eu tinha 20 e poucos anos.

Ele me olha de soslaio.

– Esse é um ótimo argumento, na verdade. – Ben suspira enquanto pega o celular. – Tudo bem.

Ele rola a tela por um minuto antes de virar o aparelho para que eu possa ver. Pego o celular dele.

É uma foto do baile de formatura. Ele está ao lado de uma linda garota de cabelo preto e vestido verde. A gravata dele combina com o vestido dela. O cabelo dele é muito curto, e há uma espinha gigantesca na testa. Parece que Ben espichou mais tarde, pois tem quase a mesma altura da acompanhante, que está usando sapatilhas. Ou talvez ela tivesse 1,80 metro de altura.

– Seu mentiroso.

Devolvo o celular para ele, que parece assustado.

– Que foi?

– As garotas faziam fila atrás de você. Você era bonito e sabe disso.

– Eu era nerd! Um nerd desajeitado e esquisito. Eu falava demais sobre *O Homem de Ferro*.

– Ah, sim, falar sobre a franquia bilionária da Marvel que todo mundo adora deve ter mesmo feito com que você não parecesse nada descolado.

– Ei, era um pouco menos descolado naquela época.

– Meu Deus, você é tão presunçoso. Foi aos bailes de formatura acompanhado de garotas bonitas e ganhou prêmios importantes de jornalismo estudantil. Você resolve crimes por conta própria e consegue convencer suspeitas de homicídio a transar com você.

– A Paige ficaria extremamente irritada se soubesse que alguém acha que resolvo os crimes por conta própria. E como você sabe que eu ganhei prêmios de jornalismo importantes? Você pesquisou?

– Você contratou um detetive particular pra me investigar, então não acho que esteja em posição de julgar minha rápida pesquisa no Google.

– Não estava julgando, estava lisonjeado.

– Pois não fique.

Ele ri e move os dedos pela minha panturrilha. Eu me inclino um pouco para a frente, e a mão dele desliza até minha coxa.

– Qual foi o seu "muito provavelmente"? – pergunto. – Sabe, no anuário da escola? Tipo, o meu foi "Muito provavelmente vai matar a melhor amiga".

– O seu foi "Muito provavelmente vai virar CEO aos 30 anos".

– Obrigada, Sr. Enxerido.

– Não tive isso. Na verdade, eu achava que isso era só coisa de filme. Coisa de filme e coisa de cidade pequena, pelo visto.

– Qual teria sido? Muito provavelmente vai ganhar um Pulitzer?

Ele ri.

– Duvido. Muito provavelmente vai ficar obcecado com homicídios não solucionados? Eu também era conhecido por isso naquela época.

– Eu sei.

– Sabe?

– Está em um dos tópicos do Reddit sobre o seu podcast. Algumas pessoas com as quais você estudou no ensino médio comentaram lá.

– Meu Deus, você não deveria estar olhando nenhum tópico do Reddit sobre mim nem sobre você.

– Por quê? Porque eles me chamam de assassina maluca, mas dizem que ainda assim transariam comigo?

– Isso! Por isso mesmo.

– Isso não é novidade pra mim.

Eu me aproximo ainda mais dele, abrindo as pernas para poder rodeá-lo e sentar em seu colo. Os braços de Ben envolvem minha cintura. Eu me inclino para beijá-lo.

– Enquanto um dos caras que definitivamente transariam com uma assassina maluca, não acho que você tenha o direito de parecer tão escandalizado.

Seus lábios roçam os meus enquanto ele fala:

– Prefiro não usar a palavra *maluca*. Não nesse contexto, pelo menos.

– É muito interessante que seja a palavra *maluca* que te incomode e não *assassina*.

– Eu não falei que essa palavra não me incomodava também.

Eu o beijo, passando os braços em volta de seu pescoço e me mexendo até sentir que ele está incomodado apenas no bom sentido.

– Vamos voltar pro quarto.

35

LUCY

Acordo pela segunda vez, agora com uma porta se abrindo. Já é de manhã, e a luz entra pelas persianas. Ben está de bruços ao meu lado, ainda dormindo.

– Ben! – É uma voz familiar vinda da sala de estar. Paige. – Você tá aí? Você sabe que eu fico com medo de alguém ter te matado quando você não responde às minhas mensagens.

Ele se agita, gemendo enquanto passa a mão no rosto. O relógio diz que já passa das dez. Dormimos demais.

Ben rola para fora da cama e veste a cueca. Ao se dirigir à porta, ele estende a mão. Acho que isso significa que quer que eu fique quieta. Abre uma fresta da porta.

– Oi.

– Oi... Cara, não. Não quero te ver de cueca.

– Então não entra no meu quarto de hotel no meio da madrugada.

– Em primeiro lugar, já está praticamente na hora do almoço. Em segundo lugar, você me deu a chave, portanto não sei bem o que mais você espera que eu faça com ela.

– Preciso tomar banho. Encontro você no seu quarto daqui a uma hora.

– Vai levar uma hora pra tomar banho?

– Tenho outras coisas pra fazer. Sites pra checar. Notícias pra me deixar obcecado. Me dá um tempinho.

Há uma longa pausa.

– Por favor, diz que você não fez isso.

– Só me dá...

– Eu conheço essa bolsa, seu burro do caralho.

Ben tropeça para trás quando Paige entra no quarto. Eu me sento, segurando o lençol junto ao peito. Paige não parece surpresa, mas sim derrotada.

– Oi, Paige.

Ela pressiona a mão na testa.

– Ben, juro por Deus.

– Ajuda se eu te disser que não é a primeira vez? – pergunto.

Ben me lança um olhar profundamente exasperado. Paige aponta para ele.

– Seu burro do caralho – repete ela, para enfatizar bem sua opinião.

Ben pega Paige pelos ombros e a empurra delicadamente para fora do quarto. Em seguida, fecha a porta.

– Ben, que porra é essa, o que você tá fazendo? – sussurra Paige.

Saio da cama e pego minha calcinha, me aproximando da porta para escutar melhor.

– A gente pode...

– Não sei se devo ficar impressionada ou horrorizada por você ter encontrado uma maneira de foder com seu próprio podcast.

– Isso é...

– Eu te falei que só trabalharia nesse caso se você ficasse numa boa, e isso não é ficar numa boa. É exatamente o oposto de ficar numa boa.

– Desde quando você se importa com quem eu durmo?

– Desde o momento em que essa é a mulher que estamos investigando! Sabe o que as pessoas iriam pensar se isso fosse a público, não? Entende que ela poderia acabar com a sua temporada inteira só de dizer às pessoas que vocês estão dormindo juntos? Ninguém confiaria em você.

– Eu entendo, mas, em primeiro lugar, ela não faria isso. E, em segundo, por que ela iria querer fazer isso? Esse podcast tá dando a ela a melhor imagem em anos.

Sinto que deveria me sentir insultada por isso, mas ele não está errado.

– E quando você disser algo que desagrade ela? Por que você confiaria nessa mulher? Ela...

– A gente pode conversar sobre isso mais tarde? – interrompe Ben.

Os dois ficam em silêncio por alguns segundos. Eu me afasto da porta e visto minhas roupas.

– A gente não vai te avisar sobre o que está por vir no podcast! – grita Paige de repente.

– Entendido! – grito de volta, e decido não contar a ela sobre o pedido de permissão de Ben para publicar o trecho de Maya.

Podcast *No Rastro da Mentira*, com Ben Owens

EPISÓDIO SEIS:
"NINA"

Depois do que acabamos de ouvir Lucy contar sobre Nina e Matt, examinei algumas antigas entrevistas minhas em que as pessoas mencionaram Nina Garcia. Encontrei algo muito interessante. Aqui está novamente Colin Dunn, em nossa primeira entrevista.

Colin: De todos os amigos da Savvy?
Ben: Sim. Quais deles você conhecia bem?
Colin: Na verdade, nenhum deles. Eles são todos mais velhos do que eu, então não estudamos juntos... Ah! A Nina. Qual é o sobrenome dela? Branson?
Ben: Garcia. Ela trocou para o nome de solteira depois de se divorciar.
Colin: Caramba, ela era casada?
Ben: Já foi uma vez. Agora é divorciada.
Colin: Ah, sim. Entendi.
Ben: Mas você conhecia ela?
Colin: Um pouco, sim.
Ben: Mas não o suficiente pra saber que ela era casada e tinha filhos?
Colin: Porra, ela tem filhos também?
Ben: Dois.
Colin: Caramba. Entendi. Bom pra ela. Ah, não, peraí. Acho que ela mencionou um filho uma vez. Aham.
Ben: Como você conheceu a Nina?
Colin: Saímos algumas vezes. Tipo, você sabe. Como amigos.

Não consegui entrar em contato com Colin de novo para confirmar uma suspeita que eu tinha (que, a propósito, é pura especulação da minha parte), então procurei Joanna Clarkson para obter o furo de reportagem.

Joanna: A Nina e o Colin? Tipo, um romance?
Ben: Isso. Você em algum momento ouviu alguém mencionar isso?
Joanna: Hum... Esse garoto é danado, né?
Ben: Ele parece ser popular.
Joanna: Escuta, meu bem, acho que eu não deveria confirmar nenhum boato.
Ben: Mas havia algum boato? Sobre a Nina e o Colin?
Joanna: Havia muitos boatos sobre o Colin. Quem consegue dizer quais são verdadeiros?
Ben: O Colin me disse que conhecia a Nina.
Joanna: Hum. Bem. Faça o que quiser com essa informação.

36

LUCY

Tá livre pra um drinque?

A mensagem de Emmett chega quando estou terminando o trabalho do dia no escritório da minha mãe e me causa um sentimento de culpa. Nunca respondi à última mensagem dele, e agora Ben lançou um episódio em que eu sugeri que a namorada dele estava dormindo com o meu marido. Depois, Ben insinuou que ela também estava dormindo com o namorado de Savvy. Anos antes de Emmett, mas mesmo assim. Ele provavelmente não está tendo um bom dia.

Respondo que adoraria e, uma hora depois, estou sentada diante dele em um bar um pouco sombrio perto da rodovia. Na verdade, nunca vim a esse bar, embora exista há anos. Sempre achei que vivia cheio de caminhoneiros que ficariam olhando para a minha bunda.

Eu estava certa, ao que parece. Homens grandes com chapéus de caubói olham para mim sem um pingo de vergonha. Uma música country das antigas toca baixinho nos alto-falantes. É o Texas em sua essência.

Emmett está sentado a uma mesinha no fundo, com uma cerveja cheia à frente. Ele toma um gole quando me aproximo e faz uma careta ao colocá-la de volta na mesa.

Dou risada. Não consigo me conter. Às vezes, ele é muito fofo, de um jeito

meio infantil. Eu tinha esquecido. Isso o fazia parecer um pouco bobo quando éramos jovens (não era o tipo de cara que eu queria namorar), mas agora é cativante.

Ele ergue o olhar e um sorriso surge em seu rosto.

– Oi, Lucy.

– A cerveja não é muito boa, imagino.

Eu me acomodo no assento ao lado dele.

– Na verdade, eu não bebo muito. Não gosto muito do sabor. Mas me pareceu a coisa certa a fazer hoje.

Ele toma outro gole e faz careta de novo. Dessa vez, seguro minha risada, pois ele parece péssimo.

Ergo as sobrancelhas, confusa, e digo ao barman que quero o mesmo que ele.

– É culpa minha? – pergunto.

– Não. Bem, não exatamente.

– Do podcast?

Ele suspira.

– Odeio esse maldito podcast.

O barman traz minha cerveja. Tomo um gole. Emmett está olhando para mim com expectativa, como se eu concordasse, mas na verdade não odeio o podcast.

– Ela tá chateada? – pergunto, com cautela.

Na verdade, não sei por que Emmett está chateado. Talvez pelo fato de Nina estar traindo o marido? Ou dormindo com o marido da ex-melhor amiga? É tudo um pouco confuso, mas nada que o envolva de fato.

Ele solta uma risada curta e sem alegria.

– Ela tá bem chateada. – Emmett toma um gole mais longo da cerveja. Sem careta dessa vez. Está ficando mais forte. – Ela ainda dorme com o Matt.

Paro com meu copo na metade do caminho até a boca.

– Como é que é?

– Não o tempo todo, mas sim. Havia alguns sinais de que ela estava me traindo. Eu não queria acreditar, mas, depois que esse episódio foi ao ar, ela meio que cedeu e admitiu.

O lado positivo é que eu nunca deveria ter sentido inveja de Nina. As escolhas dela são tão burras quanto as minhas.

– Ela disse que eles tinham uma conexão... – Ele revira os olhos e se recosta na cadeira. – A conexão deles é a bebida. São dois bêbados.

Nina virando aquela margarita flutua em minha memória.

– Ela vinha se recuperando muito bem e dizia que o fato de eu não gostar de beber tanto assim ajudava. Ela não se sentia tentada, sabe? Mas o Matt... – Ele balança a cabeça e toma outro gole da cerveja. – Eu odeio o Matt. Odeio desde o dia em que conheci ele.

Ergo as sobrancelhas.

– Sério?

– Sério. Tentava ser educado porque ele era seu marido, mas ele é um babaca arrogante. E agora, depois do que fez com a Julia e... – Emmett para de repente, com a vermelhidão subindo pelo pescoço.

Eu não o ajudo. Emmett desvia o olhar.

– Eu detesto ele, de verdade. Pra ser sincero, estava pensando em ir até lá e dar um soco nele, mas achei que esta poderia ser uma opção mais saudável. – Ele aponta para mim.

Abro um sorriso.

– Sempre vou adorar te encontrar pra gente falar mal do Matt.

Ele se inclina para a frente, apoiando o queixo em uma das mãos. Imagino como deve ser a sensação da barba por fazer ao tocá-la e quase estendo a mão para tocar o outro lado do rosto dele.

Em vez disso, olho para a minha cerveja.

– Foi burrice namorar a Nina. – Ele envolve o copo com os dedos. Tem lindas mãos, mas isso não é novidade para mim. – Ela não é a mesma pessoa que era na escola, e eu sabia disso. Sabia que ela tinha problemas. Só que não tem muita opção por aqui.

– Por que você ficou? – pergunto.

– Sei lá. Era pra ser temporário depois da faculdade. Mas aí você tem um apartamento, um emprego, e parece muito assustador mudar pra outra cidade. Fiquei adiando e adiando, e agora estou com quase 30 anos e acho que é aqui que eu moro agora.

– Não é tarde demais. Olha pra mim. Eu peguei e fui embora.

Os olhos dele se voltam para os meus.

– Sempre admirei isso.

– Jura? Acho que a maioria das pessoas achou uma burrice.

– Não, foi corajoso. E inteligente. Ninguém gosta de você aqui.

Solto uma risada surpresa.

– Uau, Emmett, nem um pouco direto.

– Você sabe que é verdade.

Ele sorri, e um silêncio se instala entre nós, um que parece mais tenso do que

confortável. Muitos momentos entre nós dois foram tensos, principalmente quando meu casamento começou a desmoronar. Um em particular volta à tona, fazendo meu coração disparar.

– Você pode conversar comigo, sabia?

Emmett havia me encurralado no corredor do segundo andar. No andar de baixo, dava para ouvir Matt rindo com nossos amigos.

– Eu sei – respondi, suavemente.

– Sobre qualquer coisa. – Ele apontou o dedo na direção da sala de estar. – Inclusive ele.

Soltei um pequeno suspiro e tentei manter uma expressão neutra. Tentei sorrir de forma tranquilizadora, mas foi difícil com Emmett me olhando daquele jeito. Ele não costumava me olhar assim. Como se não fosse se importar se eu o empurrasse para dentro do quarto naquele momento.

Ele apoiou a mão na parede atrás de mim, tão perto de repente que pude sentir o cheiro de seu sabonete. Fiquei na ponta dos pés, e aquele foi o convite de que ele precisava. A boca dele cobriu a minha, o corpo pressionado contra o meu.

Quase o empurrei para dentro daquele quarto. Poderíamos ser rápidos, com Matt no andar de baixo. Adorava essa ideia. Talvez até me esquecesse de colocar a calcinha de volta, para que ele pudesse, mais tarde, quando a encontrasse, ficar pensando se algo havia acontecido.

Estremeci e me afastei depressa de Emmett.

– Desculpa, não posso.

Saí correndo sem olhar para ele. Mais uma decisão infeliz, cogitar usar um dos meus melhores amigos para irritar meu marido. O amigo que eu sabia que sentia algo por mim, provavelmente desde a época da escola.

Agora, pego a mão de Emmett. Na verdade, fico um pouco surpresa quando ele não se retrai.

– Queria muito ter ido embora com você naquela noite – digo baixinho.

Ele inclina a cabeça, confuso.

– Naquela noite em que a gente se beijou. Eu deveria ter largado o Matt e ido embora com você.

– Ah. – A palavra sai como uma risada. – Eu teria adorado. E, sinceramente, teria adorado ver a cara dele enquanto você fazia isso.

Também rio. Ele aperta minha mão.

– Você deveria vir pra Los Angeles – digo. – Arruma suas coisas e vem. A gente pode...

Sair? Começar de novo? Não sei como terminar a frase.

Ele entrelaça os dedos nos meus.

– Não diga isso se não estiver falando sério.

Quase digo "a menos que eu realmente tenha matado a Savvy". Quase faço disso uma piada e me comporto feito uma babaca, como sempre.

Em vez disso, sorrio.

– Tô falando sério.

Os olhos de Emmett captam algo atrás de mim e seu sorriso se desvanece. Ele solta minha mão lentamente.

Eu me viro. Keaton Harper está andando (cambaleando, na verdade) pelo bar, vindo em minha direção.

37

LUCY

– Calma, eu só quero conversar.

Keaton diz isso antes de eu ter chance de reagir ao fato de ele estar se aproximando de mim e de Emmett. Eu me contenho para não dizer que estou totalmente calma. Preferiria não ser assassinada pelo irmão da Savvy hoje.

Keaton puxa uma cadeira e coloca sua cerveja na mesa, derramando um pouco.

Ele se parece com Savvy. Sempre se pareceu, mas fico sem fôlego por um segundo quando ele levanta a cabeça para me encarar. Os mesmos olhos azuis, o mesmo nariz, a mesma maneira de contrair os lábios quando está nervoso.

Os olhos de Keaton estão límpidos, fixos nos meus. É evidente que está bêbado, mas não totalmente. Ele toma um gole de cerveja como se estivesse tentando resolver isso.

– Por que você não termina isso daí e eu te levo pra casa? – sugere Emmett.

– Tô legal. – Keaton aponta com a cabeça na direção do bar. – Tenho carona.

Ele fica em silêncio, e Emmett e eu nos entreolhamos.

– Então, como você tem passado? – pergunto, por fim.

Talvez a suspeita de homicídio deva iniciar a conversa nessa situação.

Ele dá de ombros.

– Tudo bem. Me casei. Tive um filho.

Ele parece bastante infeliz com essas duas escolhas, por isso não sei como reagir.

– Quero falar com você sobre a Savvy – diz, então vira a cerveja, limpa o respingo da barba e pede outra ao barman.

– Eu meio que suspeitei.

– Você tá toda amiguinha daquele podcaster agora, né?

Uma cena da noite anterior, a cabeça de Ben entre minhas pernas, passa pela minha mente.

– Não acho que "amiguinha" seja a palavra certa.

– Ele tá do seu lado – rebate Keaton.

– O Ben tá sempre do lado dele mesmo.

– Quando eu conversei com ele, pareceu muito solidário a você.

Dou de ombros. A garçonete coloca uma nova cerveja na frente dele.

– Ele acha que foi você? – pergunta Keaton.

– Não sei, por que você não pergunta pra ele?

Ele se recosta na cadeira, com um longo suspiro.

– Você continua sendo um grande pé no saco, sabia?

– Ei... – começa Emmett.

– Pois é – respondo. – Sou mesmo.

– Mas de um jeito divertido – diz Emmett, prestativo.

Dou risada. Keaton revira os olhos.

– Escuta. Eu andei pensando.

– Um passatempo perigoso – digo.

– É... Peraí, o quê?

Ele dá um tapinha no ar, como se estivesse irritado comigo. Não dá para culpá-lo, considerando que estou fazendo piadas envolvendo *A Bela e a Fera* enquanto estamos falando sobre o assassinato da irmã dele.

– Eu não sabia – prossegue ele. – Sobre o Matt.

– Sobre o Matt e a Julia? – pergunto, me fazendo de boba. – Ao que parece, ninguém sabia.

Keaton faz uma pausa. Emmett toma um gole de cerveja e faz uma careta.

– Eu não sabia que ele era um babaca.

Emmett bufa.

– O que isso quer dizer? – pergunta Keaton.

– Nada. – Emmett bebe e faz outra careta.

Keaton olha para ele de um jeito estranho.

– Enfim. Eu não sabia que ele era... Você sabe. Violento.

– Pois é, um *verdadeiro* choque – digo, com sinceridade.

Tanto Emmett quanto Keaton ficam paralisados e trocam um olhar.

– Eu não sabia – prossegue Keaton. – E não sabia que ele tinha saído depois de chegar em casa naquela noite. E que a Nina estava lá. Eu não...

Ele respira fundo e fecha o punho. Eu me inclino para trás, para longe dele, só um pouquinho.

Keaton me olha de um jeito sincero e solidário que me deixa desconfortável. Gostaria que ele voltasse a olhar para mim como se estivesse prestes a me matar.

– Você não se lembra mesmo daquela noite, não é? – pergunta ele, calmamente.

Toda noite, eu penso no jeito como a faca entrou na garganta dele, sussurra ela no meu ouvido. É como se fosse minha própria canção de ninar.

– Não – digo.

– Você achava que a Lucy estava mentindo? – pergunta Emmett, com genuína curiosidade.

– Claro que sim! Todo mundo achava.

– Eu, não.

Emmett diz isso com naturalidade, e talvez eu seja uma burra, mas acredito nele.

– Bom pra você, alecrim dourado, mas o restante de nós tinha certeza disso. Só que agora... – Keaton balança a cabeça e bebe um gole de cerveja.

Eu me inclino para a frente, cruzando os braços sobre a mesa. Está úmida e pegajosa de cerveja.

– Keaton, você tá tentando me *pedir desculpa*?

– Não. – Ele esfrega a boca com a mão. – Porra, sei lá. Mas sabe o que eu sei? Conheço bem o Matt e a Nina, e nenhum deles me falou nada sobre ter saído naquela noite. Eles não falaram nada pra ninguém. E isso não me parece certo.

38

LUCY

Ben quer me encontrar na casa de vovó outra vez, e está me esperando na varanda quando paro em frente à microcasa cor-de-rosa. Ele vem na minha direção enquanto saio do carro, afastando o cabelo escuro dos olhos de um jeito que parece ensaiado. Como se tivesse praticado ser sexy diante de um espelho.

– Por que você tá sempre aqui? – pergunto.

– Não estou sempre aqui.

– Você não tá transando comigo *e* com a minha avó, né? Eu ficaria bem chateada.

– Não estou transando com a sua avó. Sinceramente, acho que a Beverly não conseguiria me encaixar no rodízio. Ela tem muitos homens ao redor.

O tom dele é de provocação, e me afasto quando tenho a impressão de que ele vai se aproximar. Prefiro que minha avó não saiba dessa minha má escolha de vida em particular.

– Vamos. – Vou em direção à casa. – Parece o cu do Satanás aqui fora.

Ele me segue para dentro, onde já montou seu equipamento de gravação em cima da mesa. Vovó está no sofá, rolando a tela do celular. Ela veste uma camiseta velha e desbotada enfiada em uma saia vermelha comprida, e mais uma vez fico maravilhada com o fato de minha avó ser muito mais descolada do que

eu.

– Este agora vai ser o lugar oficial das nossas entrevistas? – pergunto ao me sentar em uma das cadeiras.

– É silencioso. E a Beverly não se importa.

Ele sorri para ela. Eu não estava brincando de todo quando perguntei se eles estavam transando.

– Ele gosta porque você fica mais relaxada aqui – diz minha avó, sem desviar os olhos do celular.

Ben parece surpreso, como se isso fosse algo que vovó tivesse deduzido por conta própria.

Retiro o que disse. Minha avó é inteligente demais para dormir com Ben Owens. É uma pena que o bom senso não seja de família.

– Eu queria muito que a gente pudesse se aprofundar mais no seu relacionamento com a Nina hoje – diz Ben, deslizando para o assento ao meu lado.

Suspiro, olhando pela janela para além da cabeça dele, para o campo vazio atrás da casa. Uma brisa sopra pelo mato alto. Ben olha para trás e depois vira o rosto para mim.

Não contei a ele sobre minha conversa com Keaton e Emmett. Ele não sabe que Matt e Nina ainda estão dormindo juntos.

Não contei a Ben muitas coisas sobre Nina.

Ela gritou comigo enquanto eu segurava uma faca, sussurra Savvy no meu ouvido. *Ela provavelmente não teria feito isso se soubesse de todas as coisas divertidas que já fiz com facas.*

Dei risada quando ela disse isso para mim. Não consigo nem lembrar exatamente por que Nina e Savvy não gostavam uma da outra. Nem tenho certeza se alguém além de mim sabia o quanto elas realmente se detestavam.

– Lucy? – chama Ben.

Nina não gostava de Savvy. E daí? Eu não gosto de muita gente. Isso nunca pareceu relevante.

Provavelmente continua não sendo. E se eu disser isso aqui, vou fazer com Nina o que todo mundo fez comigo, incitando acusações que vão assombrá-la para sempre. Eu deveria mentir, ou sutilmente manipular a verdade, como fizeram as outras pessoas que Ben entrevistou.

Porque não pode ter sido ela. Meu cérebro não está permitindo que esse cenário tome forma na minha cabeça. Já me imaginei matando tantas pessoas e, ainda assim, não consigo colocar um objeto na mão de Nina e vê-la esmagar a

cabeça de Savvy com ele.

– Filha? – Vovó toca meu braço.

Ela e Ben estão atentos, olhando para mim com preocupação.

– Não quero – digo suavemente.

Rugas surgem ao redor dos olhos de vovó quando ela olha para mim.

– Não quer o quê?

– Não quero falar sobre a Nina.

– Mas ela... – começa Ben.

– Você pode me dar um dia? – Passo a mão no cabelo. – Com certeza você tem outro assunto sobre o qual podemos conversar hoje.

Uma mensagem aparece no meu celular, e inclino a tela na minha direção para ler. Meu estômago revira.

– Merda.

– O que foi? – pergunta vovó.

– A internet descobriu que eu sou Eva Knightley.

Podcast *No Rastro da Mentira*, com Ben Owens

EPISÓDIO SEIS:
"NINA"

Quando entrei em contato com Nina Garcia pela primeira vez, ela hesitou em falar comigo.

Nina: É, sei lá. Me senti mal com a ideia.
Ben: Mal como?
Nina: Tipo... Esse caso já chamou muita atenção. Todo mundo sabe que a Lucy...
Ben: Todo mundo sabe que a Lucy...?
Nina: Hum. Todo mundo *acha* que foi a Lucy. Mas eu estava conversando com o Emmett... Sabe o Emmett, né? Eu, a Lucy e ele éramos melhores amigos no ensino médio e tal...
Ben: Sei, já conversei com ele.
Nina: Ele achou que eu deveria. Só me sinto mal porque eu meio que... na verdade, eu nem conhecia a Savvy.
Ben: Vocês duas estudaram juntas durante o ensino médio. Em uma cidade bem pequena.
Nina: Claro, mas nós não gostávamos... de sair juntas.
Ben: Tá. Mas você conhecia bem a Lucy. Este podcast é tanto sobre ela quanto sobre a Savannah. E ouvi dizer que você conhecia o Matt razoavelmente bem, não?
Nina: Um pouco, acho. Somos conhecidos.
Ben: Por que não começamos do início? Como a Lucy era...
Nina: Desculpa, a gente pode parar um pouquinho?
Ben: Por quê?
Nina: Eu só... preciso de um minuto.

Nina sempre ficava nervosa durante as entrevistas, o que não é incomum. Falar sobre o assassinato de alguém que você conhecia, ainda que casualmente, é difícil. Sei disso.

Mas quando comecei a examinar as entrevistas dela, encontrei algumas inconsistências. Esta é Stephanie Gantz mais uma vez.

Ben: Encontrei uma foto do anuário. Da Nina e da Savannah.
Stephanie: Ah, sim, acho que foi no primeiro ano do ensino médio.
Ben: As duas faziam parte do conselho estudantil?
Stephanie: Faziam.
Ben: Ouvi dizer que elas não se conheciam, na verdade.
Stephanie: Eu não diria isso. Elas não eram amigas. Acho que brigaram por causa de um garoto uma vez, tipo, no primeiro ano? Aff. Odeio isso, mas éramos jovens. O feminismo ainda não tinha começado.
Ben: Claro. Então, elas não gostavam uma da outra?

Stephanie: Naquela época não tinha acontecido nada grave, mas não, na verdade, não.
Ben: Naquela época?
Stephanie: Mas, no primeiro ano, houve uma situação bem grave, sim.
Ben: Grave como?
Stephanie: É que... como eu disse, tinha esse tal garoto. Acho que a Savvy... Acho que ela fazia bullying pesado com a Nina. Isso passou, e a Savvy deixou de ser assim depois, mas, você sabe, a gente tinha 14 anos.
Ben: A Lucy sabia que havia uma história entre a Nina e a Savannah?
Stephanie: Devia saber. A Nina era a melhor amiga da Lucy naquela época.
Ben: Você achou estranho quando a Lucy ficou tão amiga da Savannah mais tarde?
Stephanie: Não, já éramos todos adultos. Se você guardar rancor por coisas de quando era criança, vai passar a vida inteira com raiva, sabe?
Ben: Você sabe como a Nina se sentiu em relação a isso?
Stephanie: Hum... Pode ser que ela tenha feito algum comentário ácido.
Ben: Então a Nina *guardava* rancor de quando era mais nova?
Stephanie: Talvez. Sim.

39

LUCY

Bastam apenas algumas horas para que as avaliações de todos os meus três livros sejam inundadas com pessoas me chamando de assassina. Agora, quando alguém rola a tela para baixo a fim de ler o que as pessoas acham do meu livro, uma comédia romântica fofa sobre um namoro de mentira, a primeira coisa que vê é "ISTO FOI ESCRITO POR LUCY CHASE, A MULHER QUE ASSASSINOU A MELHOR AMIGA".

É lamentável.

Ben me olha preocupado quando saio da casa da minha avó depois da entrevista, mas não tenho energia para lidar com os sentimentos dele nesse momento. Tecnicamente, tudo isso é culpa dele.

Várias vezes me imagino passando por cima de Ben com meu carro. Acho que mereço um desconto por não ter feito isso.

Dirijo direto para a casa de Nina. Vou aparecer sem avisar, o que não é coisa que se faça, em especial porque ela tem filhos, mas já liguei o foda-se. Não tenho mais nada a perder.

Ela abre a porta com uma expressão de irritação legítima. Isso é o que ela ganha por me convidar para vir aqui. Há benefícios reais em não me deixar saber onde você mora.

Ela está de moletom, com o cabelo preso em um rabo de cavalo malfeito e uma mecha imensa levantada no meio. Encosta a cabeça na lateral da porta, como se até mesmo ficar de pé fosse um esforço grande demais.

– Eu tive um dia de merda, Lucy – diz ela.

Eu sei que vocês eram melhores amigas na época da escola, mas juro por Deus que aquela mulher é uma desgraçada arrogante, declara Savvy com grosseria na minha cabeça. Eu havia rebatido um pouco essa. Disse a ela que Nina às vezes podia parecer arredia, mas que no fundo era muito legal.

– Bem, eu tive cinco anos de merda, então que tal você me dar dez minutos? – retruco.

Ela suspira, dando uma olhada para trás, para onde uma animação está passando na televisão, as crianças sentadas no sofá em frente. Então sai para a varanda e fecha a porta.

– Eu não vou dar outra entrevista pro Ben – avisa ela. – Mandei uma mensagem pra ele recusando há poucas horas.

– Sábia decisão.

Ela me olha.

– O que isso quer dizer?

– Quer dizer que você está prestes a tomar o meu lugar como a vagabunda mentirosa e traidora suspeita de homicídio, portanto nada de bom pode resultar dessa entrevista.

Ela fica pálida e gagueja antes de conseguir dizer alguma coisa.

– Você não acha que *eu* matei a Savvy, né?

Não acho, mas dou de ombros.

– O que aconteceu entre mim e o Matt...

– Não me importa – digo.

– Não foi de propósito. Ele estava sempre presente, e eu e meu ex estávamos sempre brigando.

– Sério, não me importa. Eu teria me importado naquela época, mas não consigo nem ter a energia necessária pra isso no momento. Eu recomendaria que você parasse de sair com ele, levando em consideração o que acabamos de ouvir da Julia.

Ela se encosta na lateral da casa, com o semblante exausto.

– Eu não sabia. Nunca passou mesmo de sexo a minha relação com o Matt, então nunca brigamos nem... – Ela engole com dificuldade. – Eu sou uma burra.

– Tipo, eu me casei com ele.

Os olhos dela se voltam para os meus e depois se afastam rapidamente. Ela

quer dizer algo em resposta a isso, mas está claramente se segurando.

Gostaria de saber o que mais esconde.

– Você ficou com o Colin? – pergunto.

– Existe alguma mulher nesta cidade que não tenha se envolvido com o Colin Dunn? Até a sua mãe dormiu com ele.

– Mas você saía com ele na época em que ele namorava a Savvy?

– Não, antes, mas nós duas sabemos que o Colin e a Savvy não eram monogâmicos. – Ela levanta uma sobrancelha. – A Savvy saía com bem mais pessoas do que o Colin, se bem me lembro. É engraçado como o podcast convenientemente deixa isso de fora.

Savvy aparece na varanda, boquiaberta, como se estivesse com raiva, sendo insultada. *Com licença, você está tentando insinuar que eu era piranha? Eu disse que nunca gostei dessa vaca.*

– Por que você foi se encontrar com o Matt na noite do casamento? – pergunto, ignorando-a.

– Eu tava bêbada. Foi uma burrice.

Fico esperando, mas ela não entra em detalhes.

Eu jamais dormiria com o seu marido, só para constar, diz Savvy. *Porque sou uma boa amiga, mas também porque você tem um péssimo gosto pra homens.*

– Ah, olha quem fala – digo de repente.

E percebo, tarde demais, que falei em voz alta.

Nina fica paralisada, olhando lentamente para trás, para onde eu acabei de dirigir a fala destinada à minha amiga imaginária.

– Você... Você tá bem? – pergunta ela, hesitante.

Meu rosto fica vermelho.

– Tô bem. O que o seu cérebro burro e bêbado queria com o Matt naquela noite?

– Eu... – Ela passa a mão no cabelo e suspira. – Eu sabia que vocês dois estavam no casamento naquela noite, aí decidi ir até lá e fazer uma cena pra que você soubesse que eu estava dormindo com o Matt. Ele vivia falando sobre te largar, e eu ia forçar a barra. Fui até lá e fiquei esperando.

– O que aconteceu quando ele chegou?

– Eu perguntei onde você estava, e ele começou a gritar me mandando ir pra casa. Quase não me deixou falar.

– Ele estava chateado, então? Ou irritado?

– Isso. Achei que fosse porque tivesse percebido o que eu estava fazendo, esperando do lado de fora da casa dele daquele jeito. Só pedi desculpa e fui

embora.

– Ele estava... Não sei, desgrenhado? Sujo?

Ela dá um passo para trás e coloca a mão na maçaneta da porta, preparando-se para fugir da conversa.

– O Matt não matou a Savvy. Eu conheço ele. Ele não matou ela.

Ergo uma sobrancelha.

– Você conhece o Matt tão bem que não percebeu que ele estava batendo na esposa?

O rosto de Nina endurece. Ela não diz nada.

– Por que todo mundo está sempre tão pronto pra defender o Matt, mas a cidade inteira imediatamente decidiu que eu era uma assassina?

– Em primeiro lugar, o Matt não estava coberto com o sangue da Savvy. E em segundo lugar, eu defendi você no podcast.

– Eu sei que você fez isso. E pensei que fosse porque éramos amigas, mas acho que foi mais porque você se sentiu culpada por ter dormido com o Matt. Cheguei perto?

– Vai se foder, Lucy.

Ela entra em casa e bate a porta.

40

LUCY

O fato de Paige ter pegado a gente na cama parece não ter afetado Ben, porque ele me convida novamente naquela noite, e parei de fingir que vou começar a tomar boas decisões.

Olho em volta e a procuro quando entro no quarto de hotel. Estamos sozinhos.

– Peguei a chave da Paige de volta – diz ele, entrando na cozinha.

Dois copos com gelo estão sobre a bancada, esperando que ele despeje o líquido.

– Você sabe que isso só confirma pra ela que ainda estamos transando, certo?

– Estou ciente. A Paige não tem o direito de opinar sobre a minha vida amorosa.

– Ben, não acho que "amorosa" seja a palavra certa pra isso.

Ele fica imóvel, a garrafa de uísque pairando sobre um copo, e levanta uma sobrancelha para mim.

– E os livros, tudo bem? Os seus livros, quis dizer.

– Ou vai haver um pico nas vendas, ou isso vai arruinar minha carreira. Estou animada pra descobrir.

Ele estremece, mas não pede desculpa.

Se eu tivesse algum respeito por mim mesma, iria embora. Não transaria com o homem que está usando minha vida e o assassinato da minha amiga para ganhar dinheiro com propagandas em seu podcast.

Pelo visto, não tenho respeito nenhum por mim mesma, porque vou até a sala de estar e me sento no sofá. Há papéis e um notebook sobre a mesa.

Meu nome chama minha atenção, e eu me inclino para a frente, virando o papel para poder ver. É o esboço de um episódio. O nome da minha mãe está nele, assim como o de Nina. Ben escreveu algumas linhas do que planeja dizer com uma caligrafia nítida e limpa, e uma delas me chama a atenção.

"A Lucy provavelmente não tinha a intenção de matar a Savvy, e a minha teoria é de que o choque causado pelo que fez provocou nela um colapso mental que apagou completamente a memória do ocorrido."

Ergo o olhar e vejo Ben de pé na minha frente, oferecendo o copo de uísque para mim.

– Você acha que fui eu. – Não é uma pergunta.

Os olhos dele saltam de mim para o papel. Não sei dizer se ele queria que eu o visse. Ele geralmente esconde muito bem as evidências quando estou por perto.

– É só um dos poucos finais possíveis – diz.

Pego o copo da mão dele. É pesado. Não o mataria se eu o esmagasse contra sua cabeça, mas doeria muito.

Deslizo o papel para o lado e vejo os que estão por trás. Ele estava dizendo a verdade: é apenas um final possível. Há anotações sobre a possibilidade de Matt tê-la matado e um final em que não há uma resolução clara.

Mas apenas o meu é detalhado. Os outros têm duas ou três linhas escritas. O meu ocupa uma página inteira.

– Você acha que fui eu – repito.

Não sei por que estou decepcionada. Nunca pensei que ele estivesse do meu lado.

Ou talvez isso seja mentira.

Ele se senta na cadeira do outro lado da mesa e se inclina para a frente, pousando o copo.

– Eu não cheguei a nenhuma conclusão definitiva.

– Ben...

– Ainda estou trabalhando nisso. – Ele faz uma pausa. – Esse era o meu final original, antes de você chegar aqui e concordar em falar comigo.

Tomo um longo gole da minha bebida. Ela queima quando desce. Coloco o copo sobre a mesa com muita força, e parte do líquido respinga no meu futuro

no podcast, manchando as letras perfeitas.

– E agora você mudou de ideia? – pergunto.

Ele hesita.

– Eu não estava decidido antes. Agora, ainda menos.

Acho que isso é realmente tudo pelo que posso torcer nesse momento.

– Mas você não tá me dizendo toda a verdade – diz ele, erguendo uma sobrancelha. – Nós dois sabemos disso.

Fico apenas olhando para ele, porque ele não está errado. Talvez eu não o julgue por duvidar de mim.

– E não só sobre o seu casamento com o Matt – prossegue ele. – Tem mais coisa. Sua entrevista vai ao ar amanhã. Não quero acreditar que foi você, Lucy, mas ainda tenho perguntas que você parece não querer ou não saber responder.

Inclino a cabeça, observando enquanto ele toma um gole da bebida. O silêncio se estende entre nós, comprovando o argumento sobre minha falta de vontade de responder às perguntas. Uma pessoa menos culpada se apressaria em esclarecer as coisas para ele.

– Se você acha que existe uma chance de ter sido eu, não está preocupado que eu te mate também?

Algo brilha em seus olhos.

– Na verdade, não.

– *Na verdade*, não? – Esvazio meu copo, o que é uma péssima ideia. Ninguém precisa estar bêbado no momento. Muito menos eu. – Isso não é, tipo, parte do podcast, é? Você vai terminar contando pra todo mundo que a gente transou?

– Meu Deus, não, isso me faz parecer uma pessoa horrível.

– Ah, isso faz *você* parecer uma pessoa horrível.

Dou uma risada sem achar nenhuma graça.

– E eu não faria isso com você – acrescenta ele, com sinceridade.

Ainda não tenho certeza se acredito nele. Há uma faca na bancada, onde ele estava cortando limões. Eu me imagino pegando-a e enfiando-a em seu peito. Dentro, fora, dentro, fora.

Estilo Exorcista, *porra!*, grita Savvy, animada.

A luminária no canto da sala é pesada o suficiente para causar algum dano na cabeça dele. A caneta perto dos meus dedos provavelmente poderia entrar na sua garganta se eu fizesse um pouco de força.

Ou eu poderia simplesmente cobrir a cabeça dele com um travesseiro hoje à noite enquanto ele dorme.

Que sem graaaaaaça, entoa Savvy.

– Lucy. – Ben se inclina para a frente, olhando para mim. – No que você tá pensando quando fica desse jeito?

Eu respondo de pronto:

– Estou pensando em te matar.

Podcast *No Rastro da Mentira*, com Ben Owens

EPISÓDIO SETE:
"A VERDADE SOBRE LUCY"

A primeira vez que encontrei Lucy Chase foi na lanchonete Plumpton. Estava esperando por ela. Ela ficou claramente surpresa ao me ver.

Foi a avó dela quem arquitetou tudo. Eu havia me oferecido para ir até a casa dela para que Lucy nos encontrasse lá, mas ela disse que na lanchonete seria melhor.

> **Beverly:** Não vamos emboscar a Lucy na minha casa. A lanchonete é um local público, ela vai ter a opção de simplesmente te dar um fora e voltar pro carro, se quiser.

Ela não fez isso. Na verdade, ela logo se aproximou, se sentou e foi... Bem, eu não diria que ela foi *amigável,* exatamente. Mas não foi hostil, que era o que eu estava esperando.

Estava nervoso na primeira vez que nos vimos, e acho que ela percebeu. Não achei que fosse ficar desse jeito, mas, quando Lucy entrou na lanchonete, ela não era o que eu estava imaginando.

A aparência era praticamente a mesma das fotos. As feições estão um pouco mais definidas agora, e ela sorri mais do que todas as fotos que circulam na internet sugerem, mas reconheci Lucy facilmente assim que ela entrou.

Acho que não estava esperando que ela tivesse tanta presença. Ela é alta e entra em qualquer lugar como se soubesse que todos estão olhando para ela. Foi assim que entrou na lanchonete. Como se soubesse que as pessoas estariam olhando para ela, mas não se importasse.

Não faço ideia se ela realmente se importa com o fato de as pessoas sempre olharem para ela. Imagino que sempre olharam, dada a aparência dela, mas com certeza deve ser diferente agora.

É difícil saber o que Lucy está pensando a respeito disso tudo (ou de qualquer coisa) porque ela é muito, muito reservada. Ela geralmente leva alguns segundos para responder às perguntas, como se estivesse ensaiando a resposta na cabeça primeiro.

Ela nunca deu uma única entrevista. Não falou com a imprensa logo após a morte de Savannah, e certamente não falou com ninguém depois que as pessoas em Plumpton começaram a atribuir o homicídio a ela. Sei que muitos jornalistas entraram em contato nos últimos cinco anos, na esperança de fazer uma matéria sobre ela e Savannah, e sua resposta foi sempre não. Ou simplesmente o silêncio. Entrei em contato com ela várias vezes, durante meses, e não obtive resposta.

Não sei por que ela mudou de ideia. Beverly diz que foi simplesmente porque ela mesma pediu para a neta.

Mas aqui está. A versão de Lucy Chase dos acontecimentos, pela primeira vez.

> **Ben:** Você parece bastante desconfiada.
> **Lucy:** Acho que meu rosto só está mostrando como sempre me sinto em relação a você, Ben.

Gostaria de observar aqui que Lucy é extremamente sarcástica e, às vezes, chega a ser engraçada, mesmo em relação a assuntos sérios.

Mas o que ela acabou de dizer é verdade: ela claramente sempre desconfiou de mim. De todos, acho, mas de mim, sem dúvida.

Ben: Faz quanto tempo que você chegou em Plumpton? Uma semana?
Lucy: Aham.
Ben: Como está sendo?
Lucy: Terrível.
Ben: Por quê?
Lucy: Tá quente. E todo mundo aqui acha que eu matei minha amiga. Na verdade, acho que todo mundo *em todo lugar* agora acha que eu matei a Savvy, mas aqui as pessoas de fato me reconhecem na rua.
Ben: Você pode contar pra gente como foi esse dia? Tudo que você lembra?
Lucy: Posso. Era um sábado e eu acordei cedo porque o Matt estava de mau humor. Ele estava andando de um lado para o outro, fazendo muito barulho.
Ben: Você se lembra do motivo para o mau humor?
Lucy: Não. Provavelmente era algo irrelevante. O Matt estava sempre irritado com alguma coisa.
Ben: Vocês brigaram?
Lucy: Na verdade, não. Eu e o Matt não estávamos muito bem naquela época, então sempre havia uma leve hostilidade. Mas não gritamos um com o outro nem nada naquele dia.

Enfim, eu não fiz muita coisa no dia anterior ao casamento. Só fiquei por lá, vi TV, limpei um pouco a casa. E aí fomos pro casamento por volta das cinco horas. E foi só isso. Essas são todas as lembranças que tenho daquela noite.
Ben: O Colin disse que você originalmente alegou ter uma memória de chegar e entrar no casamento, mas depois percebeu que estava enganada.
Lucy: Eu criei uma memória em torno de informações que outras pessoas me deram.
Ben: Isso aconteceu de novo desde então?
Lucy: Não. Eu parei de tentar me lembrar especificamente por causa disso.
Ben: Parou?
Lucy: Parei. Pelo visto, não posso confiar na minha própria memória.
Ben: Qual é a próxima coisa de que você se lembra, depois de sair de casa com o Matt para o casamento?
Lucy: De andar pelo acostamento da estrada. Aquele cara na caminhonete me perguntando se eu estava bem.
Ben: Pra onde você estava indo? Você sabe?
Lucy: Acho que pensava que ia me encontrar com a Savvy no carro dela? Eu me lembro de olhar pro cara e pensar: "Do que ele tá falando? Só tô indo pro carro com a Savvy."
Ben: Você percebeu que estava suja de sangue?
Lucy: Achei que fosse só sujeira. Eu ficava olhando pra baixo, me perguntando por que estava tão suja.

Ben: Qual foi a sua reação quando te disseram que aquilo era sangue da Savannah?
Lucy: Fiquei descontrolada. Tiveram que me sedar.
Ben: Você sabia que ela estava morta naquele momento?
Lucy: Acho que eles tinham me contado, mas eu não estava me convencendo. Eu não acreditava neles.
Ben: Por causa do ferimento na cabeça ou...
Lucy: Não fazia sentido. Pra mim, eu tinha acabado de sair de casa com o Matt. Parecia que tinha sido cinco minutos antes, não doze horas.
Ben: A polícia foi logo te interrogar?
Lucy: Umas horas depois. Tecnicamente, eles tentaram me fazer perguntas na estrada ainda, mas eu não estava entendendo nada. Só ficava dizendo: "Cadê a Savvy? Cadê a Savvy?" O que eu sempre achei...
Ben: Você sempre achou?
Lucy: Bem, naquele momento eu não estava totalmente ciente de onde estava nem do que estava fazendo, por causa da pancada na cabeça. Se eu tivesse matado a Savvy, por que estaria perguntando onde ela estava? Eu não teria dito algo do tipo "Eu machuquei ela" ou "Me desculpa", já que não estava totalmente consciente? Algo que indicasse que tinha sido eu? Sei lá. Talvez isso seja apenas algo que digo a mim mesma pra me sentir melhor.
Ben: Pra se sentir melhor, do tipo, pra se convencer de que não matou ela?
Lucy: Isso.
Ben: Porque você não tem certeza?
Lucy: Não tem como eu ter certeza. Não me lembro daquela noite. Sei que amava a Savvy e não consigo me imaginar fazendo algum mal a ela, mas todos estão muito convencidos de que fui eu. É difícil não pensar, bem, e se eu tive um surto? E se eu tive um surto psicótico? As pessoas sabem quando têm um surto psicótico?
Ben: Eu... não sei.
Lucy: Foi uma pergunta retórica, Ben. [*risos*]
Ben: Como você explica os arranhões no seu braço e sua pele sob as unhas da Savannah? Os hematomas no braço dela que se encaixam com o formato dos seus dedos?
Lucy: Não sei explicar. Não me lembro.
Ben: Vocês duas já haviam se envolvido em uma briga violenta antes?
Lucy: Claro que não.
Ben: Mas você já se envolveu em uma briga violenta antes. Com o Ross. Teve mais alguém?
Lucy: Não, só ele. Continuo achando que ele mereceu.
Ben: E a Savannah? Você sabe se ela se envolveu em alguma briga ou em algum tipo de discussão?
Lucy: Que eu saiba, não. Não consigo nem imaginar, pra ser sincera. A Savvy era uma pessoa muito amorosa e sensata. Tipo, você já ouviu isso de muitas pessoas neste podcast. Todo mundo gostava dela. Ela jamais faria mal a ninguém.

41

LUCY

Ben não parece particularmente preocupado com a possibilidade de eu matá-lo.

Nem surpreso, na verdade.

Ele inclina a cabeça, sem que seu rosto revele nada.

– Você tá pensando em me matar.

Não é bem uma pergunta, mas uma repetição tranquila do que acabei de dizer.

– Eu faço isso o tempo todo.

Não sei por que decidi contar todos os meus segredos para a pior pessoa a quem confessá-los, mas aqui estamos. Ele disse que queria ouvir a verdade de mim. Essa é uma verdade que posso de fato lhe oferecer.

– Com todo mundo. Eu penso em matar todo mundo.

– Tipo...

Ele se remexe no assento e depois faz uma pausa, e vejo seu olhar se voltar brevemente para a bolsa ao lado da porta, que tem o microfone. Ele está com vontade de perguntar se pode gravar essa conversa.

Mas não pergunta. Ele é bom o suficiente nisso para saber quando a resposta vai ser *não*.

– Tipo pensamentos intrusivos – explico. – Não consigo parar. Escolho uma

arma e me imagino matando as pessoas.

– Você escolhe uma arma – fala ele, lentamente.

– O que houver por perto. Sou criativa.

Os lábios dele se contraem. Talvez por diversão, talvez por medo. Não sei para qual deles estou torcendo.

– Que arma você escolheu aqui?

– Primeiro, o copo. – Aponto para o objeto. – Mas não seria o suficiente para te matar. Depois, a faca. – Toco meu pescoço. – Depois, a luminária.

– A *luminária*?

– Eu bateria com ela na sua cabeça.

– Acho que é pesada demais pra que você tenha força suficiente pra fazer isso.

– Nem sempre sou realista.

– Claro.

– E depois te sufocando com um travesseiro. Mais tarde. Quando você estivesse dormindo.

Sua expressão neutra se desfaz com essa opção. Então ele puxa o ar lentamente.

– Essa é realista – diz ele, com a voz tensa.

– Talvez não. Você poderia acordar e lutar comigo.

Ele levanta uma sobrancelha.

– Talvez.

– Depende de quanto tempo você leva para acordar – acrescento.

– E da sua força.

Ele está me encarando com um olhar que não consigo decifrar, até que se mexe um pouco na cadeira e eu vejo. Ele está excitado.

Fico de pé e vou até ele. Subo meu vestido e me sento em seu colo, de frente para ele.

Coloco as mãos em seu pescoço.

– Ou eu poderia simplesmente te estrangular agora mesmo.

Ele me encara. Sua respiração é irregular.

Tiro uma das mãos do pescoço dele para abrir o zíper de sua calça. Afasto minha calcinha para o lado. Ele respira fundo quando levanto os quadris e depois abaixo para que ele deslize para dentro de mim.

Coloco as mãos em seu pescoço de novo, apertando com mais força dessa vez.

Eu me inclino para mais perto, com os lábios encostados na orelha dele.

– Você pegou a chave da Paige de volta. Quanto tempo acha que levaria até descobrirem seu corpo?

Ele faz um barulho estrangulado. Aperto com mais força, pressionando os quadris contra ele.

– Seria um bom final, você não acha? O apresentador do podcast é assassinado pela mulher que todos achavam que ele iria inocentar? As pessoas se lembrariam de você pra sempre. O cara que resolveu o caso, mas foi morto enquanto trepava com a assassina.

Eu me inclino para trás e olho para ele. Seu queixo está erguido, o rosto vermelho.

Mais forte, mais forte!, incentiva Savvy.

O corpo de Ben se sacode e outro ruído estrangulado escapa de sua garganta. Ele fica imóvel.

Lentamente, solto seu pescoço.

Ele deixa escapar um sopro de ar. Seu olhar não sai do teto por vários segundos enquanto ele respira pesadamente.

Ele por fim me encara, com o rosto ainda corado.

Eu me inclino para a frente. Quando falo, meus lábios roçam nos dele.

– Talvez eu te mate mais tarde esta noite.

Ele sorri.

42

LUCY

Quando desço as escadas no fim da tarde seguinte, minha mãe está sentada à mesa da cozinha com a muleta apoiada na parede ao lado. O sol entra pela porta dos fundos, mas ela não acendeu a luz, por isso está uma penumbra na cozinha, a tela do celular é o único ponto luminoso. O olhar dela está abatido, e a voz de Ben toca baixinho no aparelho.

Ela olha para mim e rapidamente pausa o podcast. Pego minha bolsa no gancho da porta.

– Aonde você vai toda noite? – pergunta ela.

– Você não vai querer saber.

Ela contrai os lábios e reflete por um momento. Depois, faz que sim com a cabeça.

– Você realmente publicou três livros e não me contou? – pergunta.

– Você nunca foi boa em guardar segredos.

Ela solta uma risada alta e curta. Acho que isso significa que não concorda.

– Além do mais, você não iria gostar deles – digo.

– Por que não?

– Você é esnobe em termos de literatura. Eles não são literatura.

Ela funga.

– Bem, eu quase não leio mais, mas prefiro boa literatura quando tenho tempo. Não há nada de errado nisso.

– Eu não disse que havia.

Queria ter dito, no entanto. Ela olha para mim como se soubesse.

– Você ouviu o episódio sobre a Nina? – pergunta ela.

– Aham.

– Você não pode fazer isso com aquela coitada. – A voz dela fica um pouco trêmula.

– *Eu* não estou fazendo nada com ela. O Ben não me consulta sobre o que colocar no podcast. – Uma mentira, mas é verdade que ele não me consultou a respeito da Nina.

– Ele está insinuando que foi ela.

– Ele já insinuou que foram várias pessoas. É uma irresponsabilidade geral. A Nina não é especial.

– O Matt mereceu. – O tom é áspero e, na verdade, fico um pouco tocada. Não sabia que ela se importava com isso. – Seu pai e eu... Talvez a gente também tenha merecido. E o Colin é burro demais pra se importar.

– Concordo.

– Mas a Nina não merece ter a vida toda exposta desse jeito. E daí se ela não gostava da Savvy? A garota sobre a qual estão falando no podcast tem pouquíssima semelhança com a mulher real. Na verdade, ela não era tão boazinha assim.

Não digo nada, porque é verdade. Savvy costumava ser gentil, mas muitas vezes não era. Certamente não na época da escola.

– A Nina tem dois filhos. Um namorado, que é uma melhoria significativa em relação ao ex-marido, que me parecia um verdadeiro babaca. Ela não merece isso.

– E *eu* mereço?

Seu olhar encontra o meu. Ela não precisa responder.

– Não posso impedir o Ben de falar merda no podcast dele – digo. – Mas espera os próximos episódios. Ele provavelmente vai encerrar dizendo que acha que fui eu.

Ela ergue as sobrancelhas.

– Como assim?

– Ele tem um final inteirinho escrito resumindo a teoria sobre como eu matei a Savvy. É tipo... Sei lá. Ele está explorando todas as possibilidades. Ou está só tentando arrancar cada centavo que puder dos anunciantes.

– E mesmo assim ele tá apontando o dedo pra Nina? – Ela parece indignada.

– Gosto do fato de essa ser a parte que te incomoda mais – digo, em um tom seco.

– Ah, Lucy, dá um tempo – retruca ela. Eu pisco, aturdida. – Ele tem alguma prova concreta?

Meu peito aperta ao pensar nessa possibilidade. Será que ele teria me contado se tivesse? Duvido.

– Não sei... Não faço a menor ideia. Não vejo como ele poderia ter.

Ela solta um suspiro.

– Tá bem. Ótimo. Isso é tudo que importa. Não podem te acusar a menos que ele descubra algo novo.

Abro a boca para perguntar por que ela sempre esteve tão convencida de que fui eu. Não faço essa pergunta há anos e, quando fiz, foi aos berros, com amargura, então talvez não conte. Na verdade, eu não esperava uma resposta na época.

Fecho a boca. Também não quero uma agora. Não quero saber se ela só tem uma opinião negativa sobre mim ou se realmente sabe de alguma coisa. Só de pensar nisso já me dá vontade de vomitar.

Eu me viro e saio depressa da casa.

Podcast *No Rastro da Mentira*, com Ben Owens

EPISÓDIO SETE:
"A VERDADE SOBRE LUCY"

Ben: O Matt e a Sra. Harper mencionaram que seu pai foi extremamente protetor com você logo após a morte da Savannah. Não deixava as pessoas falarem com você sem que ele estivesse presente. Isso aconteceu mesmo?
Lucy: Aconteceu. Ele não saía do quarto, mesmo que eu pedisse.
Ben: Você sabe por quê?
Lucy: Sei. Ele achava que eu tinha matado a Savvy. Imagino que estava tentando me proteger.
Ben: Ele disse isso diretamente? Que achava que você tinha matado a Savvy?
Lucy: Não *exatamente*, mas era óbvio que ele achava que tinha sido eu. Ele disse... Deixa eu tentar me lembrar. Ele disse: "Não preciso saber o que aconteceu, só preciso que você saiba que estou do seu lado." E disse também: "Se de repente você se lembrar de alguma coisa, não diga nada a ninguém antes de falar comigo."
Ben: Qual foi sua reação?
Lucy: Eu fiquei confusa e, sinceramente, meio arrasada. Não entendia por que ele achava que eu era capaz de matar alguém, ainda mais a Savvy. Por um lado, foi bom que a primeira reação dele tenha sido me proteger, mas, por outro, por que a reação não foi de não acreditar que tivesse sido eu? Por que ele não me disse de cara "Eu sei que você jamais faria uma coisa dessas. Sei que você não é capaz disso"? Nem meu pai, nem minha mãe falaram isso pra mim.
Ben: Você está ciente de que a Ivy disse que a sua mãe agiu como se soubesse o que aconteceu, alguns dias depois da morte da Savannah? Segundo ela, sua mãe disse que resolveria tudo.
Lucy: Eu não sabia disso até ouvir a entrevista dela.
Ben: Então você não sabe por que ela teria dito isso?
Lucy: Se ela sabe de alguma coisa, não me contou.
Ben: E o Matt? Como ele agiu depois que você chegou em casa?
Lucy: Ele agiu como se estivesse com medo de mim. Pediu que eu fosse pra casa dos meus pais.
Ben: Você pode explicar melhor? Como ele demonstrou esse medo?
Lucy: Ele não queria chegar perto de mim. Eu me lembro dele parado na porta, com um olhar de súplica. Ele parecia assustado de verdade.
Ben: Então, tanto seu marido quanto seus pais logo acharam que você tinha matado a Savannah?
Lucy: Eles nunca disseram isso diretamente, mas, sim.
Ben: Como isso te afetou? Emocionalmente, quero dizer.
Lucy: Com certeza não ajudou.
Ben: Você pode falar mais sobre isso?

Lucy: O que você quer que eu diga, Ben? Foi uma merda.
Ben: Você acha que afetou sua memória?
Lucy: O que você quer dizer?
Ben: O Colin disse que você se fechou quando ele foi falar com você, depois que você criou a memória falsa e ele te corrigiu. Ele disse que você parou de tentar se lembrar depois disso.
Lucy: Eu não parei...
Ben: Você já fez algum tipo de terapia pra recuperar a memória?
Lucy: Não. Esses métodos são controversos e podem levar a falsas memórias. E eu já estava criando essas falsas memórias. Não queria outras.
Ben: Você fez ativamente alguma coisa pra tentar se lembrar do que aconteceu logo depois do crime?
Lucy: Tipo o quê? Eu faço terapia. Já falei muito sobre a Savvy com minha terapeuta. Acho que algo surgiria se eu fosse me lembrar.
Ben: Você acha que é possível que não consiga se lembrar, em parte, porque não *quer* se lembrar?
Lucy: Não, acho que é por causa da lesão na cabeça.
Ben: Mas todas as horas antes da lesão. É possível que você não consiga se lembrar por conta do trauma causado por seus pais e pelo seu marido, ao imediatamente concluírem que tinha sido você?
Lucy: Porra, sei lá. Pergunta pra algum terapeuta.
Ben: Eu perguntei. Ela disse que sim, é possível.
Lucy: Pronto, aí está. Obrigada por nada, Matt. E vocês também, mãe, pai.
Ben: Você quer saber?
Lucy: Se eu matei a Savvy? É claro que eu quero saber.
Ben: Tem certeza?
Lucy: Tenho!
Ben: Você já visitou algum dos lugares onde viu a Savannah naquele dia? Sua antiga casa? O local do casamento? Você e eu fomos ao local onde o corpo dela foi encontrado perto da Byrd Estate, e foi bem traumático pra você.
Lucy: Não fui, não. Não entrei na minha antiga casa, embora tenha certeza de que ela está diferente agora. O mesmo em relação ao local do casamento. Eles mudam tudo a cada cerimônia.
Ben: Mesmo assim... Você não deveria ter ido refrescar a memória?
Lucy: Deveria.
Ben: Deveria?
Lucy: É claro que eu deveria ter ido. Não sei por que não fui.
Ben: Por que você foi até a floresta onde ela foi encontrada?
Lucy: Minha mãe me obrigou.
Ben: Mas a nenhum outro lugar?
Lucy: Conversamos sobre ir ao local do casamento, mas... não. Acho que eu disse a mesma coisa na época. Teria sido montado de um jeito diferente pra um novo casamento.
Ben: Seria justo dizer que você parou de tentar se lembrar? Que, na verdade, nunca tentou se lembrar do que aconteceu naquela noite?

Lucy: Não, *nunca* não é apropriado. Eu me esforcei muito nos primeiros dias.
Ben: Mas e depois disso?
Lucy: Acho que parei de tentar, sim. Mas não porque eu não quisesse saber! Porque achei que era uma daquelas coisas de que acabaria me lembrando se não pensasse mais. É isso que devemos fazer quando não conseguimos lembrar, certo?

43

LUCY

– Pega a merda do seu microfone e me encontra do lado de fora.

– Uau, oi, Lucy, que bom receber sua ligação – diz Ben do outro lado da linha.

Troco o fone de ouvido e fecho a porta do quarto.

– Só faz isso. Estarei aí em dez minutos.

– Tá bem. Por quê?

– Nós vamos na porcaria do local do casamento.

• • •

Ben me encontra do lado de fora do hotel e vamos de carro até a Byrd Estate. Eu nos conduzo lentamente pela estrada de terra sinuosa que leva ao espaço de eventos. Árvores imensas e antigas fazem sombra, e a casa histórica aparece à frente, com uma grande tenda branca montada atrás. Não consigo imaginar que tipo de masoquistas está organizando um casamento ao ar livre em agosto.

Uma mulher em um terno branco exageradamente brilhante sai correndo da casa quando estaciono e saímos do carro.

– Bem, olá, pessoal! – exclama ela. – Vocês são meu compromisso de cinco e

meia?

– Não – respondo.

O sorriso dela vacila, mas então ela vê Ben.

– Ben! Que bom ver você de novo!

– Oi, Trudy. – Ele sacode a bolsa pendurada no ombro, segurando o microfone portátil em uma das mãos. A luz está acesa: ele está gravando. – Desculpa aparecer sem avisar.

– Ah, tudo bem. Em que posso ajudar?

– Você se importa se eu e a Lucy dermos uma volta por aí? Queremos ver se alguma coisa refresca a memória dela.

Ela recua ao ouvir meu nome.

– Ah. Bem... Claro, se vocês acham que vai ajudar.

– Eu desmaiei da última vez que fizemos isso, mas vou fazer o possível pra ficar de pé desta vez. – Tento parecer irreverente, mas minha voz, na verdade, treme um pouco.

Acho que Trudy não percebe, porque ela apenas franze a testa para mim.

– Podem dar uma volta pela Byrd Estate por sua própria conta e risco.

– Obrigado, Trudy – diz Ben.

Ela se vira e entra na casa, lançando um olhar de reprovação por cima do ombro.

– Quer me dizer por que quis vir aqui hoje? – pergunta ele quando a mulher se retira.

– Porque talvez você tenha razão. Fico muito triste em contribuir pro seu ego já extremamente inflado, mas, sim, você tem razão quando diz que na verdade não tentei me lembrar. Então, aqui estamos.

– Acho que meu ego é mediano.

– Ben, foco. E nós dois sabemos que não é.

Ele revira os olhos.

– Tá bem. O que vamos fazer...

Ele para de falar quando uma caminhonete sobe a estrada e encosta do outro lado do estacionamento. Matt desce do veículo.

– A propósito, eu convidei o Matt – digo e aceno para ele.

– Que porra é essa, Lucy? – pergunta Matt ao se aproximar de nós. – Você não me disse que o babaca do podcast vinha também.

– A propósito, o babaca do podcast tá gravando – diz Ben, segurando o microfone.

– Claro que tá – resmunga Matt.

Ele para ao meu lado e seus dedos roçam meu braço. Eu me afasto.

– Se faz você se sentir melhor, ela também não me disse que você viria – acrescenta Ben.

Isso não parece fazer com que Matt se sinta melhor.

– Preciso de alguém que estava presente pra me dizer o que fizemos naquela noite – explico. – Caso contrário, vamos ficar vagando sem rumo.

– Lucy, tem certeza... – diz Matt suavemente, mas acaba parando ao olhar para o microfone. Ele suspira, passando a mão pelo cabelo. – Tá, que seja. Eu vou te guiando.

– Obrigada – respondo com sinceridade.

– Obrigado – diz Ben, mostrando o dedo do meio com a mão livre.

Matt retribui o gesto e depois se vira, apontando para sua caminhonete.

– Eu estacionei ali. Como o Colin disse, nós chegamos aqui antes dele e da Savvy e conversamos com um casal no estacionamento, mas não com ele e a Savvy. Com os Nelsons.

– Sobre o que vocês conversaram? – pergunta Ben. – Você se lembra?

– Só porque contei à polícia na época. Amenidades... Sobre o clima, sobre como já estava quente pra maio. Foi só uma conversa rápida, e depois fomos todos naquela direção. – Ele aponta. – A recepção era do lado de dentro.

Ele caminha ao redor da casa, e nós o seguimos até as portas laterais e em seguida para dentro do salão.

O lugar está vazio, com cadeiras empilhadas em um canto. Há um bar no fundo, e minhas sandálias fazem barulho contra o piso de madeira quando passo.

– Parece familiar? – pergunta Ben.

– Só porque eu já tinha vindo a outros casamentos aqui antes daquela noite. – Eu me viro para Matt. – Você se lembra de como estava decorado?

– Feito um casamento? Sei lá. – Ele aponta para o outro lado do salão, em frente ao bar. – O DJ tava ali. Tenho quase certeza de que as mesas estavam dispostas nas laterais... Redondas? Nós estávamos sentados... – Ele gira e aponta na direção do bar. – Ah! A gente ficou perto do bar. Eu me lembro porque o Colin comentou algo sobre isso. Alguma coisa do tipo "Ótimo, fácil acesso".

"Legal! Bem ao lado do bar. Melhor lugar da casa."

Fico paralisada. Vejo Colin à minha frente, com seu terno amarrotado, sorrindo e apontando para o bar. Savvy, já segurando uma taça de vinho, fica na ponta dos pés e beija a bochecha dele.

Ela fica tão linda com esse vestido rosa. As alças finas mostram todas as tatuagens e o tecido roça os joelhos quando ela caminha. Havia me esquecido de

como era aquele vestido quando não estava coberto de sangue e terra.

As fotos da cena do crime atravessam minha mente. O vestido rosa torcido em torno das pernas dela, todo sujo. Então já não é mais a cena do crime, está bem na minha frente. Estou olhando para ela.

Mas, não, isso não pode estar certo, porque é de dia. Nunca vi Savvy morta à luz do dia.

Acho que não.

– Lucy.

Sinto a mão de alguém nas minhas costas, e, ao olhar para cima, vejo Matt, com a testa franzida de preocupação. Ben, na minha frente, parece pronto para me pegar outra vez em meio a um desmaio.

Apenas pisco, me afastando dos dois.

– O que mais? Ficamos o tempo todo aqui?

– Desculpa, mas a maior parte da recepção é um borrão – diz Matt. – E você e eu não estávamos muito bem naquele dia, então não ficamos juntos a maior parte da noite. A Savvy não gostava de mim e não disfarçou. Acho que não posso culpar ela.

Olho para ele, surpresa, mas o olhar de Matt está direcionado ao outro lado do salão.

– Você e a Savvy passaram a noite juntas, na maior parte do tempo. Mas não o tempo todo. Em determinado momento, olhei em volta e a Savvy estava na mesa sem você, e depois olhei de novo meia hora mais tarde e não consegui te encontrar.

– Eu me lembro de você ter dito isso à polícia. – Olho de relance para Ben. – Você nunca encontrou nenhum convidado que confirmasse onde eu estava?

– Não. Ninguém se lembra de ter te visto em nenhum lugar fora do comum. – Ben aponta para o outro lado do salão. – Os banheiros são por ali, certo? Vamos dar uma volta por lá.

Meu coração bate freneticamente conforme o sigo pelo salão. Respiro devagar. Não há motivo para ficar nervosa. Estou andando em um salão de casamento vazio.

Savvy está no corredor, usando seu vestido rosa e segurando uma faca ensanguentada. Ela sorri e a aponta para o rosto de Matt quando ele passa por ela.

Você sempre usa o que tem por perto, diz ela. *Esteja preparada, como uma escoteira! Traga sua própria arma do crime!*

Sacudo a cabeça, afastando a imagem. Viramos uma esquina. Eu paro. Olho

para a esquerda.

Há uma porta que dá para o lado de fora, e a luz do sol brilha através de uma janelinha quadrada, como se estivesse nos chamando para ir até ela.

– Acho que fui por ali – digo.

– Lá fora? – pergunta Ben. – Por quê? Você odeia ficar do lado de fora.

Quase dou risada enquanto vou até ele.

– Eu sei. Mas acho que foi o que fiz.

Abro a porta, semicerrando os olhos sob a luz forte do sol. Não tem muita coisa nesse lado da construção. Apenas uma lixeira, bem na outra extremidade, e o que parecem ser os restos de um toldo quebrado encostado no tijolo.

– Tem certeza? – Matt está com Ben na porta. – A área externa onde as pessoas estavam fumando fica do outro lado.

Dou mais um passo. Há um pequeno nicho, atualmente cheio de latas de tinta quase vazias.

Consigo sentir a parede de tijolos contra minhas costas de repente. O cheiro de tinta fresca quando os lábios se encostam nos meus. Uma das alças do meu vestido escorregou para baixo e há uma mão no meu seio. Eu o beijo de novo. É um homem. Ainda consigo sentir a forma como ele pressionou os lábios nos meus.

– Lucy – diz Ben.

– Lucy – disse Savvy com firmeza.

Dou um pulo. Eu me lembro do ar no meu peito quando ele mexeu a mão. Eu tinha levantado a alça de volta enquanto ela me olhava com uma expressão... de raiva? Ela estava brava?

Tento ver o cara. Não consigo. Consigo sentir a respiração dele nos meus lábios. Os quadris se chocando contra os meus. Mas há apenas um espaço em branco vazio quando tento ver o rosto.

– Vamos – disse Savvy, e deu meia-volta.

Depois, não há mais nada. Não sei se me despedi de quem quer que fosse o cara. Não sei se a segui de imediato. Talvez eu tenha ficado e transado com o homem misterioso. Do jeito que ele batia os quadris nos meus, talvez estivéssemos tomando esse rumo.

Olho para Matt.

– O que foi? – pergunta ele. – Você lembra por que estava aqui fora?

Uma coisa é certa. O cara não era Matt.

E, quem quer que fosse, não se deu ao trabalho de contar a ninguém.

– Não. Não me lembro.

Matt ergue uma sobrancelha. Ele sabe que estou mentindo.

44

LUCY

Levo Ben de volta ao hotel e invento uma desculpa para não ficar. Dormi lá quase todas as noites na última semana, mas ele não discute quando digo que estou exausta e vou voltar para a casa dos meus pais. Além do mais, Ben provavelmente quer fazer a montagem do episódio. Ele pareceu bastante entusiasmado com os acontecimentos do dia.

Atravesso a cidade de carro até minha antiga casa. Até a casa de Matt. Ele abre a porta e sai para a varanda assim que paro no meio-fio, como se estivesse me esperando.

Merda. Odeio ser tão previsível.

Subo a entrada. Matt estende os braços em direção à casa, como se estivesse me dando as boas-vindas. As persianas estão abertas hoje, e a luz do lado de dentro é quente e convidativa.

– Chegou na hora certa – diz ele. – Estava prestes a pedir alguma coisa pra gente jantar.

• • •

Uma pequena parte de mim achava que talvez Matt tivesse virado a página e

passado a semana sem beber, depois que o episódio de Julia foi ao ar, mas vejo o carrinho de bebidas bem abastecido assim que entro. Ainda está no mesmo lado da sala de estar, à direita do enorme sofá azul-petróleo.

O mesmo sofá azul-petróleo que eu comprei. O mesmo carrinho de bebidas que eu comprei.

Paro e olho para os dois lados. Há algumas obras de arte novas, peças abstratas com algo como flores ou apenas umas manchas aleatórias de tinta azul e amarela que não me interessam em particular, mas tudo está praticamente igual. Um belo piso de madeira escura, teto alto, uma cozinha branca e brilhante à minha direita com uma enorme ilha no meio. Sempre achei essas ilhas imensas de cozinha a melhor invenção de todos os tempos, e eu estava certa.

Mas é estranho como tudo parece exatamente igual. Se eu não soubesse que Matt se casou de novo, não teria imaginado isso ao entrar. Julia não deixou nenhuma marca na casa. Talvez nem mesmo nele.

– Preciso de um drinque – digo, mesmo sabendo que não deveria beber com Matt.

Eu deveria incentivar sua sobriedade. Seria a atitude madura e responsável a ser adotada com alguém que você sabe que tem problema com bebida.

– Algo forte – completo.

Ele ri.

– Eu também.

Ninguém aqui é maduro e responsável.

Ele não pergunta o que eu quero, simplesmente pega a vodca e o suco de cranberry, porque sabe do que gosto quando estou tendo um dia difícil.

Eu me sento no sofá (no meu sofá) enquanto ele prepara as bebidas.

– Estou feliz por você finalmente ter vindo – diz Matt enquanto sacode o copo.

Está preparando um martíni para ele.

– Por que está tudo igual?

Ele coa o líquido na taça.

– Como assim?

– A Julia não quis redecorar a casa?

– Por que ela faria isso? Você tem muito bom gosto.

– Ah.

Ele atravessa a sala de estar, com dois copos nas mãos, e passa um para mim.

– O que quer dizer esse *ah*? – pergunta ele, se sentando ao meu lado.

Tomo um gole do meu drinque e o coloco sobre a mesa de centro.

– Significa que acabei de perceber que você não *deixou* que ela redecorasse a casa.

– Eu não diria isso. Falei que gostava de como as coisas eram, e ela não pareceu incomodada.

Isso parece improvável, mas não conheço Julia. Talvez ela odeie decoração. Talvez ela realmente achasse que eu tenho bom gosto.

– Você vai me contar? – pergunta ele.

Ergo uma sobrancelha como se não soubesse do que ele está falando. Eu sei.

– Do que você se lembrou quando estávamos lá.

Ele apoia a taça na mesa de centro. Já terminou metade do martíni.

Olho para a foto sobre a lareira. É do dia do casamento de Julia e Matt, ela em um vestido de noiva estilo sereia sem mangas, com ombros que parecem ter sido perfeitamente esculpidos em aulas de Pilates. Nossa foto de casamento já esteve ali.

Acho até que é a mesma moldura. Eles simplesmente retiraram a foto antiga e colocaram a nova.

Meu Deus, que coisa esquisita.

– Eu estava beijando alguém lá fora – falo.

Volto minha atenção para Matt. O maxilar dele se contrai, como sempre acontece quando está com raiva. A boca forma uma linha dura.

– Nem vem – digo.

– Eu não falei nada!

– Eu conheço a sua cara de raiva. E você não tem direito de fazer essa cara. Você estava transando com a Nina naquela noite.

Ele solta um suspiro.

– Não naquela noite, mas você tem razão. Não tenho o direito de te julgar.

Não consigo esconder minha surpresa.

– Estou tentando ser mais honesto – diz ele, percebendo meu olhar. – Com você. Sobre tudo. Eu achava que se fingisse que o nosso casamento era bom, ele seria, como que por mágica. Eu deveria ter sido sempre mais sincero com você. Acho que você nunca teria me traído se eu não tivesse feito isso primeiro.

No fundo, não faço ideia se isso é verdade. Sem dúvida, eu dormi com Kyle a primeira vez como um grande "foda-se" para Matt, mas continuei porque gostei da emoção.

Decido não contar isso a ele.

– Quem era? – pergunta Matt. – Vai me deixar puto?

– O que *não* te deixa puto?

A frase sai antes que eu possa impedi-la. Eu adorava irritá-lo.

Mas ele apenas sorri, um pouco triste.

– É um bom argumento.

Caramba. Pego minha bebida e tomo um longo gole.

– Não sei – digo enquanto coloco o copo de volta na mesa. – Eu me lembro de estar lá fora e de beijar o cara, mas não consigo ver o rosto dele. Só me lembro da Savvy interrompendo a gente, e ela parecia meio irritada.

Matt ergue as sobrancelhas.

– Irritada?

– Pois é. Ela parecia bem irritada, e acho que a gente deve ter ido embora depois, porque ela disse "*Vamos*".

– Deve ter sido o Colin – diz Matt.

– Não, com certeza, não – protesto. – Eu nem gostava do Colin, e nunca teria pegado o namorado da Savvy.

– Ele não era bem o namorado dela. Eles saíam com outras pessoas.

– Mesmo assim, não acho que teria... – Paro de falar, refletindo. Faço uma careta e balanço a cabeça. – Ele dormiu com a minha *mãe* naquela noite. Você está dizendo que ele deu uns amassos em mim e depois voltou lá pra dentro e começou a dar em cima da minha mãe?

– Por que não? Vocês são meio parecidas. – Ele ri da expressão em meu rosto. – Há uma grande chance de ele nem saber que a Kathleen era sua mãe. O cara é burro feito uma porta.

– É verdade. – Passo a mão pelo rosto. – Mas simplesmente não faz sentido pra mim. Mesmo que eu estivesse bêbada. Foi outra pessoa, com certeza.

Ele estende a mão, levantando a minha saia e colocando a mão no meu joelho.

– Não importa – diz ele, gentilmente.

Dou um tapa na mão dele.

– É claro que importa! É a primeira coisa importante de que me lembro em anos.

– Isso não vai trazer a Savvy de volta. Nada vai trazer ela de volta. – Ele coloca a mão de novo e aperta meu joelho. – Sei que toda essa história do podcast tem sido difícil pra você, mas está quase acabando. E não importa o que aquele cara diga, se o Ben aponta o dedo pra você, pra mim, pro Colin, pra Nina ou pra quem quer que seja. Ele não é a polícia.

– O que ele acha não faz diferença, mas pra mim importa quem matou a Savvy. Quero saber se fui eu, você, o Colin, a Nina ou minha mãe.

– A sua *mãe*?

– Ela não estava em casa naquela noite! Pode ter sido! O álibi dela é o namorado da Savvy.

Ele me olha com divertimento e um pouco de pena. Tomo outro gole da bebida e me pergunto se devo fazer alguma coisa a respeito da mão dele, que passou do joelho para a minha coxa.

Olho de relance para a foto de casamento acima da lareira. Se eu semicerrar os olhos, poderia até ser a foto do nosso casamento. Se eu semicerrar os olhos, toda esta casa vai ser minha de novo. Toda essa vida vai ser minha de novo. Meu coração começa a acelerar. Sinto uma ânsia subir pela minha garganta.

Matt se inclina para a frente e me beija, e eu retribuo o beijo, apesar das batidas frenéticas do meu coração. Quero dar uma joelhada nas bolas dele, mas me forço a mergulhar nisso por um momento. Preciso ter 24 anos outra vez, nesta casa, sentir tudo que senti na noite em que Savvy morreu. Não quero mais afastar isso. Se conseguir me lembrar de como é ser aquela garota de 24 anos fodida da cabeça novamente, talvez consiga me lembrar de tudo.

Ele passa um braço em volta da minha cintura, me puxando para mais perto. Eu me lembro de sempre me sentir em conflito quando Matt e eu transávamos. Porque, por um lado, eu queria matá-lo. Por outro, o sexo sempre foi absolutamente fantástico.

Ele se afasta e pressiona os lábios no meu pescoço.

– Fica aqui comigo – murmura ele contra minha pele. – Não volta pra Los Angeles.

Não digo nada, e talvez ele entenda meu silêncio como se eu estivesse cogitando isso, porque se afasta e me olha de um jeito sério. Um sentimento desconfortável cresce em minhas entranhas.

– Ou podemos ir pra outro lugar. Começar de novo. Só nós dois. – Ele coloca meu cabelo para trás e deixa a mão na minha bochecha. – Fiquei com saudade de você. O que aconteceu com a gente?

"O que aconteceu com você? Lucy, o que aconteceu com você?"

A lembrança me atinge tão de repente que recuo, com um arquejo.

Matt parado na minha frente. O Matt de cinco anos atrás, com cabelo mais comprido e uma expressão de horror no rosto. Os olhos injetados de sangue. Ele estava bêbado.

"Meu Deus, esse sangue é seu?"

O que eu disse a ele? Não consigo me ver. Só consigo ver a imagem dele, aquela expressão em seus olhos.

Ele ficava olhando para baixo, para alguma coisa. Para o que ele estava olhando?

Algo na minha mão. Quase posso sentir. É úmido, áspero e...

"De quem é esse sangue?"

– Lucy, não. – A voz de Matt é clara. Pisco e ele entra em foco. O Matt atual. Ele está com as mãos nas minhas bochechas, me forçando a olhar para ele. – Para com isso.

– Não, eu me lembro de algo, eu me lembro...

"Ah, meu Deus, Lucy, o que você fez? Ah, meu Deus. Ela tá morta?"

– Vamos matar... – digo as palavras em voz alta.

Eu disse as palavras na ocasião para Matt. A floresta toma forma ao meu redor.

– Vamos matar...

Meu cérebro estava entrando em curto-circuito. Podia ouvir Savvy na minha cabeça, sem parar, enquanto estava na frente do meu marido desesperado. Gotas grandes de chuva atingiam minha pele, pousando nos meus cílios e embaçando o rosto de Matt.

– O quê? – Matt tirou as mãos do meu rosto em choque. – Você matou alguém?

– Mereceu – murmurei. – A gente tinha um plano.

– Meu Deus.

Ele deu um passo para trás, a expressão horrorizada se intensificando.

– A Savvy tentou...

– Tentou o quê? Lucy, o que a Savvy tentou fazer?

– Eu sei. – Matt agora me sacode delicadamente, me trazendo de volta ao presente. – Lucy, eu sei que você precisava fazer isso.

Consigo ver agora. Eu estava segurando um galho de árvore. Enorme, grosso e coberto de sangue.

Dei um grito e o soltei no chão. Em seguida, saí correndo.

Estou respirando rápido demais. Minha visão está afunilando. Matt ainda está com as mãos nas minhas bochechas. Acho que ele está me segurando de pé.

– Eu não sei o que aconteceu entre vocês duas lá na floresta, mas sei que você fez o que tinha que fazer – diz ele com firmeza. – Sinto muito por ter chegado tarde demais e não ter conseguido te proteger.

– Por que você... – Não consigo dizer nada. As lágrimas escorrem pelo meu rosto. – Por que você não chamou a polícia? Quando me viu naquela noite? Por que eles me encontraram na manhã seguinte...?

– Eu procurei por você. Mas primeiro peguei aquele galho de árvore e coloquei no porta-malas do meu carro, porque sabia que seria mais difícil pra eles te condenarem sem a arma do crime. Dirigi até a estrada principal e joguei numa lixeira atrás de um bar. Quando voltei, tinha começado a chover muito forte, a estrada estava alagada e eu não conseguia chegar até onde você estava. Achei que você iria pra casa, mas quando cheguei... Bem, você não estava.

Balanço a cabeça. Agora estou chorando loucamente.

– Tá tudo bem – diz ele, gentilmente. – Eu tentei te proteger naquela época e estraguei tudo. Eu estava bêbado, era um babaca e depois fiquei totalmente apavorado quando você chegou em casa. A culpa é minha.

Um arrepio me atravessa.

Ele coloca a mão no peito.

– Sério, a culpa é minha. As coisas entre nós tinham saído do controle naquela época, e eu sabia disso. Eu deveria ter impedido. Não deveria ter deixado as coisas se estenderem por tanto tempo.

Olho para ele e apenas pisco, confusa.

– As brigas – diz ele. – A maneira como costumávamos nos atacar e nos machucar. Isso afetou e transformou você, e sei que isso em parte é culpa minha. Acho que você não conseguiu se conter naquela noite.

Respiro fundo. A maneira como ele está descrevendo a violência em nosso casamento (a violência que *ele* começou, a violência que só *me* deixou com ferimentos graves) não me parece certa.

Nada disso parece certo.

– Coloca a culpa em mim – prossegue ele. – Grita comigo. Eu mereço.

Eu me levanto e tropeço para trás, para longe dele.

– Não. Eu não matei a Savvy. Eu nunca mataria a Savvy... Não.

Ele também se levanta.

– Ela tentou te machucar. Não sei por quê, mas você me disse que ela tentou. Eu deveria ter chamado a polícia naquele instante e poderíamos ter alegado legítima defesa, mas eu estava bêbado e entrei em pânico. E... – Ele para de falar.

Olho para ele com firmeza.

– E?

Ele hesita.

– Por que você não vai se deitar? Ou tomar um banho? Você adora essa banheira. Vou encher pra você.

Ele estica os braços na minha direção. Os dedos roçam meu pulso antes que eu os afaste.

Corro para a porta como se ele fosse vir atrás de mim. Ele não vem. Abro a porta e olho para ele.

– Você tá mentindo.

Ele enfia as mãos nos bolsos e suspira.

– Lucy, por favor, deixa isso pra lá. Você não quer se lembrar de mais nada. *Confia em mim*.

Não confio nele. Não confiava naquela época e não confio agora.

Saio e bato a porta.

LUCY

CINCO ANOS ATRÁS

– Lucy.

Ao me virar, vi Matt saindo da festa, um casal dançava ao som da música na pista de dança atrás dele. A música sumiu quando a porta se fechou.

Matt colocou um braço em volta da minha cintura, me puxando para perto. Deixei. Estávamos apenas nós dois no corredor mal iluminado, com os murmúrios de vozes distantes.

– Desculpa pelo que aconteceu mais cedo – sussurrou ele.

– Você sempre pede desculpa.

Ele me beijou. Eu deveria tê-lo afastado. Talvez tivesse lhe dado um tapa se estivéssemos em casa.

Em vez disso, coloquei os braços ao redor de seu pescoço. Retribuí o beijo. Ele tinha gosto de uísque.

– Vou melhorar – disse ele ao se afastar para me olhar.

Fiquei imaginando se com "melhorar" ele queria dizer que iria parar de me bater ou de dormir com outras mulheres.

Ele não pararia de fazer nenhuma das duas coisas, não importava quantas vezes dissesse que estava tentando melhorar.

Ele deslizou as mãos pela minha bunda, pressionando os lábios no meu pescoço.

– Lembra que a gente transou no banheiro no último casamento aqui em que viemos?

Vividamente. Meu corpo também se lembrava, porque estava inclinado na direção dele, pronto para ser dobrado sobre uma bancada outra vez.

Alguém tossiu, e eu logo me afastei dele e vi Savvy parada do lado de fora da

porta do banheiro.

– Estou interrompendo? – perguntou ela, com um tom de julgamento.

Não podia culpá-la.

Meu rosto esquentou. Não sabia por que continuava caindo nos braços de Matt, depois de tudo. Havia algo errado comigo. Algo com defeito que continuava me atraindo para ele, como uma ferida dolorosa que eu não conseguia parar de cutucar. Só que, quando estava tudo bem com Matt, era *bom*.

Eu era muito fodida da cabeça.

Um grupo de mulheres saiu do banheiro atrás de Savvy, rindo ao pararem no corredor. Nina estava entre elas e meneou a cabeça para mim uma vez.

Savvy passou por mim, e estiquei a mão para pegar o braço dela.

Ela o puxou, meus dedos apenas roçaram sua pele, e ouvi a risada das mulheres parar de repente.

– Esse desgraçado não te merece – disse ela com os dentes cerrados. – Você sabe muito bem o que ele realmente merece.

Ela se afastou, e eu engoli em seco enquanto a via partir. Apesar de falar muito, não achava que de fato seria capaz de matar Matt. Não achava que seria capaz de matar ninguém, mas principalmente ele. Matt já havia me transformado em um monstro cheio de raiva que eu não reconhecia. Não iria permitir que me transformasse em uma assassina também.

Savvy, no entanto, parecia pronta para seguir em frente de fato. Eu me sentia quase relutante em dizer a ela que o plano estava cancelado.

Ao me virar, vi as mulheres voltando para o salão, olhando de relance para mim enquanto se retiravam.

Matt ainda sorria para mim, alheio às palavras de Savvy.

– Parece que o banheiro está livre.

A expressão no rosto de Savvy havia reforçado minha determinação.

– Não vou transar contigo horas depois de você ter tentado me afogar na banheira.

Ele revirou os olhos.

– Não seja tão dramática. Eu não tentei te *afogar*.

Ainda podia sentir a mão dele no meu pescoço, me segurando debaixo d'água enquanto eu me debatia. Ele riu quando emergi, cuspindo água, depois que ele finalmente me soltou. Deu de ombros com tanta facilidade que, mais uma vez, fiquei pensando se a versão dele dos fatos era a verdadeira.

Tive uma vontade louca de começar a bater as mãos na cabeça. Como se, batendo no meu crânio com força suficiente, fosse possível pensar direito. Só

precisava colocar meu cérebro na posição correta, e então poderia confiar mais em minhas próprias memórias do que nas de Matt.

Resisti ao impulso e passei por Matt. Ele segurou meu braço.

– Você sabe que eu poderia simplesmente encontrar outra pessoa.

Ele franziu o lábio. Matt sempre tinha uma expressão horrível quando me lembrava do quanto as outras mulheres o amavam.

– Tem umas dez mulheres lá dentro que aceitariam imediatamente a minha oferta.

Puxei meu braço com força.

– Então vai lá, escolhe uma e faz a sua oferta. Eu não dou a mínima.

Os olhos dele brilharam.

– Não me provoca.

– Vai fundo, Matt. Você já tá transando com metade da cidade mesmo.

Ele piscou, claramente surpreso por eu estar ciente de suas traições (absurdamente indiscretas).

– E tem muito mais do que dez caras lá dentro que adorariam *me* comer. – Dei risada ao apontar para as portas do salão. – Talvez eu faça esse teste também.

O rosto dele se contorceu de raiva. Eu estaria seriamente enrascada se estivéssemos em casa.

Mas a porta se abriu, trazendo consigo música e risadas, e ele foi forçado a esconder a raiva. Abaixou a cabeça e passou por mim, batendo de leve no meu ombro enquanto caminhava.

– Ei, Lucy, tá tudo bem?

Eu me virei ao ouvir a voz familiar.

45

LUCY

Matt está mentindo.

Volto para a casa dos meus pais depois de sair da casa dele e mal consigo dormir. Savvy está gritando na minha cabeça, e não faço ideia se é uma lembrança ou produto da minha imaginação.

"Ela tentou..."

O quê? Me matar? Ela me deu uma pancada na cabeça, então retribuí o favor e a matei sem querer?

Acordo com apenas esse pensamento girando na minha mente. Pego a lata de lixo embaixo da escrivaninha e vomito dentro dela.

Ben envia mensagens perguntando se quero visitar novamente os bosques próximos à Byrd Estate.

Reservo uma passagem de volta para Los Angeles.

Savvy está no canto do meu quarto com o vestido rosa ensanguentado, de braços cruzados, me julgando.

Eu mereço. Estou desistindo. Não quero mais saber. Embora tenha dito a Ben que não achava que havia sido Matt, preciso admitir que uma pequena parte de mim estava se agarrando à mínima esperança de que tivesse sido ele. Agora que posso ver tão claramente em minha memória o choque no rosto dele, o horror

absoluto quando me olhou, não consigo manter essa esperança. Matt não a matou.

Era *eu* quem estava segurando um galho de árvore cheio de sangue, murmurando sobre assassinato. Provavelmente estava falando sobre Matt, sobre *ele* merecer aquilo, mas isso não muda nada. Talvez eu tenha surtado. Talvez tenha dito a Savvy que não queria matar Matt, e ela foi atrás dele mesmo assim. Talvez eu a tenha impedido.

Essa ideia me deixa enjoada. Não consigo imaginar um mundo em que eu tenha decidido matar Savvy em vez de deixá-la matar Matt, mas pode ter sido um acidente.

E não quero saber. Prefiro viver com a incerteza para sempre do que saber que a matei.

Concluo que não posso ignorar Ben por completo, porque ele já decidiu que sou culpada, e deixá-lo de fora só vai piorar as coisas.

Ao meio-dia, saio da cama com dificuldade, esvazio a lata de lixo cheia de vômito e tomo banho.

Eu gostei de matar aquele cara. Por que você não teve medo de mim? Por que é tão difícil acreditar que eu iria surtar? Já aconteceu antes.

Fecho os olhos enquanto a água escorre pelo meu rosto. A voz de Savvy está muito alta. Não é ela. Sou eu, projetando meus medos nela.

O pânico incha em meu peito, e desligo a água.

Vou te matar!, grita Savvy.

Foi por isso que parei de tentar me lembrar. Eu não conseguia distinguir o que era real ou não.

Fecho os olhos e tento desesperadamente fazer tudo desaparecer.

• • •

– Indo embora? – repete Ben.

Estou de pé perto da porta do quarto dele, na esperança de conseguir fugir sem ser notada. Ele dá um passo para trás, em direção à cozinha, como se esperasse que eu fosse atrás. Não vou.

– Depois de amanhã.

Tento manter uma expressão neutra. Esqueci como é parecer confiante.

– Por quê?

Ele está usando a camiseta cinza, aquela com um furinho na gola. Puxei essa gola para poder beijar seu pescoço. Olho para além dele.

– Faz duas semanas que eu tô aqui. Tá quente. Preciso voltar pra Los Angeles e tirar minhas coisas do apartamento do meu namorado.

Ele parece surpreso.

– Você tem namorado?

– Ex-namorado. Ele não quer namorar uma assassina.

– Ah. Sinto muito. – Ele não parece sentir muito. – Posso te ligar pra entrevistas complementares em Los Angeles?

– Ben, eu passei horas conversando com você. Só fala pro mundo que eu sou culpada e vamos em frente.

Ele se encosta na bancada da cozinha, me encarando.

– O que houve?

– Nada, ué.

– Do que você se lembrou?

– Lembrei que odeio podcasts de true crime.

– Lucy.

Estico a mão para a maçaneta da porta.

– Fala o que quiser de mim. Não me importo.

Abro a porta e saio.

46

LUCY

–Pai.

Ele dá um pulo astronômico, deixando cair a faca que estava usando para cortar cebola. Ela se espatifa no chão da cozinha, bem perto dos meus pés. É uma faca grande, uma faca de chef, e fico olhando para ela.

Na verdade, não consigo me imaginar matando meu pai.

No momento, só consigo matar Savvy. Repetidamente, em um loop na minha cabeça. Um galho de árvore direto no crânio dela.

– Lucy. – Meu pai leva a mão ao peito. – Você me assustou.

– Eu sei.

Pego a faca e a coloco sobre a bancada.

– Já fez as malas? – Ele não esconde a satisfação com minha partida.

– Só vou embora depois de amanhã. E vou jantar com a vovó hoje à noite.

– Que bom, ela vai ficar feliz.

Ele pega a faca e liga a água para enxaguá-la.

– O Matt te contou que eu matei a Savvy?

Ele desliga a água. Quando olha para mim, não é com surpresa. Matt claramente já havia lhe dito que essa conversa estava por vir.

– Contou.

– Quando?

Ele seca a faca com um pano, por mais tempo do que o necessário. Uma desculpa para não olhar para mim.

– Ele veio aqui naquela noite.

Respiro fundo quando as coisas se encaixam.

– O lugar pra onde ele foi. Depois que voltou pra casa. – Franzo a testa. – A Nina também sabe? Por que ela foi na minha casa naquela noite?

– Não. Pelo visto, ela estava bêbada e planejava fazer uma cena pra você saber que eles estavam juntos. O timing dela foi ruim, só isso. Ele mandou ela embora.

– Aí ele veio até aqui e falou pra vocês que eu tinha matado a Savvy.

– Só pra mim. Eu contei pra sua mãe alguns dias depois. Ela... – Meu pai para no meio da frase, colocando a faca de lado e apoiando as mãos na bancada. – Ela quis confessar tudo na mesma hora. Disse que, mesmo que não tivesse sido legítima defesa, você receberia uma pena leve. Mas o Matt e eu discordamos. Você realmente parecia não se lembrar de nada, e nós dois achamos que deveríamos esperar. Eu achava que a sua memória voltaria em alguns dias, e aí você poderia nos contar exatamente o que aconteceu e partiríamos daí.

– Mas não voltou. E aí?

Ele desvia o olhar, desconfortável.

– Achei que você só queria seguir em frente ou que realmente tinha bloqueado tudo. O trauma de... – Ele suspira. – Acho que não tenho como te julgar.

– Você acha.

– Teria sido melhor enfrentar o problema. Eu me arrependo de não ter ido à polícia. O Matt disse que a sua memória começou a voltar depois que o Ben fez pressão pra você se lembrar. Eu dei uma bronca na sua mãe por ter te pressionado. Achava que você precisava de espaço pra fazer a coisa certa. É claro que ela tinha razão.

– Você acreditou nele, então? No Matt.

Meu pai ergue o rosto, sobressaltado.

– Não deveria? Na época, eu não sabia que... Bem, eu não sabia da história completa. Mas não tinha nenhum motivo pra não acreditar nele.

– Ele estava bêbado. Na verdade, ele não me viu fazer nada. Podia ter outra pessoa lá, pode ter sido... – Minha voz ficou muito alta, desesperada, e paro de repente, porque sei bem o que parece.

– Ele não mencionou a presença de mais ninguém – diz meu pai, gentilmente. – O Matt falou... Bem, ele explicou o que viu e o que você disse.

– Pode ter sido *ele*.

– Você acha que ele fez isso? – Está tentando me agradar.

Vejo o rosto desesperado de Matt na minha frente. Já tentei me convencer centenas de vezes de que ele poderia estar em pânico por ter acabado de matar Savvy, mas parece improvável. Eu o conheço bem demais. Sei como ele fica quando foi longe demais, quando causou mais dor do que pretendia. Ele fica calmo. Resolve o problema. É gentil. Ele se convence de que a culpa é parcialmente da outra pessoa.

Ele não teria se descontrolado com a ideia de matar Savvy, mesmo bêbado. Não teria aquele olhar no rosto.

– Não – respondo. – Mas você não estava lá. Você só tinha o Matt, dizendo que eu matei alguém. Você achou que eu fosse capaz disso?

– Eu não queria. Mas, às vezes, é preciso fazer o melhor que dá com as informações que se tem. Essa era a informação que eu tinha. E o Matt queria te proteger. Percebi isso de cara. – Ele me lança um olhar triste. – Nós dois percebemos.

– E a minha mãe queria me entregar pra polícia.

– Ela também só estava tentando fazer o que era melhor.

– Não foi uma crítica.

Ele parece assustado. Talvez eu tivesse feito a mesma coisa, se estivesse no lugar dela. Basta dizer a verdade e deixar as coisas seguirem seu rumo.

Ou talvez eu não tivesse feito a mesma coisa. Não corri imediatamente para Ben ou para a polícia quando a lembrança de Matt ressurgiu.

Reservei uma passagem de volta para Los Angeles.

• • •

Janto com minha avó em silêncio e desconforto. Não posso contar a verdade a ela, o único membro da família que acreditou em mim. Acreditou tanto que ofereceu todos os nossos segredos a um apresentador de podcast presunçoso.

– O Ben disse que aconteceu alguma coisa – diz ela, depois de tomar seu segundo gim-tônica.

A televisão está ligada, sem som, mas continuo me distraindo com a mulher de unhas vermelhas muito compridas na tela. Ela bate com as unhas no queixo, de novo e de novo. Poderia arrancar o olho de alguém com aquelas unhas.

Recolho os restos do meu hambúrguer e vou até a lata de lixo.

– Não aconteceu nada. Eu disse isso pra ele.

– Acho que ele não acredita em você.

Dou uma risada vazia.

– *Aconteceu* alguma coisa? – pergunta ela.

– Bem, eu transei com ele – digo, porque quero mudar de assunto.

– Ah, meu bem. – Ela sorri, um tanto solidária. – Eu sei. Ficou óbvio naquela noite que vocês dois vieram jantar aqui em casa depois de irem à cena do crime.

– Naquele momento, ainda não tínhamos transado.

– É óbvio que havia uma tensão, quero dizer. Não te julgo. Eu teria feito a mesma coisa. Afinal, ele parece um dos Vingadores.

Dou risada, apesar do peso esmagador em meu peito.

– Obrigada, vovó.

Meu celular apita com uma notificação, e olho para ele de relance enquanto me jogo no sofá ao lado dela.

É um e-mail da minha agente, me informando que não preciso me preocupar com o fato de meus livros estarem esgotados em toda parte, porque a editora já está no processo de imprimir mais cinquenta mil exemplares de cada um deles. Que emocionante!!!, escreveu ela.

Acho que sim, mas no momento só consigo me sentir entorpecida.

– Pelo visto, as pessoas queriam muito comprar romances de uma suspeita de homicídio – digo ao largar o aparelho.

– É claro que sim – diz vovó. – Como eu te falei, é melhor ser interessante do que adorável.

Ela desliga a televisão.

– O Ben me contou que você está convencida de que ele acha que foi você.

Franzo a testa.

– Foi basicamente isso que ele disse. Ele escreveu um final inteiro contando como tudo aconteceu.

– Diz ele que era só um rascunho e que não era pra você ter visto. Era só ele trabalhando em algumas ideias. Ele parecia bastante frustrado, se você quer saber a verdade. Acho que ele não tem um final.

– Ele vai concluir que fui eu, assim como todo mundo.

Engulo o nó na garganta.

– Nem *todo mundo* – diz vovó suavemente, colocando a mão no meu ombro.

Fecho os olhos e inclino a cabeça para trás em um esforço para não começar a chorar, mas não consigo. As lágrimas escorrem pelo meu rosto e, de repente, estou chorando no sofá da minha avó como se tivesse 10 anos de idade de novo. Ela se aproxima de mim e passa um braço ao redor dos meus ombros.

– Acho que fui eu – sussurro, com os olhos ainda fechados. – Acho que matei a Savvy.

– Não, você não matou a Savvy.

– Você não sabe disso.

– Nem você! Você acabou de dizer que *acha* que foi a culpada. Você ainda não se lembra, né?

Esfrego a mão nos olhos.

– Não.

– Não foi você.

A boca dela forma uma linha dura, as rugas em torno dos olhos ficam mais proeminentes enquanto ela franze a testa com mais força.

– Para de ter tanta fé em mim.

– Não.

– Eu não mereço.

– Bobagem.

– Eu não te contei tudo.

Minhas mãos estão tremendo, e ela se aproxima e as aperta.

– Não preciso que você me conte tudo. – Ela me encara com olhos escuros e sérios. – Não preciso que você conte todos os segredos e detalhes da sua existência pra poder te julgar. Eu te *conheço*.

Volto a chorar, e ela me abraça, dando um tapinha nas minhas costas.

– Não desista, meu amor. Não desista.

47

LUCY

Dirijo para casa devagar. Está escuro, e as ruas de Plumpton estão vazias. Quase abro as janelas, como faria em uma noite tranquila em Los Angeles, mas a umidade está mais densa do que nunca.

Quando paro em um semáforo no centro da cidade, olho para fora e vejo Emmett decorando a vitrine da loja de arte.

Uma voz culpada no fundo da minha cabeça me lembra de que não respondi às duas últimas mensagens dele. Também não lhe contei que estou voltando para a Califórnia.

O semáforo fica verde. Emmett percebe que estou olhando para ele e levanta a mão em um aceno hesitante.

Merda. Pressiono o acelerador de leve e estaciono o carro no acostamento. Saio.

– Oi. – Aponto para o grande girassol amarelo que ele está pintando na janela. – Que bonito.

– Ah, obrigado. Uma garotada escreveu "vagina" na última, então o dono me pediu pra fazer uma menos erótica.

Solto uma risada.

– Sua última flor era *erótica*?

Um sorriso se espalha pelo rosto dele.

– Achei que não, mas aparentemente viram algo que não vi.

Eu me encosto na parede de tijolos ao lado da loja.

– Eles podiam pelo menos ter sido mais criativos. "Vagina" não é algo muito inteligente para se pichar.

– Concordo. Se esforça um pouco mais, garotada.

Emmett se vira de novo para a vitrine, com o pincel preparado.

– Desculpa por não ter respondido suas mensagens. Tem sido...

– Conturbado? – supõe ele, sem olhar para mim.

Ele passa o amarelo pelo vidro, formando uma pétala.

– Não. Conturbado, não.

Ele me lança um olhar curioso.

– Horrível – concluo, tentando ser sincera. – Tem sido horrível estar de volta, reviver tudo envolvendo a Savvy e o meu casamento...

Respiro fundo e fico constrangida ao perceber que estou prestes a começar a chorar outra vez. Achei que tinha colocado tudo para fora na casa de minha avó. Tento piscar depressa para disfarçar, mas as lágrimas escorrem pelo meu rosto.

Emmett abaixa o pincel. Homens geralmente ficam aterrorizados quando mulheres começam a chorar, mas ele parece mais intrigado do que qualquer outra coisa.

– Desculpa – digo, secando minhas bochechas.

Ele dá um passo à frente e me beija, o que é a última coisa que eu esperava. Talvez ele esteja tentando me confortar. Não gosto disso.

Ainda estou encostada na parede, e ele pressiona o corpo contra o meu. Os lábios são ásperos demais, a língua é ávida demais. A saliva se espalha pela minha boca inteira muito depressa. Que desnecessário.

Penso em afastá-lo, mas parece mais fácil simplesmente aguentar o tranco, sorrir com educação e sair correndo enquanto seco discretamente o rosto.

Não me lembro de ele beijar mal na vez em que nos beijamos na minha casa. Minha memória daquela noite é confusa; eu devia estar mais bêbada do que imaginava.

Ele coloca a mão no meu peito por cima da camiseta. Sério, que desnecessário.

Coloco a mão no peito dele, pronta para afastá-lo. A outra mão dele está na minha bochecha. Sinto o cheiro de tinta em seus dedos.

"Lucy."

Percebo que a mão dele é a mesma que estava no meu seio cinco anos atrás.

Os sons de risos e música que vinham do casamento. Ele havia baixado uma das alças do meu vestido, e o polegar traçava círculos no meu mamilo. Havia tinta verde debaixo das unhas dele.

– Faz tanto tempo que eu quero fazer isso – disse ele, com os lábios encostados no meu pescoço.

Ele esticou a mão até o zíper, e percebi que pretendia me comer ali mesmo, com o cheiro de comida estragada vindo da lixeira próxima.

Que porra é essa?, pensei. Estava bêbada. Não bêbada demais, mas o suficiente para pensar que transar com Emmett era uma ótima maneira de me vingar de Matt, que provavelmente tinha uma mulher debruçada sobre a bancada do banheiro naquele exato momento.

– Lucy. – A voz de Savvy era aguda, quase irritada. Ao me virar, eu a vi de pé a alguns metros de distância, com as mãos nos quadris. – Vamos embora.

A voz de Savvy e o olhar de reprovação me trouxeram de volta à realidade. Rapidamente coloquei meu seio de volta no vestido e saí correndo atrás dela.

– Não, Lucy, espera. – Emmett pegou minha mão de um jeito nada delicado.

Dei um grito quando ele me puxou de volta em sua direção.

– Me desculpa.

Pedi desculpa ao homem que tinha acabado de me machucar, em uma escolha desconcertante. Eu não deveria ter feito isso.

Saí correndo atrás de Savvy, e é aí que a memória se esvai. No presente, ainda estou beijando Emmett.

Na verdade, seria mais correto dizer que *ele* está me beijando. A essa altura, sou praticamente uma estátua.

Alguém dá um pigarro alto, e nós dois nos viramos.

Nina.

Ela está perto do meio-fio, vestindo um uniforme azul-claro, e me lança um olhar gelado quando Emmett se afasta.

– Posso falar com você? – pergunta ela a Emmett.

Ele dá um suspiro pesado, mas assente e depois me lança um olhar de desculpa. Nina entra na loja de arte, e ele a acompanha. O sino toca quando a porta se fecha.

Vou depressa até o carro e me sento no banco do motorista, com a respiração pesada.

Por que Savvy parecia *furiosa* com o fato de eu ter ficado com Emmett no casamento? Será que ela sentia alguma coisa por...

Fico paralisada quando a lembrança entra em foco.

LUCY

CINCO ANOS ATRÁS

Savvy saiu em disparada até o carro e abriu a porta.

– Peraí, você tá puta comigo? – perguntei enquanto corria atrás dela.

– Só entra – disse.

Ela entrou no carro e bateu a porta. Eu me sentei no banco do passageiro, chutando uma sacola velha de fast food para o lado.

– Você tá mesmo com raiva porque eu beijei o Emmett? Que cara é essa?

– Eu não tô com raiva. – Ela fechou os olhos por um segundo, como se estivesse reunindo forças para lidar comigo. – Só tô preocupada.

– Fala sério – repliquei, com uma risada.

A expressão dela ainda era séria.

– Primeiro, eu encontro você beijando o babaca do seu marido, quando deveria estar planejando a porra da morte dele.

Engoli em seco.

– Depois te encontro com os peitos pra fora, pronta pra...

– *Um* peito! Um peito tava pra fora!

– Pronta pra transar encostada numa parede do lado de uma lixeira. Você tá agindo feito eu, e isso é extremamente preocupante.

– Não tô, não. Você estaria com os dois peitos pra fora.

– É duro, mas é verdade. – A expressão dela ficou mais suave quando deu a partida no carro. – Tudo bem, mas onde você tava com a cabeça pra deixar o Matt te apalpar daquele jeito? Ele te *machuca*, Lucy.

A vergonha ardeu na minha garganta, e ela tirou a mão do câmbio e se virou para mim ao perceber minha expressão.

– Desculpa – disse ela, baixinho. – Não queria dar a impressão de que estou

te julgando.

– Não, você tem razão. Não sei por que eu... – Parei de falar, porque era mentira. De certa forma, eu sabia por que tinha beijado Matt, por que continuava caindo nos mesmos padrões repetidamente. – Às vezes parece que nós dois nos merecemos, sabe?

– Não – respondeu ela, com firmeza.

– Você não entende. As coisas que eu falo pra ele, o jeito como eu grito com ele... – Balancei a cabeça. – Uma mulher melhor não falaria desse jeito. Não revidaria. Acho que fomos atraídos um pelo outro por sermos os dois um lixo.

– Lucy, *não*. – Ela segurou minha mão. – Não mesmo. Ele fez isso com você. Ele te levou ao limite da sanidade e depois te culpou por fazer o que precisava fazer pra sobreviver. Tudo isso é culpa dele.

Olhei para nossas mãos e assenti, embora não tivesse certeza se acreditava nela.

– E agora estou sendo uma babaca completa por me envolver com o Emmett.

– Por que isso faz de você uma babaca?

– Ele não merece ser usado dessa maneira. Ele é um amor.

Ela me lançou um olhar verdadeiramente perplexo.

– Ele com certeza não é um amor. Ele só te trata bem porque é apaixonado por você desde criança.

– Ele não é apaixonado por mim. Ele tinha uma queda por mim, talvez, mas...

– Tem razão. Ele não é apaixonado por você. Ele te colocou em um pedestal. Ele acha que você é a garota perfeita.

Não discuti, pois sabia que ela tinha razão. Essa era uma das coisas de que eu sempre gostei em segredo em Emmett. Os olhos dele brilhavam toda vez que olhava para mim.

– Olha, eu não ia te contar isso, mas... – Savvy ficou em silêncio, fazendo uma careta. – Eu transei com ele uns meses atrás.

– Ah.

Minha voz saiu muito alta, revelando meu ciúme. Eu achava que ela sabia que eu tinha uma queda por Emmett. Ele era proibido.

Mas isso era ridículo. Tentei argumentar comigo mesma. Eu era casada com outra pessoa e nunca havia mencionado que sentia algo por ele.

– Desculpa, eu sei que ele é seu amigo – prosseguiu ela, mordendo o lábio. – E sabia que ele gostava de você, mas ele ficou até tarde no bar uma noite, e eu fiquei bêbada, e a gente simplesmente... Bem, ele é bastante agressivo. Às vezes, quando um cara toma as rédeas da situação, você acaba aceitando, sabe?

Pensei nele abrindo o zíper da calça depois de expor meu seio ao mundo.

– Aham.

– Não tô dizendo que eu não queria – disse ela, apressada. – Eu queria. Tava a fim. Mas... não foi bom.

Eu me encolho.

– Não?

– Não. Tipo, o beijo é meio...

– Molhado – termino por ela.

– Meu Deus, sim. E o sexo em si foi bastante violento, o que nem sempre me incomoda, mas também foi... ruim. Ele cagou pra mim. Só meteu e foi embora, sabe?

Fiz uma careta.

– E ele foi grosso depois. Me pediu pra não te contar...

– Ele pediu?

– Pediu. Enfim, eu me senti meio mal com isso, então achei que era melhor simplesmente não falar nada. – A expressão dela era de vergonha. – Mas depois ele começou a ser cruel comigo, sabe? Tipo, ele apareceu na semana seguinte, me pegou de um jeito bruto, e, quando eu disse que não queria, ele ficou furioso e disse: "Achava que você tava sempre pronta pra trepar."

Eu recuei.

– Nossa. Que grosseria.

– Então, ele é um escroto, e eu realmente sugiro que você encontre outra pessoa, porque você pode conseguir alguém muito melhor. Que tal aquele barman novo? Você provavelmente deveria dar gostoso antes de a gente matar o Matt. Vai pegar mal se sair exibindo seus peitos pela cidade inteira logo depois.

Faróis iluminaram meu rosto, e vi Emmett em sua caminhonete fazendo o retorno para a estrada. Nossos olhares se encontraram. Logo desviei o rosto.

– Eu tenho um péssimo gosto pra homens, né? – comentei.

– Eu não ia falar nada, porque realmente não tenho moral pra julgar.

Dei risada e depois me recostei, dando um longo suspiro.

– Preciso deixar ele. O Matt.

– Sim.

– E Plumpton. Não posso ficar aqui depois.

Ela passou a marcha para sair com o carro.

– Você não quer matar ele na saída?

– Não sei se em algum momento quis mesmo fazer isso, Savvy.

Meu desejo de vingança estava se esvaindo e, aos poucos, sendo substituído

pelo desejo de ter uma vida nova. Minha vida até então tinha sido uma série de escolhas supostamente "boas": conheci um cara na faculdade, me casei com ele, me mudei de volta para a minha cidade natal e para uma casa dos sonhos. E tudo virou uma merda.

Não queria tanto assim me vingar, mas queria descobrir o que aconteceria se eu fizesse escolhas diferentes. Precisava começar de novo. Não queria ser a mulher presa em um casamento porque tinha medo demais de sair, medo demais do que as outras pessoas pensariam de mim se eu não tivesse uma vida brilhante e invejável.

E não queria que meu recomeço envolvesse uma possível pena de prisão.

– *Você* queria mesmo matar o Matt? – perguntei a Savvy.

– Com certeza.

Ela me lançou um sorriso que tornou impossível saber se ela estava falando sério.

– Não – falei baixinho, olhando pela janela escura. – Não consigo.

Ela virou na estrada de terra.

– Pra onde a gente iria? Se saíssemos da cidade?

– Não sei. Pra qualquer lugar. Tenho pensado em fazer minhas malas uma noite, enquanto o Matt estiver dormindo, e desaparecer. Mas acho que não sou corajosa o suficiente pra ir sozinha.

Ela sorriu para mim.

– Sabe pra onde eu sempre quis ir?

– Pra onde?

– Califórnia. Los Angeles.

– É muito caro – falei, melancólica.

– É caro porque é maravilhoso. – Ela bateu no volante com uma das mãos. – Vamos fazer isso.

– Sério?

– Aham, o mais rápido possível. Foda-se o verão no Texas; não quero passar por mais nenhum. Vamos amanhã à noite.

Meu coração disparou. Eu vinha apenas sonhando, mas ela abraçou a ideia.

– Vamos – falei, antes que pudesse me arrepender.

Ela soltou um gritinho de prazer.

– Tá, mas se o Matt vier atrás de você, a gente mata ele.

– Combinado.

O sorriso de Savvy desapareceu quando ela semicerrou os olhos para algo na escuridão.

– Que porra é essa?

48

LUCY

Fecho os olhos com força, tentando fazer com que o restante da memória entre em foco.

Mas está desaparecendo. A risada de Savvy e o sorriso dela começam a se dissipar e tudo que resta é uma dor no peito.

Íamos embora de Plumpton juntas. Consigo visualizar Savvy em Los Angeles. Ela teria adorado a praia e odiado o trânsito. Provavelmente teríamos dividido um apartamento.

Não consigo respirar, pensando em como poderia ter sido.

Que porra é essa? Que porra é essa? Que porra é essa? As palavras de Savvy dão voltas na minha cabeça. Ela está na minha frente, sorrindo enquanto o sangue escorre pelo rosto. Estou me esforçando demais.

Pela vitrine da loja, vejo Nina parada na frente de Emmett, com os braços cruzados. O rosto dele está vermelho, com raiva. Ele está gritando com ela.

Ele foi embora do casamento. Pisco ao me lembrar: vi claramente o rosto de Emmett quando ele pegou a estrada com a caminhonete.

Pego meu celular na bolsa. Ben atende no primeiro toque.

– Oi, Lucy.

– O Emmett não disse que ficou no casamento até o final?

– O quê? É... Sim. Peraí, peraí, posso gravar isso?

– Pode, tanto faz. Eu só...

– Peraí. Pronto. Pergunta de novo.

– O Emmett disse que ficou no casamento até o final?

– Disse. O casamento foi até as três da manhã. As pessoas viram ele lá. Ele ajudou a organizar caronas pra que as pessoas conseguissem voltar pra casa.

– Ninguém se lembra de ele ter saído e voltado?

– Não. Ele disse que ficou lá o tempo todo.

– Eu me lembro dele saindo. Logo antes de eu e a Savvy sairmos.

Há uma longa pausa.

– Tem certeza?

– Tenho. Eu entrei no carro com a Savvy e vi claramente quando ele passou por nós, por aquela estrada de terra que leva à rodovia. Ele também me viu. Nossos olhares se cruzaram.

– Lucy, você se lembra do que aconteceu?

– Está... está voltando aos poucos. Eu me lembro de partes do casamento e de entrar no carro com ela. Estávamos falando de ir embora daqui. Pra Los Angeles. Juntas.

– Vocês estavam brigando ou...

– Não. Não estávamos. Estávamos felizes. – Minha respiração fica presa na garganta.

– Vamos voltar lá. Agora. Está escuro, talvez ajude. Onde você está?

– Do lado de fora da loja de artes. – Minhas palavras saem com dificuldade.

Pela vitrine da loja, Emmett gesticula, irritado. Vejo Nina se retrair. Ela põe os braços para a frente, vira o rosto para o outro lado e fecha bem os olhos.

Eu já fiz isso.

Conheço essa pose.

É o que você faz quando está se preparando para apanhar.

– Lucy? – diz Ben.

Emmett não bate nela. Ele a pega pelos pulsos.

– Por que você está na loja?

– Porque o Emmett...

Paro de falar. Percebo que Emmett está segurando Nina pelos pulsos com muita força. Lágrimas escorrem pelo rosto dela, e ela está tentando se soltar das mãos dele.

– Ele tá machucando ela – digo baixinho.

Eu deveria me mexer. Deveria ajudar.

– O Emmett? Quem ele está machucando?

Nina se solta. Sai correndo da loja e praticamente mergulha no carro. Eu a observo pelo retrovisor enquanto ela desaparece na esquina.

Uma batida na janela me faz dar um pulo. É Emmett.

E agora eu me lembro.

LUCY

CINCO ANOS ATRÁS

– Que porra é essa? – perguntou Savvy, semicerrando os olhos na escuridão.

Eu me inclinei para a frente. Uma caminhonete estava estacionada no meio da estrada. Uma silhueta alta parada diante dela. Os faróis do carro de Savvy captaram o rosto dele.

Emmett.

Savvy diminuiu a velocidade até parar e abriu a janela. Ela estendeu a mão como se dissesse "Que porra é essa?".

Emmett foi até o meu lado do carro. Abri a janela.

– Posso falar com você? – As palavras eram um sussurro, um apelo.

Eu estava tendo dificuldade em conciliar o Emmett que conhecia desde criança com a versão que Savvy me contou. Esse Emmett tinha os punhos cerrados ao lado do corpo, os olhos desvairados e desesperados enquanto olhava para mim.

– Cara, agora? – perguntou Savvy, exasperada. – Não pode esperar até amanhã?

Emmett a ignorou.

– Por favor?

Suspirei, alcançando a maçaneta da porta.

– Claro. Savvy, tá tudo bem, o Emmett pode me levar pra casa.

Olhei para ele em busca de confirmação e seu rosto se iluminou. Ele assentiu.

– Não, tudo bem – disse ela. – Eu posso esperar.

Ela disse isso como se não houvesse margem para discussão, e captei o revirar de olhos irritado de Emmett. Saí do carro e fechei a porta. Cheirava a chuva e, na verdade, estava um pouco frio para maio.

Emmett se afastou do carro, dando alguns passos em direção às árvores largas ao redor da estrada. Dei uma olhada para trás. Ainda podia ver Savvy sentada no banco do motorista, olhando para nós.

– Desculpa, sei que é estranho, mas eu precisava falar com você. – Emmett semicerrou os olhos, colocando uma das mãos sobre eles. – Ela não vai mesmo desligar isso?

Ele se afastou ainda mais em direção às árvores, para longe dos faróis de Savvy.

– Eu provavelmente não deveria ter saído correndo daquele jeito – disse, seguindo-o em direção às árvores.

A lua estava cheia, e os faróis de Savvy ainda forneciam alguma luz. Conseguia ver o rosto dele com clareza. Os olhos estavam arregalados, um pouco desesperados.

– Não, eu não deveria ter... – Ele parou de falar, balançando a cabeça. – Não deveria ter te beijado. Eu me deixei levar. Você só precisa entender, Lucy, que eu sou louco por você.

Engoli em seco. Mesmo que Savvy não tivesse acabado de me contar o que contou, não acho que teria reagido àquela revelação com entusiasmo. Era muito difícil imaginar algo depois de Matt.

Minha vida estava um caos, e tudo de que eu não precisava era ter que ainda lidar com os sentimentos de Emmett.

– Sou louco por você há anos – prosseguiu ele, indiferente. – Sei que o Matt é um escroto com você e que ele tá te traindo. Você sabe disso, não? Que ele tá te traindo?

– Sei – respondi.

Ele deu um passo para perto de mim.

– Larga ele. Fica comigo. Eu amo você. Amo você desde que a gente era criança.

Ele me agarrou pela cintura e me beijou. Foi molhado, como se ele estivesse tentando devorar meu rosto. Eu o empurrei para longe.

– Não posso, desculpa. – Dei um passo para trás.

Ele imediatamente me agarrou outra vez.

– Sim, você pode. Sei que você acha que tem a vida perfeita naquela casa, mas também sei o quanto é infeliz. Sei que você não ama ele de verdade. Que nunca amou. Sei que você acha que precisa ficar e projetar essa imagem de esposa perfeita, mas não precisa. Deixa eu te ajudar.

Era estranho como ele parecia ter pegado um fragmento da verdade e criado

toda uma narrativa para mim. Uma narrativa em que ele poderia me resgatar. Eu sem dúvida estava infeliz, mas eu *amava* Matt. Era por isso que o odiava tanto. Porque eu tinha sido loucamente apaixonada por ele em determinado momento, e ele ainda não tinha me batido tanto a ponto de tirar esse amor de mim, apesar de tudo.

E eu não achava que estava projetando a imagem da esposa perfeita. Sinceramente, vinha me saindo bem mal nisso.

– Não posso – repeti. – Me desculpa. Você tem razão quando diz que eu e o Matt não estamos felizes, mas não posso me envolver em outra coisa agora.

– Eu vou te esperar – disse ele, de pronto. – Se você precisar de tempo. Por favor, Lucy, só...

Ele não concluiu. Ele se interrompeu ao me beijar de novo. Não entendi bem o que ele quis dizer com "vou te esperar" se pretendia me beijar outra vez logo em seguida.

– Emmett, para. – Eu o afastei novamente. – Isso não vai acontecer, tá? Desculpa.

Toda a esperança se esvaiu de seu rosto.

– O quê?

– Eu não vou, eu não... Não sinto a mesma coisa por você. Somos amigos desde sempre, não deveríamos...

– Você não sente a mesma coisa por mim? Então por que fica me beijando?

– Me desculpa, eu...

– Você não continuaria me beijando se não sentisse alguma coisa! – A voz dele tinha um tom de raiva agora.

– Muito bem, hora de ir! – gritou Savvy.

Ouvi a porta do carro dela bater, e Savvy apareceu em meio às árvores um segundo depois.

Senti uma onda de gratidão por ela ter me ignorado quando eu disse que Emmett poderia me deixar em casa.

– Pelo amor de Deus, Savvy, quer parar de se meter na nossa vida? – retrucou Emmett. – Estamos tendo uma conversa importante.

– Parecia mais que você estava gritando com ela.

– Eu não estava gritando com ela, só estava tentando...

– Tudo bem – interrompi. – Podemos terminar essa conversa amanhã, Emmett? Já está tarde e eu bebi muito.

– Você não precisa terminar nada – disse Savvy. – Ela disse não, cara. Aceita.

As narinas de Emmett se dilataram.

– Ninguém estava falando com você. Só deixa eu e a Lucy...

– Enfia isso na sua cabeça dura, babaca. Não. Ponto-final. – Ela passou o braço pelo meu, puxando-o gentilmente.

– Não. Nós ainda não terminamos. – Emmett agarrou minha outra mão, me puxando com força para longe de Savvy.

Ele apertou meu braço, e eu estremeci.

– Você fez isso mesmo? – Savvy colocou as mãos no peito de Emmett e o empurrou com força.

Ele cambaleou para trás, mas não me soltou.

– Não encosta em mim – vociferou ele.

– Solta ela.

– Não.

– Emmett, me solta, por favor – falei, tentando desesperadamente manter a calma.

Meu cérebro piscava *perigo, perigo*. Meus punhos se fecharam, quase contra minha vontade. Estava pronta para brigar. Já havia passado por isso muitas vezes com Matt.

– Meu Deus, você é um babaca! – gritou Savvy. – Solta ela!

– Vai cuidar da porra da sua vida, sua burr...

Dei um soco nele. Meu punho se chocou com o maxilar dele. Eu tinha praticado um pouco com Matt, mas ainda não era o melhor soco. Perdi o equilíbrio, e o soco não foi tão forte quanto eu pretendia.

Mesmo assim, ele cambaleou para trás, gaguejando, e soltou meu braço. Não estava acostumado a levar um soco como Matt.

– Eu disse não! – Estava gritando. Não era minha intenção, mas parecia que meu cérebro havia entrado em curto-circuito. Eu não estava cem por cento no controle. – Não quero a porra da sua ajuda! Não dou a mínima pra sua paixão de infância ridícula!

Emmett me encarou. Estava tremendo quando me virei. Savvy me lançou um olhar totalmente impressionado.

– Hora de ir – disse ela, e depois riu.

Olhei para trás, na direção de Emmett, a tempo de vê-lo se atirar em cima de mim.

49

LUCY

– Oi – diz Emmett, a voz abafada pela janela do carro, me trazendo de volta ao presente.

Ele abre a porta. Gostaria de tê-la trancado. Ele se agacha para que fique na altura dos meus olhos.

– Não vai embora. Entra rapidinho.

– *Lucy?* – A voz de Ben soa baixinho, vinda do celular apoiado na minha coxa.

Emmett olha para o aparelho e pergunta:

– Quem é?

– Ben – respondo, em um tom quase inaudível.

Estou paralisada. A única coisa que consigo ver é o rosto furioso de Emmett enquanto ele se atira em cima de mim.

– Oi, Ben! – diz Emmett em voz alta, alegremente, e sorri para mim.

Não sei se meu rosto mostra o quanto estou atônita. Estou entorpecida demais para sentir qualquer coisa.

– Você vai desligar a ligação ou...? – Emmett dá uma risadinha.

Então ele engole em seco, e eu vejo. Ele está nervoso.

Minha boca está seca. Agarro o aparelho com força demais, até minha mão

doer.

Emmett estica o braço e o arranca de mim, depois o coloca no ouvido.

– Oi, Ben. Acho que a Lucy precisa de um minutinho. Ela te liga depois, tá?

Não sei se Ben protesta. Emmett encerra a ligação e enfia o celular (o *meu* celular) no bolso. Ele coloca a mão gentilmente no meu braço.

– Por que você não entra? Quer um copo d'água ou algo assim?

Faço que não com a cabeça.

– Bem, não posso deixar você dirigir desse jeito. Você tá branca feito papel.

Ele estica a mão mais uma vez e pega minhas chaves no banco do passageiro, onde eu as havia largado. De repente, percebo que estou suando. Estou sentada nesse carro quente há vários minutos.

Corre, Lucy, grita Savvy na minha cabeça. *Corre!*

– Vamos entrar – repete Emmett. Ele coloca a mão na minha bochecha. – Deixa eu cuidar de você.

Emmett solta meu cinto de segurança. Eu não lembrava que o havia colocado.

– Vamos. – Emmett coloca as mãos nos meus braços. – Vamos sair desse carro, Lucy?

A voz dele é suave.

É confuso, porque na minha cabeça ele está gritando.

LUCY

CINCO ANOS ATRÁS

Emmett se atirou em cima de mim, me derrubando na direção de Savvy. Nós duas caímos no chão.

– Meu Deus. – Savvy se levantou primeiro e estendeu a mão para mim.

Agarrei o braço dela.

Emmett deu um soco em Savvy. Minhas unhas arranharam a pele dela quando ela tropeçou para trás.

– Sua vagabunda de merda! Passei a vida inteira te esperando, sendo o cara legal, o amigo, e é assim que você retribui?

Ele me agarrou pela roupa, me colocando de pé. Savvy voou para cima de Emmett, travando os braços ao redor do pescoço dele. Emmett se sacudiu e se contorceu, soltando minha roupa. Então, ele se libertou de uma das mãos de Savvy, e ela caiu das costas dele.

Emmett se virou, tentando desesperadamente me pegar. Desviei dele e tentei alcançar a mão de Savvy. Ela agarrou minha mão de novo e saiu em disparada, me puxando junto.

Corremos e nos escondemos em meio às árvores. Dei uma olhada para trás. Não vi Emmett.

– Merda – disse Savvy de repente, arfando. – Peguei o caminho errado.

Parei e olhei para trás. Estava escuro e silencioso. Tínhamos fugido da estrada, Emmett não estava por perto.

Minha respiração saía em pequenos arquejos. Procurei minha bolsa. Meu celular. Tinha ficado no carro.

– Tá com o seu celular? – perguntei.

– Tô! – Ela enfiou as mãos nos bolsos do vestido e o pegou. Sua expressão

mudou quando olhou para a tela. – Merda. Tá sem bateria.

Lágrimas escorriam pelo meu rosto, e eu as enxuguei com a mão trêmula.

– Desculpa. Eu não deveria ter saído do carro. Não sabia que ele... – disse, fungando.

Ela balançou a cabeça.

– Não é sua culpa. Mas, mais tarde, depois que a gente chamar a polícia, quero que você se lembre de que eu provavelmente te salvei de ser estuprada e morta. Espero gratidão eterna.

Dei risada em meio às lágrimas.

– Gratidão eterna. Pode deixar.

Savvy pegou minha mão.

– Vamos voltar pra festa – disse ela, apontando para as árvores escuras. – O Emmett provavelmente está esperando a gente perto do carro.

– É mais de um quilômetro, né?

– É, mas acho que é a opção mais segura.

Ela se abaixou para tirar os sapatos de saltos. Fiz o mesmo.

– Tem certeza de que esse é o caminho certo?

Olhei para o céu, como se magicamente pudesse ganhar a capacidade de saber a direção pelas estrelas. Mal conseguia distinguir o norte do sul quando o sol estava alto.

– Hum. – Ela olhou para a esquerda e depois para a direita. – Boa pergunta.

– Nós viemos daquela direção, certo? – perguntei, apontando.

– Foi? Não consigo mais ver meus faróis. – Ela pressionou as mãos na testa. – Ai, meu Deus. Como as pessoas viviam antes de existir celular?

– Peraí, não estávamos tão longe da estrada principal. Vamos prestar atenção pra ver se conseguimos ouvir os carros. Podemos ir por lá.

Uma gota de chuva caiu bem no meu olho, e eu pisquei, assustada.

– Que ótimo – disse Savvy, estendendo a mão para sentir uma gota. – Chuva é exatamente do que a gente precisa neste momento.

O som de folhas sendo esmagadas me fez virar.

Emmett veio correndo da escuridão, segurando algo acima da cabeça. Parecia uma espécie de martelo, mas não do tipo usado em construções. Apenas um bloco de metal na ponta de uma vara.

– Corre – sussurrou Savvy.

Saímos juntas em disparada, batendo nas árvores. Éramos mais rápidas sem os saltos. Joguei meus sapatos para trás, na esperança de acertar Emmett.

Errei. E ele estava chegando perto.

Savvy soltou minha mão. Ela estava ofegante.

– Vai, Lucy. Corre.

Tentei agarrá-la de novo.

– Não para. Tô ouvindo carros – falei.

– Não. Você é mais rápida que eu. Vai lá. Pede ajuda. Eu me viro com ele.

– Não, você não pode...

Dei um grito quando a mão de alguém puxou meu cabelo. Cambaleei para trás e um punho bateu no meu rosto. Estrelas brilharam diante dos meus olhos. Nem mesmo Matt havia me batido com tanta força.

Eu estava no chão. Não me lembrava de como havia chegado lá. Savvy se esquivou quando Emmett brandiu o martelo na direção dela.

Ela se atirou em cima dele, tentando arrancar o martelo de suas mãos. A ferramenta caiu no chão com um baque.

Savvy tentou pegar o martelo, se arrastando pela terra. Ele a puxou pelo tornozelo, e ela gritou quando ele a arrastou de volta.

Eu me estiquei para a frente, na direção dela. Meu cérebro ainda estava funcionando mal, com manchas na visão. Meus dedos agarraram o braço dela e tentei desesperadamente puxá-la para mim. Eu a segurava com tanta força que minha mão começava a doer.

Emmett a soltou de repente e pegou algo do chão.

Ele sacudiu um galho de árvore, grosso e pesado. Em seguida, o galho se chocou contra o crânio dela.

Ela grunhiu ao cair no chão. Rastejei até ela. Savvy se sentou lentamente, com sangue jorrando de um corte na cabeça.

Emmett estava de pé ao nosso lado, com a respiração pesada. Ele havia jogado o galho de lado e pegado o martelo de novo.

Envolvi Savvy com meus braços, protegendo-a.

– Para, por favor – implorei. – A gente não vai contar pra ninguém se você parar, tá? A gente já estava planejando ir embora mesmo. Vamos embora, e você nunca mais vai ouvir falar da gente. Eu prometo. Por favor, Emmett.

Ele me encarou, com os olhos escuros na escuridão.

– Lucy? – A voz de Matt soou em meio ao silêncio. – Savvy? Emmett? Vocês estão aí?

Fiquei paralisada. Tínhamos corrido de volta para o carro, não para a estrada principal. O carro que eu tinha ouvido era de Matt.

– Ma...

Emmett interrompeu meu grito com uma martelada na cabeça. Pegou de

raspão do lado esquerdo, mas ainda assim me jogou para trás. Savvy me segurou antes que eu caísse no chão.

– Matt! Socorro! – gritou ela.

Emmett levantou o martelo outra vez. Eu cambaleava. Estava tonta. Abri a boca para gritar, mas nada saiu.

Olhei para cima. Emmett estava com o braço para trás, os olhos fixos nos meus.

– Você me obrigou a fazer isso – vociferou ele.

O martelo estava vindo direto para a minha cabeça.

Savvy me empurrou para longe. Ele bateu com o martelo na cabeça dela com tanta força que o estalo reverberou pelas árvores. Ela caiu no meu colo. O sangue se acumulou no meu vestido.

Minhas mãos estavam cobertas de sangue. Havia um zumbido no meu cérebro.

– Savvy? – A voz de Matt ainda estava distante.

Emmett olhou para trás, xingou e, em seguida, brandiu o martelo de novo.

Tudo ficou preto.

50

LUCY

– Você tem se esforçado demais pra se lembrar das coisas – diz Emmett.

Estou fora do carro. Não me lembro de ter saído, mas agora estou de pé do lado de fora e Emmett está me olhando, preocupado. Os dedos entrelaçados nos meus pulsos.

– Isso não é bom pra você – prossegue ele. – Lembra do que aconteceu da última vez que você se esforçou demais? Você começou a inventar coisas na sua cabeça.

O estalo do martelo contra o crânio de Savvy está sendo reproduzido em loop no meu cérebro.

Muito real para ser algo que eu criei.

– O Matt te disse que eu estava lá naquela noite, não foi? – pergunta Emmett.

Olho para ele, aturdida.

– O quê?

A expressão de Emmett fica sombria.

– Ele te falou que eu estava lá. Ele prometeu que não iria contar, mas eu deveria saber que aquele babaca não conseguiria guardar segredo. – Ele coloca as mãos nas minhas bochechas. – *Eu* nunca te machucaria, você sabe disso.

– O Matt me contou que você estava lá – repito, embora seja mentira.

Matt não me disse nada.

O Emmett estava lá e o Matt *sabia*?

– Saí do casamento por uns vinte minutos porque tive que ir em casa deixar meu cachorro sair – diz Emmett. – Eu te vi... Bem, você não vai querer saber.

– Sim, eu sei – sussurro.

– A gente se pegou no casamento – prossegue Emmett. – A gente... Bem, a gente andava fazendo isso. Você se lembra das vezes anteriores. Eu e você sempre voltamos um pro outro.

Acho que essa era uma maneira de descrever o fato de eu ter ficado bêbada e tê-lo beijado duas vezes.

– A Savvy viu a gente e ficou muito puta. Não sei se ela chegou a te contar, mas eu e ela tivemos um casinho rápido. Não foi nada, só algumas vezes, mas ela foi muito fria comigo depois. Acho que ela pensou que fosse algo além do que realmente era, sabe?

Essa era uma maneira de descrever Savvy o evitando depois de uma transa horrorosa.

– Vocês duas saíram de lá juntas. Decidi ir em casa rapidinho pra deixar meu cachorro sair e encontrei o carro da Savvy na beira da estrada no caminho. Achei estranho, porque a maioria dos convidados pegava a estrada principal. Havia previsão de chuva para aquela noite, e as pessoas no local do evento nos disseram pra não irmos por aquela estrada, porque ela alagava com facilidade. Acho que a Savvy se esqueceu. *Eu me esqueci*, só lembrei mais tarde.

– Você encontrou o carro dela, já estacionado – repito.

– Isso. Eu saí, e vocês duas estavam no meio das árvores, gritando uma com a outra.

– Sobre o quê?

– Não sei. Era muito difícil de entender. Mas você parecia muito chateada. Ela te deu um tapa, e você arranhou ela. Tentei intervir, mas você agarrou o galho de árvore e simplesmente... Acho que você não queria bater nela com tanta força. Você entrou em pânico, começou a gritar e saiu correndo.

– Você se esqueceu do meu ferimento na cabeça – digo a Emmett.

Ele tira as mãos das minhas bochechas.

– O quê?

– A lesão que sofri na cabeça. Você esqueceu que *eu* também levei uma pancada na cabeça.

– Ah. – Algo parecido com pânico atravessa o rosto dele e logo desaparece. – Não sei como isso aconteceu, mas você saiu correndo feito uma louca. Deve ter

batido a cabeça em alguma coisa. Na verdade, tentei te seguir, mas você fugiu.

– E você simplesmente deixou a Savvy lá pra morrer? – pergunto.

– Ela já estava morta – responde ele, calmamente. – Não havia nada que ninguém pudesse fazer.

– E você não foi à polícia porque...?

– Porque eu te amo. – O olhar dele está fixo no meu. – Não me importa se um dia você cometeu um erro. Tecnicamente, ela bateu em você primeiro. E você não tinha a intenção de fazer isso. Eu sei.

– O que você falou pra ele? – pergunto. O zumbido no meu cérebro está de volta. É difícil raciocinar. – Pro Matt.

– Falei a verdade. Que vi você matar a Savvy.

– Por que eu... – Fechei os olhos com força. – Por que eu fugi?

– Acho que você estava com medo de encarar o que tinha feito.

– E o Matt também não chamou a polícia?

– Queríamos resolver a situação nós mesmos. A gente ia atrás de você, mas a estrada ficou intransitável e não conseguimos voltar pra te procurar. Aí aquele cara te encontrou antes da gente, e simplesmente... pareceu melhor não dizer nada. Você não se lembrava mesmo.

Olho para cima e encontro o olhar dele.

– Deve ter sido um verdadeiro alívio pra você.

As sobrancelhas dele se juntam.

– Pra *mim*? Fiquei aliviado por você. Não quero que você se lembre desse trauma. Fiquei mal por você não se lembrar do nosso momento na festa, porque finalmente estávamos...

– Prestes a transar ao lado de uma lixeira? – Termino a frase para ele.

– Estávamos finalmente assumindo nossos sentimentos um pelo outro.

– Acho que sim. Como quando eu disse que não dava a mínima pra sua paixãozinha de infância e que só queria que você me deixasse em paz.

Ele fica paralisado.

– Você nunca disse isso.

– Por que o Matt acreditou quando você disse que me viu matar a Savvy? Eu te bati. Você não tinha nenhuma evidência disso no rosto?

– Você nunca me bateu – diz ele.

– Acho que a Savvy também te bateu, mas ela não era muito boa nisso. Ela era muito baixinha e pequena. Era melhor com facas.

Emmett parece assustado ao ouvir isso.

– *Eu* deveria ter te dado um soco mais forte. Eu tinha prática.

Uma faca na barriga teria sido melhor. Savvy tinha razão.

– Lucy. – Ele fala como se estivesse lidando com uma criança. – Vamos voltar um pouco as coisas. Você está ficando descontrolada.

Dou um soco na cara dele.

51

LUCY

Emmett tropeça na direção da rua, engasgado. Ele me lança um olhar de absoluta perplexidade. Que logo se transforma em raiva.

Eu deveria sair correndo. Fico esperando que a voz de Savvy surja na minha cabeça, me mandando correr.

Em vez disso, eu a vejo ao lado de Emmett, em seu vestido rosa, com sangue escorrendo pelo rosto.

Tive uma ideia, diz ela, com um sorriso. *Vamos matar o Emmett!*

Eu sorrio. É uma ótima ideia.

A passos largos, vou na direção da rua, as mãos fechadas em punhos. Minha mão direita já está doendo por tê-lo atingido uma vez.

Não me importo.

Ele me agarra pelo colarinho, levando o braço para trás para me atingir. Eu me esquivo e dou um soco na barriga dele.

Ele ofega e se dobra para a frente.

– Para com isso, Lucy – sussurra ele, ofegante.

Aponto o punho para seu rosto, mas ele se afasta. Vejo um lampejo de raiva em seus olhos antes de ele me dar um soco na cara.

O mundo fica branco por um momento. Estou no chão, com o cascalho

cravado nas palmas. Algo molhado escorre pelo meu rosto e entra na minha boca. Sinto o gosto de sangue.

Ele me pega por baixo dos braços e começa a me puxar para fora da rua. Estou tonta, e ele consegue me arrastar até a metade do caminho em direção à loja de arte antes que eu comece a chutar e me contorcer.

– Porra, Lucy! – grita ele.

Eu me solto e me levanto. E me atiro em cima dele.

Caímos juntos no chão, rolando duas vezes antes de eu conseguir imobilizá-lo. Coloco as mãos em volta de sua garganta e aperto o mais forte que consigo.

Ele sacode as pernas. Seu rosto fica vermelho.

Vamos matar vamos matar vamos matar.

Ele se debate, me tirando de cima dele. Fica de pé e corre para dentro da loja.

Vou atrás enquanto ele atravessa o estabelecimento, derrubando uma vitrine e mandando pincéis para o chão. Passo por cima deles.

Emmett pega um martelo na prateleira, do mesmo tipo que usou para matar Savvy, e de repente percebo que a ferramenta devia estar na caminhonete dele naquela noite. Ele foi até lá buscar algo para me matar.

Esse merda.

Eu o agarro pela parte de trás da camisa, mas o tecido rasga quando ele se solta. Ele sai em disparada pela porta dos fundos.

Corro atrás dele e volto para o ar denso e úmido.

Ele me espera do lado de fora, com o martelo em punho. Brande na direção da minha cabeça, e eu me inclino para trás bem a tempo. A ponta do martelo por pouco não acerta minha testa.

Tropeço para trás. Ele tenta me acertar de novo, erra outra vez, e eu estico o braço para tentar agarrar sua mão, tentando derrubar o martelo.

Ele me empurra e tenta me acertar novamente. Dessa vez, o martelo me atinge no queixo, e a dor me faz recuar.

Um momento de clareza surge em meio à raiva. Eu deveria correr. Olho para trás, onde posso ver meu carro, bem na esquina da loja.

Emmett pegou a chave, lembro de repente. A chave e o meu celular. Posso correr, mas de mãos vazias.

Uma expressão de satisfação cruel cruza o rosto de Emmett enquanto fico ali, piscando por causa do golpe. É uma sensação familiar: o pânico de estar encurralada, a frustração de ele ter todo o poder.

Eu grito. É gutural, um som que nunca me ouvi fazer antes.

Então o ataco, e a expressão de choque em seu rosto talvez seja a coisa mais

satisfatória que já vi. Nós nos chocamos com força contra o chão, uma confusão de membros e grunhidos.

Eu me agarro em seus braços, tentando pegar o martelo. Meu joelho se choca contra seu peito, e ele solta o cabo, ofegante. Eu o arranco da mão dele e me levanto.

Emmett também fica de pé, com os lábios curvados, o peito subindo e descendo rápido demais.

Acerto sua barriga com o martelo.

Ele se inclina para a frente, sem ar. Estende a mão, como se quisesse que eu parasse. Faço uma pausa, com o martelo pronto para golpear outra vez.

Ele se ergue de repente e sai correndo.

– Emmett! – grito.

Por um breve momento, penso em correr na direção oposta. Mas meus pés têm outros planos. Antes de me dar conta de que decidi fazer isso, estou correndo atrás dele, impulsionada pela raiva.

Ouço meu nome à distância. Não sei se é real ou se é Savvy.

Há uma área cheia de árvores atrás da loja. Emmett corre para lá, e forço minhas pernas a se moverem o mais rápido possível. Emmett lança um olhar aterrorizado para trás. Há algo de satisfatório nisso. Talvez tenha sido assim que Savvy se sentiu quando matou aquele homem. *Ele mereceu*.

– É melhor correr mais rápido, seu merda! – grito.

Lucy!, grita a voz mais uma vez.

Não é Savvy. Mais perto.

Estou perto o bastante para quase tocar Emmett. Estico a mão, meus dedos resvalam o tecido. Eu o agarro e o enrosco no punho. Ele grita ao cair no chão e imediatamente tenta se levantar.

Ergo o martelo acima da cabeça e baixo com tudo na perna dele. Ouço o ruído agradável de algo sendo triturado quando ele grita.

Lucy!

Emmett usa uma perna como alavanca e mergulha de joelhos para a frente, arrancando o martelo das minhas mãos. A ferramenta sai voando.

E para aos pés de Ben.

A respiração dele está pesada, os olhos arregalados e horrorizados, e ele olha de mim para Emmett.

– Meu Deus, Ben! – exclama Emmett, sem ar. Ele usa a perna boa para se afastar de mim. – Ela surtou. Surtou por completo. Ela tá tentando me matar.

Ben mantém o olhar fixo em mim. Esfrego a boca com as costas da mão. Há

manchas de sangue na minha pele.

Olho para baixo, para o martelo. Depois de novo para Ben. Ele se abaixa lentamente e o pega.

– Ele matou a Savvy. – Minha voz está baixa. Não soa muito bem. – Ele matou a Savvy e tentou me matar.

As feições de Ben são tomadas pela surpresa. Dá para ver as engrenagens girando, as entrevistas começando a tocar em sua cabeça. Não faço ideia se a pesquisa dele vai confirmar minha alegação.

– O Matt viu o Emmett naquela noite – prossigo. – Pode perguntar pra ele. O Emmett estava lá, e foi ele quem matou a Savvy.

Ben me encara. Sua expressão é indecifrável.

– Não – diz Emmett. Ele balança a cabeça, desesperado. – Não. Eu jamais teria machucado a Savvy. Nem você, Lucy. Você precisa acreditar em mim.

Ben inclina a cabeça.

– Você viu! – Emmett aponta para mim. – Ela estava prestes a me matar! Ela teria feito isso, se você não tivesse aparecido!

Ben olha para o martelo em sua mão.

– Vamos descobrir – diz Ben.

Ele me passa o martelo.

52

LUCY

Estou sentada em uma cama de hospital, olhando para um agente da polícia.

Ele está do outro lado da cortina que cerca minha cama, conversando com Ben. Consigo ver os dois por uma fresta do tecido.

– Você ouviu ele dizer isso? – pergunta o policial.

– Ouvi – responde Ben. – O Emmett gritou qualquer coisa sobre como tentou matar Lucy uma vez.

Pisco, perplexa. Minha cabeça está rodando e doendo, mas tenho certeza de que Emmett não disse nada disso.

– E o Matt Gardner viu o Emmett naquela noite – prossegue Ben. – Você deveria perguntar a ele a respeito disso.

O policial assente, anotando alguma coisa. Ele empurra a cortina para o lado e me fixa com um olhar duro.

– Já, já teremos mais perguntas pra você.

Assinto, um pouco entorpecida.

Ele se afasta, e Ben passa para o lado de dentro da cortina. Suas sobrancelhas estão unidas, o nervosismo e o estresse evidentes na maneira como cruza e descruza os braços.

– Ela tá mentindo! Por que nenhum de vocês me escuta? – O grito de

Emmett está distante, vindo de algum lugar no corredor.

– Eu poderia ter matado vocês dois – digo para Ben.

Ele parece surpreso.

– Como é?

– Quando você me passou o martelo. Eu poderia ter matado ele e depois você. Está te faltando um certo senso de autopreservação.

Ele solta o ar, em algo que se parece com uma risada.

– Como você disse antes, esse teria sido um final melhor. Você mata o verdadeiro assassino e o apresentador do podcast que tenta solucionar o crime. Acho que muitas pessoas teriam gostado mais desse final.

Olho para ele, desconfiada.

– Tem algo errado com você.

– Eu sei. – Ele sorri. – Em momento algum achei que você fosse me matar, Lucy.

Não sei se acredito nele. Mas quero muito.

– O Emmett não falou aquilo – digo, depois de um breve silêncio.

– O quê?

– Você sabe o quê. Ele não gritou nada sobre me matar. Ele te disse que era inocente.

Ele dá de ombros.

Imito seu gesto.

– É isso que você tem a dizer?

– Tanto faz. É próximo o bastante da verdade. As pessoas vão acreditar no que eu disser. A sua palavra não é suficiente.

A verdade não importa.

As palavras de Savvy soam gentis dessa vez. Menos raivosas.

Volto minha atenção para Ben.

– A verdade é o que você disser que é.

53

LUCY

Matt está à minha espera do lado de fora do hospital.

Estou um lixo: um olho roxo, três pontos no supercílio, um hematoma começando a se formar no queixo. Por sorte, meu nariz não está quebrado, mas todo o meu rosto lateja de dor.

– Meu Deus do céu. – Matt vem correndo até mim.

Vejo meus pais, não muito atrás dele. Ben foi embora há algum tempo, porque eu estava cansada de tê-lo por perto. Falei que não precisava que ele chamasse ninguém para ir até lá, mas vejo que meu pedido foi ignorado.

– Eu vou matar o Emmett – diz Matt.

Meus pais param não muito atrás dele. O peito do meu pai sobe e desce muito rápido. Os olhos da minha mãe estão vermelhos, e ela não olha para mim.

– Você viu o Emmett naquela noite – digo.

Matt tem a decência de parecer envergonhado.

– Depois de você – diz ele. – Você fugiu, e o Emmett apareceu um segundo depois, chorando e dizendo que tinha visto você matar a Savvy.

– E você simplesmente acreditou nele.

– Você disse... Você disse... – Ele cerra os punhos em sinal de frustração, e eu instintivamente dou um passo para trás. – Você estava coberta de sangue,

murmurando algo sobre matar alguém! E você disse que ela merecia e que "a Savvy tentou". O que eu deveria pensar?

– Ela tentou me salvar – digo. – Esse era o fim da frase. A Savvy tentou *me salvar,* e ele matou ela.

– Ah, Lucy – diz minha mãe, e se mexe como se fosse me abraçar.

Dou um passo para trás, balançando a cabeça.

– A polícia quer falar com vocês – aviso.

Meu pai fica boquiaberto comigo. Eu achava que estava exausta demais para me sentir ainda mais irritada, mas aparentemente não é o caso. Não sei como ele tem coragem de parecer surpreso.

– Vocês mentiram pra eles. Esconderam provas. Boa sorte com isso.

A boca da minha mãe se abre.

– Nós estávamos te protegendo – insiste Matt. – Você precisa entender. Eu, seus pais... Nós achamos que estávamos te protegendo.

– Não acharam, não – retruco. – Você protegeu *a si mesmo*, Matt. Você sabia o que aconteceria se eu começasse a contar a verdade às pessoas. Sabia o que viria à tona.

O rosto de Matt fica vermelho. Meus pais parecem estátuas e lágrimas escorrem pelo rosto da minha mãe.

Eu me afasto deles.

– A única pessoa que me protegeu foi a Savvy.

Podcast *No Rastro da Mentira*, com Ben Owens

ÚLTIMO EPISÓDIO

A polícia incriminou Emmett Chapman pelo homicídio de Savannah Harper. Matt, Kathleen e Don foram acusados de ocultação de provas.

Conversei com algumas pessoas de Plumpton poucos dias após a notícia. Primeiro, vamos ouvir Beverly, a avó de Lucy.

> **Beverly:** Bem, é muita coisa pra lidar, se você quer saber a verdade. Eu sempre soube que não tinha sido ela. Sabia disso mesmo quando a Lucy não sabia. Eu só queria que as outras pessoas tivessem tido mais fé nela.
> **Ben:** A Kathleen e o Don nunca te contaram o que o Matt disse pra eles? Que ele viu a Lucy na noite em que a Savannah morreu?
> **Beverly:** Com certeza, não. Se tivessem feito isso, eu teria gritado pra cidade inteira. Como alguém acredita naquele sujeito em vez de na própria filha? Como o Matt acreditou no Emmett e não na própria esposa?
> **Ben:** Parece estranho, de fato.
> **Beverly:** Bem, não é estranho, exatamente. É a regra. Homens sempre acreditam uns nos outros.

Também conversei com Ivy, a mãe de Savannah.

> **Ivy:** Ainda estamos processando tudo isso. Ainda há perguntas a serem respondidas.
> **Ben:** Que tipo de perguntas?
> **Ivy:** Nós só... não queremos nos apressar em julgar.
> **Ben:** Porque foi exatamente isso que aconteceu com a Lucy?
> **Ivy:** Já chega desse assunto.

E conversei com Joanna.

> **Joanna:** O Emmett alega que não foi ele. Diz ele que a Lucy criou uma nova memória. Que a culpa nem é dela. Ele tem sido muito bacana em relação a isso.
> **Ben:** Você não acredita na Lucy, então?
> **Joanna:** Olha, meu bem, só acho confuso. Ela já criou memórias antes, certo? Ela admitiu isso. E agora, de repente, cinco anos depois, ela se lembra de tudo e consegue, de maneira muito conveniente, culpar alguém? É bastante suspeito.
> **Ben:** O que você acha do fato de o Matt e os Chases terem ocultado informações importantes sobre o caso?
> **Joanna:** É claro que eles não deveriam ter feito isso. Mas eles estavam protegendo a Lucy. Não dá pra culpar os Chases por protegerem a filha.

Ben: Você sabia que eu estava lá quando o Emmett tentou matar a Lucy de novo? Eu ouvi quando ele gritou sobre matar a Savvy.
Joanna: Peraí, você estava lá?
Ben: Estava, sim.
Joanna: Eu... eu não sabia disso. Bem...

Lucy teve a generosidade de conversar comigo uma última vez e responder a algumas perguntas que ainda restavam.

Ben: Você se arrepende de não ter voltado para Plumpton antes?
Lucy: Sim. Eu me arrependo de muitas coisas. Gostaria de não ter deixado meus pais e o Matt entrarem na minha cabeça. Acho que se eles não tivessem imediatamente agido como se eu fosse culpada, eu estaria mais preparada pra lidar com tudo. Eu poderia ter juntado as peças mais cedo.
Ben: Falando em juntar as peças, tenho algumas perguntas pendentes. Em primeiro lugar, você conseguiu se lembrar do que aconteceu após a morte da Savannah? As horas em que ficou vagando?
Lucy: Não. Acho que a lesão na cabeça apagou a maior parte desse momento pra sempre.
Ben: Você não sabe por que deixou o corpo dela lá? Ou por que estava com aquele galho de árvore ensanguentado quando Matt te viu?
Lucy: Não. Meu palpite é que alguma parte do meu cérebro achava que eu precisava daquilo pra me defender.
Ben: O Emmett alega que é inocente, e muitas pessoas ainda não acreditam em você. Dizem que você ainda está escondendo alguma coisa.
Lucy: Eu poderia passar o dia inteiro me explicando, mas essas pessoas jamais vão acreditar em mim. A maioria de nós não muda de ideia depois de ter se convencido de uma versão dos acontecimentos. Todos já estão certos do que pensam a meu respeito e isso não vai mudar, não importa o que aconteça.
Ben: Isso te incomoda?
Lucy: Mais ou menos. Acho que não é pedir muito que todo mundo não pense o pior de mim o tempo todo. Mas não estou mais tão preocupada com isso. Não sou responsável pela versão falsa de mim que alguém cria na própria cabeça.
Ben: Uma das perguntas que mais tenho recebido é a seguinte: por que seu marido acreditaria no Emmett e não em você? O Matt logo te culpou. Por que isso aconteceu?
Lucy: Bem, o Matt me viu naquela noite, e a situação não parecia mesmo boa. Acho que a única maneira de explicar isso é dizer que o Matt nunca me deu o benefício da dúvida sobre nada. Assim como a maioria das pessoas que estão ouvindo este podcast, ele pensava o pior de mim. E, pra ser sincera, ele *viu* o pior de mim. Tivemos um casamento muito ruim, sobre o qual não vou falar aqui, e, quando você já odeia seu cônjuge tanto quanto ele me odiava na época, achar que eu tinha matado minha melhor amiga não é algo tão absurdo.
Ben: Mesmo assim, é estranho, não é? O Matt não deveria ter questionado mais a versão do Emmett, já que você estava tão machucada?

Lucy: Claro, ele deveria ter feito isso. Mas o Emmett tinha toda uma história plausível e eu não tinha nada. O Matt, como a maioria dos homens que conheço, está sempre mais inclinado a acreditar na versão de outro homem.
Ben: E os seus pais? Eles estavam convencidos de que você tinha matado a Savannah, por conta do que o Matt contou pra eles. Por que você acha que *eles* estavam dispostos a chegar a essa conclusão?
Lucy: O Matt não contou a eles que o Emmett estava lá. Prefiro pensar que teriam sido mais céticos se ele tivesse contado.
Ben: Essa é uma maneira generosa de ver as coisas. Você não sente raiva por eles também não terem te dado o benefício da dúvida?
Lucy: Claro que sinto. Mas não estou tão surpresa assim.
Ben: O que você acha que a Savannah diria, se estivesse aqui?
Lucy: Acho que ela ficaria feliz por eu estar bem. Ela morreu tentando me proteger. Ela me salvou. Fomos um time, eu e a Savvy, até o fim.

54

LUCY

Vovó está encostada no batente da porta quando paro o carro ao lado da microcasa, com uma cara absurdamente presunçosa.

– Tá indo pro aeroporto? – pergunta ela quando saio do carro e vou até ela.

– Tô. Finalmente. – Não acredito que acabei de passar mais de três semanas na minha cidade natal. Mereço uma medalha. – Da próxima vez, você vai me visitar. Esta cidade nunca mais vai ter o prazer da minha companhia.

Ela bufa.

– Justo.

Então se afasta, me deixando entrar no ar climatizado. Eu me deito no sofá.

Vovó vai até a cozinha para preparar um drinque e, em seguida, se acomoda numa cadeira à mesa com a bebida.

– Não é só aquilo – digo baixinho.

– Como assim?

– A história que o Ben contou no podcast. Não é toda a verdade. – Meu olhar cruza com o dela. – Eu sei que você sabe disso.

– Eu sei – diz ela, suavemente.

– Eu te diria, mas é a única coisa que ainda posso fazer por ela. – Eu me inclino para a frente, apoiando os cotovelos nas coxas. – Guardar os segredos. É

tudo que posso fazer.

– Ah, meu bem, eu entendo. – Ela se aproxima, pegando uma das minhas mãos. – Você não deve a ninguém toda a sua história. Nem a da Savvy.

Assinto, engolindo com dificuldade.

– Deixa o Ben achar que descobriu a verdade. Ele fez o que a gente precisava que ele fizesse. Você tem razão quando diz que algumas pessoas jamais vão acreditar em você, não importa o quanto você se explique. Acredita em mim, é impossível agradar às pessoas. Se elas estiverem determinadas a pensar o pior de você, isso vai acontecer.

– Elas pensam o melhor da Savvy, então acho que isso é realmente tudo que posso pedir.

– Com certeza. Quem ela era de verdade e os segredos que vocês duas compartilhavam, isso é só seu.

Eu me inclino para a frente, abraçando-a.

– Obrigada por me convencer a voltar e fazer isso.

– De nada. Vou sempre ter o maior prazer em te pressionar a fazer a coisa certa.

Meu celular apita, seguido imediatamente por um segundo toque. Reprimo um suspiro enquanto me sento e olho para a tela. Tenho recebido um estranho misto de mensagens ultimamente: algumas de pessoas que conheço, dizendo que sabiam que eu era inocente o tempo todo ("Nunca duvidei de você", enviou Nathan hoje de manhã, uma mensagem absurda demais para merecer resposta), e *muitos* comentários nas redes sociais de Eva Knightley, me criticando por todo tipo de coisa. Uma parte substancial da internet me odeia mais do que nunca. Alguns reconhecem que não matei Savvy, mas *continuam* me odiando.

É um e-mail de um jornalista, pedindo comentários sobre uma matéria que ele está escrevendo sobre mim. O link é um vídeo que aparentemente está circulando nas redes sociais. O título é "Lucy Chase: como uma psicopata manipuladora incriminou Emmett Chapman".

Balanço a cabeça, achando graça, e excluo o e-mail. Como sempre, vovó está certa.

É mesmo impossível agradar as pessoas.

– Você esteve com o Ben antes de ele ir embora ontem? – pergunta ela.

Assinto.

Tem uma mensagem dele no meu celular, sem resposta desde ontem à noite. Ainda não consigo concluir se ele é a melhor ou a pior ideia que já tive.

Posso te levar pra sair quando voltar pra Los Angeles?
Prometo fazer menos perguntas intrusivas dessa vez.

– Vocês vão se ver quando voltarem pra Los Angeles?

Savvy aparece atrás de vovó, encostada casualmente na porta. O vestido do casamento desapareceu, substituído por uma calça jeans e a regata branca que ela usava com muita frequência. A alça vermelha do sutiã aparece no ombro. Ela sorri para mim.

Porra, com certeza, diz ela. Não posso deixar de rir, sorrir para ela, mesmo quando vovó me olha intrigada.

Pego meu celular e digito uma resposta para Ben.

AGRADECIMENTOS

No rastro da mentira foi um tiro no escuro para mim. Foram necessários dois anos escrevendo, e reescrevendo, e prendendo cartões separados por cores em quadros gigantescos para transformar a história de Lucy em um livro. Sou eternamente grata a todos que me acompanharam nessa jornada e ajudaram a trazer o livro ao mundo.

Um enorme agradecimento à minha agente, Faye Bender, a primeira defensora deste livro, que acreditou nele com tanta paixão e entusiasmo.

Obrigada a James Melia, por todas as suas ideias, por sua positividade e por me fazer reescrever os últimos capítulos tantas vezes. E obrigada a Amy Einhorn, por assumir o controle e levar o livro até a linha de chegada (e por me fazer reescrever o final mais uma vez; agora ele está de fato perfeito). Agradeço também a Lori Kusatzky, por todo o trabalho que fez, garantindo que todas as etapas do processo fossem tranquilas.

Obrigada a todos na Holt que dedicaram seu tempo e esforço para fazer o livro brilhar; nem sempre consigo estar com todos vocês, mas valorizo demais o trabalho realizado nos bastidores.

Obrigada a Shannon Messenger, que leu alguns capítulos nos estágios iniciais e me disse que realmente fazia sentido e que eu deveria continuar. Um aplauso para Kaitlyn Sage Patterson, que, quando eu timidamente confessei que estava pensando em escrever um thriller para adultos, disse na mesma hora que o gênero era uma ótima escolha para mim. Pensei nisso com frequência ao escrever este livro.

Obrigada à minha mãe e à minha irmã, as únicas pessoas que deixei lerem a versão completa antes de consultar agentes. Agradeço por terem lido e me dado a esperança de que era seguro enviá-lo ao mundo.

Obrigada a todos os autores que responderam às minhas perguntas e foram

tão generosos com seu tempo quando eu estava em pânico em busca de um agente que gostasse deste livro. Agradeço especialmente a Maurene Goo, por ter me ajudado a encontrar uma agente tão boa.

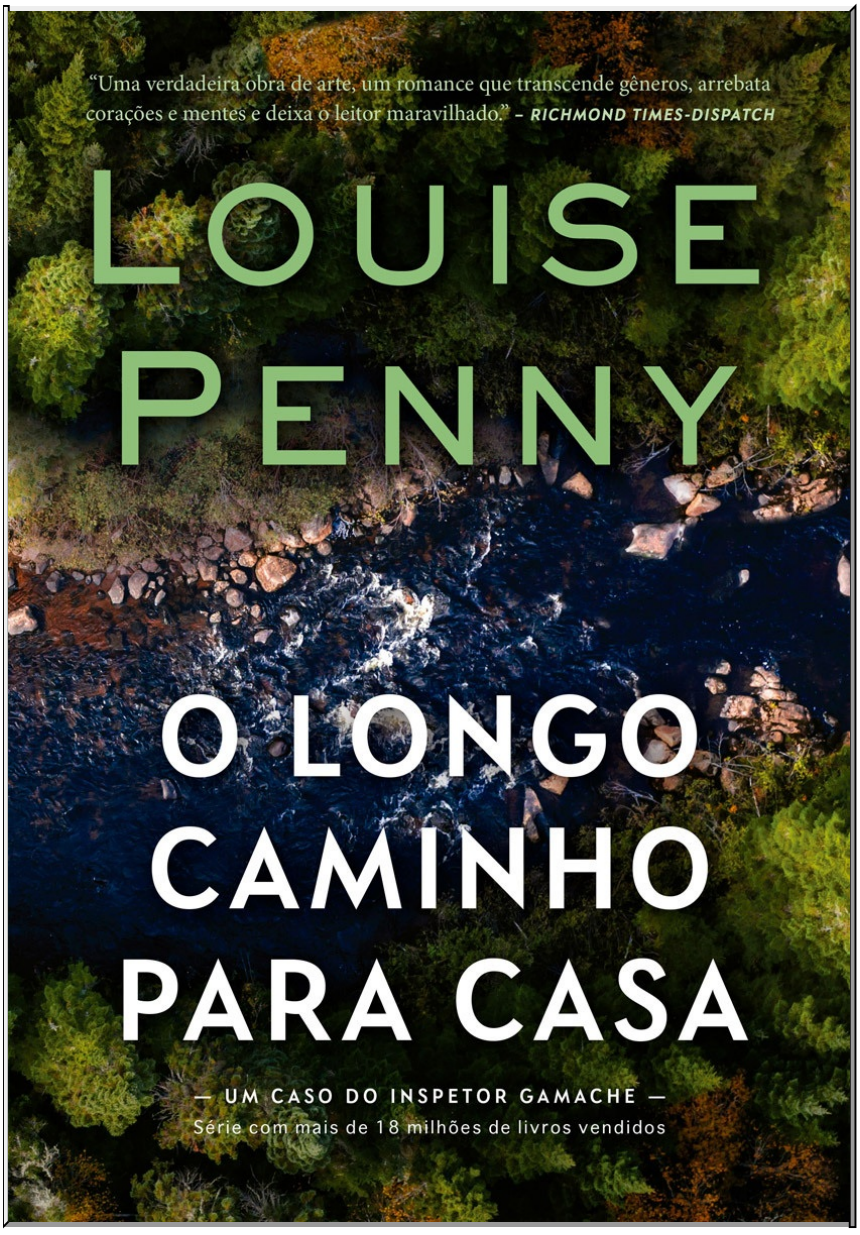
Laura (mais uma vez), Emma e Daniel, obrigada e desculpe. Isso é o que acontece quando vocês deixam uma escritora passar seis meses morando com vocês.

SOBRE A AUTORA



AMY TINTERA é formada em Jornalismo e em Cinema e trabalhou em Hollywood antes de se tornar escritora. Muitos de seus romances são ambientados no Texas, onde cresceu. É autora de várias séries YA que entraram na lista de mais vendidos do *The New York Times*, e *No rastro da mentira* é sua estreia na literatura adulta. Mora em Los Angeles, que tem um clima bem mais ameno que o do Texas, mas não chega nem perto no quesito gastronomia.

CONHEÇA ALGUNS DESTAQUES DE NOSSO CATÁLOGO



O longo caminho para casa

Louise Penny

Após deixar a Divisão de Homicídios, Armand Gamache aproveita a aposentadoria ao lado da esposa no vilarejo de Three Pines.

Ele aprecia a companhia dos amigos e do cão, Henri, e recebe visitas da filha, Annie, e do querido genro, Jean Guy Beauvoir. Agora ele tem tempo para curar suas feridas e seguir em frente.

Porém Clara Morrow, sua vizinha artista, não pode dizer o mesmo. O ex-marido, Peter, combinou de voltar um ano após a separação, mas nunca apareceu. Então ela recorre a Gamache para tentar encontrá-lo. Embora deteste a ideia de se envolver numa investigação, Armand não pode recusar ajuda.

Acompanhados de Beauvoir e da amiga Myrna, os dois partem numa jornada rumo às profundezas do Quebec e da mente atormentada de Peter Morrow, um homem tão desesperado para recuperar a fama perdida que seria capaz de vender a alma.

À medida que se aproxima da verdade, Gamache descobre uma trilha mortal de inveja e mentiras. Será que ele conseguirá levar Peter para casa ou, em sua busca por respostas, apenas se dará conta do perigo terrível em que colocou as pessoas que mais ama?

Clique aqui para ver na loja



Pense duas vezes

Harlan Coben

Um homem morto pode ser procurado por assassinato?

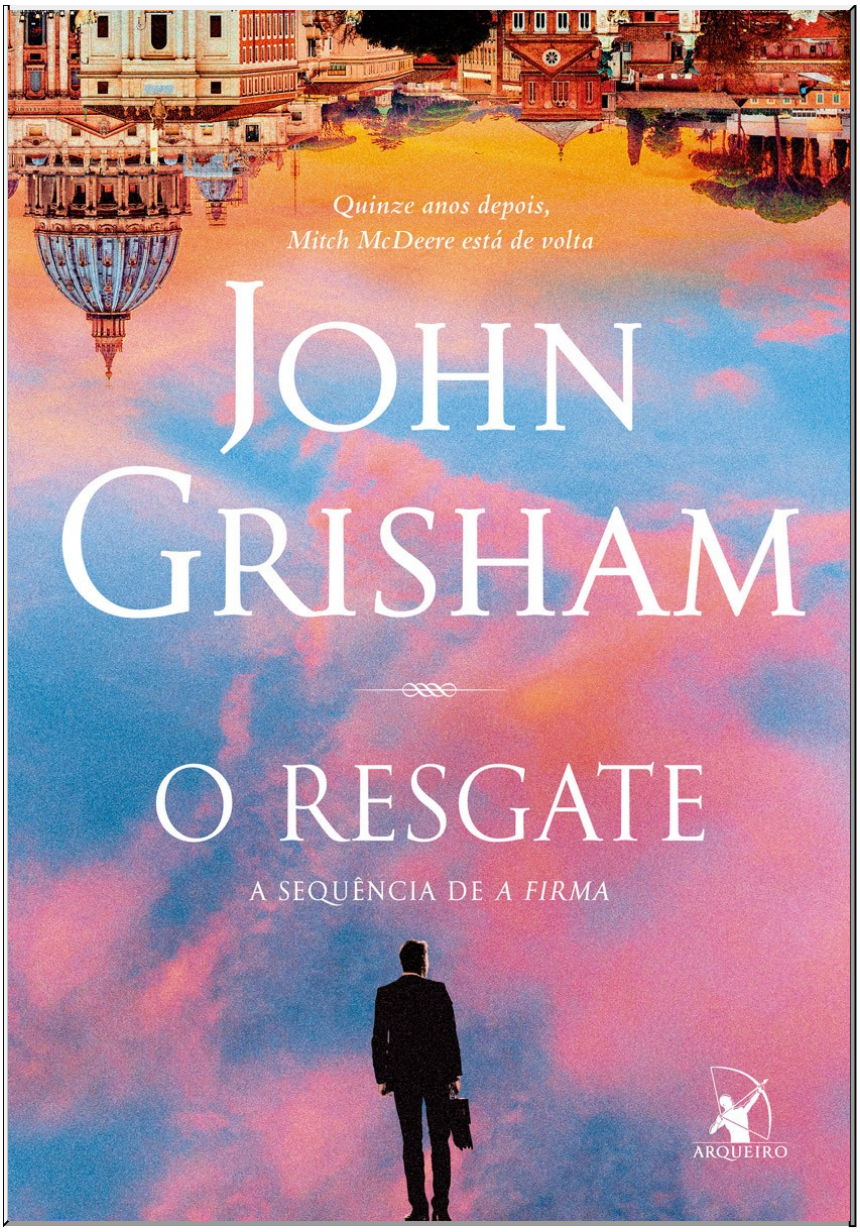
Três anos atrás, o agente esportivo Myron Bolitar fez o discurso fúnebre no velório de seu cliente, o renomado treinador de basquete Greg Downing. Os dois tinham sido rivais na quadra e na vida pessoal e, mais tarde, improváveis parceiros de negócios.

Myron já havia superado essa morte, mas, de repente, dois agentes do FBI aparecem em seu escritório exigindo saber onde está Greg Downing.

O DNA de Greg foi encontrado na cena de um duplo homicídio, logo ele é o principal suspeito. Perplexo, Myron precisa de respostas.

Com a ajuda de Win, seu amigo de longa data, ele se lança numa busca pela verdade. Porém, quanto mais os dois descobrem sobre Greg, mais perigoso o mundo deles se torna.

Clique aqui para ver na loja



O resgate

A sequência de A firma

John Grisham

Mitch e Abby McDeere estão de volta após tornarem públicos os crimes do escritório de advocacia Bendini, Lambert & Locke, de Memphis, e fugirem do país.

Quinze anos depois, eles já retornaram aos Estados Unidos e estão morando em Manhattan. Mitch tornou-se sócio de um megaescritório de advocacia internacional e viaja pelo mundo todo – inclusive locais de alta periculosidade.

Um dia, um mentor em Roma lhe pede um favor que o leva à Líbia. Quando uma advogada de sua equipe é sequestrada, Mitch se vê no centro de uma trama sinistra e repleta de tensão, em que um único passo em falso pode levar à execução de sua colega e ameaçar a paz mundial.

Mais uma vez, as ações de Mitch vão colocar seus amigos e familiares em perigo. Só que agora não há para onde fugir, e ele precisará estar o tempo todo um passo à frente dos seus adversários.

Clique aqui para ver na loja



Mensageiro da verdade

Jacqueline Winspear

Londres, 1931. Na véspera da estreia de sua nova exposição, o pintor Nick Bassington-Hope se prepara para exibir sua obra-prima. Ciente do impacto da pintura, ele fica sozinho na galeria para montar a peça principal. No dia seguinte, é encontrado morto, aparentemente vítima de um acidente infeliz, ao cair de um andaime.

Irmã de Nick e famosa jornalista de guerra, Georgina tem certeza de que ele foi assassinado, pois a obra também está desaparecida. Como a polícia não lhe dá ouvidos, ela resolve contratar a psicóloga e investigadora Maisie Dobbs.

Em sua busca, a detetive descobre um mundo desconhecido, em que artistas tentam denunciar os horrores da guerra, enquanto o restante da Inglaterra amarga uma crise sem precedentes.

Passando pelo submundo de Londres e por praias remotas no sul do país, Maisie vai precisar se manter firme para desvendar os segredos obscuros por trás da morte de Nick.

Clique aqui para ver na loja

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br



Este e outros títulos do nosso catálogo estão disponíveis em audiolivro.